



AHIMTB



IHTRGS

1ª BRIGADA DE CAVALARIA MECANIZADA (Brigada José Luiz Menna Barreto)



CLÁUDIO MOREIRA BENTO (Org.)
LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS
CARLOS FONTES

Projeto História do Exército na Região Sul

1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada



Projeto História do Exército na Região Sul
Academia de História Militar Terrestre do Brasil
Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul
1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada
“Brigada José Luiz Menna Barreto”
Cláudio Moreira Bento (Org.)
Luiz Ernani Caminha Giorgis
Carlos Fonttes

Gráfica e Editora Irmãos Drumond
Barra Mansa, RJ
2010

Coordenação em Porto Alegre:
Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Delegado da AHIMTB/RS

Digitação dos originais:
Professora Maria Verônica de Abreu, em Itatiaia, e autores

Capa:
Capitão de Mar-e-Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento
A capa do livro simboliza o estandarte histórico da Brigada, cujo brasão foi deslocado para o interior do mapa do Rio Grande do Sul, onde a 1ª Brigada guarnece parte de nossa fronteira com a Argentina. Na 4ª capa, as imagens do Patrono e da sede da 1ª Bda C Mec em Santiago.

Patrocínio: FHE-POUPEX

Revisão - Josilene Leone Marcelino
e Manoelina Gomes Fonseca de Carvalho

Diagramação: Carlos Eduardo Ferreira Avila

Representante Comercial: José Antônio Alves

CATALOGAÇÃO INTERNACIONAL DA PUBLICAÇÃO

BENTO, Cláudio Moreira, GIORGIS, Luiz Ernani Caminha et
FONTTES, Carlos. História da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada
– Brigada José Luiz Menna Barreto. Barra Mansa: Editora e Gráfica
Irmãos Drumond, 2010.

282 pg.

ISBN: 978-85-60811-15-1

- 1- História Militar do Rio Grande do Sul
- 2- 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada
- 3- História de Santiago do Boqueirão

Catálogo na publicação
Departamento Nacional do Livro

SUMÁRIO

- Apresentação, pelo Comandante da 1ª Bda C Mec07
- Introdução, pelo Presidente da AHIMTB09
- Agradecimentos da AHIMTB aos seus membros 11
- Esclareciemnto Importante pelo Organizador Cel Cláudio Moreira Bento 11

CAPÍTULO PRIMEIRO

- A História Militar Terrestre da atual Área de Articulação da 1ª Bda C Mec 13
- Antecedentes Militares da Área da 1ª Bda C Mec..... 13
- Os bandeirantes na Área das Missões 1629-44 14
- Fundação da Colônia do Sacramento - 1680 15
- Guerra Guaranítica 1754-56..... 16
- Sepé Tiarajú, herói nacional? 17
- A área atual da 1ª Bda C Mec nas Guerras do Sul 1763-7720
- A conquista dos Sete Povos das Missões em 180123
- O Distrito Militar das Missões na Campanha do Exército Observador e depois
Pacificador da Banda Oriental 1811-12.....25
- O Distrito Militar dos Sete Povos das Missões nas Guerras contra Artigas 1816-2028
- A invasão do Distrito Militar dos Sete Povos por Andresito Artigas29
- A 2ª Campanha contra Artigas 1819-2031
- Um grande erro histórico confundiu os rios Piratini e Camaquã (dos Sete Povos),
com os rios Camaquã e Piratini que limitam o Município de Canguçu33
- O Distrito Militar dos Sete Povos das Missões na Guerra Cisplatina de 1825-28..... 35
- O General Rivera na área da 1ª Bda C Mec em 182839
- Os Sete Povos e a Revolução Farroupilha 44
- O patrono da Cavalaria no Comando da Fronteira das Missões
em São Borja, 1854-57.....45
- Invasão do Rio Grande do Sul pelo Paraguai por São Borja em 10Jun1865 47
- Um corpo de Cavalaria da Guarda Nacional das Missões no Paraguai51
- 1882 – 19 de abril – Nasce, em São Borja, Getúlio Vargas 53
- A Fronteira de São Borja na Guerra Civil, 1893/95 - O final da Grande Marcha
de Gumersindo Saraiva55

CAPÍTULO SEGUNDO

• A cidade de Santiago - sua história	58
• Canção da 1ª Bda C Mec	62
• Denominação Histórica da 1ª Bda C Mec	63
• Estandarte Histórico	64
• Insígnias de Comando.....	65
• Distintivo Histórico	66
• O Patrono da Brigada.....	66
• A grande reforma militar – Origem da 1ª Bda C Mec	70
• A Revolução de 1924/25 na área da atual 1ª Bda C Mec	78
• A Revolução de 1930	80
• A Revolução de 1932	82
• A Trilha Histórica da 1ª Bda C Mec.....	83
• A Divisão COBRA.....	91
• A última carga de Cavalaria da 1ª DC	92
• Transformação.....	93

CAPÍTULO TERCEIRO

• Os Comandantes da 1ª DC e da 1ª Bda C Mec, suas ações e lições de Comando	94
• Cel Renato da Veiga Abreu	94
• Cel João Batista Magalhães	95
• Gen Renato Paquet.....	98
• Gen Mário Xavier.....	99
• Gen Renato da Veiga Abreu.....	99
• Gen Álcio Souto.....	100
• Gen Aristóteles de Souza Dantas.....	101
• Gen Brasileiro Americano Freire	104
• Gen Arthur Hasket Hall	105
• Gen Edgardino de Azevedo Pinto	106
• Gen Amaury Kruel	107
• Gen Estevão Taurino de Rezende Netto	108
• Gen Carlos Flores de Paiva Chaves	110
• Gen Mário Ferreira Barbosa Pinto.....	112
• Gen José Pinheiro de Ulhoa Cintra	113
• Gen Oromar Osório	114
• Gen Anfrísio da Rocha Lima.....	115
• Gen João de Deus Nunes Saraiva	116

• Gen João Augusto Montarroyos	117
• Gen Oscar Luiz da Silva	118
• Gen Ramiro Tavares Gonçalves	121
• Gen Rubem Continentino Dias Ribeiro	122
• Gen José Fragomeni	124
• Gen Raul Lopes Munhoz	126
• Gen Geraldo Knaack de Souza	126
• Gen Joaquim Antônio da Fontoura Rodrigues	128
• Gen Átila Viana	129
• Comandantes da 1ª Bda C Mec	131
• Gen Átila Viana	131
• Gen Heraldo Tavares Alves	131
• Gen Moacyr Pereira	134
• Gen Demócrito Corrêa Cunha	135
• Gen José Apolônio da Fontoura Rodrigues Neto	137
• Gen Brummel Couto	139
• Gen Ney Riopardense Rezende	140
• Gen Edson Alves Mey	143
• Gen Daniel Lomando Andrade	145
• Gen Antônio Araújo de Medeiros	151
• Gen Euclimar Lima da Silva	153
• Gen Rosalino Hernandez Candia	155
• Gen Cláudio Barbosa de Figueiredo	159
• Gen Marco Antônio Tilscher Saraiva	162
• Gen Luiz Cesário da Silveira Filho	166
• Gen Fernando Sérgio Galvão	168
• Gen Orlando de Castro e Silva Campos	172
• Gen Newton Álvares Breide	175
• Gen João Ricardo Maciel Monteiro Evangelho	179
• Gen Edson Leal Pujol	183
• Gen José Eustáquio Nogueira Guimarães	191
• Os Chefes do EM da 1ª DC e 1ª Bda C Mec	192
• Integrantes do Comando da 1ª Bda C Mec	194

CAPÍTULO QUARTO

• Unidades da 1ª Bda C Mec	196
• 1º Regimento de Cavalaria Mecanizado	196

• 2º Regimento de Cavalaria Mecanizado	210
• 4º Regimento de Cavalaria Blindado.....	225
• 19º Grupo de Artilharia de Campanha.....	237
• 9º Batalhão Logístico.....	243
• 11ª Companhia de Comunicações	246
• 1ª Companhia de Engenharia de Combate Mecanizada.....	249
• 1ª Bateria de Artilharia Anti-Aérea
• Esquadrão de Comando da 1ª Bda C Mec	254
• 1º Pelotão de Polícia do Exército	257

ANEXOS

• Academia de História Militar Terrestre do Brasil.....	258
• Resumo Histórico do Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS).....	262
• Currículo cultural sintético do Cel Cláudio Moreira Bento	268
• Currículo sintético do Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis.....	279
• Currículo sintético do ST Carlos Fonttes	281
• Bibliografia.....	282

**A concretização desta obra
foi possível graças ao apoio da:
Associação de Poupança e Empréstimo**

POUPEX

Associação de Poupança e Empréstimo

APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação e honra que apresento a obra “**1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – Brigada José Luiz Menna Barreto**”. A obra do Cel Cláudio Moreira Bento, com as contribuições do Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e do historiador Carlos Fonttes, traz uma contribuição importante para a preservação da memória das atividades da nossa Brigada.

Em uma abordagem ampla e didática, os autores iniciam a obra apresentando os traços da história militar terrestre da região missioneira do Rio Grande do Sul, espaço geográfico que coincide com a área de responsabilidade da nossa Grande Unidade. Fruto de pesquisa detalhada, o livro registra, com precisão, os fatos históricos que nos permitem fazer uma viagem ao passado para entender nosso presente. Nesse primeiro capítulo, participamos dos combates entre portugueses, espanhóis e guaranis, na luta pelo território que herdamos, desde a fundação da Colônia do Sacramento até a sangrenta campanha da Guerra da Tríplice Aliança, passando pelas batalhas da Guerra Guaranítica. E foram essas três culturas, hispânica, lusitana e indígena, que nos legaram os traços culturais tão peculiares que sintetizam a alma missioneira. A integração dos costumes, aliada à miscigenação racial, permitiu a fusão que gerou a cultura missioneira, manifestada por esse povo orgulhoso e amistoso, combativo e cavalheiresco.

O livro aborda também as origens de Santiago, acolhedora cidade que recebe os integrantes da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, desde os idos de 1922, quando ainda éramos a 1ª Divisão de Cavalaria, contribuindo em sua pesquisa para os anais do município. Na obra, podemos também conhecer um pouco mais da figura histórica de nosso patrono – José Luiz Menna Barreto – integrante de uma das mais tradicionais famílias de militares gaúchos que nos deixaram tantas páginas de glória e heroísmo nas campanhas militares, especialmente do século XIX.

Ainda no segundo capítulo, os autores relatam o envolvimento da Brigada e de suas unidades nas campanhas tenentis-

tas, desde a revolução de 22, passando pela Coluna Prestes, até as participações nas Revoltas de 32. Tais fatos nos mostram um Exército politizado e participativo. Para a evolução política da Nação, o envolvimento dos “tenentes” foi, sem sombra de dúvida, um sopro de renovação. Para o Exército, no entanto, as divisões ideológicas geradas no seio de cada unidade, com suas facções beligerantes, não deixaram boas lembranças.

Nos dois últimos capítulos, cumpre destacar o detalhamento do registro histórico do currículo dos comandantes da Brigada e o resumo histórico das organizações militares que integram nossa Grande Unidade, tornando esta obra referência obrigatória para quem queira conhecer um pouco do passado de nossa Brigada.

Assim, como comandante da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, cabe-me agradecer aos autores pelo grande esforço e marcante colaboração que deram para o registro da História da nossa Grande Unidade e da sua participação militar na formação e no desenvolvimento das comunidades da Região dos Sete Povos das Missões.

Com a publicação deste livro, o Comando da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada está convencido de que se oferece à comunidade e, em especial à missioneira, uma contribuição valiosa ao esforço de reconstituição da memória militar.

Graças aos esforços dos que trabalharam na elaboração desta obra, fica preenchida uma lacuna há muito sentida e reclamada por todos que, por dever de ofício, ano a ano, buscam conhecer as origens e a história da 1ª Bda C Mec.

Ao Cel Cláudio Moreira Bento, nosso instrutor de História Militar na AMAN em 1978 e à equipe dirigida por este consagrado historiador militar, que tornaram realidade um sonho de quantos tiveram a honra de integrar as fileiras desse Grande Comando, os cumprimentos e a eterna gratidão da 1ª Brigada.

Que os feitos de nossos antepassados, revividos na leitura desta importante obra histórica continuem a inspirar e orientar, no presente e no futuro, as ações dos integrantes da nossa Brigada José Luiz Menna Barreto.

Gen Bda JOSÉ EUSTÁQUIO NOGUEIRA GUIMARÃES
Comandante da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada

INTRODUÇÃO

O presente volume, 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – Brigada José Luiz Menna Barreto, constitui mais um volume do “**Projeto História do Exército na Região Sul**” e comemorativo do centenário desta Grande Unidade, ocorrido em 2008, como 1ª Brigada de Cavalaria criada em 1908.

É mais uma obra do citado Projeto, iniciado com a História da 3ª Região em três volumes, seguida da História do CMS; da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada – Brigada Manoel Marques de Souza III; da 6ª Divisão de Exército – Divisão Voluntários da Pátria; da 6ª Brigada de Infantaria Blindada – Brigada Niederauer; da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – Brigada Patrício Corrêa da Câmara; da Artilharia Divisionária da 6ª Divisão de Exército – AD Marechal Gastão de Orleans; da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – Brigada Charrua e da 3ª Divisão de Exército – Divisão Encouraçada.

Trabalho este desenvolvido pela Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) e pelo Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, sendo o resultado de uma parceria desta Presidência com o acadêmico Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, que é o 3º Vice-Presidente da AHIMTB, Vice-Presidente do IHTRGS e Delegado da Delegacia da AHIMTB em Porto Alegre, Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara, e do acadêmico Carlos Fontes, Delegado da AHIMTB em Uruguaiana, Delegacia Marechal Fernando Setembrino de Carvalho.

No Capítulo Primeiro, fizemos um retrospecto da História Militar Terrestre da área dos primitivos Sete Povos das Missões até a criação, em 1908, da 1ª Brigada de Cavalaria, com apoio no conhecimento da História Militar Terrestre do Rio Grande do Sul, que abordamos nas diversas obras, já citadas, do Projeto História do Exército na Região Sul.

O Capítulo Segundo foi desenvolvido inicialmente pelo acadêmico Carlos Fontes em seu livro História da 1ª Bri-

gada de Cavalaria Mecanizada – Brigada José Luiz Menna Barreto, editado em 1998 e prefaciado pelo então Gen Bda Luiz Cesário da Silveira Filho e aqui reapresentado, em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis que foi responsável pela digitação, o revisou e o enriqueceu expressivamente.

No Capítulo Terceiro, foi introduzido, ao volume de 1998, o assunto **Os Comandantes da 1ª DC e da 1ª Bda C Mec, suas ações e lições de Comando**.

Trata-se de abordagem que vem sendo realizada em todos os livros do citado Projeto, e realizado pelos três parceiros na presente obra como uma forma de resgatar e divulgar, em sínteses biográficas, os perfis de generais brasileiros, com subsídios valiosos, entre outros fins, para estudos de Chefia e Liderança no Brasil.

No quarto Capítulo, o acadêmico Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis desenvolve, baseado no trabalho de Carlos Fonttes e em parceria com o mesmo, uma síntese histórica das unidades diretamente subordinadas à 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, incluídas as relações de seus ex-comandantes.

A capa do livro é do Capitão-de-Mar-e-Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, grande colaborador da AHIMTB, autor da maioria das capas anteriores e o administrador da site da AHIMTB (www.ahimtb.org.br).

E finalmente, nos Anexos, as sínteses da AHIMTB e do IHTRGS e de seus membros, autores desta obra, dentro do objetivo cultural atual nº 1 do Exército.

“Pesquisar, preservar, divulgar e cultuar a História, as Tradições e os valores morais, culturais e históricos do Exército”.

Nosso objetivo, a seguir, será o de concluir o Projeto História do Exército na Região Sul, na parte referente ao Rio Grande do Sul, com o livro História da Artilharia Divisória (AD/3) da 3ª Divisão de Exército – AD General Gurjão.

Cel Cláudio Moreira Bento
Presidente e fundador da AHIMTB e IHTRGS

AGRADECIMENTOS DA AHIMTB A SEUS MEMBROS

Aos seus integrantes, acadêmicos e membros, que concorreram direta e indiretamente para tornar possível esta obra.

• • • • •

ESCLARECIMENTO IMPORTANTE Pelo Organizador Cel Cláudio Moreira Bento

Os comandantes da 1ª DC e da 1ª Bda C Mec, suas experiências profissionais, ações e lições de comando

O Capítulo Terceiro, sob o título em epígrafe, na medida que permitiram as fontes disponíveis, os poucos recursos financeiros e humanos para a pesquisa, esta a mais profunda possível, e não efetivada por aquela razão, focaliza cronologicamente os comandantes da 1ª DC e os, até 2010, de sua sucessora, a 1ª Bda C Mec.

Não puderam ter o desenvolvimento desejável, por falta de fontes literárias suficientes, em princípio, alguns comandantes da GU como 1ª DC antes de 1964, a partir do que os dados obtidos nas fontes disponíveis acessíveis tornaram-se mais completos e melhor cuidados. E de obtenção difícil, por inexistentes nos arquivos da 1ª Bda C Mec tendo como destino, em princípio, os arquivos da 3ª DE em Santa Maria.

Na abordagem das ações e lições deixadas por cada comandante, através de suas palavras de despedidas e elogios do Comando Superior, pode-se concluir sobre as linhas mestras da evolução operacional histórica deste Grande Comando no período. E a partir delas, pode ser desenvolvida, com maior profundidade, e na forma desejada, a ação com-

pleta de cada comandante, com apoio em outros documentos produzidos no período correspondente ao seu comando.

As informações biográficas de cada comandante, mais genéricas ou mais detalhadas, refletem dados fornecidos por eles ou por seus ajudantes de Ordens ou Assistentes, em resposta a quesitos respondidos em seus currículos, mantidos pela Secretaria Geral do Exército. Uns mais detalhados, outros menos, e respostas com interpretações diversas. Os que comandaram antes da adoção de dados biográficos pela Secretária do Exército, têm dados insuficientes, e registrados mais para efeitos de transferência para a Reserva. Outros currículos antigos referem-se ao Estado de origem e não à cidade natal ou, na filiação, referem somente o pai, omitindo-se a mãe. Outros mencionam a data do aniversário e omitem o ano, bem como as datas do exercício das diferentes funções na carreira. Outra falha frequente é a não menção, no currículo, se as promoções a oficial superior foram por antiguidade ou merecimento e se as condecorações recebidas estão atualizadas.

E assim, em que pesem todas estas servidões, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil e o Instituto de História e Tradições do RGS oferecem a seguir, através dos autores deste trabalho e à reflexão das atuais e futuras gerações do Exército e, em especial, a de integrantes da 1ª Bda C Mec - as lições de História deixadas pelos diversos chefes que comandaram a 1ª DC e 1ª Bda C Mec, na forma de suas experiências profissionais, que seguramente agregaram, bem como suas ações e lições de comando, como agentes principais do processo de evolução do Grande Comando Operacional - a 1ª Bda C Mec - Brigada José Luiz Menna Barreto.

Advertência: Os elogios de comandantes e Palavras de Despedida foram os encontrados nos boletins internos da 1ª DC e 1ª Bda C Mec e fornecidos pelo Comando da Bda ou, na falta dos mesmos, pelos boletins da 3ª DE - Divisão Encouraçada.

Esperam a AHIMTB e o IHTRGS que estes subsídios venham contribuir, em matéria de Liderança Militar Brasileira, para a formulação progressiva de uma Doutrina Militar Terrestre Brasileira genuína, como a sonhou em 1861 o Duque de

Caxias, patrono do Exército e da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e também pioneiro na análise militar crítica ao abordar, sob este enfoque, à luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar, a Batalha do Passo do Rosário, a pedido do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), do qual era sócio honorário.

CAPÍTULO PRIMEIRO

A História Militar Terrestre da atual Área de Articulação da 1ª Bda C Mec

Antecedentes Militares

A área de atuação da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada corresponde, em linhas gerais, à área dos primitivos Sete Povos das Missões. Território este palco de disputas por sua posse, entre Portugal e Espanha, até a sua incorporação definitiva a Portugal, na Guerra de 1801. A Espanha não reclamou a sua devolução por haver conquistado na Europa, na citada guerra, a cidade portuguesa de Olivença.

Na linha do rio Ibicuí, nos primórdios do Rio Grande do Sul, ocorreram diversos choques entre os índios Charruas e os Minuanos, adaptados à vida no campo ao sul daquele rio, com os Guaranis e Tupis, habituados à vida nas selvas, depois de diferenciados em séculos, desde que seus ancestrais se irradiaram da Colômbia.

Uma corrente a oeste dos Andes e outra a leste, conforme abordamos na **História da 3ª RM 1808-1889 e Antecedentes**.

Os bandeirantes na Área das Missões 1629-1644

Os primeiros confrontos bélicos na área foram de bandeirantes paulistas contra índios das 18 reduções jesuíticas fundadas no Rio Grande do Sul de 1626-38.

1ª Expedição – Bandeira de Raposo Tavares (1635-36).

Esta bandeira não atuou na área da atual 1ª Bda C Mec. Ela só chegou à área de Rio Pardo e retornou para São Paulo.

2ª Expedição – Bandeira dos irmãos Bueno (1637-39).

Esta não chegou a atuar na área da 1ª Bda C Mec.

3ª Expedição – Bandeira de Fernão Dias Paes Leme (1638).

Esta atingiu o vale do rio Ibicuí, fazendo a varredura das reduções aí existentes, incluindo as da área da atual 1ª Bda C Mec. Os índios remanescentes foram obrigados a deixar os locais que ali ocupavam e passaram para a margem direita do rio Uruguai, onde se armaram e se prepararam para uma mais efetiva resistência armada aos bandeirantes.

4ª Expedição: Bandeira de Domingos Cordeiro (1639).

Esta bandeira, a partir de Júlio de Castilhos atual, penetrou no hoje território da 1ª Bda C Mec, fez uma varredura no rio Icamaquã e transpôs o rio Uruguai. Ao atingir Caasapaguçu foi derrotada sob a liderança do padre Alfaro, que usou reforços recebidos de Buenos Aires, soldados espanhóis, armas de fogo e índios. Esta bandeira foi destruída.

5ª Expedição: Bandeira de Jerônimo Pedroso de Barros (1641).

A partir de Cruz Alta penetrou na área em Santo Ângelo e Porto Xavier, pelo vale do Ijuí, para saber notícias da bandeira anterior destruída. Depois de transpor o rio Uruguai foi atacada em 11 de março de 1641, em Mbororé por 4.000 índios armados com armas de fogo. Derrotada, esta bandeira retirou-se sob tenaz perseguição.

Estas bandeiras tiveram a missão estratégica de destruir as reduções jesuíticas da Província do Tape, na área da atual 1ª Bda C Mec.

O império jesuítico-guaraní em desenvolvimento nas baías do Paraná, Paraguai e Uruguai, ameaçava expandir-se na direção de São Paulo, e ali romper o Cordão das Tordesilhas Belém-Laguna.

Maiores detalhes: consultar a **História da 3ª RM, v. 1.**

Fundação da Colônia do Sacramento – 1680 –

Em 1680, Portugal fundou a Colônia do Santíssimo Sacramento defronte a Buenos Aires. Naquele ano, os jesuítas retornaram ao Rio Grande do Sul e fundaram os Sete Povos das Missões.

Essas missões situaram-se no “enorme mangueirão” formado pelos rios Uruguai, Ibicuí, Camaquã, Lagoa dos Patos e Negro, com porteiras simbólicas em Santa Tecla (próximo a Bagé atual) e São Martinho, na serra, ao norte de Santa Maria atual.

No seu interior, estabeleceram 11 estâncias jesuíticas administradas pelas 11 missões, das quais sete no Rio Grande do Sul e quatro na margem direita do rio Uruguai, além de seus ervais naturais, de onde colhiam erva-mate. Por cerca de 57 anos, as missões jesuíticas se desenvolveram e progrediram.

Em 15 de fevereiro de 1737, o Brigadeiro José da Silva Paes fundou a atual cidade de Rio Grande, com o objetivo de ali estabelecer uma base militar terrestre e naval portuguesa, na impossibilidade de estabelecê-la em Montevidéu, para apoiar a Colônia do Sacramento, então sitiada pelos espanhóis.

Em 1750, decorridos 13 anos da fundação portuguesa do Rio Grande do Sul, Portugal e Espanha celebraram o Tratado de Madrid. Este tratado estabeleceu os limites de Portugal e Espanha no Rio Grande do Sul.

Portugal abriria mão da Colônia do Sacramento, a qual fundara há 70 anos. E a Espanha abriria mão da área dos

Sete Povos das Missões, com 70 anos de influência jesuítica.

Para Portugal tomar posse dos Sete Povos das Missões era exigido que os jesuítas e os índios missioneiros evacuassem a região e se transferissem para a margem direita do rio Uruguai, deixando a hoje área de jurisdição da 1ª Bda C Mec livre, para nela serem colocados 60 casais vindos da Ilha dos Açores.

Estes açorianos teriam a dupla missão de povoar e defender a área. Para isso, cada casal disporia de uma arma.

Guerra Guaranítica, 1754-56

Mas os índios, no curso da demarcação da área, resistiram à evacuação dos Sete Povos das Missões, sob a liderança dos jesuítas, contrariando interesses da Espanha e Portugal, que tinham pretensa soberania sobre a área.

E teria lugar assim a Guerra Guaranítica (1754-56), que envolveu a área atual da 1ª Bda C Mec. A área terminou invadida pelos exércitos demarcadores de Portugal e Espanha, conforme abordamos na **História da 3ª Região Militar**, v. 1.

Somente na 3ª Expedição foi que os Exércitos de Portugal e Espanha conseguiram penetrar na área dos Sete Povos das Missões e dominá-la. O que foi esta guerra no dia a dia ficou descrito no Diário do Capitão Jacinto Rodrigues da Cunha, na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 10, 1853.

Antes de penetrar nos Sete Povos das Missões os exércitos demarcadores travaram o combate de Caibaté, em 10 de fevereiro de 1756, no atual município de São Gabriel. Ali os índios, sob a liderança de jesuítas, foram cercados pelos dois exércitos e dizimados em cerca de uma hora. Foram mortos cerca de 1.800 índios e feitos 127 prisioneiros.

Três dias antes, foi morto em São Gabriel atual o chefe índio José Sepé Tiarajú, quando montava um ataque noturno. Foi lanceado por um peão português nas costas e morto com um tiro de pistola pelo Governador de Montevidéo, Dom José de Viana.

Sepé Tiarajú, herói nacional?

Durante a Guerra Guaranítica os jesuítas, liderando índios missioneiros, opuseram-se militarmente à Espanha e Portugal, que transferiam entre si a soberania e o domínio sobre os Sete Povos das Missões.

Em razão disto os jesuítas foram julgados pelos dois países como responsáveis, e expulsos da América do Sul. O Brasil, herdeiro de Portugal, continuou considerando inimigos os jesuítas e missioneiros no citado conflito.

Sepé Tiarajú foi um dos líderes indígenas que mais se destacou nesta reação armada, em razão dos exércitos das coroas ibéricas atuarem dentro da Estância de São Miguel, onde Sepé era Alferes, em seus avanços sobre os Sete Povos das Missões.

O Capitão Jacinto Rodrigues da Cunha, em seu artigo na citada **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, aponta Sepé Tiarajú como um *traidor de seus comandados* no frustrado ataque sobre o forte de Rio Pardo. Ele descreve o ataque ao forte de Rio Pardo em 29 de maio de 1754, no dia seguinte a um incêndio que devorou grande parte de suas instalações e suprimentos:

“Aproximaram-se da fortaleza 3 esquadrões de índios da Missão de São Miguel, numerando cerca de 160 homens, ao comando do cacique José Sepé Tiarajú. Vinham alguns a pé e outros a cavalo, armados com quatro peças de artilharia pequenas, feitas de taquaraçu (espécie de bambu) e retovadas de couro e flechas, lanças de 4 metros, fundas e de algumas armas de fogo.

Atacaram a fortaleza por três lados, de uma distância de 250 passos. O lado voltado para o rio Jacuí não foi atacado. Os disparos de Artilharia indígena foram concentrados sob o baluarte da Bandeira, bem como as flechas disparadas por elevação, que não causaram nenhum dano.

Ao primeiro disparo da artilharia da fortaleza, que matou alguns índios, os atacantes se retiraram, deixando para trás

os quatro reparos de sua artilharia e as duas peças maiores. Na retirada, levaram 70 cavalos e uma boiada pertencente à guarnição da fortaleza.

Nesta ocasião foi preso o capitão-mor dos índios, Sepé Tiarajú que, à frente de 53 homens, cobria a retirada dos demais atacantes através do rio Pardo.

Sepé não reagiu e concordou em ir preso para a fortaleza, em boa fé.

No interior da fortaleza toda a sua força foi desarmada e feita prisioneira pelos Dragões e Aventureiros paulistas, até que devolvessem os 70 cavalos roubados.

Sepé teria imaginado entrar na fortaleza como amigo para depois dominá-la.

Frustrado seu inocente plano, prometeu buscar e devolver os 70 cavalos. Acompanhado por uma escolta, conseguiu enganar a sua vigilância e fugir espetacularmente, abandonando seus guerreiros. Destes, 38 tiveram trágico fim, quando transportados presos para o Rio Grande. Eles amotinaram-se no meio da Lagoa dos Patos e foram mortos a bala ou por afogamento, inclusive o afogamento por suicídio, segundo relata a História”.

Como poderia um chefe militar que abandonou seus liderados à própria sorte ser considerado um herói pelo Rio Grande do Sul e pelo Brasil, pelos que idealizaram colocá-lo no altar da Pátria, invadindo a função social de historiador brasileiro não consultado? Em realidade, historicamente, ele foi um chefe inimigo de Portugal, cujo patrimônio territorial o Brasil herdou.

Que sua figura tenha sido mitificada se compreende, mas está longe de ser considerado um herói do Rio Grande do Sul e do Brasil. É preciso que os que idealizaram estas consagrações escutem a voz da História.

Abordamos este assunto na **História da 3ª RM**, v. 1 e em **Escolas Militares do Rio Pardo 1859-1911**.

E os exércitos prosseguiram em sua marcha. O Exército Demarcador de Portugal, que atuou nos Sete Povos das Missões na área de ação da 1ª Bda C Mec, assim o caracterizo:

Foi constituído num total de 1.633 homens e organizado com tropas do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul. Do Rio Grande do Sul, 491 homens do Regimento de Dragões do Rio Grande (em Rio Pardo). Do Rio de Janeiro, o Regimento de Artilharia com 189 homens, o Regimento de Infantaria Velho (atual Regimento Sampaio) com 204 homens, o Regimento de Infantaria Novo com 104 homens ou cerca de 590 cariocas, constituindo 36% do efetivo. De São Paulo, 104 homens do Regimento de Infantaria de Santos.

Para o apoio ao movimento, duas companhias de aventureiros paulistas comandados pelo Capitão Francisco Pinto Bandeira e pelo Tenente Antônio Pinto Carneiro (de Minas Gerais).

O apoio logístico e administrativo foi prestado por 266 homens.

A Artilharia, ao comando do célebre Cel Fernandes Pinto Alpoyn era constituída por sete peças de bronze e três peças de ferro de 4" tracionadas por bois. Ela foi a primeira Artilharia de Campanha que atuou no Brasil, pelo que se tem conhecimento.

Como meios de transporte o Exército Demarcador dispôs do seguinte:

Carretas e carros do Exército – 60

Carretas e carros particulares – 13

Cavalos do Exército – 4.630

Cavalos particulares – 1.300

Bois mansos do Exército – 820

Bois mansos de particulares – 156

O Exército Demarcador atingiu os Sete Povos das Missões em maio de 1756. Em 10 de maio, ele travou o último combate próximo a São Miguel, local denominado de Churieby. Nele, os índios, apoiados em trincheiras e peças de Artilharia de taquaruçu retovadas de couro, resistiram. Ângelo Miguel Blanco imortalizou esta cena em planta existente no Arquivo Histórico do Exército, na qual figura uma carruagem

usada por Gomes Freire de Andrade.

E nos Sete Povos das Missões, dominados, o Exército Demarcador permaneceu por 10 meses, onde se presume tenha havido contato com as índias viúvas, resultando uma intensa miscigenação, que se refletiu na tez e beleza das descendentes.

Os açorianos destinados a ocupar os Sete Povos das Missões radicaram-se ao longo do Rio Jacuí entre Porto Alegre e Rio Pardo e em torno do Rio Grande.

Os Dragões do Rio Grande foram transferidos para Rio Pardo, então fundada nesta guerra.

Depois da Guerra Guaranítica, foi intensa a fixação de estancieiros nas áreas outrora exploradas pelos Sete Povos das Missões com suas estâncias e ervais.

A área atual da 1ª Bda C Mec nas Guerras do Sul, 1763-77

O atual Rio Grande do Sul, de 1763-77 foi, pela primeira vez, envolvido em guerra. Sofreu duas invasões espanholas. A primeira em 1763 pelo litoral, a qual conquistou e controlou o Rio Grande por 13 anos. A segunda pela Campanha, em 1774, da qual resultou a fundação da Fortaleza de Santa Tecla, próximo à Bagé atual.

Estas invasões chegaram a controlar cerca de 2/3 do atual Rio Grande do Sul, a partir das bases espanholas estabelecidas em Rio Grande, Santa Tecla e São Martinho.

Os Sete Povos, que haviam permanecido em poder da Espanha pela suspensão do Tratado de Madri, atuaram contra Portugal a partir de São Martinho, local através do qual eram enviados recursos militares e logísticos para apoiar as operações militares espanholas em curso no Rio Grande do Sul através do histórico caminho de invasão São Borja – Rio Pardo.

Em 1763, uma invasão espanhola partida dos Sete Po-

vos das Missões foi derrotada em Monte Grande, na área de Santa Maria atual pelo Capitão Francisco Pinto Bandeira.

O Rio de Janeiro, na impossibilidade de apoiar militarmente o Sul, baixou a seguinte diretriz para a Guerra de Guerrilhas, que então seria levada a efeito contra o invasor:

“A guerra contra o invasor será feita com pequenas patrulhas atuando dispersas, localizadas em matas e nos passos dos rios e arroios. Destes locais sairão ao encontro dos invasores para surpreendê-los, causar-lhes baixas, arruinar-lhes as cavalhadas, gados e suprimentos e, ainda trazê-los em contínua e persistente inquietação.”

Foram tão eficientes em seus resultados essas guerrilhas que provocaram a invasão do Rio Grande do Sul pela campanha, pelo Governador de Buenos Aires D. Vértiz y Salcedo. Invasão que mobilizaria recursos humanos e materiais dos Sete Povos das Missões para reforçar ações contra Rio Pardo.

D. Vértiz y Salcedo, nascido no México, invadiu o Rio Grande em 1773. Próximo à Bagé atual levantou a Fortaleza de Santa Tecla, destinada a impedir as incursões das guerrilhas portuguesas nos territórios da Espanha para, em operação militar, arrear gados e destruir seus estabelecimentos rurais.

As bases de guerrilhas foram localizadas em Canguçu atual e Encruzilhada do Sul atual, respectivamente nas serras dos Tapes e Herval.

D. Vértiz y Salcedo pretendia conquistar sucessivamente Rio Pardo, Taquari, Porto Alegre e Viamão. E a partir daí, atacar São José do Norte, sob controle de Portugal. E ainda, operar junção com Rio Grande, varrendo as bases de guerrilhas nas serras dos Tapes (Canguçu) e Herval (Encruzilhada), e por fim expulsar os portugueses do Rio Grande do Sul.

Em 02 de Janeiro de 1774, Rafael Pinto Bandeira, com 100 guerrilheiros e Dragões do Rio Pardo, bateu e aprisionou em Santa Bárbara uma coluna lançada dos Sete Povos das Missões com valiosos e essenciais reforços logísticos ao Exército de D. Vértiz y Salcedo, sem os quais ele perdeu a impulsão em seu avanço.

Avançando sobre Rio Pardo em duas colunas separadas, a maior sofreu grande derrota em Tabatingaí, em 10 de janeiro de 1774. Ao saber desta derrota e desconfiado do atraso da coluna proveniente dos Sete Povos das Missões, que havia sido derrotada oito dias antes, Salcedo abrandou suas exigências.

Comprometida a mobilidade e alimentação de sua Armada (Exército) decidiu recuar célere, em busca de proteção da base espanhola mais próxima: Rio Grande. Retornou através dos atuais municípios de Encruzilhada e Canguçu, bases das guerrilhas responsáveis por suas derrotas em Santa Bárbara e Tabatingaí sendo, por elas, perseguido.

Ao invés de atravessar o rio Camaquã no Passo de Camaquã de Baixo (atual Vau dos Prestes), Salcedo o transpôs em outro local, com grandes dificuldades. Desde então, o local da transposição ficou sendo conhecido como Passo da Armada.

Vértiz y Salcedo deixou plantados no Rio Grande do Sul os fortes de Santa Tecla e o de São Martinho. O primeiro, para controlar a região em torno e impedir a passagem das guerrilhas portuguesas para território espanhol que, na volta, traziam gados arreados das estâncias espanholas. E o segundo, para impedir incursões, com a mesma finalidade, nos Sete Povos das Missões. E mais, como bases de partida de futuros ataques ao Rio Grande do Sul.

O Forte de São Martinho, guarnecido por espanhóis e índios dos Sete Povos das Missões, foi conquistado em 31 de outubro de 1775, de surpresa, por guerrilheiros de Rio Pardo ao comando de Rafael Pinto Bandeira.

Na impossibilidade de um ataque frontal, em nove dias Rafael Pinto Bandeira abriu uma picada na mata que conduziu seus guerrilheiros à retaguarda do Forte de São Martinho, e atacou o forte à noite, capturando 40 homens de sua guarnição e tomando do inimigo preciosos recursos logísticos, dos quais 7.100 cabeças vacuns e cavalares.

Foi o início da ofensiva do Exército do Sul em São José do Norte, para retomar o Rio Grande do Sul dos espanhóis.

Esta operação neutralizou qualquer apoio militar dos Sete

Povos das Missões às forças da Espanha que então ocupavam o Rio Grande do Sul.

Em 25 Mar 1776, submetido a rigoroso sítio de 26 dias, a Fortaleza de Santa Tecla capitulou. E no dia seguinte seus defensores rumaram para Montevidéu.

E, finalmente, em 1º de abril de 1776 o Exército do Sul, ao comando do Tenente General Henrique Böhn, reconquistou a Vila de Rio Grande, há 13 anos sob o domínio de Espanha, definindo assim o destino brasileiro do Rio Grande do Sul.

Ao final da guerra, a Espanha impôs a Portugal o Tratado de Santo Ildefonso, de 1777, pelo qual os Sete Povos das Missões continuaram sob a soberania de Espanha, da mesma forma que a Colônia do Sacramento. Foi uma derrota diplomática de Portugal.

A conquista dos Sete Povos das Missões em 1801

A área da 1ª Bda C Mec passou a integrar o território do Brasil em 1801, em decorrência da chamada “Guerra de 1801” entre Portugal e Espanha.

No Rio Grande do Sul, Portugal tomou a iniciativa de reconquistar os territórios que lhe pertenciam pelo Tratado de Madrid de 1750 e que foram alterados pelo Tratado de Santo Ildefonso em 1777, imposto pela Espanha a Portugal.

Foi neste contexto que os Sete Povos das Missões passaram, pela força das armas, e em definitivo, para o domínio de Portugal e depois para o Brasil.

A conquista dos Sete Povos das Missões, tida até pouco tempo como uma iniciativa de 40 aventureiros, em realidade foi ordenada pelo comandante da Fronteira do Rio Pardo, o Coronel Patrício Corrêa da Câmara, hoje consagrado patrono ou denominação histórica da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, em Bagé.

É o que temos demonstrado à exaustão, em especial na

História da 3ª Região Militar, v. 1 e em **Escolas Militares do Rio Pardo 1856-1911**. Nesta, em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis.

A conquista dos Sete Povos das Missões, área da atual 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, foi assim concretizada:

A partir de Santa Maria atual, então acampamento de demarcação, foram lançados sobre os Sete Povos das Missões 40 aventureiros sobre a orientação estratégica da Fronteira do Rio Pardo, simulando ser uma iniciativa particular e não oficial. Eles atacaram a guarnição espanhola do Forte São Martinho, que havia sido reocupado depois de conquistado por Portugal em 31 de outubro de 1775.

A partir daí, lançaram-se para a conquista dos povos ou missões de São Miguel, Santo Ângelo, São Luiz Gonzaga e São Nicolau, terminando por incorporá-los a Portugal pela força das armas.

Em 17 de dezembro de 1801, foi publicada a paz entre Espanha e Portugal, decorrente do Tratado de Badajoz. Em 20 de dezembro de 1801, o Cel Patrício Corrêa da Câmara deixou a Fronteira do Rio Grande e retornou a Rio Pardo em razão de suspeita, não confirmada, de que a Espanha havia lançado a Coluna Quintana em direção aos Sete Povos das Missões para reconquistá-los.

O Rio Grande do Sul, dividido pelo rio Camaquã e pelas fronteiras do Rio Grande e do Rio Pardo, foi acrescido de mais uma fronteira independente, o Distrito Militar das Missões o qual, por transformações e denominações sucessivas, resultou na área hoje sob jurisdição da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – Brigada José Luiz Menna Barreto.

O novo Distrito passou a articular-se com as fronteiras do Rio Grande e do Rio Pardo através, e ao longo, do primeiro caminho histórico do Rio Grande do Sul, balizado pelos seguintes locais, segundo interpretação do General Francisco de Paula Cidade: Rio Grande – Povo Novo – Passo do Canal São Gonçalo – Canguçu – Passo do rio Camaquã de Baixo (atual Vao dos Prestes) – Encruzilhada do Sul – Rio Pardo – Santa Maria – Picada São Martinho – Sete Povos das Missões.

Esse mesmo caminho primitivo, fora usado pelos índios da Província do Tape (área dos Sete Povos das Missões) para atingirem as lagoas dos Patos e Mirim e o litoral gaúcho. Ao longo do mesmo existia um forte núcleo de índios tapuias guaranizados em Canguçu atual, na Serra dos Tapes, conforme abordamos em nosso livro **Canguçu - reencontro com a História - um modelo de reconstituição de memória comunitária**.

Portugal passou a ter controle e fechou um dos tradicionais caminhos de invasão espanhola ao Rio Grande do Sul: o de São Borja – Rio Pardo.

O Distrito Militar das Missões na Campanha do Exército Observador e depois Pacificador da Banda Oriental, 1811-12

O movimento de Independência das províncias do Vice-Reinado do Prata em relação à Espanha obrigou Portugal a criar a Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul em 1808, independente da do Rio de Janeiro.

Seu primeiro capitão-general foi Dom Diogo de Souza, que organizou o Exército de Observação da Capitania com a finalidade de prevenir, na novel capitania, reflexos das lutas que incendiavam a região do rio da Prata.

Em maio de 1811, o Governador Xavier Élio, de Montevideu, fiel à Espanha, foi sitiado por argentinos e tropas orientais de D. Gervásio Artigas.

O Exército de Observação objetivava, inclusive, prevenir e impedir incursões militares de liderados por Artigas na linha do rio Uruguai, em especial sobre os Sete Povos das Missões.

Para defender os Sete Povos, em abril de 1811 foi destacado em São Borja um destacamento ao comando do Cel José de Deus Menna Barreto, integrado pelo Regimento de Dragões do Rio Grande, antes aquartelado em Rio Pardo, duas compa-

nhas de Infantaria, mais uma de Artilharia da Legião de São Paulo e dois esquadrões de Cavalaria de Milícias de Rio Pardo.

Em razão do sítio a Montevideo por argentinos e orientais, o Governador Élio, que era fiel ao rei de Espanha, solicitou auxílio a D. João, Príncipe Regente de Portugal, o qual mandou Dom Diogo de Souza invadir o Uruguai em apoio a Élio. O capitão-general já atua, agora, como Cmt do Exército Pacificador da Banda Oriental.

D. Diogo fez uma longa incursão durante 48 dias, percorrendo 96 léguas e enfrentando diversas reações armadas e acampou próximo à margem esquerda do rio Quaraí, na região de Cuña Peru.

No Distrito Militar dos Sete Povos das Missões, com QG em São Borja, o Cel de Engenheiros Francisco Chagas Santos realizou diversas operações contra forças de Artigas na margem direita do rio Uruguai, por ameaçarem invadir os Sete Povos.

De São Borja foi lançado, ao comando de Bento Manoel Ribeiro, dois esquadrões de Milícias de Rio Pardo para atacarem o povo de Japeju, do outro lado do rio Uruguai, obrigando seus defensores a evacuá-lo.

O Coronel Chagas Santos, a partir de São Borja, à frente de 300 milicianos e índios guaranis, atacou o povo de São Tomé, do outro lado do Uruguai, destruindo-o por completo.

Nesta incursão, foram incendiadas casas e carretas, mortos 150 homens e afogadas no rio Uruguai mais de 3.000 cabeças de gado vacum, tudo com a finalidade de neutralizar meios militares e logísticos que pudessem ser usados por liderados de Artigas contra o Distrito Militar dos Sete Povos das Missões.

Na madrugada de 12 de junho de 1812, o Capitão de Dragões José de Abreu, à frente de 300 cavalarianos e infantes destruiu em Laureles, no Uruguai, índios minuanos e charruas que compunham a vanguarda de Artigas. Pereceram nesta ação quatro caciques e 80 índios minuanos e foram capturados cerca de 2.500 a 3.000 cavalos de Artigas.

Dom Diogo, acampado em Cuña Peru durante três me-

ses e apoiado pelo Distrito Militar dos Sete Povos das Missões, pressionou índios partidários de Artigas que atuavam no Distrito de Entre Rios (Quaraí, Uruguai, Ibicuí, Santa Maria) a evacuarem a área, que seria conquistada por Portugal na 1ª Campanha contra Artigas em 1816.

Naquela oportunidade, D. Diogo de Souza doou terras no Distrito de Entre Rios a militares que participaram do Exército Pacificador.

Em 12 de setembro de 1812, o Exército Pacificador inter-nou-se no Rio Grande do Sul pelo passo N. S. da Conceição (passo Centurion) no rio Jaguarão.

Terminada a campanha, o Rio Grande do Sul continuava em pé de guerra. Montevideú foi sitiada por Rondeau. A soberania sobre o atual Uruguai foi disputada por orientais de Artigas e argentinos. Na continuidade deste embate, o Rio Grande do Sul foi intensamente envolvido nas Guerras Cisplatinas de 1816-28.

A prisão dos reis de Espanha, Carlos IV e Fernando, por Napoleão (Abr 1808), em Bayonne, detonou o processo de independência da Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia.

Em consequência, Portugal vai se chocar com vários interesses geopolíticos conflitantes, visando o domínio de parcelas do Rio Grande do Sul:

- a Argentina, sonhando reconstituir o antigo Vice-Reinado da Prata, incluindo o Uruguai, Paraguai, Bolívia e partes do Rio Grande do Sul;

- o Uruguai, sonhando Artigas com a sua Independência, incluindo territórios do Rio Grande do Sul junto ao rio Uruguai;

- o Paraguai, sonhando reconstituir, independente, o antigo império teocrático guarani que incluía os Sete Povos das Missões, antiga província jesuítico-guarani do Tape; e

- a Inglaterra, com interesses no Prata, conflitantes com os de Portugal, tentando manter o seu domínio sobre o Uruguai.

Some-se a tudo isto o interesse de Portugal, e depois do Brasil, de assegurar a livre navegação no rio da Prata para comunicar-se com Mato Grosso, através dos rios formadores da bacia do Prata.

O Distrito Militar dos Sete Povos das Missões nas Guerras contra Artigas 1816-20

Em 20 de junho de 1814, Montevideu capitulou e entregou-se à Argentina.

O futuro do Uruguai passou a oscilar entre os cinco interesses geopolíticos conflitantes que abordamos. E por que não província portuguesa, sonhada pela rainha de Portugal D. Carlota Joaquina, irmã do rei de Espanha, prisioneiro de Napoleão?

O Capitão General e Governador do Rio Grande do Sul, Dom Luís Telles da Silva Caminha e Menezes - Marquês de Alegrete, soube que Artigas influenciava os habitantes do Distrito Militar dos Sete Povos das Missões a se unirem em torno de sua bandeira.

Em 1815, o Brasil foi elevado à condição do Reino Unido a Portugal e Algarve.

Portugal decidiu invadir e ocupar o Uruguai antes que outro aventureiro o fizesse. Para isso, contaria com a Divisão de Voluntários Reais, integrada por veteranos das lutas contra Napoleão e ao comando do Tenente General Carlos Frederico Lecór e composta de 4.830 homens. Esta Grande Unidade foi estudada em detalhes pelo patrono de cadeira na Academia de História Militar Terrestre do Brasil, General Paulo Queiroz Duarte, na obra Lecór e a Cisplatina, editada pela BIBLIEx.

Em apoio àquela Divisão, as tropas do Rio Grande do Sul foram concentradas na Fronteira do Rio Pardo.

Para invadir o Rio Grande do Sul, Artigas adotou o seguinte dispositivo:

- Concentrou 1.000 homens no corte do rio Quaraí, próximo à Santana atual;
- A jusante, 18 km abaixo, colocou em posição seu lugar-tenente, o Coronel Verdun, com forte contingente;
- No corte do rio Uruguai, Artigas colocou seu filho adotivo, nascido em São Borja, Andresito Artigas, com a missão de

atacar São Borja, sede do Distrito Militar dos Sete Povos; e

- E mais ao sul, ou a jusante, Sotelo, com a missão de invadir o Distrito de Entre Rios, para dominá-lo e, a seguir, operar junção com Andresito nos Sete Povos das Missões.

Seu plano tinha os seguintes objetivos, segundo interpreto:

- Opor-se com pequeno efetivo à marcha de Lecór rumo a Montevideu, com a sua Divisão de Voluntários Reais;

- Com o grosso (maioria de suas tropas) levar a guerra ao território do Rio Grande do Sul;

- Conquistar os Sete Povos das Missões; e

- Com os reforços recebidos, bater as forças do Marquês de Alegrete e a seguir cair sobre a retaguarda de Lecór e da sua Divisão de Voluntários Reais.

O Plano de Portugal visava:

- Avançar com a Divisão de Voluntários Reais para conquistar Montevideu e as principais cidades uruguaias;

- Defender com tropas do Rio Grande do Sul as linhas dos rios Uruguai e Arapeí, impedindo a invasão de Artigas ao Rio Grande do Sul, ou expulsá-lo, caso já tivesse realizado a invasão;

- Numa 2ª fase, o plano previa: a Divisão de Voluntários Reais, partindo de Montevideu para o norte; e as tropas do Marquês de Alegrete para o Sul, de forma a esmagar as forças de Artigas numa manobra de pinça.

A invasão do Distrito Militar dos Sete Povos por Andresito Artigas

Andresito Artigas invadiu São Borja e foi cercado numa proporção de 10x1 pelo Cel Chagas Santos, comandante do Distrito Militar de Sete Povos das Missões.

Mais ao Sul, o Ten Cel José de Abreu repeliu a tentativa de invasão do Distrito de Entre Rios por Sotelo. Em 27 de setembro de 1816, depois de haver atravessado o rio Ibicuí, José de Abreu lutou pela 3ª vez com Sotelo cuja coluna foi destruída. E marchou para São Borja sitiada, caindo de surpresa sobre os

sitiantes, aos quais havia se reunido Sotelo. E o Ten Cel Abreu derrotou Andresito e Sotelo causando-lhes pesadas baixas. Nos dias seguintes os perseguiu intensamente.

O intrépido Ten Cel José de Abreu, consagrado como o “Anjo da Vitória”, em 9 dias de ação fulminante, revelando incomum energia, varreu os inimigos da margem esquerda do rio Uruguai e, inclusive, do Distrito Militar dos Sete Povos das Missões.

Verdun foi alcançado e batido em 19 de outubro de 1816 no combate de Ibirocaí.

Em 27 de setembro de 1816, próximo à Santana, em Carumbé, Artigas foi batido e obrigado a deixar nosso território.

Em 4 de janeiro de 1817 teve lugar o combate de Catalão. Foi indeciso, e perigando à vitória do inimigo até o ataque da Cavalaria do Cel José de Abreu que decidiu o combate. Artigas, batido, se internou na margem direita do rio Uruguai, onde dispunha de recursos de toda a ordem.

O Marquês de Alegrete determinou, ao agora Brigadeiro Chagas Santos, comandante do Distrito Militar dos Sete Povos das Missões que, a partir de São Borja, organizasse uma expedição para destruir as bases logísticas de Artigas na margem direita do Uruguai, para prevenir novas incursões em nosso território.

Assim, durante cerca de 58 dias, de 14 de janeiro a 13 de março de 1817, Chagas Santos, à frente de uma coluna de Infantaria, Cavalaria e Artilharia demoliu e saqueou as povoações de Japejú, La Cruz, São Tomé, Santa Maria, São Xavier, Mártires e Conceição, além de saquear as povoações de São José, Apóstoles e São Carlos, talando e neutralizando em operação de guerra a margem direita do rio Uruguai num raio de 80 léguas.

Em que pese esta destruição das bases de partida de Artigas contra o Distrito Militar dos Sete Povos das Missões, a povoação de Apóstoles permaneceu intacta e nela Andresito Artigas reuniu expressivo contingente.

Chagas Santos, mais uma vez cruzou o rio Uruguai mas, repellido, retornou à São Borja.

A Divisão de Voluntários Reais entrou em Montevideú em 20 de janeiro de 1817, 16 dias depois do decisivo combate de Catalão.

Esta campanha revelou o primeiro historiador militar do Brasil como Reino Unido. Foi o Coronel Diogo Arouche de Moraes Lara, em Memória da Campanha de 1816, **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, tomo 7, 1845, p. 122/173, e que tombaria em combate no Distrito Militar dos Sete Povos das Missões. Ele foi por nós escolhido como nosso patrono no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e o consagramos como patrono da cadeira 09 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

A 2ª Campanha contra Artigas 1819-20

Artigas, reunindo dois exércitos, lançou um contra Buenos Aires e o outro, a seu comando, estabeleceu-se próximo à Santana do Livramento atual.

Andresito, mais uma vez invadiu o Distrito Militar dos Sete Povos das Missões, em 25 de abril de 1819, à frente de 2.000 homens, pelo passo de Santo Isidoro no rio Uruguai. E se apoderou de São Luiz Gonzaga e São Nicolau.

O agora Marechal de Campo Chagas Santos despachou contra ele uma força ao comando do já citado historiador Ten Cel Diogo Arouche de Moares Lara, filho do Marechal Arouche, o fundador da famosa Escola de Direito de São Paulo.

Reunindo-se ao Ten Cel Diogo, o Marechal Chagas Santos atacou São Nicolau, mas foram repelidos por Andresito Artigas.

O Conde da Figueira (Capitão-General Dom José de Castelo Branco Correia e Cunha de Vasconcelos e Souza), novo governador do Rio Grande do Sul, socorreu o Distrito Militar dos Sete Povos das Missões. Junto com Chagas Santos atingiu São Nicolau em 03Jan1819, encontrando-a abandonada por Andresito.

Andresito, ao deixar São Nicolau, foi surpreendido e preso

por uma patrulha em 24 Jun 1819 quando tentava atravessar o Uruguai, depois de haver sido batido e destruído próximo ao Rincão do Carovi pelo Cel José de Abreu. Foi remetido preso para a Fortaleza de Santa Cruz no Rio. Sua prisão foi um duro golpe para Artigas.

Até hoje temos tentado localizar o destino final de Andresito Artigas, em apoio a historiadores que tentam descobrir o seu final. Conforme o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis no livro **As Guerras dos Gaúchos**, Porto Alegre: Nova Prova, 2008, pag. 98, Andresito ficou preso na Fortaleza de Santa Cruz até 17 Jun 1821, quando teria embarcado para Montevidéo.

Foi assim que o Distrito Militar dos Sete Povos das Missões ficou livre da 2ª invasão de Artigas.

Igualmente, temos empreendido esforços para localizar o destino dos restos mortais do ilustre historiador e soldado Cel de Cavalaria Diogo Arouche de Moraes Lara, morto nas seguintes circunstâncias, segundo o historiador argentino Alejandro Larguia em artigo: 1819 – Segunda invasión guarani às misiones orientales, **Revista Presença**, 2008, p. 5/16 do Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga, após São Nicolau ter sido invadido por Andresito Artigas, Governador de Corrientes. Traduzindo:

“Em 8 de maio de 1817, 14 dias depois da tomada de São Nicolau, Chagas Santos ordenou a seu subalterno, o paulista Ten Cel Diogo de Arouche que, com 600 homens de Infantaria, cruzasse o rio Piratini e se aproximasse de São Nicolau para observar a posição inimiga.

Arouche, chegando próximo a São Nicolau, não avistou tropas de ocupação nem movimento algum. E assim informou a Chagas Santos, de modo que este reuniu toda a sua tropa. E em 9 de maio cruzou o rio Piratini e se juntou com Arouche.

Ao meio dia bombardearam São Nicolau com canhões e metralha, durante duas horas, sem que se escutasse ou se visse sinal de presença humana. Então o Ten Cel Arouche, impaciente, avançou sem ordem à frente de seus infantés. E ao entrar em São Nicolau, os guaranis entrincheirados nas casas atingiram o Ten Cel Arouche com uma terrível fuzilaria,

fazendo-o tombar morto entre as primeiras filas.

Chagas Santos ordenou de imediato a retirada, mas o rompimento de contato foi descoordenado. Os soldados do Ten Cel Arouche recolheram o corpo de seu chefe e retraíram sob o fogo dos mosquetes dos guaranis que saíram em perseguição. Durante uma hora e por mais de 10 quilômetros, a retirada de Chagas Santos se realizou penosamente, defendida por Artilharia que disparava sobre os perseguidores.

Sem se deterem, as forças de Chagas Santos recruzaram o rio Piratini pelo passo São Luiz e marcharam durante a noite até a estância La Palmeira, de onde haviam saído no dia anterior, ali acampando no dia 10 de maio de 1819. Os restos mortais do Tenente Coronel Diogo Arouche de Moraes Lara foram sepultados na estância La Palmeira em 10 de maio de 1819.

Até agora, não nos foi possível localizar a estância La Palmeira, que existia na margem direita do rio Camaquã, ao norte de São Borja...”

É um desafio aos integrantes da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada descobrir os restos mortais deste bravo.

Um grande erro histórico confundiu os rios Pirafiní e Camaquã dos Sete Povos, com os rios Camaquã e Pirafiní que limitam o Município de Canguçu

Em 1912 Simões Lopes Neto, ao escrever uma síntese histórica do Município de Canguçu na **Revista do Centenário de Pelotas nº 4** declarou que em Canguçu Velho fora a sede de São Nicolau, a 1ª Missão Jesuítica no Rio Grande do Sul. E esta conclusão se firmou ao longo dos anos até este autor iniciar a contestá-la em 1956, em pesquisa sobre a História de Canguçu. Baseou-se o ilustre escritor regionalista em uma conferência na Biblioteca Pública de Pelotas.

Por diversos indícios fui levado a acreditar que em Canguçu Velho havia sido a sede da Real Feitoria do Linho-Cânhamo do Rincão de Canguçu 1783-89 e não na Ilha da Feitoria, na Lagoa dos Patos, que assim passou a ser denominada por haver sido adquirido pela estância Feitoria, instalada em terras da antiga Real Feitoria.

E insistindo na tese, com apoio em fontes primárias (decisão do Conselho Estadual de Cultura/RS) traduzimos o assunto em plaqueta **Em Canguçu Velho a sede da Real Feitoria da Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu**, colaborando assim, após intensa oposição de origem bairrista, a refazer um importante elo perdido das histórias de Canguçu, do Rio Grande do Sul, do Brasil e de Portugal.

Erro semelhante foi esclarecido pelo poeta Apparício Silva Rillo sobre uma tradição considerada história por longos anos de que a imagem de São Francisco de Borja, da matriz de São Borja não fora profanada com os cortes de suas pernas. E sim que, em realidade, ela fora esculpida como São Francisco de Borja, ajoelhado. E muitos erros que atravessam os anos são encontrados na História do Brasil, algumas das quais referencio na minha História da Real Feitoria.

O Tenente Coronel Diogo era um esquecido em São Paulo, bem como a Legião de São Paulo, que teve destacada participação militar nas lutas no Rio Grande do Sul de 1810 a 1824. Legião na qual teve início como soldado, em sua Cavalaria, o General Manoel Luiz Osório, que foi objeto de nossa abordagem na **História da 3ª Região Militar**, v. 1, em A Legião de São Paulo 1801-1824 – A Legião Esquecida, p. 165.

Inaugurou a cadeira 09 da AHIMTB o historiador paulista Hernani Donato, autor do precioso livro **Dicionário das batalhas brasileiras**. A Cadeira 09 é hoje ocupada pelo notável historiador sorocabano Adilson César, acadêmico da AHIMTB e seu Delegado em Sorocaba e região.

Esta 2ª campanha terminou com a vitória luso-brasileira na Batalha de Tacuarembó, em 20 de janeiro de 1820, sob a liderança do Conde da Figueira.

Artigas, em razão de complicações políticas nas antigas

províncias platinas, exilou-se no Paraguai em 25 de setembro de 1820, de onde não mais retornou.

Historiadores platinos e brasileiros procuram descobrir o destino de Andresito Artigas e o local onde foi sepultado o Ten Cel Diogo Arouche de Moraes Lara, mas sem êxito. Mas a busca continua!

O Uruguai terminou incorporado ao Brasil em 31 de julho de 1821 como Província Cisplatina, condição que perdurou por cerca de 7 anos.

O Distrito Militar dos Sete Povos das Missões na Guerra Cisplatina, 1825-28

Em 19 de abril de 1825, a Província Cisplatina rebelou-se contra o Brasil, aproveitando situação crítica das armas brasileiras, decorrente da nossa Independência.

O Exército Brasileiro, reorganizado em dezembro de 1824, havia sido desfalcado das três divisões de Portugal que o guarneciam no Rio de Janeiro, Bahia e Cisplatina. E seus poucos meios foram orientados para a luta pela Independência na Bahia. Consolidada a nossa emancipação, as forças imperiais foram orientadas para combater em Pernambuco a Confederação do Equador, em 1824. Assim, as condições militares eram ideais para o Uruguai, com apoio da Argentina, com forças integradas e experientes.

Para se dar um exemplo: o intrépido Ten Cel José de Abreu, no campo tático, foi elevado a Marechal de Campo, para atuar num quadro estratégico complexo. Sua missão era a de reunir tropas no Rio Grande do Sul e cerrar sobre Montevidéu, para auxiliar o General Lecór a debelar a revolta oriental.

O Distrito Militar dos Sete Povos das Missões concorreu para este esforço com dois regimentos de Milícias.

Em 4 de setembro de 1825, o Coronel de Milícias Bento Manoel Ribeiro venceu Rivera em Águila. Em 25 de setembro de 1825, Rivera venceu o combate de Rincón de Gallinas,

onde pereceu o pai (homônimo) do patrono da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, o Cel José Luiz Mena Barreto. No dia seguinte, Bento Manoel bateu em Rincón os dois regimentos de guaranis das Missões. Em 12 de outubro de 1825, travou-se o combate de Sarandi onde tropas ao comando do Cel Bento Manoel Ribeiro foram batidas por Lavallega e Rivera.

Na impossibilidade do Marechal José de Abreu operar junção com o General Lecór ele retornou ao Rio Grande e passou a defendê-la num tênue cordão defensivo ao longo de nossa fronteira.

As tropas brasileiras foram reorganizadas, predominando a Cavalaria de Milícias. Forças valorosas, mas de limitada vivência para enfrentar o Exército Republicano Argentino regular e veterano das lutas pela Independência do Chile, Bolívia e Peru.

O Marechal José de Abreu foi destituído e substituído em 3 de fevereiro de 1826 por um chefe sem vivência no campo estratégico e no Rio Grande do Sul e, até pouco, Coronel de Infantaria da Legião de Voluntários Reais – o Brigadeiro Paulo Massena Rosado.

Ele reuniu todas as forças em Sant’ana, no acampamento com o pomposo nome de Acampamento da Imperial Carolina, 1º nome da Imperatriz D. Leopoldina. Acampamento desastroso, assim definido pelo Gen Osorio, então tenente, e que reproduzi em meu livro **General Osório-o maior herói e líder brasileiro**, publicado em seu bicentenário sobre a égide da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul.

E deste inferno suicida foi que o Exército Brasileiro foi retirado pelo Marquês de Barbacena (Felisberto Caldeira Brant Pontes de Oliveira e Horta), impedindo-o de lá ser cercado e dizimado. Assim, marchou Barbacena para interpor-se entre o Exército Argentino e as principais cidades gaúchas, tomando posição em local favorável à Infantaria e obrigando o Exército Argentino a rumar na direção de São Gabriel. Nesta marcha, o Exército Argentino foi perseguido pela Brigada de Bento Manoel Ribeiro, que esteve ausente da Batalha do Passo do Rosário, ocorrida em 27 de fevereiro de 1827. E seu lugar

foi ocupado pela Vanguarda ao comando do Marechal José de Abreu, constituída de ex-desertores, que reunira em Cima da Serra, mal montados, sobre o qual foi conduzido o ataque principal argentino e sua tropa esmagada entre os argentinos e a 1ª Divisão do Exército, que salvou o Exército de um grande desastre. E ali pereceu o heróico Marechal José de Abreu.

Estudamos esta batalha, à luz de fundamentos da Arte Militar na obra: **2002- 175 anos da Batalha do Passo do Rosário**. Porto Alegre: AHIMTB, 2003.

Esse estudo de batalha foi apresentado na Escola de Estado-Maior do Uruguai, em espanhol, pelo Ten Cel Cláudio Dornelles, ex-comandante do 1º B Com em Santo Ângelo, acadêmico e então Delegado da AHIMTB - Delegacia Marechal Cândido Mariano Rondon.

Nesta batalha, o 24º Regimento de Cavalaria do Distrito Militar dos Sete Povos das Missões fez péssima figura, integrando a 1ª Brigada de Cavalaria, ao comando do Cel Egídio Calmon, junto com o 1º Regimento de Cavalaria (atual Dragões da Independência, de Brasília). No calor do combate, o 24º abandonou o flanco do 1º Regimento de Cavalaria e foi saquear as bagagens do Exército Brasileiro.

Em consequência, o 1º Regimento foi atingido pelo flanco com forte fogo, sendo a unidade que mais baixas teve nesta batalha, razão de possuir em Brasília, defronte do seu quartel, o monumento aos mortos dos Dragões de Brasília na Batalha do Passo do Rosário, monumento que figura na 4ª capa do citado livro.

A Batalha do Passo do Rosário foi indecisa. Os argentinos romperam o obstáculo oferecido pelos brasileiros e se internaram no Uruguai para se refazerem.

Os brasileiros se deslocaram para o corte do Jacuí.

Nas circunstâncias difíceis enfrentadas pelo Exército Brasileiro, este realizou um brilhante feito estratégico ao retirar-se de Santana e interpor-se na posição favorável à sua Infantaria, ao avanço do Exército Argentino.

A exploração política contra D. Pedro I procurou diminuir as glórias do Marquês de Barbacena, hoje consagrado com

ato de justiça na voz da História, como denominação histórica do 4º GAC de Juiz de Fora, para o que nossos estudos contribuíram.

O Marquês de Barbacena utilizou a manobra em Retirada, usada por Napoleão como alternativa para uma derrota certa, para prevenir que o Exército Brasileiro fosse derrotado pelo General Fogo, a queima do capim da área da batalha. E isto ele deixou claro em sua parte de combate com que o Duque de Caxias concordou, ao fazer uma análise crítica da Batalha a pedido do IHGB, do qual era sócio.

Esta guerra terminou com a Convenção Preliminar de Paz entre o Brasil e a Argentina, quando reconheceram a Independência do Uruguai depois de sete anos de sua incorporação artificial ao Brasil, pois o destino oriental do Uruguai fora selado em 1723, com a fundação de Montevideú por “criollos” argentinos.

Artigas viveu para saber da independência do Uruguai – “um algodão entre dois cristais” (a Argentina e o Brasil) o que por certo preveniu muito choques armados entre estes dois países ainda imaturos.

O Exército Brasileiro dirigiu-se para a vila de Piratini, subordinada a Rio Grande, ao comando do General Lecór e ali foi desmobilizado. Piratini havia crescido muito em função desta guerra e da desmobilização do Exército ali realizada. E em 1830 foi criado o município de Piratini, dele fazendo parte os distritos de Canguçu, Cerrito e Bagé (até o Piraí).

Decorridos oito anos, Piratini seria escolhida como capital da República Rio-Grandense ou República de Piratini, que ali foi conspirada com o concurso de desmobilizados do Exército descontentes com a condução da guerra por lideranças enviadas de fora.

Dentre os desmobilizados, estava o jovem alferes Antônio Joaquim Bento, que viera para o Brasil com a Divisão de Voluntários Reais, o qual casaria em Piratini e seria nomeado pelos farrapos como o 1º professor de Alegrete, dando a um de seus filhos o nome de Carlos Frederico Lecór Bento. Era trisavô do autor.

O General Rivera na área da 1ª Bda C Mec em 1828

O general oriental José Fructuoso Rivera Y Toscana, desde a anexação da Província Cisplatina (atual Uruguai), passou a ser também general argentino, a partir de janeiro de 1826. Em abril de 1828, quase ao final da Guerra da Cisplatina (1825/28), Rivera invadiu o Brasil por Soriano, por sua conta e risco, deslocando-se até os Sete Povos das Missões, área atual da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada.

Lavalleja e Rivera, rivais, disputaram a liderança militar dos orientais. Lavalleja ficou no comando da Divisão de Orientais, vanguarda do Exército Republicano Argentino, e Rivera no Estado-Maior deste Exército. Esta rivalidade motivou a retirada de Rivera para o atual Uruguai, e sobre o mesmo surgiram acusações de traição, por seus contatos com seus compadres, os brasileiros generais Sebastião Barreto e Bento Manoel Ribeiro. A expedição que fez aos Sete Povos seria para provar que não era traidor.

Suas operações se realizaram em áreas sob jurisdição, hoje, da 3ª Divisão de Exército, envolvendo principalmente a área da 1ª Bda C Mec e, em caráter secundário, a área da 2ª Bda C Mec, por onde Rivera cruzou na invasão e na retirada.

Resgatamos estes fatos históricos com apoio em síntese que, gentilmente nos forneceu, a pedido, o ilustre historiador argentino Alejandro Larguia, autor do livro sobre este assunto: **Missões Orientais – A Província Perdida**. E assim traduzimos sua síntese, com complementos, para tornar o assunto mais claro para nós.

Cerca de um ano depois da Batalha do Passo do Rosário, o general Rivera atravessou o rio Uruguai, em 25 Fev 1828, e dirigiu-se a Durazno, sede do governo Interino da Província Oriental (hoje Uruguai). E ali permaneceu no mês de março, incorporando voluntários à sua tropa e procurando ser aceito pelo general Lavalleja, comandante em Chefe do Exército

Republicano Oriental, sediado em Cerro Largo (atual Melo), frente ao Exército do Brasil, sediado na margem esquerda do rio Jaguarão.

Ao saber que não seria aceito e que seria perseguido até a morte, decidiu marchar para o norte, com partidas separadas, para confundir seus perseguidores e levando consigo a melhor cavalaria da região.

Segundo concluiu o historiador argentino Alejandro Lar-
guia:

“ao a Divisão de Voluntários Reais ao comando de Lecór invadir o atual Uruguai, Rivera havia permanecido ao lado de Lecór e Lavalleja, e Oribe ao lado de Álvaro Costa. Quando este capitulou e se retirou para a Europa, Lavalleja e Oribe se apresentaram à Argentina e Rivera permaneceu a serviço do Brasil. Em 1825, ao estourar a Guerra Cisplatina, Lavalleja e Oribe a invadiram, para recuperá-la, e Rivera, líder carismático, a eles se uniu e disputou com Lavalleja a liderança da tropa. Lavalleja odiava Rivera, mas o manteve como seu aliado até que as forças brasileiras foram sitiadas em Montevidéu e Colônia. Neste momento, Lavalleja o acusou de colaboração com o Brasil. O general Alvear deu crédito à acusação e o declarou proscrito. E nesta condição foi que Rivera se lançou em fevereiro de 1828, um ano depois da batalha do Passo do Rosário, na conquista dos Sete Povos das Missões, por sua conta e risco, para provar sua lealdade. A rivalidade Rivera x Lavalleja resultou, ao final, que Rivera, dois anos depois se tornou o primeiro presidente do Uruguai”.

Ao invadir o Rio Grande, Rivera reuniu sua tropa no Jarau, próximo do rio Quaraí, o qual cruzara nos últimos dias de março de 1828 (região da famosa estância do Cel Bento Manoel Ribeiro). Em 02 Abr 1828, Rivera foi encontrado, no Jarau, pelo alferes José da Silveira, com soldados do 24º Regimento de Cavalaria de Milícias das Missões, que patrulhava a fronteira e que, no Passo do Rosário, formara uma brigada de Cavalaria com o atual Regimento Dragões da Independência de Brasília. Foi nesta ocasião que abandonou o flanco dos atuais Dragões da Independência, resultando em grandes bai-

xas para este para, em seguida, ir assaltar as bagagens do Exército.

O alferes José Silveira incorporou-se à tropa de Rivera e os dois avançaram lentamente, incorporando Rivera à sua tropa 200 guerreiros charruas, chegando às margens do Ibicuí depois de 20 dias de marcha através da atual área da 2ª Bda C Mec. Sua força somava, então, mais de 500 homens.

Nesta travessia, o Gen Lavalleja, inimigo de Rivera, foi batido em Las Canas, no corte do rio Jaguarão e impedido de invadir o Rio Grande do Sul.

Em 21 de abril, Rivera atacou a guarda do passo Mariano Pinto com 80 homens, que atravessaram o Ibicuí a nado. Foram mortos 19 homens da guarda do passo, dos 40 que a guarneciam, e os 21 restantes se retiraram da Guarda. Da tropa de Rivera morreram o tenente Maidana e mais um guia.

Em 22 de abril, Rivera atravessou o Ibicuí com toda a sua força e, na estância do Escobar, repartiu sua força em três colunas: uma delas ao comando do seu irmão Bernabé Rivera, que se dirigiu para São Borja onde chegou em 23 de abril, para encontrar o chefe da esquadrilha naval Justo Yegros que, momentos antes, havia mandado incendiar as embarcações.

Em 24 de abril, da costa do rio Icamaquã, informou que recebeu incorporações e informações de que o Cel Alencastre se retirava com pouco efetivo. Uma segunda coluna ao comando do Capitão Felipe Caballero se dirigiu para São Francisco (de Assis) onde, em 25 de abril informou a Rivera que a tropa do Cel Alencastre se dispersava e muitos a ele se apresentavam.

Rivera, à testa de uma terceira coluna, tentou interceptar o Cel Alencastre, avançando e recolhendo cavalos até o Boqueirão da Serra (Boca do Monte, atual Santa Maria), onde chegou tarde, mas tomou carretas onde se encontraram bandeiras que o próprio Rivera enviou para Buenos Aires.

De Santa Maria, em marchas forçadas, Rivera se dirigiu para Cruz Alta, onde chegou em 30 de abril, dali despachando mensageiros (chasques) para Buenos Aires, com importantes notícias, mas que lá não chegaram porque seus mensageiros

foram fuzilados pelo Cel Oribe, que vinha em perseguição a Rivera.

Durante o mês de maio as três colunas de Rivera se movimentaram na área dos Sete Povos das Missões, sempre informando novas incorporações e sequestros de material bélico.

Em 16 de maio, de São Lourenço, seu irmão Bernabé Rivera informou que a ele se apresentaram 13 oficiais, sete sargentos, 15 cabos e 109 soldados que haviam desertado da tropa do Cel Alencastre.

Ao término das operações, Rivera reuniu em Itaquí toda a sua força, com cerca de 2.000 homens, incluindo os índios charruas e vizinhos, que a ele se incorporaram voluntariamente. Aí o presidente Manuel Dorrego da Argentina, já não duvidando do patriotismo de Rivera, o reforçou com armamento, tropa e oficiais, como os coronéis Manoel Escalada, cunhado do General San Martin, Manuel Pueyrredon, sobrinho de Juan Martin de Pueyrredon, Diretor Supremo das Províncias Unidas do Rio da Prata, Eduardo, chefe dos engenheiros na Batalha do Passo do Rosário e o Alferes Venâncio Flores, mais tarde presidente do Uruguai na Guerra do Paraguai. Com estes reforços, a tropa de Rivera foi transformada em Exército do Norte da Argentina.

Para se retirar dos Sete Povos das Missões, vigorando o Tratado Preliminar de Paz celebrado em 27 de agosto de 1828, entre o Brasil e Argentina, Rivera se dirigiu a São Francisco de Assis atual, para ali escolher o gado existente nas estâncias do Império do Brasil. E então se insubordinou e decidiu dirigir-se ao Uruguai, agora a sua pátria, e não à Argentina, com as presas de guerra que havia feito nas Missões.

Em 16 de novembro de 1828, Rivera ainda se encontrava em São Francisco de Assis, despedindo-se de estancieiros com os quais se relacionava. O resto de sua força, a partir de Itaquí, ao comando do seu irmão Bernabé, avançou lentamente até o rio Ibicuí, com caravanas de carretas com os bens móveis do povo que emigrava e com objetos dos cultos religiosos das igrejas dos Sete Povos.

Forças do Brasil, em defensiva contra um possível ataque

de Rivera a Rio Pardo, cerraram para a costa do rio Uruguai para impedir que Rivera, com permissão para cruzar a fronteira com sua força, levasse consigo o gado que recolhera e o mobiliário, que incluía peças sacras das igrejas dos Sete Povos.

Em 30 de novembro, forças do Brasil se concentraram em Alegrete, ao comando do Marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto, que cerrou sobre o arroio Touro Passo com o objetivo de interceptar a travessia do rio Ibicuí por Rivera, e manteve entendimentos com o Cel Manuel Pueyrredón, enviado de Rivera. Este, em 15 dias atravessou o rio Ibicuí, com sua imensa caravana.

A força brasileira, toda de cavalaria, possuía condições de sustar a travessia do rio Ibicuí por Rivera, mas não o fez.

As negociações do Marechal Sebastião Barreto com o Cel Pueyrredón terminaram quando a ele se juntou um plenipotenciário de Rivera, e que celebrou com o Marechal Sebastião Barreto o tratado de Ireba Aruba. Por este tratado, ficou acordado que a tropa de Rivera (o Exército do Norte) estacionaria na esquerda do rio Quaraí, na nova nação, o Uruguai, e a tropa brasileira na margem direita, devendo manter distância de, no mínimo, 10 léguas, em seus destacamentos avançados.

A retirada de Rivera para o Uruguai ocorreu em janeiro de 1829, seguido de cerca de 6.000 guaranis imigrantes dos Sete Povos das Missões e de várias dezenas de milhares de cabeças de vacuns que, em sua maior parte, foram transferidas através do rio Uruguai.

Em sua retirada desde os Sete Povos até o rio Quaraí não aconteceram combates, somente manobras para impressionar os brasileiros, além de negociações influenciadas pela familiaridade de Rivera com seus amigos e compadres Marechal Sebastião Pereira Pinto e Coronel Bento Manoel Ribeiro.

Em 20 de setembro de 1835, sete anos mais tarde, estourou a Revolução Farroupilha e o Marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto foi derrubado do Comando das Armas da Província do Rio Grande do Sul e substituído nesta função pelo agora revolucionário farroupilha Cel Bento Manoel Ribeiro.

Rivera esteve em território brasileiro com suas forças por cerca de 10 meses, seguramente com a proteção e tolerância de seus compadres e amigos Sebastião Barreto e Bento Manuel Ribeiro, sendo este grande estancieiro, com mais de sete estâncias na atual área da 2ª Bda C Mec.

Os Sete Povos e a Revolução Farroupilha

A Revolução Farroupilha, além das causas clássicas como o aumento do imposto da lésua de campo e preferência ao charque uruguaio e argentino em detrimento do charque gaúcho, foi provocada por uma Questão Militar decorrente da perseguição do Exército por lideranças que assumiram o poder com a abdicação de D. Pedro I e que o haviam ajudado na outorga da Constituição do Brasil de 1824.

O exemplo mais eloquente foi a demissão do Exército, por ser francês, do Tenente Emílio Luiz Mallet, herói do Passo do Rosário, e que havia cursado a Academia Real Militar. Tanto que, ao estourar a Revolução a ela aderiu toda a Guarnição do Exército do Rio Grande do Sul constituída de um Batalhão de Infantaria, um Grupo de Artilharia e três regimentos de Cavalaria Ligeira.

E a seus comandantes ou ex-comandantes, como os coronéis de Estado-Maior do Exército Bento Gonçalves da Silva e Bento Manoel Ribeiro couberam posições de destaque na condução do movimento.

Ao carioca formado pela Academia Real Militar Major José Mariano de Mattos coube ser Ministro da Guerra e Presidente interino da República Rio-Grandense. Terminada a Guerra foi Ajudante-Geral de Caxias na Guerra contra Oribe e Rosas (1851-52) e mais tarde Ministro da Guerra do Império.

O Major João Manoel de Lima e Silva, tio de Caxias, comandava o Batalhão de Infantaria e foi eleito o 1º General da República-Riograndense, sendo assassinado mais tarde no Distrito Militar dos Sete Povos das Missões em São Borja, a mando do chefe imperial local. Esta é uma nova leitura deste evento que comprovamos em nosso livro **O Exército Farrapo**

e os seus chefes. Rio de Janeiro: Bibliex, 1992, 2 v. O General farrapo João Manoel de Lima e Silva foi exumado em São Borja e sepultado com toda a pompa e circunstância em Caçapava do Sul. Dali foi desenterrado por imperiais e seus ossos espalhados pelos campos.

Poucos e insignificantes foram os reflexos militares da Revolução Farroupilha na área atual da 1ª Bda C Mec, ao que se sabe.

Nesta Revolução, o Exército Farroupilha, organizado em 8 de novembro de 1836 em Piratini pelo 1º General da República Rio Grandense João Manoel de Lima e Silva (tio do Duque de Caxias) com forças da área do Distrito Militar dos Sete Povos das Missões, passaram a integrar a 4ª Brigada, ao comando do Coronel João Antonio da Silveira, mais tarde general farroupilha, que biografamos na citada obra **O Exército Farrapo e os seus chefes**. Foram eles os 3º e 4º Corpos de Cavalaria da Guarda Nacional, comandadas respectivamente pelo Tenente Coronel Jacinto Pinto Guedes e Tenente Coronel Davi Canabarro, comandantes que biografamos na obra supra citada.

Jacinto Pinto Guedes foi figura legendária, por sua bravura e intrepidez e pelo lema que incutiu em seus bravos soldados missioneiros, lema o qual traziam inscritos em seus chapéus.

O patrono da Cavalaria no Comando da Fronteira das Missões em São Borja, 1854-57



Osório teve especial destaque como Ten Cel no comando do 2º Regimento de Cavalaria de Bagé na Batalha de Monte Caseros em 02 Fev 1852 na Guerra contra Oribe e Rosas (1851-52).

Promovido a coronel por merecimento aos 46 anos, em 03 Mai 1852, foi em 1854 transferido para São Borja no comando da Fronteira das Missões,

na área hoje sob a jurisdição militar da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – Brigada José Luiz Menna Barreto.

E nesta função foi promovido a oficial General como brigadeiro graduado e encarregado, ainda como coronel, do comando da 4ª Brigada da dissolvida Divisão de Observação em Montevideu e formada pela 1ª Divisão de Artilharia a cavalo e contingentes do 12º Batalhão de Infantaria e do 2º Regimento de Cavalaria que em 1856 foi integralmente transferido de Bagé para São Borja.

Nesta época, Osório foi alvo de muitas calúnias e intrigas políticas, as quais rebateu com argumentos irretorquíveis.

A Osório foi dada a missão de descobrir os ervais do Campo das Vacas Brancas, segundo a tradição um campo extenso que fora povoado pelos jesuítas e rico em ervais. E ele organizou uma força expedicionária comandada pelo Capitão Tristão de Araújo Nóbrega, composta de um tenente, um alferes, o agrimensor Francisco Rave, o cacique Presidente, dois vaqueanos, os dois conhecidos descobridores do local, e que foram corridos do local por índios hostis, Jesuíno Nunes e Laureano Vargas, 27 guardas nacionais de São Borja e sete índios mansos de Nonoai.

A expedição teve início em 17 de agosto de 1857, com todos os expedicionários armados e a cavalo, levando barracas e mantimentos.

Depois de sofridas pesquisas em todas as direções foi descoberto o Campo das Vacas Brancas, situado entre os rios Comandeu e Piraí, acima do extinto povo de S. Xavier. E nesta área foi achado um precioso erval entre os rios Pindaí e Sebolati. Erval imenso e muito cerrado.

Assim, coube à expedição organizada pelo brigadeiro Osório a glória deste feito. E disto recordou-se o Imperador D. Pedro II dando mais tarde ao general Osório o título nobiliárquico de Erval por seu brilhante feito na descoberta pela expedição por ele organizada do campo das Vacas Brancas. Este assunto é abordado em detalhes pelo filho do General Osório, Dr. Fernando Luiz Osório, em seu livro: **História do General Osório**. Capítulo XXXIII p. 511ss.

Osorio, neste comando em São Borja prestou outros serviços. Atuou no reconhecimento do verdadeiro rio Peperí-Guaçú, limite do Brasil com a Argentina, e pacificou a população de São Borja contra a atuação de um juiz municipal que com apoio na lei distribuía órfãos por diversos tutores que, em realidade, os usavam a seu serviço, resultando que o juiz entrou em luta aberta com o povo. Como se isto não bastasse entrou em choque com o padre Pedro Gay, que mais tarde escreveria um livro sobre a invasão do Rio Grande do Sul pelos paraguaios por São Borja. O Juiz agrediu o padre no rosto com a sua bengala ferindo-o levemente. Em consequência o juiz foi excomungado pela igreja. E o povo animado também o “excomungou”. E Osório, na iminência de um choque entre o povo revoltado contra o juiz conseguiu junto ao Presidente da Província a remoção do mesmo, devolvendo assim a tranquilidade a São Borja.

Invasão do Rio Grande do Sul pelo Paraguai por São Borja em 10 Jun 1865

O Brasil foi à guerra depois de sua Soberania e Integridade serem agredidas pelo adversário.

Agressão à Soberania, através da ameaça à livre navegação brasileira nos rios Paraná e Paraguai, caracterizada pela ereção da fortaleza de Humaitá sobre o rio Paraguai, e prisão, em Assunção, do Presidente de Mato Grosso quando, depois de partir do Rio, viajava para assumir o seu posto.

Os rios Paraná e Paraguai eram elos seculares de ligação do Centro do Poder do Brasil com sua Província de Mato Grosso. A agressão à Integridade do Brasil foi materializada pelas invasões e ocupações temporárias pelo Paraguai de territórios brasileiros no Rio Grande do Sul e Mato Grosso.

O Paraguai invadiu o Território do Brasil por São Borja em 10 Jun 1865, cerca de 40 dias depois da celebração, em 1º de março de 1865, do Tratado da Tríplice Aliança contra o Paraguai.

Comandava a invasão o Ten Cel Antônio de La Cruz Estigarríbia, forte de cerca de 10.000 paraguaios distribuídos em oito Batalhões de Infantaria, cinco Regimentos de Cavalaria, um Batalhão de Artilharia com seis peças e um Corpo de Bo-gavantes com 30 canos sobre carretas, para fazerem a transposição do rio Uruguai com meios descontínuos e a seguir manterem a ligação das forças paraguaias progredindo nas duas margens do rio Uruguai

O local da invasão foi no passo do Formigueiro, próximo a São Borja, onde os invasores usaram para a travessia as canoas citadas. Entraram em São Borja em 12 de junho, onde permaneceram cerca de uma semana.

São Borja foi defendida pelo 3º Batalhão da Guarda Nacional e pelo 1º Batalhão de Voluntários da Pátria.

As tropas de 1ª linha da 3ª RM encontravam-se ainda no Uruguai onde haviam combatido o presidente Aguirre. Comandava-as, desde 01 Mar 1865, o Gen Osório, que as encontrou em estado lastimável quanto ao estado sanitário, doenças, mobilidade, falta de uniformes, agasalhos, barracas e baixo moral da oficialidade, conforme oficiou ao Ministro da Guerra.

Em pouco tempo, Osório, num trabalho hercúleo, reverteu este quadro adverso.

O território do Rio Grande do Sul ficou defendido por fracas e mal armadas tropas de 2ª linha integrantes da Guarda Nacional e Voluntários da Pátria do Sul, cujo comando foi confiado ao Ten Gen Reformado Manoel Marques de Souza III, Conde de Porto Alegre, que havia comandado a Divisão Brasileira na Batalha de Monte Caseros, em 2 de fevereiro de 1852. Abordamos a biografia do Conde em seus 200 anos na obra **Conde de Porto Alegre – bicentenário**, reedição enriquecida com nosso prefácio, notas e organização em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, Porto Alegre: AHI-MTB/IHTRGS, 2004.

A defesa da fronteira com Argentina ficou a cargo da 1ª Divisão, ao comando do Brigadeiro Honorário do Exército David Canabarro, e constituída, repito, por tropas improvisadas entre a população civil, que não fora chamada para a guerra

contra Aguirre oriunda, em grande parte, da atual área da 1ª Bda C Mec.

A defesa da fronteira com o Uruguai ficou a cargo da 2ª Divisão, ao comando do Barão de Jacuí, Cel Francisco Pedro de Abreu, grande guerrilheiro imperial revelado pela Revolução Farroupilha e inimigo figadal de David Canabarro desde a surpresa de Porongos.

As forças do Paraguai, margeando o rio Uruguai, atingiram Uruguiana, a qual dominaram por cerca de três meses, sem que as forças de Canabarro tivessem poder de combate para enfrentá-las e estarem impossibilitadas de receber reforços solicitados ao General Osorio no Uruguai.

Neste episódio, destacou-se o Ten Floriano Peixoto, no comando de uma pequena esquadilha fluvial composta do rebocador Taquari e lanchões São João e Garibaldi. Estes, armados, combateram e destruíram canoas dos bogavantes paraguaios usados para transpor o Uruguai e fazer a ligação entre as colunas invasoras que marchavam de um lado e outro do rio Uruguai, constituindo-se em fator importante para a vitória.

Em cerca de 55 dias de marcha, desde São Borja, Estigarribia atingiu Uruguiana em 5 de agosto de 1865, sempre acompanhado de perto por Canabarro. E ali hasteou a bandeira paraguaia, o que causou profunda mágoa em todo o Brasil e acusações infundadas às fracas tropas de Canabarro e a este chefe.

Foi nomeado para comandar a reação à invasão o Conde de Porto Alegre – Ten Gen Ref Manoel Marques de Souza III, como comandante do Exército do Sul.

D. Pedro II, decorrido um mês da invasão do Rio Grande por São Borja, deixou o Rio em 10 Jul 1865, via marítima. Chegou a Uruguiana, após dois meses de viagem, em 11 Set 1865. No Rio Grande do Sul percorreu este itinerário: Rio Grande – Porto Alegre – Rio Pardo – Cachoeira – Caçapava do Sul – São Gabriel – Alegrete e Uruguiana.

Em 18 Set 1865, decorridos sete dias da chegada de D. Pedro II, os paraguaios se renderam aos exércitos do Brasil, da Argentina e do Uruguai, em presença do Imperador e dos

presidentes Mitre e Flores, da Argentina e do Uruguai, respectivamente. Representou os aliados no ato de rendição o Conde de Porto Alegre. Os paraguaios foram representados pelo Ten Cel Estigarríbia.

Renderam-se em Uruguaiana 590 oficiais e 5.131 soldados paraguaios, rendição que detalhamos na História da 2ª Bda C Mec, em parceria com o Cel Caminha e com apoio na obra do Conde D'Eu, testemunha ocular, em seu **Diário de Viagem** publicado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Personagem que abordamos em parceria com o Cel Caminha na **História da AD/6**, da qual ele é o patrono ou denominação histórica (**AD Marechal Gastão de Orleans**).

A História do Exército Brasileiro, v. 2 (pág. 612-623), também trata desse episódio, assim como nosso parceiro nesta obra, Sgt Carlos Fonttes, em seu livro **Retomada de Uruguaiana**, 1994.

Canabarro foi alvo de muitas injustiças, as quais tentamos reparar ao focalizá-lo em **O Exército Farrapo e seus chefes**. Rio: BIBLIEX, 1992 v.1. Assunto que foi amplamente focalizado por Ivo Caggiani em **Davi Canabarro**. P. Alegre: Martins Livreiro, 1990). E tudo para demonstrar que, segundo Galileu Galilei, *“A verdade é filha dos tempos e não da autoridade”*.

A própria **História do Exército Brasileiro** – citada e editada pelo Estado-Maior do Exército, assim justifica Canabarro, que não pertencia aos quadros do Exército. Era apenas um brigadeiro honorário:

“Razões que justificaram o inimigo incursionar impunemente desde São Borja e Uruguaiana:

- A falta de instrução, equipamento, organização precária das tropas, a maioria constituída de guardas nacionais e voluntários há poucos mobilizados.

- Perda de tempo na junção da divisão do Barão de Jacuí com a de Canabarro”.

Talvez o atraso se explique pela inimizade entre os dois.

Eram elas tropas civis mobilizadas na emergência. Canabarro, em realidade, usou a guerra à gaúcha que explicamos no citado **O Exército Farrapo e seus chefes**.

Um Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional das Missões no Paraguai

Dionísio Cerqueira assim descreve uma tropa da Guarda Nacional da Fronteira das Missões em sua obra **Reminiscências da Guerra do Paraguai**:

“Quando me fui postar a frente do meu contingente, aproximava-se da casa uma força de Cavalaria da Guarda Nacional do Rio Grande. Montavam todos à brida, (estribos esticados) com as pernas estendidas e a ponta do pé apenas tocando o estribo.

Fizeram alto e apearam. Havia oficiais, inferiores e soldados. Alguns tinham barbas longas que lhes desciam até o peito, e cabelos trançados que chegavam quase à cintura.

Seu guisamento (aperos, armamento e equipamento) era digno de nota: Longas adagas de fortes punhos com virotes em cruz e bainhas de prata lavrada. Pesadas chilenas (esporas) também de prata, com tão longos copetes (correntes para prender as esporas) que lhes chegavam aos artelhos, e cossouros (rosetas das esporas) de tal diâmetro que lhes dificultavam a marcha. Chapéu de feltro de abas estreitas cobertos de ganga vermelha (mancha de suor com poeira vermelha das Missões) e presos por barbicachos de borla à ponta do nariz. Bombachas vermelhas ou negras e ponches de vicunha de cores vivas ou de outros estofos, bordados a seda e agaloados. Espadas de ferradura, com três dedos de largura.

Lanças imensas de conto (extremidade da lança de apoio no estribo) de prata ou aço polido, de choupa (ponta de ferro ou aço da lança) longa e brilhante, com galhos direitos ou em meias-luas invertidas, os cornos ponteagudos voltados para cima e para baixo, que mais pareciam lâminas de corregues e partazanas alemãs.

Um par de pistolas à cinta, na pistoleira (coldre) que era a larga guaiaca, espécie de bálteo coberto de chaparias e moedas, onde guardavam onças e libras de ouro, patações e

bolivianos de prata

Os cavalos tinham as crinas tosadas em cogotilho e as colas atadas. Cada cavalo tinha em cima um montão de prataria lavrada e cabeçadas com grandes meias-luas nas testeadas. As rédeas de bombas ou passadores chatos ou esféricos. As bridas de fortes cãibras, os florões e copas, os largos fiadores de chapas e filigrana, os buçais, os cabrestos, as cabeças dos serigotes (das selas ou lombilhos), os estribos do século XVI (de grande picaria com longos bocais cilíndricos ou faceados), as cantoneiras das caronas de pele de tigre, os rabichos e os peitorais; tudo era de fina prata, lisa ou cinzelada.

Sobre os lombilhos e serigotes, pelegos negros, cobertos por uma badana e sobrecincha de couro de lontra, ou de veado, ou cinchões escarlates bordados e franjeados.

Todos tinham boleadeiras (três esferas) revestidas de couro, umas de marfim, outras de ferro retovadas de couro, presas debaixo dos pelegos do lado da garupa. Em muitos, viam-se laços bem trançados e presos ao cinchador, do lado direito, enrodilhados sobre a anca e atados aos serigotes por um tento de lonca. Poucos traziam na argola da sugigola ou do peitoral a chaleirinha de mate. Era um quadro pitoresco.

Havia gaúchos altos e robustos, claros de olhos azuis e cabelos alourados, outros morenos, musculosos, de cabeleiras negras e barba rarefeita (caboclos).

Alguns de lábios grossos, dentes alvos, maçãs do rosto salientes, nariz achatado e cabelos cacheados caindo sobre os ombros (mulatos), um e outro negro. Parecia uma cabila de guerreiros da Maurítânia.”

Este relato atesta a intensa miscigenação do branco, negro e índio, da qual resultou o gaúcho depois de 200 anos de mistura, desde a fundação da Colônia de Sacramento. Esta força era possivelmente da região missioneira, a julgar-se pela poeira vermelha na canga vermelha que apresentavam na copa de seus chapéus.

Nota: Nesta região o Negro era pouco presente e os assinalados neste relato, numa proporção que estimamos de 15%

sobre o total, eram o que poderíamos dizer, de posses, pela riqueza dos trajes, armamentos e arreamentos.

Esta página pode dar uma realidade aos tradicionalistas gaúchos missioneiros de como se vestia e montava um filho da região de 1865-70. Fornece também argumento valioso para uma reconstituição cinematográfica fiel, além de motivo para um pintor. Muitos termos usados não conseguimos traduzir o seu significado, o que deixamos para os tradicionalistas o fazerem.

1882 – 19 de abril

Nasce em São Borja Getúlio Vargas



Aluno Getúlio Vargas quando aluno da Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo (1900 a Mar1903)

Em 19 de abril de 1882 nasceu em São Borja Getúlio Vargas filho do General Honorário do Exército Manoel do Nascimento Vargas, veterano da Guerra do Paraguai e de D. Cândida Dornelles Vargas.

Getúlio, para ser oficial do Exército, sentou praça na guarnição de São Borja em 1898. A seguir, matriculou-se na Escola Preparatória e Tática de Rio Pardo em 1900, de onde foi desligado e retornou à tropa em maio de 1903, vítima de uma injustiça que abordamos no livro **Escola Militares de Rio Pardo 1859-1911**. Porto Alegre: AHIMTB/IHTRGS, Gênese, 2005 p. 79/81.

Em Rio Pardo, foi colega dos futuros marechais Eurico Gaspar Dutra e João Batista Mascarenhas de Moraes, mais tarde seus auxiliares como Presidente da República. Coursou esta escola por cerca de 3 anos e 4 meses. Foi integrante do Exército por cerca de 6 anos.

A sua passagem pelo Exército e as ligações militares do

pai, veterano da Guerra do Paraguai e da Guerra Civil de 1893/95, em razão da qual foi promovido a general Honorário do Exército, foram decisivas na compreensão, por Getúlio, dos problemas da Forças Armadas do Brasil, ao empenhar-se para a sua modernização e desenvolvimento, o que traduzimos em artigo comemorativo do seu centenário na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: ***Getúlio Vargas e a evolução da doutrina do Exército 1930-45***. Volume 339 p. 63 -71. Artigo no qual, à certa altura, reproduzimos a sua declaração em discurso às Forças Armadas em 12 de dezembro de 1940:

“Como vós fui soldado e encontrei na camaradagem das armas uma escola de lealdade, abnegação e desinteresse, com o que continuo servindo o Brasil, somando o meu esforço ao vosso e a todos os patriotas, para torná-lo cada vez mais próspero”.

Sua contribuição para o progresso, em relação ao Exército, foi a mais marcante da História do Brasil. Aí estão para confirmar as modernas construções da Academia Militar das Agulhas Negras, da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, do Instituto Militar de Engenharia e do Palácio Duque de Caxias, no Rio, entre outras iniciativas que registramos no citado artigo.

Quando do falecimento do Presidente Vargas, éramos cadete do último ano e concorremos em sorteio para integrarmos a Guarda de Honra a que ele tinha direito, e fomos sorteados. E depois de uma viagem noturna cheia de incidentes numa viatura militar chegamos ao Palácio do Catete, depois de atravessarmos, com dificuldades, enorme massa popular nas imediações do citado Palácio. E ali chegando, a Guarda de Honra foi dispensada pela família, conforme comunicado pelo General Aguinaldo Caiado de Castro, Chefe da Casa Militar e que comandara na FEB o 1º Regimento de Infantaria – Regimento Sampaio.

Não tendo onde pernoitar, permaneci no interior do Palácio testemunhando os fatos ali ocorridos até o amanhecer, para retornar a Resende de trem. Durante a viagem meu co-

lega cadete Álvaro Escobar, inspirado poeta, escreveu uma poesia sobre o evento a qual guardei por longos anos, terminando por ser extraviada por ter sido escrita num papel com que se enrolava pão. Um pão que compramos para disfarçar a fome até chegarmos na AMAN.

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil consagrou Getúlio como patrono da cadeira especial Getúlio Vargas, a ser ocupada por acadêmico em São Borja da Delegacia local da AHIMTB, Delegacia General Souza Docca, grande historiador militar nascido em São Borja.

A Fronteira de São Borja na Guerra Civil 1893/95 O final da Grande Marcha de Gumersindo Saraiva



Gumersindo Saraiva
líder federalista

Para combater a Revolução de 93 foi organizada em São Borja a Divisão Norte, ao comando do General Honorário do Exército Francisco Rodrigues Lima, pai de Getúlio Vargas.

Uma parte desta força comandou o General Honorário do Exército Manoel do Nascimento Vargas.

O General Rodrigues Lima era o comandante da Guarnição e Fronteira das Missões, atual área da 1ª Bda C Mec.

À Divisão do Norte coube enfrentar Gumersindo Saraiva, em 10 Ago 1894, em Carovi, Santiago, RS. Neste local ele foi ferido mortalmente com um tiro pelas costas, no tórax, quando realizava um reconhecimento, e faleceu no dia seguinte.

Em sua perseguição havia partido de Tupanciretã a Brigada Militar, ao comando do Cel do Exército Pantaleão Telles, incorporado à tropa da Divisão Norte, ao comando do Gen Honorário Manoel do Nascimento Vargas.

Dois dias depois de descoberto o sepultamento de Gumersindo em Santo Antônio, ele foi desenterrado e profanado seu cadáver por ordem do chefe civil Cel Firmino de Paula. Seu cadáver foi colocado à margem da estrada para escárnio e execração pelos integrantes da Divisão Norte. A língua do líder federalista foi cortada, mas não por Firmino de Paula, segundo o historiador Arthur Ferreira Filho, patrono de cadeira especial da AHI-MTB, e nem pela Brigada Militar, segundo o seu historiador o Ten Cel PMRS José Luiz Silveira, patrono de cadeira na AHIMTB, em sua obra **Notícias Históricas 1735 – 1898**.

Em Caroví teve seu final a épica grande marcha de Gumersindo, de Jaguarão até Ponta Grossa no Paraná, depois de ser retardado por 40 dias na Lapa, PR, pelo Cel Gomes Carneiro. Retardamento que deu tempo ao presidente Floriano Peixoto de comprar no estrangeiro uma Esquadra Legal e organizar a resistência na Fronteira Paraná-São Paulo. Medidas que terminaram por obrigar Gumersindo Saraiva a bater em retirada, sofrida e épica para o Rio Grande do Sul, até ser alcançado em Caroví, depois de percorrer a cavalo cerca de 3.000 km.

Em que pese sua posição de revolucionário na época, querendo em sua Marcha depor o presidente Floriano Peixoto, hoje, do ponto de vista militar, Gumersindo Saraiva goza de admiração profissional no Exército, ao lado do Marechal Floriano Peixoto e do Cel Gomes Carneiro.

Gumersindo Saraiva foi assim visto em pesquisa sobre Chefia e Liderança Militar realizada na Escola de Comando e Estado-Maior, a qual sintetizamos na Revista **A Defesa Nacional** nº 760, Abr/Jan 1993 p. 189, no artigo Revolução Federalista de 1893, lições de Arte e Ética

Militar:

“Gumersindo Saraiva revelou coragem física e moral, energia, espírito de renúncia e de sacrifício, audácia, afetividade aos seus homens, os quais considerava ‘o seu cardume’. Audaz e intrépido guerrilheiro que na sua grandeza d’alma tinha o mais elevado conceito de cavaleirismo. Era este o seu segredo e onde residia a sua força que eletrizava multidões e fascinando o seu bravo adversário”.

A sua grande marcha foi acompanhada e testemunhada pelo médico baiano Dr. Ângelo Dourado em **Voluntários do Martírio**. Porto Alegre. Martins Livreiro 1977.

Convidados pelo governo do Paraná, participamos como historiador militar terrestre de Simpósio sobre a Revolução de 93, previsto na Constituição do Paraná.

E realizamos palestra sob o título **Os cercos de Bagé e da Lapa – duas resistências épicas na História Militar do Brasil**. Publicamos esta palestra na Revista **A Defesa Nacional** nº 767, 1995, Jan/Mai. Lamentavelmente outros trabalhos produzidos queimaram no incêndio da Biblioteca Legislativa do Paraná e não vieram ao conhecimento do público, ao que sabemos.

Na região de Caroví teve fim a atuação de Andresito Artigas, onde foi batido para a seguir ser feito prisioneiro, em 24 de junho de 1819, para desaparecer mais tarde e ser ignorado até hoje o seu destino, após ter chegado a Montevidéo, conforme visto anteriormente.

Sobre Gumersindo Saraiva lembro de uma medalha que meu pai possuía onde estava inscrita esta frase a qual muito apreciava: “Liberdade não se implora de joelhos e se a conquista de espada em punho.”

É grande ainda em Canguçu a colônia de representantes da família Saraiva. O Pai de Gumersindo dali saiu e foi descendo até radicar-se no Uruguai. Mas voltou com frequência a esta cidade para visitar parentes e batizar seus filhos na igreja de Vila Freire, conhecida também por Cerrito Velho.

CAPÍTULO SEGUNDO

A cidade de Santiago sua história

Colonizado tardiamente, o Rio Grande do Sul foi o resultado de uma civilização de forte influência militar, como resultados de lutas ali sustentadas por Portugal e depois pelo Brasil, com os espanhóis e seus descendentes, por cerca de quase dois séculos, de 1680 a 1870.

A Região Missioneira, em que se inclui a cidade de Santiago, pertenceu, na sua fase inicial, a vários municípios.

No início do século XVIII, pertencia à Comarca de São Borja. Depois, por volta de 1858, para a comarca de Itaquí, para retornar novamente a São Borja mais tarde, tendo também sido incluída na de São Vicente. Somente em 1884, com a Lei Provincial de nº 1427, de 4 de janeiro, adquiriu autonomia própria vindo, a 25 de agosto daquele ano, a ser efetivada a instalação do município.

Em 26 de dezembro de 1886, a Lei Provincial nº 589 criava sua Paróquia, que foi elevada à categoria de Vila pela Lei Provincial nº 1.427, de 4 de janeiro de 1884, e instalada em 25 de agosto de 1884. Foi elevada à categoria de cidade, em 31 de março de 1938, pela Lei nº 1.199.

O município de Santiago está localizado geograficamente na chamada “Região das Missões”, com 436 m de altitude e situada num cruzamento de estradas. No tempo dos “Sete Povos das Missões”, descendo a serra de São Xavier para a região da campanha, encontramos a Chapada do Boqueirão, ladeada por arroios, escarpas e serranias.

Fora chamado na época por “EL BOQUERON DE LAS

SIERRAS”, provavelmente a origem da denominação da cidade, em épocas passadas, de Santiago do Boqueirão. Da elevação em que assenta, partem duas remotas nascentes, do Curuçú e do Itú. É justamente aí que começa o Boqueirão, coxilha seca que se prolonga até as terras arenosas e baixas de São Francisco de Assis, já no vale do Jaguari-Grande.

Conforme historiadores da época, a origem da cidade provavelmente tenha partido daí, ou seja, viajantes passando por este ângulo obrigatório de caminhos, conduzindo tropas fronteiriças, foram assentando os primeiros arranchamentos, como sede provisória de pouso, dando origem à “Terra dos Poetas” – literalmente cognominada.

Com grande participação do Rio Grande do Sul, a Revolução de 1893 foi um dos grandes movimentos revolucionários, com combates ferozes. A Vila de Santiago vem a participar do fatídico Combate do Carovi, quando tropas legalistas da Divisão do Norte chocam-se com forças revolucionárias de Gumersindo Saraiva, a 1º de agosto de 1894 e, desse embate violento, naquelas canhadas missioneiras, perde a vida aquele caudilho, ficando seus despojos naquele lugar, que viria a ser, mais tarde, uma verdadeira “via crucis”, tendo sido por várias vezes profanada sua sepultura, degolado e entregue ao relento. (Na obra de Sejanos Dorneles, “GUMERSINDO SARAIVA – O Guerrilheiro dos Pampas” – EDUCS/1988, aquele historiador nos esclarece pormenores com maiores detalhes sobre aquele caudilho.

Em 1923, vários combates são travados em seu solo quando, a 23 de junho, a vila de Santiago do Boqueirão foi inteiramente ocupada pelos rebeldes de Tamaris Trinchado.

Em 17 de julho, a vila foi novamente cercada pelo Cel Mário G. da Rosa, revolucionário, sendo repellido pelo Cel legalista Lucas de Araújo Oliveira. A 4 de outubro, o Cel Mário G. da Rosa volta a ocupar a vila, após ter sido abandonada quando, finalmente, em 6 de outubro, a vila, estando nas mãos dos revolucionários ao Comando de Honório Lemes, o Gen Flores da Cunha aproxima-se com sua tropa legalista pondo a correr os revolucionários.

Existem várias versões sobre a origem do nome do município. Uma delas diz ter surgido de um espanhol chamado Santiago que residia na atual localidade de Boqueirão. Este espanhol, sempre prestativo, o qual colocava sua morada à disposição dos viajantes, é que teria emprestado o seu nome ao reduto missioneiro, sendo esta versão muito antiga.

Passando por esta região, Auguste de Saint'Hilaire, por volta de 1821, já se referia, no seu diário "Viagem ao Rio Grande do Sul", à Estância de Santiago. Embora a antigüidade da versão, o nome do Município parece também estar ligado à fundação da capela jesuítica que se situava na sede do posto da estância de Santiago. Esta capela teria sido erguida por volta de 1629, quase duzentos anos antes da passagem de Sant'Hilaire.

A Igreja Católica porém, nunca teve entre os seus santos um São Tiago ou San Tiago e sim, um Sant'iago que talvez tenha inspirado a denominação àquela estância.

A cidade de Santiago teve várias denominações, o que até hoje provoca discussões sobre a real origem de seu nome. A denominação mais antiga que se encontra refere-se a Durasnal de Santiago.

Durasnal, palavra de origem espanhola, quer dizer pessegueiral. Foi chamado também de São Xavier, ou distrito de São Xavier, certamente por ficar próxima da serra do mesmo nome. Posteriormente, Boqueirão do Santiago, Povinho do Boqueirão, Boqueirão, Povinho, Santiago do Boqueirão e, finalmente Santiago. Alguns documentos chegam a referir São Thiago ou São Tiago.

A presença constante do Exército Brasileiro nas plagas missioneiras de Santiago, deve-se ao fato da localização estratégica do município oferecer condições para a instalação de unidades militares.

No início do século XX, com a vinda da missão Militar Francesa ao Brasil, após as grandes manobras efetuadas na região do Saicã, comissões do nosso Exército acamparam na fazenda de João Evangelista Dornelles, onde realizaram estudos topográficos da região, para as futuras instalações de nossa presença militar naquela área. E assim, desde sua pre-

sença nesta cidade, o Exército tem mantido as mais estreitas relações com a população local, envolvendo-se com grande empenho nas campanhas de interesse público.

Numa das publicações inseridas em nossos arquivos, extraímos o seguinte, o qual transcrevemos na íntegra:

“A acolhida da gente santiaguense aos militares, geralmente vindos de outros pontos do país, sempre foi sincera e calorosa. Sentindo-a, o então Major Salm de Miranda, em 1944, dedicou ao município este belo soneto, incluído no Relatório do Prefeito Tito Beccon, relativo ao biênio 1948/49, de sua administração:

RINCÃO CRIOULO

Sobre o tope altaneiro da coxilha,
Sentinela avançada da fronteira,
Bravura de lanceiro farroupilha,
Tradição de bondade missioneira...

Em teus campos, ao sol e à geada, brilha
A estância, alma dos pampas, sobranceira!
Amo o galope alegre da tropilha
E a gaita... no galope da “rancheira”...

Reduto ameno do costume antigo,
Que lembra a luta brava em campo largo,
Daqueles tempos que bem longe vão!...

Vida simples, campeando o gado amigo,
Um “matambre”, uma “china” e um mate amargo,
No aconchego do fogo do galpão...

(Este poema exprime, ainda, o carinho... e quem um dia foi acolhido nesta terra”).

Nota: Na presente sinopse histórica da cidade de Santiago, foram extraídos trechos do trabalho de pesquisa, elaborado por Valdir Amaral Pinto, que auxiliou o 9º B Log – “Batalhão

Cidade de Santiago”, para sua denominação histórica, onde possui a obra inédita de Antônio Carlos Machado “Santiago, minha Terra”.

Canção da 1ª Bda C Mec

Letra: Cb JOÃO BATISTA DOS SANTOS

Música: 3º Sgt Músico MÁRIO JORGE DA SILVA

Por estes campos do Brasil Meridional
Tua história se perde distante
Na lembrança dos bravos soldados
Que fizeram de ti triunfante

Primeira Brigada de Cavalaria
Herdeira da mais nobre tradição
Na fronteira cravaste tua lança
Demarcando os limites deste chão.

Quando esteve ameaçada a fronteira
Foste indômita heróica e audaz.
Honrando sempre nos campos de batalha
A missão da defesa, ordem e paz

Primeira Brigada de Cavalaria
Herdeira da mais nobre tradição
Na fronteira cravaste tua lança
Demarcando os limites deste chão.

Hoje o nobre tropel da cavalhada
E o som da carga de cavalaria
Deram lugar à explosão dos motores
Que combatem com força e valentia.

Primeira Brigada de Cavalaria
Herdeira da mais nobre tradição
Na fronteira cravaste tua lança
Demarcando os limites deste chão.

JOSÉ LUIZ, teu insigne patrono.
Cujo exemplo marcou nossa história
Foi seguido por soldados valorosos
Legando ao Brasil sua grande glória!

Primeira Brigada de Cavalaria
Herdeira da mais nobre tradição
Na fronteira cravaste tua lança
Demarcando os limites deste chão.

Enquanto a Fanfarra toca o estribilho, um instrumento executa os seguintes toques:

- (1) Toque de “Cavalaria”
- (2) Toque de “Cavalaria Mecanizada”
- (3) Toque de “Carga”
- (4) Toque de ‘Aí vem Manuel Luis’

A canção da 1ª Bda C Mec foi elaborada em Nov 98 e tem letra do Cb João Batista dos Santos, do Esqd Cmdo, e música do 3º Sgt Mus Mário Jorge da Silva.

(A canção da 1ª Bda C Mec anda não foi aprovada pelo Centro de Documentação do Exército).

Denominação Histórica da 1ª Bda C Mec

A Denominação Histórica e Estandarte Histórico da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada foram a ela concedidos pela Portaria Ministerial nº 277, de 28 de maio de 1993, cujo teor é o seguinte:

Portaria Ministerial nº 277, de 28 de maio de 1993

CONCEDE À 1ª BRIGADA DE CAVALARIA MECANIZADA A DENOMINAÇÃO HISTÓRICA “BRIGADA JOSÉ LUIZ MENNA BARRETO” E O ESTANDARTE HISTÓRICO

O Ministro de Estado do Exército, de acordo com as IG 11-01, aprovadas pela Portaria Ministerial nº 409, de 29 de abril de 1987, e acolhendo parecer da Secretaria-Geral do Exército, após ouvido o Centro de Documentação do Exército, RESOLVE:

Conceder à 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, com sede em Santiago, RS, a denominação histórica “BRIGADA JOSÉ LUIZ MENNA BARRETO” e o respectivo estandarte histórico, constante do modelo anexo, com a seguinte descrição heráldica:

“Forma retangular, tipo bandeira universal, franjado de ouro. Campo de branco, cor representativa da Arma de Cavalaria. Em abismo, duas lanças cruzadas, de ouro, com bandeirolas vermelhas, contendo um losango de branco, tudo filetado de ouro, simbolizando a Arma de Cavalaria em ações de combate, carregadas com um escudo francês filetado de ouro, com chefe de branco, contendo o símbolo da Arma de Cavalaria de vermelho, carregado com o número 1, de ouro, relembrando a 1ª Divisão de Cavalaria, formadora da atual Brigada. No campo do escudo, o Brasão de Armas da família Menna Barreto. Envolvendo todo o conjunto, a denominação histórica “BRIGADA JOSÉ LUIZ MENNA BARRETO”, em arco e de ouro. Laço militar com as cores nacionais, tendo inscrito em caracteres de ouro a designação militar: “1ª Bda C Mec”.

Assinado: General de Exército Zenildo Gonzaga Zoroastro de Lucena, Ministro do Exército.

Estandarte Histórico da 1ª BdaCMec

Em cerimônia realizada no QG, em 3 Novembro 93, a família Menna Barreto, representada pelo Gen Ramão Menna Barreto e pelo Sr. José Luiz Monclaro Menna Barreto, bisneto do Patrono, entregou ao Cmt da Bda, Gen Rosali-



no Hernandez Candia, o Estandarte Histórico. O Gen Ramão agradeceu em nome da família e apresentou à tropa os principais feitos do Marechal ao longo de uma vida dedicada ao Exército e à defesa da integridade do solo pátrio.

Em 30 Ago 07, o Estandarte da 1ª Bda C Mec foi condecorado com a Medalha Marechal Machado Lopes, em cerimônia presidida pelo então Cmt da 3ª DE, Gen Adriano Pereira Júnior e pelo Cmt da Bda, Gen Edson Leal Pujol.



A Medalha Marechal Machado Lopes tem por motivação exaltar a figura insigne do ex-comandante do 9º BECmb (Aquidauana, MS) da FEB, hoje Patrono da Engenharia Expedicionária Brasileira na Itália. Foi criada pela

Associação Nacional dos Veteranos da FEB, Secção Regional de Mato Grosso, da qual o Sr. Eber Bentim é membro.

(Na foto acima um aspecto do evento)

Insígnias de Comando

A Insígnia de Comando ao lado foi usada pela então 1ª DC de 1908 a 1974.

Com a transformação da DC em Bda C Mec, a insígnia passou a ser a da foto abaixo.

(Colaboração do Cmdo da 1ª BdaCMec e de Eber Bentim)



Distintivo Histórico da 1ª Brigada C Mec

Portaria Ministerial nº 32, de 27 de janeiro de 1994: CONCEDE À 1ª BRIGADA DE CAVALARIA MECANIZADA O DISTINTIVO HISTÓRICO

O MINISTRO DE ESTADO DO EXÉRCITO, de acordo com as IG 11-01, aprovadas pela Portaria Ministerial nº 409, de 29 de abril de 1987, e acolhendo parecer da Secretaria-Geral do Exército, após ouvido o Centro de Documentação do Exército, RESOLVE:

Conceder à 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, com sede em Santiago - RS, o Distintivo Histórico, constante do modelo anexo, com a seguinte descrição heráldica:

“Escudo francês filetado de ouro, com chefe de branco, contendo o símbolo da Arma de Cavalaria de vermelho, carregado com o número 1, de ouro, relembrando a 1ª Divisão de Cavalaria, Unidade formadora da atual Brigada. No campo do escudo, o Brasão de Armas da família Menna Barreto”.



O Patrono da Brigada

Descrever a biografia do ilustre patrono da nossa Brigada, na figura ímpar do Marechal de Campo JOSÉ LUIZ MENNA BARRETO, nos traz a ascendência genealógica de uma grande família de soldados que se dedicaram inteiramente ao serviço da Nação Brasileira onde escreveram brilhantes páginas em nossa história.

Nasceu nosso biografado em 24 de outubro de 1817, em Porto Alegre, na antiga Província de São Pedro do Rio Grande, filho do Cel José Luiz Menna Barreto (que tombou no combate do Rincón



de Gallinas, em 24 de setembro de 1825) e de Dona Thereza Menna Barreto. Foram seus irmãos: Cel José Joaquim Menna Barreto, por parte de pai (do casamento com Dona Emília de Sampaio), Alfredo Rodrigues Menna Barreto, Maria Camila de Sampaio Menna Barreto (casou com o Ten Cel Pedro Álvares Cabral da Silveira da Cunha Godolphim), Cel João Sabino de Sampaio Menna Barreto e o Major (Cel da Guarda Nacional) Antônio Victor de Sampaio Menna Barreto.

Casou em 1^{as} núpcias com Maria Francisca Menna Barreto, matrimônio do qual teve uma filha, Amabilia Menna Barreto. Em 2^{as} núpcias, casou com sua prima Rita de Cássia Menna Barreto (filha do Marechal Gaspar Francisco Menna Barreto) e tiveram três filhos: Gen João de Deus Menna Barreto e Raquel Menna Barreto e mais um.

Na obra escrita por um de seus descendentes, “Os Menna Barreto — Seis Gerações de Soldados”, o autor nos reproduz na íntegra as características guerreiras do nosso Patrono:

“...Foi o Marechal José Luiz, de todos os representantes desta heróica dinastia, o que mais se elevou por seu próprio valor pessoal pois, ficando órfão na mais tenra idade, lutando com a pobreza desde que saiu do berço, conquistou palmo a palmo o terreno que percorreu, à custa dos maiores sacrifícios, sem nunca desanimar.

José Luiz apresentava um físico de robustez admirável, de estatura alta e elegante, como o seu tio, Marechal João Propício Menna Barreto, Barão de São Gabriel. Tinha o olhar meigo, vivo, e era seco à primeira vista, porém delicado e dócil na intimidade e na família.

Do grave ferimento que recebeu na batalha de 03 Nov 1867 em Tuiuti (uma bala lhe atravessou o rosto, arrancando-lhe parte do maxilar superior), comandando a 1^a Divisão de Cavalaria, Grande Unidade que deu origem à 1^a Bda C Mec, as cicatrizes deixaram-lhe em ambas as faces, repuxadas pela sutura, a estranha aparência de constante sorriso, como o do herói do romance de Vítor Hugo, “L’HOMME QUIRIT”.

“Nenhum chefe militar entre nós sabia, como ele, manter a rigidez da disciplina de modo a não ferir os melindres de

seus comandados...”

O seu batismo de fogo veio a efetuar-se quando contava com 19 anos de idade, participando, na cidade de Porto Alegre, da defesa daquele município contra a invasão farroupilha, em data de 30 de junho de 1836. Em 20 de julho, novamente repele os revolucionários daquela cidade e, a 6 de setembro, tomou parte no assalto à Capela Grande. Toma parte, ainda, nos combates da cidade do Rio Pardo, em 1º de janeiro de 1837, e em Porto Alegre, nos dias 25 de julho e 29 de setembro.

Conforme ofício do Presidente da Província, de 31 de outubro, foi-lhe autorizado a contar o seu tempo de praça de 1ª linha, a partir de 15 de junho de 1836, em que iniciara a servir na Guarda Nacional, onde assentara praça.

Em 20 de agosto de 1837, é promovido a Alferes para servir no 2º Regimento de Cavalaria Ligeira; em 02 de dezembro de 1838, ao posto de Tenente, e, a 23 de julho de 1844, de Capitão. Participou, ainda, das questões com o Uruguai (1851/52), comandou o 1º Regimento de Cavalaria da Corte, entre 1854/59 (atual Dragões da Independência), e o 4º Regimento de Cavalaria Ligeira, unidade formadora do 1º Regimento de Cavalaria Mecanizado (Itaquí-RS), pertencente à atual 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada. Comandou, também, as fronteiras de Jaguarão e São Borja.

Em 29 de julho de 1864 foi promovido a Brigadeiro, sendo nomeado Comandante da 2ª Divisão do Exército, formada na 3ª RM. Participou ativamente da Guerra do Paraguai, assistindo à rendição das tropas paraguaias ao Comando do Ten Cel Antônio de La Cruz Estigarribia, na cidade de Uruguaiana, e prosseguiu para o Paraguai, onde fez parte brilhante, tomando parte com grande destaque na Batalha de Tuiuti.

Comandou a 1ª e a 3ª Divisão de Cavalaria, o 2º Corpo de Exército em Itororó, e em Avaí a 2ª coluna de ataque sobre as posições de Lomas Valentinas. Passou a chefiar o Estado-Maior do Exército, participou da luta na Campanha das Cordilheiras, tendo grande destaque em Peribeubí. Veio a substituir Osório no Comando do 1º Corpo de Exército em 16 de agosto de 1865, tendo um grande destaque na batalha de Campo Grande.

Menna Barreto tinha uma qualidade comum a todos os seus: grande competência e bravura nas armas. Na Batalha de Campo Grande ou Nhuguaçu, ocorrida em 16 de agosto de 1865, e que foi uma das maiores, podendo ser comparada à de Tuiutí, veio Menna Barreto a se destacar com grande galhardia, atendendo a tempo e a hora as peripécias da ação, que foi longa e bastante renhida. Ficou imortalizada, a batalha, para a história, nos hábeis pincéis do artista Pedro Américo.

Naquele memorável dia, o Conde D'Eu comandava todos os Exércitos juntos, ocasião em que o Brigadeiro Menna Barreto, estava, interinamente, à testa do Comando do 1º Corpo de Exército, em substituição ao Gen Osório, que se encontrava adoentado em consequência de seu ferimento quando, de súbito, no seu mais ímpeto fragor, apareceu o Conde D'Eu que, preocupado com um improvável sucesso, veio assistir o desenrolar do combate com mais proximidade. Menna Barreto, na intenção de proteger o jovem Conde, colocou-se à frente do mesmo e lhe disse, com toda a singeleza:

“Não há necessidade de se expor tanto, a batalha está ganha. Se precisássemos de um grande exemplo, por parte do príncipe e general-em-chefe, eu não impediria por certo a Vossa Alteza de o dar, a bem da vitória de nossas armas.”

Desse fato constante de desprendimento, de audácia e conhecimento tático, teve o Brigadeiro Menna Barreto citação especial na Ordem do Dia, de 14 de novembro, em que Sua Alteza, o Conde D'Eu, enalteceu sua atuação.

Ao término da Guerra, foi-lhe confiado o Comando da Cavalaria do Exército para regresso ao território brasileiro e, posteriormente, o Comando da Fronteira das Missões.

Em 1º de abril, foi promovido a Marechal-de-Campo.

Por fim, foi nomeado Inspetor de Unidades em São Paulo, Santa Catarina, Espírito Santo e Rio Grande do Sul, até sua nomeação de Comandante da 3ª Região Militar, em 1878.

Veio a falecer no exercício de suas funções, em 10 de outubro de 1879 em Porto Alegre. Seus restos mortais se encontram no Panteão Riograndense, localizado no Cemitério da Santa Casa de Caridade de Porto Alegre, onde estão depositados os

restos mortais de importantes políticos e autoridades do Estado, sendo local visitado com frequência por estudantes e pelo público em geral.

Suas condecorações: Comendador da Imperial Ordem Militar de São Bento d'Aviz, Comendador da Imperial Ordem Militar de Cristo, Oficial da Imperial Ordem Militar do Cruzeiro, Comendador, Dignitário e Oficial da Imperial Ordem da Rosa, Medalha de Ouro da Campanha do Uruguai, Medalha de Ouro da Rendição de Montevidéu, Medalha de Ouro da Campanha do Paraguai com o Passador nº 5, Medalha de Mérito Militar, criada pelo Decreto 4.131, de 28 de março de 1869, pela notável bravura que mostrou no combate Batalha de Campo Grande, de 16 de agosto de 1869 (Batalha de Campo Grande).

Sobre o Marechal José Luiz Menna Barreto, assim se pronunciaram Oficiais de seu Estado-Maior:

“Nós que o acompanhamos, algumas vezes, ao Campo de Batalha, às linhas dos mais avançados atiradores, que tivemos ocasião de estudá-lo nos momentos supremos, de ver a sua imperturbável calma, que se revela na placidez do seu rosto, nos grandes perigos, por entre o fumo, debaixo da ação dos fogos inimigos, nos julgamos habilitados a considerá-lo bravo, como poucos o foram, dessa bravura que se não demonstra por feitos exteriores, quase sempre falsos e estudados, mas da que resiste a todas as infelicidades e à morte com o sorriso nos lábios”.

Eis, em síntese, a biografia do Patrono desta Brigada de Cavalaria Mecanizada, oriunda da 1ª Divisão de Cavalaria, que JOSÉ LUIZ MENNA BARRETO comandara.

A GRANDE REFORMA MILITAR

- Origem da 1ª Bda C Mec -

Enquanto os países da Europa, pelos meados do século XIX, modernizavam suas tropas militares, o nosso Exército estagnava-se, sem poder acompanhar os novos métodos de combate, pelo descaso do Governo Imperial. As experiências adquiridas nas guerras com os países do

Prata levaram nossos oficiais a introduzir novos meios de instrução e, principalmente, a modernização do material bélico. Assegura-se que esse descaso tenha tido grande influência para o novo Regime Republicano (1889).

Com o advento da República - mesmo tendo como Presidente, no Governo Provisório, o Marechal Deodoro da Fonseca (1889 a 1891), nada de concreto se estabeleceu no Exército para que se atendesse o desejo da tropa para a modernização, nem com a reforma de 1890 (Benjamin Constant). Porém, esta necessidade de reformar o nosso Exército vem a acontecer quando o gabrielense, Mal Hermes Rodrigues da Fonseca, então Ministro da Guerra, deu início à grande reformulação militar, tendo continuidade de sua ação ainda quando Presidente da República (1910 a 1914).

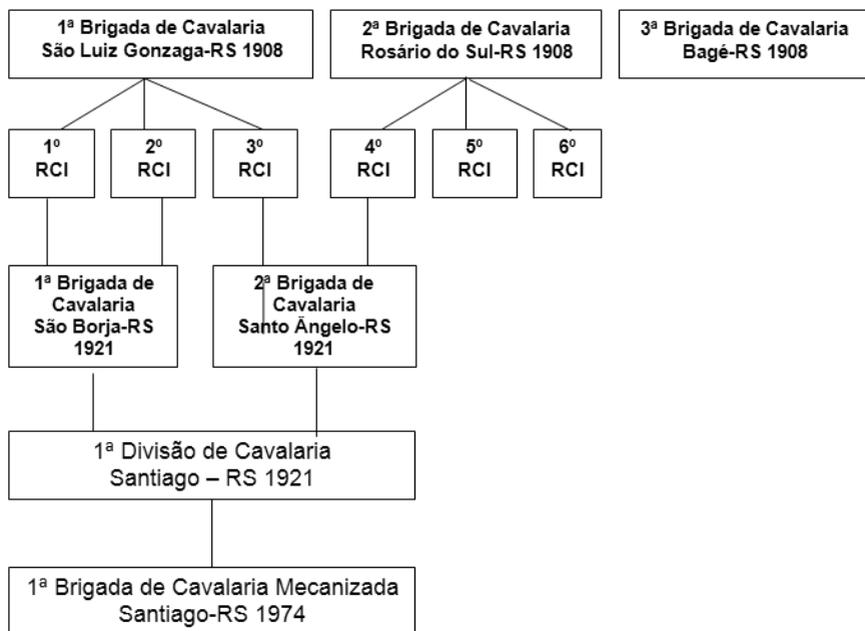
Conforme nos relata o historiador militar Cel Cláudio Moreira Bento, em sua obra "HISTÓRIA DA 3ª REGIÃO MILITAR", Vol II - 1995, extraímos o seguinte:

"...como Ministro da Guerra, sua ação se caracterizou por: - Criação de Brigada Estratégica; promulgação da Lei do Serviço Militar Obrigatório, do Sorteio Militar, do Voluntariado e da criação dos Tiros de Guerra; envio de oficiais para estágio no Exército Alemão, em 1910/12; aquisição na Europa de grande partida de fuzis Mauzer, metralhadoras Madsen e canhões Krupp, com as respectivas fábricas de munições; construções de novos quartéis; criação da Arma de Engenharia.

A 3ª RM passou a ter a seguinte Brigada Estratégica de Cavalaria: em São Luiz Gonzaga, a 1ª Brigada de Cavalaria. Assim, a 3ª RM foi contemplada pelo Dec nº 7.054 de 6 de agosto de 1908 com cinco Brigadas Estratégicas criadas, e a totalidade de cavalaria. O Rio Grande do Sul tornou-se a mais importante guarnição militar."

As Normas para a Preservação das Tradições das Organizações Militares do Exército Brasileiro, editado pelo Centro de Documentação do Exército, edição 1987, nos mostra o organograma da genealogia da atual Brigada.

Quadro Demonstrativo da origem das Brigadas de Cavalaria sediadas no Rio Grande do Sul (Extrato)



Fonte de Consulta: “Normas para a preservação das tradições das Organizações Militares do Exército Brasileiro” – Port Min Nº 745, de 16Jul87 –Editado pelo Centro de Documentação do Exército. }

De conformidade com a consulta feita pelo autor ao Centro de Documentação do Exército, quanto às dúvidas da data de criação da nossa 1ª Bda C Mec, aquele centro, através da chefia, Cel Manoel Soriano Neto, nos confirmou, em correspondência datada de 31 de março de 1998, que a Port 745/87, alterada pela 984/87, criou a chamada “numeração histórica” (ver cronograma anterior) e quanto à data de aniversário desta grande Unidade, ela está regulada pela Port Min nº 321, de 02 Jul 95, sendo portanto, conforme esta Portaria, comemorado o aniversário da Brigada em 21 Fev, tendo por base o ano de 1922.

Suscita-nos dúvidas o cronograma anexo, aprovado pela Port 745/87, quanto à sua criação, pois tendo a presente Brigada iniciada por volta de 1908, conforme o cronograma do CDoc e havendo a fusão de origem de outra OM, porque a data não poderia ser comemorada quando do início de sua formação genealógica? Para mais esclarecimentos, transcrevemos abaixo

complementos informativos enviados a este autor pelo Centro de Documentação do Exército, que confirmam nossa assertiva:

1908 - 1ª BRIGADA DE CAVALARIA

Parada: São Luiz Gonzaga - RS/ São Borja - RS (1915)
Santiago (1921)

Origem: Criado pelo Dec nº 6.971 de 04 Jun 1908

Transf: Em 1921, desmembra suas tropas, formando as 1ª e 2ª Brigadas de Cavalaria da 1ª Divisão de Cavalaria. (Dec nº 15.235, de 31 Dez 1921).

1921 – 1ª BRIGADA DE CAVALARIA DA 1ª DIVISÃO DE CAVALARIA

Parada: Santiago - RS

Origem: 1ª Brigada de Cavalaria (Dec 15.235, de 31 de Dezembro de 1921)

Transf: sem efetivo pelo Aviso nº 1.119 de 01 Nov 1939.

1921 — 1ª DIVISÃO DE CAVALARIA

Parada: Santiago - RS

Origem: 1ª Brigada de Cavalaria (Dec nº 15.235 de 31 de Dezembro de 1921)

Transf: 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada (Dec Res nº 01, de 11 de Novembro de 1971).

Como podemos ver pelo transcrito anteriormente, a atual 1ª Bda C Mec, formadora de outras grandes Unidades, já possuía sua resenha histórica, confirmada pelo CDoc.

No tocante à Portaria que determina a comemoração do seu aniversário em 21 Fev 1922 (Port 321/95) em nossos arquivos históricos, bem como informação do CDoc, considerado a “Casa da Memória da Força Terrestre”, nada consta que confirme algum fato histórico específico nesta data, que possa dar à Brigada confirmação do aniversário, com exceção da Port 321/95, que apenas determina comemorar-se nessa data. Nesta citada portaria, no item 3 - Condições de execução, a letra “f”, nos esclarece o seguinte:

“Uma OM formadora pela fusão de duas ou mais OM, adotará a data de aniversário da OM formadora mais antiga”.

Neste caso, salvo melhor juízo, por que não adotar realmente a data que originou a nossa Brigada, já confirmada pela

Port 745/87, do cronograma inserido neste? (Publicado pelo próprio CDoc).

Compulsando velhas Ordens do Dia e Boletins do Exército, encontramos o Decreto nº 6.971, de 4 Jun 1908, transcrito na Ordem do Dia nº 102, de 5 de junho, que cita a organização no Exército, das Grandes Unidades e quadro de oficiais, não relacionando, porém, a numeração indicativa das atuais Brigadas.

O registro histórico da 1ª Bda C Mec possui em seu acervo um livro manuscrito (de 07 Set 26 a 25 Ago 46), de grande e real valor, principalmente nas pesquisas sobre os comandantes das OM subordinadas à Brigada, de onde extraímos os assuntos importantes da história desta Grande Unidade.

O Decreto nº 15.235, de 31 de Dezembro 1921 (BE nº 1, de 05 Fev 22) e conforme instruções baixadas pelo Ministro da Guerra em 21 Fev 22, organizou o Exército Ativo em tempo de paz, constando ter sido instalada na cidade de Santiago do Boqueirão, a 1ª DIVISÃO DE CAVALARIA, que foi a primeira Organização Militar a chegar na cidade, seguida do 1º RCI e, posteriormente, do 4º RCI (atual 1º R C Mec - Regimento Sá Britto).

A presença do nosso Exército em Santiago teve, como principal fator, a excelente localização estratégica do município, pois buscava-se na época a reorganização do Exército, quando comissões visitaram a região, acampando na Fazenda de João Evangelista Dornelles, realizando estudos topográficos para a futura presença naquele município de organizações militares do Exército.

Possuía, naquela época, os seguintes elementos subordinados:

- 1ª Bda Cav com o seu QG em São Borja (com os 1º e 2º RCI)
- 2ª Bda Cav — com o seu QG em Santo Ângelo (com os 3º e 4º RCI)
- 1º e 2º Grupos de Artilharia a Cavalo (a uma Bateria cada), sediados em Itaqui e Santo Ângelo.

Conforme o arquivo particular do pesquisador Valdir Amaral Pinto, vamos encontrar um relatório anual (1925), do intendente do município SYLVIO WALLACE DUNCAN, que transcrevemos na íntegra:

“Em 1921, o então Intendente Cel Lucas Araújo Oliveira,

prometeu ao Governo Federal, representado por uma comissão militar que viera a esta vila, escolher o local para construção dos quartéis federais, a doação, por parte do Município, de um terreno para aquele fim.

Nesse sentido, dirigiu-se à Dona Celanira de Souza Mello, representante de seus filhos menores que eram os proprietários do terreno escolhido, tendo sido estipulado pelos vendedores o preço de 600\$000 por hectare, para uma área de 30 hectares.

Até agora, porém, apesar de quase concluídos os aludidos quartéis, o Conselho Municipal não se pronunciou sobre essa transação como privativamente lhe compete, equivalendo dizer, que nenhum compromisso ainda exista por parte do município. Sei, entretanto, que à vossa proibição repugnaria negar validade ao compromisso particularmente assumido pelo ex-intendente, e por isso, vos peço autorização, para, em nome do município, efetuar a compra daqueles terrenos e dos mesmos fazer doação ao Governo Federal.

Essa transação, entretanto, deve ser feita pelos 18000\$000, sem que se reconheça aos vendedores o direito de cobrar juros de mora, porque, além de ser muito alto o preço de 600\$000 por hectare, o Município só se constituirá devedor da referida quantia de 18.000\$000 depois que o Conselho se pronunciar sobre a conveniência da transação”.

Podemos ver a preocupação do Exército em adquirir local para as futuras instalações militares, os quais foram, mais tarde, doados pelo Município de Santiago

Em data de 7 de Setembro de 1926, (BI nº 193 da 3ª RM e nº 01 da Brigada), deu-se a instalação da nossa Brigada, na então Vila de Santiago do Boqueirão, ficando aquartelada numa das dependências do 1º Regimento de Cavalaria Independente. A solenidade foi presidida pelo seu primeiro Comandante, Cel PÉRICLES DE ALBUQUERQUE e assistida por autoridades locais.

Transcrevemos a seguir, a ata lavrada na data da criação da 1ª DC:

“Terceira Região Militar - Primeira Divisão de Cavalaria -
Ata de inauguração: Aos sete dias do mês de setembro do

ano mil novecentos e vinte e seis, nesta cidade de Santiago do Boqueirão, Estado do Rio Grande do Sul, e no Quartel do 1º Regimento de Cavalaria independente, com a presença do Sr. Coronel PÉRICLES DE ALBUQUERQUE Comandante da 1ª Divisão de Cavalaria e do Estado-Maior do Quartel General e demais autoridades militares e civis abaixo assinados, foi, de conformidade com o Boletim número cento e noventa e três, da Terceira Região Militar, inaugurada a sede da Primeira Divisão de Cavalaria em uma das dependências do Quartel do 1º Regimento de Cavalaria Independente e após a solenidade desse ato oficial, foram ouvidas todas as famílias e autoridades militares presentes a este ato. Assinam a presente ata: PÉRICLES DE ALBUQUERQUE, Coronel CARLOS DE PAULA EBECKEN, Cap chefe interino do Estado-Maior - FLORÊNCIO DE LIMA PY Cap Chefe da 1ª Seção - ARMANDO DE FREITAS ROLIN, 2º Tenente Ajudante - ALFREDO COSTA, Representante do Correio do Povo – Dr. FERNANDO DEL... - (ilegível) - ERNANI FROTA - (ilegível) - (ilegível) – Dr. GASTÃO B. DE NORONHA, 1º Ten médico - BENTO LUCAS, 2º Ten Com - HIPÓLITO M. DE CAMPOS, Cap Cmt do 1º RCI - ANTÔNIO SIMÕES NEIS, 2º Ten em Comissão - ALZIRA DORIA DE LEMOS, Agente dos Correios - JOAQUIM ALLA DE LEMOS, Escrivão do Júri MANUEL DOS SANTOS ABREU - (ilegível) - ARISTIDES CAMARGO - ELY CASTRO - OSCAR YUNG - PANTALEÃO SILVEIRA - JUSTINO CARDOSO DA SILVA, 2º Ten - HUGO PIO DE M. ALMEIDA, pelo Gen Aj Ordem. Em seguida à leitura e a assinatura da ata, foi procedida pelo 2º Tenente ARMANDO DE FREITAS ROLIM, Ajudante de Ordens Interino do Comandante da 1ª DC, a leitura do Boletim do Comando alusivo à data de sete de setembro, e para que a todo tempo conste, transcreveu-se aqui o referido boletim:

“Sete de setembro e Organização da Primeira Divisão de Cavalaria. O dia de hoje, é por certo, o mais sublime de nossa Pátria, por isso que comemoramos. Foi para realçar a comemoração desse insigne feito que o nosso digno chefe General Eurico de Andrade Neves, Comandante da Região, designou para hoje a inauguração da 1ª DC, com sede nesta Vila, cuja

organização ora se realiza, graças ao seu labor, no caminho pelo revigoramento de nosso Exército, conseguindo dar altos poderes da República, com poucos recursos disponíveis a organização desta grande unidade e de outras que se achavam sem efetivo. Congratulo-me pois, com tão distinto chefe e com todos os meus comandados, fica assim, nesta data, organizada e instalada a 1ª DC, com seu QG nesta Vila de Santiago do Boqueirão, em uma das dependências do Quartel do 1º RCI - BI nº 1, de sete de setembro de 1926. O 1º RCI que chegou à Vila de Santiago do Boqueirão, em 5 de setembro de 1925, para aquartelar-se no edifício que lhe foi destinado. Trouxe o efetivo de praças de 101 homens, inclusive graduados e mais os seguintes oficiais: Cap do 14º RCI, HIPÓLITO PAES DE CAMPOS, Comandante Interino e 1º Ten do 12º RCI, ROBES MULLER DE CAMPOS - Fiscal interino e 2º Tenentes Comissionados ANTÔNIO SIMÕES PIRES, do 12º RCI, Comandante Interino do 1º Esquadrão, BENTO LUCAS, do 1º RCI, Comandante Interino do 2º Esquadrão e JOÃO DE MELLO PILAR, do mesmo Regimento, como Subalternos. Compunha-se o QG da Divisão, dos seguintes oficiais: Cel PÉRICLES DE ALBUQUERQUE da 1ª Bda Cav, Comandante interino da 1ª DC; Cap do 3º RCI, CARLOS DE PAULA EBECKEN, Chefe interino do Estado Maior, Capelão do 2º RCI, FLORENCIO DE LIMA PY, Assistente interino, 2º Ten do 7º RCI, ARMANDO DE FREITAS ROLIM, Ajudantes de Ordens e do Sargento Ajudante Auxiliar da 1ª Bda Cav, GABRIEL MARTINS, servindo como adido ao QG. Conforme consta do Boletim da 3ª Região Militar nº 193, de 25 de agosto do ano corrente, fica constituído hoje, a 1ª DC, com sede na Vila de Santiago do Boqueirão, em uma das dependências do edifício destinado ao quartel do 1º RCI, compostas das 1ª e 2ª Bda Cav e do 1º e 4º GA Cav tendo como forças componentes: a 1ª Bda Cav constituída com o 1º e 2º RCI, continuando transitoriamente o seu QG em São Borja e a 2ª Bda Cav, constituída com o 3º e 4º RCI, com sede do seu QG em Santo Ângelo; o 1º e 4º Grupo de Art a Cav, organizados cada um com uma Bateria. Além dessa força acham-se à disposição do Comando da 1ª DC, como tropa do serviço de vigilância, no setor de Oeste,

os corpos: 1ª Bda Inf da Brigada Militar do Estado e os 7º e 28º Corpos Aux da mesma Bda”.

Pelo aviso nº 423, de 09 de Julho de 1928, as sedes das 1ª e 2ª Brigadas estiveram, provisoriamente, por conveniência do serviço, na então Vila de Santiago e em São Luís das Missões, de onde regressaram nessa mesma data, quanto no Aviso nº 66º, de 24 de outubro foram dissolvidos aqueles comandos, ficando suas Unidades, (1º, 2º, 3º e 4º RCI), subordinados diretamente à 1ª Divisão de Cavalaria.

A instrução militar foi sempre uma constante na vida da nossa Brigada, e, em 20 de janeiro de 1929 realiza-se a primeira grande manobra, nas canhadas de Santiago do Boqueirão, tomando parte dela todas as unidades subordinadas (1ª, 2ª, 3ª e 4ª RCI, I/1ª GA Cav) e uma bateria do 6º RAM (Cmt: Cap FELINTO ABAETÉ CAVALCANTI). Comandou esta manobra, o Gen GIL ANTÔNIO DIAS DE ALMEIDA, Cmt 3ª RM.

A Revolução de 1924-25 na área da atual 1ª Bda C Mec

A revolução de 1924-25 envolveu diretamente as seguintes unidades da área da 1ª Bda C Mec: o 1º B Fv (Santo Ângelo), levantado pelo Cap Luís Carlos Prestes; o 2º RCI (São Borja), levantado pelo Ten Aníbal Benévolo; e o 3º RCI (São Luís Gonzaga), levantado pelo Ten João Pedro Gay.

O Cap Luís Carlos Prestes assumiu o comando da unidade revoltada mediante falso telegrama da 3ª RM/DE, o qual lhe "ordenava" que assumisse o comando.

Na área da 3ª RM/DE, a revolução irrompeu no 1º B Fv sob a liderança de Prestes, que era natural de Porto Alegre, da seguinte forma, conforme a obra *Revoluções no Brasil após a República*, Resende, AMAN, 1980:

"Na noite de 28/29 Out 1924 um grupo de militares e civis prendeu em sua casa o comandante do 1º BFv. Em telegrama falso como se fora do Gen Eurico Andrade Neves comandante

da 3ª RM/DE, era determinado que o Sub Cmt passasse o comando ao Cap Carlos Prestes, o que foi feito, lançando este a seguir uma proclamação reafirmando ideais liberais".

Prestes levou parte do Btl para a Revolução. A unidade tivera destacada participação no combate à Guerra Civil de 1893/95.

A parte que não aderiu ficou ao comando do Cap Machado Lopes, que mais tarde comandaria como Cel o 9º BE da FEB e o III Ex, atual CMS, no episódio da Legalidade, em 1961. O BFV, afetado pela Revolução, só foi reorganizado em 15 Jul 25.

Para fazer face à Revolução no RS, a 3ª RM/DE mobilizou expressivos efetivos, forçando Luís Carlos Prestes a marchar para o Norte e operar junção com os revolucionários de São Paulo.

A Coudelaria de Saicã, comandada pelo Cap Pires Coelho, não aderiu à revolução e foi cercada e atacada pelas tropas de Juarez Távora e Honório Lemes, caindo em 14 Nov.

Prestes prosseguiu por Cacequí, São Gabriel, Santo Ângelo e São Luís Gonzaga. Nesta, fortificou-se com mais 1.200 homens.

Em Dez 24 o Cap Zubarán, com 800 homens do 2º RCI e do 1º BFV ocupou Santiago enquanto Prestes investia contra Tupanciretã, que estava sob controle governista ao comando do Cel Francelino de Vasconcelos. Este, repeliu os revolucionários que retraíram para São Luís. De retorno para São Luís, Prestes foi convocado pelo Gen Isidoro Dias Lopes, Cmt em Chefe das forças revolucionárias, para marchar para o norte e unir-se à Divisão de São Paulo para a conquista dos objetivos revolucionários. E Prestes decidiu partir para o Norte, atendendo ao Gen Dias Lopes. As demais colunas suas tinham sido batidas e a sua própria coluna corria o risco de ser também batida pelas forças da 3ª RM/DE.

A 27 Dez os revolucionários da Divisão do Rio Grande (Div RS) iniciaram a grande marcha para o Norte, com 1.500 homens divididos nos seguintes destacamentos:

- 1º Dst: ao comando do Ten Portela Fagundes, com Elm do 1º B Fv e civis;
- 2º Dst: ao comando do Ten João Alberto, com Elm do 2º RCI; e
- 3º Dst: ao comando do Tenente Siqueira Campos, com

Elm do 3º RCI.

Em 01 Jan 25, a DivRS atravessou o rio Ijuí. Depois de alguns combates, infletiu sobre Campos Novos onde conseguiu passar lutando. Em 07Jan penetrou na Colônia Militar do Rio Uruguai e atingiu a foz do Rio das Antas. Na travessia do rio Turvo morreu o Ten Portela, que fora Intendente do 1º BFv. Na travessia dos rios Turvo, Guarita e Antas a DivRS teve que abandonar os cavalos, o que causou a deserção de 200 homens. Ao atingir Barracão, elementos do 3º RCI, sob a liderança do Ten João Pedro Gay, abandonaram a coluna, que ficou reduzida a 800 homens.

Ao passar o Alto Uruguai, Prestes teve no seu encalço o Dst do Cel Claudino Nunes Pereira. Em Maria Preta, um Dst revolucionário com apenas 70 homens do Batalhão Ferroviário, comandado pelo Ten Osvaldo Cordeiro de Farias, ofereceu vigorosa resistência aos dois mil homens de Claudino Nunes Pereira.

No Paraná, o Gen Dias Lopes, julgando nada mais se poder fazer no campo militar, asilou-se, passando o comando para o Major Miguel Costa, da Força Pública de São Paulo. O comando das colunas do RS e de SP ficou sob o comando desse oficial, tendo com Ch do EM o Cap Eng Luís Carlos Prestes. A coluna passou a ser conhecida como Coluna Miguel Costa/Prestes, a qual percorreu 4.000 léguas pelo interior do Brasil em dois anos.

A Revolução de 1930

O Envolvimento da 1ª Divisão de Cavalaria

Apesar de nos faltarem subsídios históricos sobre a atuação da 1ª DC no conflito deflagrado nesta revolução, buscamos, com os grandes pesquisadores da nossa história, as razões que proliferaram, em âmbito nacional, pelo descontentamento geral da Nação, que teve participação ativa do povo riograndense na revolução de 1930.

Os ideais pregados pela Aliança Libertadora, obtiveram aceitação de ampla envergadura em nosso Exército sediado no Rio Grande do Sul. Podemos notar pela extinções de unidades e até mesmo de grandes comandos que aderiram à revolução.

Numa das publicações da Revista do Exército Brasileiro, Jan/Mar 1991, escrita pelo Gen JACINTHO PANTOJA PIRES COELHO, que passou por esta DC como Chefe do Estado-Maior e que tomou parte ativamente neste conflito como 2º Tenente, e servindo no 4º RCI, então sediado na cidade de Santo Ângelo, nos esclarece a situação daquela OM que gozava um excelente conceito na sociedade local.

O 4º RCI era cognominado de “O Dragão da Serra”, sendo comandado interinamente pelo Maj JOÃO FRANCISCO SOARES DA SILVA, pois seu Comandante, o Ten Cel OCTÁVIO PIRES COELHO, respondia interinamente pelo Comando da 1ª DC.

Na guarnição de Santo Ângelo, além do 4º RCI, estava também aquartelado o 1º GA Cav, ao comando do então 1º Ten ERNESTO GEISEL, mais tarde Presidente da República. Durante as atividades da revolução, oficiais de ligação do movimento percorreram o Estado pregando as ideias revolucionárias e manifestando pensamentos sobre a revolução, aliciando elementos para a sublevação.

Em 4 de outubro, as forças revolucionárias cercam Santo Ângelo, que já se preparava com sua guarnição militar para recebê-los. Por fim, não havendo derramamento de sangue, vários oficiais daquela praça aderiram ao movimento.

Getúlio Vargas oferece a Luís Carlos Prestes o comando da Revolução no Rio Grande do Sul, tendo este recusado. Em agosto de 1930, foi escolhido o Ten Cel PEDRO AURÉLIO DE GÓES MONTEIRO, que comandava o 3º RCI em São Luiz Gonzaga (atual 4º RCB).

Em contrapartida, o Aviso Ministerial nº 881, de 12 de novembro de 1930, extinguiu provisoriamente os comandos das DC, (Bol 3ª RM, de 17 Dez), passando todas as unidades a serem subordinadas diretamente à 3ª RM.

Já no Aviso Ministerial nº 307, de 21 Mai 31, foi pública a formação do Grupamento de Forças, tendo em vista a revolução, ficando as unidades da Divisão subordinadas ao QG da 2ª Bda Cav, na cidade do Alegrete.

Essa situação persiste até 12 Abr 32 quando então, por

determinação do Comando da 3ª RM, o Cel JOSÉ GAY, tendo como Ajudante de Ordens, o 2º Ten SERAFIM DORNELES VARGAS, reorganiza a 1ª Divisão de Cavalaria, assumindo o Comando e instalando seu QG nas dependências do 2º RCI, em São Borja, sendo porém, a 21 daquele mês, deslocado para a cidade de Santiago, instalando-se a 22 de abril novamente no quartel do 1º RCI, onde permaneceu até 04 de junho vindo, nesta data, a instalar-se num prédio de propriedade particular no centro da cidade.

Os episódios da Revolução de 1930 vêm a cessar com a deposição de Washington Luís, voltando a tropa aos seus aquartelamentos.

A Revolução de 1932

Na chamada “Revolução Constitucionalista”, que tinha como principal objetivo a nova constitucionalização do país, buscou-se novamente o confronto armado, que veio a eclodir em São Paulo com a iniciativa do Gen Ref BERTOLDO KLINGER, o qual veio do Mato Grosso para unir-se ao general Isidoro Dias Lopes que comandava os paulistas. Simultaneamente, na Capital Federal, os Coronéis EUCLIDES DE OLIVEIRA FIGUEIREDO e POLIMÉRCIO DE RESENDE, contribuíram com a revolta das guarnições federais e do Estado de São Paulo.

No Rio Grande do Sul, Estado de convicção guerreira, também tomaram-se iniciativas neste movimento. Sobre esta revolução, para que futuras gerações nos possam aludir o verdadeiro sentido de brasilidade, vejamos as palavras do historiador gabrielense OSÓRIO SANTANA FIGUEIREDO, que nos lega para o conhecimento o seguinte:

“Da minha lembrança infantil ainda estão bem vivas os dramas que presenciei naqueles dias longínquos. Vi famílias inteiras chorarem a partida dos seus entes queridos, alguns deles nunca mais regressaram. A formação da nossa nacionalidade estava a exigir o sacrifício dos seus filhos. Alguém tinha de morrer para que pudéssemos melhor entender o verdadei-

ro sentido da paz. Então morreram eles: os nossos de São Gabriel, os rio-grandenses, os paulistas, os filhos da mesma pátria brasileiros do mesmo país”.

Durante esse movimento, os 2º e 3º RCI integraram o Destacamento do Exército do Sul, que vieram a combater nas regiões dos estados de São Paulo e Paraná. Essas unidades regressaram em 1º de outubro de 1932, quando então foram reincluídas na Divisão.

Devido à falta de subsídios, não encontrados no arquivo da Divisão, não nos foi possível colher maiores dados de sua participação neste movimento, que veio a ter seu final com a assinatura da paz, efetuada na cidade de Aparecida.

A Trilha Histórica da 1ª Bda C Mec

O Aviso Ministerial nº 881, de 12 Nov 30, suprimiu provisoriamente os Comandos das DC (Bol Regional de 17 Dez 30), ficando todas as OM subordinadas diretamente à 3ª RM. No ano seguinte, o Av Min nº 397, de 31 Mai 31, determinou nova organização, ficando a nossa Divisão, subordinada diretamente à 2ª DC, em Alegrete. Esta situação persistiu até 12 Abr 32 quando então, por determinação do Comando da 3ª RM, o Cel JOSÉ GAY reorganiza a 1ª DC, assumindo seu comando, sendo o QG instalado em dependências do 2º RCL, na cidade de São Borja, ficando ali até o dia 21, quando retorna à cidade de Santiago, instalando-se novamente no 1º RCL.

A 1ª Divisão de Cavalaria há muito tempo sentia a necessidade de ter seu aquartelamento próprio. Várias mudanças de sede vêm a acontecer no decorrer dos tempos. O QG foi transferido do quartel do 1º RCL para a praça 15 de Novembro, hoje praça Moisés Viana. Pouco tempo depois, transferiu-se para a esquina das ruas Venâncio Aires com Benjamim Constant, no prédio de propriedade do Sr. Homero da Silva Pompeu até que, em 18 de dezembro de 1934, foi assinado um contrato com a firma Barcelos & Cia para a construção do prédio onde seria instalado o QG da

Divisão. Verifica-se que o início das obras deu-se no dia 24, no terreno doado pela Prefeitura Municipal de Santiago.

Conforme documentação existente na 4ª Secção da 1ª Bda C Mec, o imóvel atual da Brigada está cadastrado sob o número RS-03-0214, sob a responsabilidade administrativa do Comando da Brigada. Foi adquirido mediante doação do Governo Municipal, gestão do Dr. JOSÉ ERNESTO MÜLLER, com a Escritura Pública de Doação, livro nº 7º, Fls. 82/83, cartório de ACHYLLES DURGANTE, datado de 22 Dez 1934, e transcrita no Cartório de Registro de Imóveis de PEDRO P. PALMEIRO, de nº 739, livro 3-J, Fl 23, em data de 31 Dez 1934. O termo de Entrega e Recebimento, concedido pela Região à Brigada, está datado de 11 de junho de 1984. Sua área física consta ter 12.822,750 m2.

As Divisões de Cavalaria crescem na sua importância e vêm a ter outra reestruturação, passando a terem comando de General-de-Brigada.

A 1ª DC, em 15 Fev 35, passou a ter a seguinte organização:

1ª Bda Cav (QG em São Borja);

- 1º RCL (Santiago)
- 2º RCL (São Borja)

2ª Bda Cav (QG em Santo Ângelo)

- 3º RCL (São Luiz Gonzaga)
- 4º RCL (Santo Ângelo)
- 1º GA Cav (Itaqui)
- 4º GA Cav (Santo Ângelo)

Embora a 1ª DC passasse a ser comando de General de Brigada, somente após alguns anos, lá por agosto de 1940, a DC veio a ser contemplada com um Oficial-General, na pessoa do Gen RENATO PAQUET.

Em 12 de agosto de 1936, finalmente, a 1ª DC veio a ter seu Quartel-General, sendo oficialmente inaugurado em 25 de agosto, com grande festividade.

A DC sofreria nova organização a partir de 05 Nov 35, sendo que dentro de suas unidades subordinadas foi organizada a 1ª Cia de Infantaria Montada, cuja sede seria na

cidade de Itaquí.

O 1º GA Cav, ali sediado, ainda permaneceria até 23 Mar 38, quando foi extinto. Sai o Grupo de Artilharia e, a 1º de abril, a 1ª Companhia de Infantaria Montada é mandada deslocar-se de Erechim para a cidade de Itaquí, onde chega a 12 Abr 38. Entretanto, aquela primeira representante da “Rainha das Armas”, teria curta existência na nossa 1ª DC, sendo extinta em janeiro de 1939.

Na mesma data, o 4º GA Cav (Santo Ângelo) era transformado no II/Iº RADC, permanecendo sua sede naquela guarnição. Foi criado também, o 1º/1º Regimento de Cavalaria Transportado.

A 20 Mai 37 foi incorporado, como patrimônio da Divisão, um terreno, casa, galpão e outras benfeitorias adquiridas em São Borja, e contíguos ao quartel do 2º RCL, que ficaram sob a jurisdição da 1ª Bda e do 2º RCL.

Ao 2º RCL coube:

1) a área de 90 m de fundos, por 132 m, de frente, para a rua Almirante Gonçalves, ao centro da qual foi construído o pavilhão da Enfermaria Regimental;

2) uma área de 400 m de comprimento contígua à acima citada, ao longo da antiga linha divisória entre o terreno primitivo do quartel e o terreno adquirido pelo Ministério da Guerra, do Sr. Vicente Vargas, e onde seria construída a linha de tiro da unidade; e

3) um largo corredor, cuja largura corresponderia à faixa limitada pela citada linha divisória e que se prolonga até alcançar a passagem para a sua atual internada.

Em dezembro de 1939, foram extintas definitivamente as Brigadas de Cavalaria, ficando suas Unidades diretamente subordinadas à 1ª DC.

A nossa Divisão vinha tendo há muito tempo sérios problemas com suas comunicações entre as guarnições subordinadas, o que motivou normas e instruções de serviço, baixadas em janeiro de 1940, por meio do serviço de estafetas, que faziam a ligação por estrada de ferro entre Santiago, São Borja e Itaquí, sendo acrescentadas, mais tarde,

as guarnições de São Luiz e Santo Ângelo.

A 16 de janeiro de 1941, a DC perde o I/1º RCT que, ficando sem efetivo, foi transformado em II/2º RCT e incorporado à 2ª DC.

Na Europa, há quase três anos, as nações aliadas lutavam contra as potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Após o afundamento de nossos navios em costas marítimas brasileiras, o Governo Federal decreta o estado de beligerância, confirmado na região Sul pelo Rádio 259-G, do Comando da 3ª RM.

Em 31 Jul 42, o Bol Int nº 179 da DC publicou, conforme Rd 143-E2, de 18 do corrente mês, autorização para o início da construção da Vila Militar da Gu de Santiago, destinada aos oficiais e situada ao lado do QG da Divisão sendo, naquela ocasião, implantadas quatro residências.

Em 21 Out 42, foi determinado dar efetivo ao II/4º Regimento de Artilharia, a ser instalado em Ijuí.

Em 16 Nov 1942, passa a integrar a Divisão o 1º RCT, que teve sua sede transferida de Santa Maria para Santa Rosa. Ganhava, assim, a Divisão mais duas unidades.

A Segunda Grande Guerra nos trouxe novas imposições, pelos engenhos criados pelo homem, contribuindo com maior complexidade às ações de Comando. Assim, em 6 de Dezembro de 1942, foi criada a 1ª Cia Montada de Transmissões, pelo Dec Lei 4.793, atual 11ª Cia Com, constituída no quartel do Batalhão “Villagran Cabrita”, no Rio de Janeiro, e mandada sediar em Santiago, onde chegou em 23 Jan 43. Ganhava assim a Divisão, uma OM representante da “Arma do Comando”.

Ainda em novembro de 1942, foi determinado dar efetivo ao I/1º RADC, com sede em Santiago, cujo Comando instalou-se em 05 Jan 43.

A Guarnição militar na cidade de Santiago crescia cada vez mais e o desejo da família militar, entrosada com a sociedade local, exigia a criação de um clube militar que pudesse dar maior continuidade à integração social. Em 22 Jun 43, o Gen ÁLCIO SOUTO, comandante da DC, fundou

o CÍRCULO MILITAR DE SANTIAGO, lançando a pedra fundamental, com grande festividade, em 30 Jun 43. Consta no Bol da Divisão nº 147, a seguinte publicação:

“Por desejo unânime dos oficiais desta guarnição, é fundado nesta data, o CÍRCULO MILITAR DE SANTIAGO, considerado o 2º do Brasil, que terá por sede provisória o salão térreo central do edifício deste QG. Organização: Até que o Círculo Militar esteja organizado, com estatutos aprovados, sede própria e realizadas suas primeiras eleições, será administrado pela seguinte Diretoria: Presidente: Major SALM DE MIRANDA (ver poema à cidade de Santiago, de sua autoria; foi, mais tarde, Diretor da BIBLIEx), Tesoureiro: Cap THARSIS CABRAL DE MELO, 1º Secretário: Asp DARCY LÁZARO e 2º Secretário: Asp MARIUS TEIXEIRA NETO”.

A solenidade de inauguração foi realizada às 18 h do dia 30 de junho do corrente ano (1943).

O Círculo Militar de Santiago teve origem em uma reunião de oficiais preocupados em congregar a sociedade de Santiago e desenvolver laços de amizade entre civis e militares. Naquela oportunidade, 22 de julho de 1943, surgiu a ideia da criação de um clube militar.

Sua sede social foi inaugurada no dia 27 de janeiro de 1947 com um grandioso baile de gala e com a presença de personalidades da sociedade de Santiago.

Atualmente, o Círculo Militar de Santiago mantém-se fiel ao seu propósito de oferecer à sociedade civil e militar a oportunidade de um saudável e cordial relacionamento social.

A cada ano, seu presidente é um Cmt de OM sediada em Santiago, sendo seu Presidente de honra, o Comandante da 1ª Bda C Mec.

Em 29 de Setembro de 1943, o 1º RCT tem a sua denominação mudada para 1º Regimento de Cavalaria Motorizado (1º RCM).

Em abril de 1944, os 1º e 4º RCI são transferidos de Santiago e Santo Ângelo. Com a criação daquele Regimento e com a existência do 1º RCM, aumentam os problemas

de manutenção das viaturas da DC. Assim, em 20 de setembro de 1944, é criada em Santo Ângelo a 1ª Cia de Manutenção.

A saída do 4º RCI de Santo Ângelo e a não existência mais de unidades de cavalaria hipomóvel naquela região, viria a determinar o deslocamento do 2º/1º RADC daquela guarnição. Em 26 de Setembro de 1944 chega o mesmo a São Borja, sua nova sede, onde juntaria ao 2º RCI, formando o GT de São Borja.

Em 11 de Setembro de 1945, chegava a Santo Ângelo um novo representante da “Rainha das Armas”. Naquela data, o 2º BCCL passava a ocupar o aquartelamento deixado pelo 2º/1º RADC. Adquiria assim, a 1ª DC, uma maior potência de choque com a chegada daquela unidade Blindada. A 26 de junho de 1946, foi inaugurada a Sala de instrução “Gen Americano Freire”.



Fachada da sede do Cmdo da 1ª Bda C Mec

Neste ano, o QG da 1ª Divisão de Cavalaria viria a ter uma grande transformação em suas instalações. Em 26 de junho de 1946, era concluído o prédio situado à Praça MOISÉS VIANA, destinado à residência oficial do Comandante, necessidade que há muito se impunha, já que, até então, a residência era nas dependências da parte superior do

Quartel General.

Em junho de 1946, a Divisão passou a ter uma nova organização:

- 1º, 2º, 3º e 4º RC;
- Cia QG da 1ª DC;
- 1º, 2º e 7º GA Cav 75;
- 11ª Cia Com;
- 1º RC Mot;
- 1º RC Mec;

Em agosto de 1946, o 7º GA Cav (Ijuí) passava a ser subordinado diretamente à 3ª RM, continuando porém, para facilidade de controle da instrução, sob a responsabilidade da 1ª DC.

Em junho de 1949, a 1ª DC receberia mais um elemento. No dia 17 daquele mês, no quartel do extinto III/8º RI (Passo Fundo) era instalado o 1º/20º RC, que se deslocara de Curitiba para aquela guarnição.

Durante algum tempo, a 1ª DC não sofreu transformações, permanecendo seus comandos, quadros, bem como a sua tropa, voltados inteiramente aos misteres dos aquartelamentos.

Em 1959, inicia-se a motorização das unidades de artilharia. Em abril, o 5º GA Cav 75, foi transformado em 7º GA Cav 75 Auto Rebocado, conferindo assim maior apoio de fogo ao 1º RCM e ao 1º RC Mec.

Em 1961, um movimento surge em todo o país. Segundo nos fala o Gen Riograndino da Costa e Silva, em “Apostamentos para a história da 3ª Região Militar”:

“...a solução encerrava a grave crise político-militar decorrente da renúncia de Jânio Quadros à Presidência da República, que deu lugar a diversas outras crises e a uma série de agitações que abalaram o país, durante quase três anos até explodir, como veio acontecer efetivamente a “Revolução de 31 de março”, como ficou denominada para a história. Embora não tenha chegado a durar mais de 72 horas, o movimento deflagrado, nesta data memorável, empolgou desde logo a população brasileira...”

A 25 Ago 61, a 1ª DC entrou em rigorosa prontidão e a 1ª de setembro em ordem de marcha, em condições de se deslocar para a região de Ponta Grossa, PR.

A 2 de Setembro, o III Exército determinou que a Divisão se deslocasse tão logo concluísse o seu embarque. A 4 de setembro, era recebida a comunicação de que só deveria prosseguir além de Marcelino Ramos, mediante ordem. Em 5 de Setembro, a fim de acompanhar seus comandados, o Gen OROMAR OSÓRIO segue para a cidade de Passo Fundo, onde chega no dia seguinte.

Entretanto, os elementos enviados não iriam adiante. Logo a 7 de setembro, o Comando do III Exército determina o regresso das tropas aos quartéis “Face à situação militar geral”. Corria o fatídico mês de março de 1964. A situação a que fora levada o país, não poderia persistir. A Nação Brasileira, estarrecida, assistia à baderna e a desordem se propagarem por todo o nosso território brasileiro, sob a passividade de seus dirigentes.

Entretanto, o movimento surge em Minas Gerais, ecoando a seguir por todo o País. Era a Revolução Democrática de 31 de março.

No Quartel-General da 1ª DC, chegam as primeiras ordens de prontidão e deslocamento de alguns elementos. Chamado a Porto Alegre, o comandante da Divisão, Gen JOÃO DE DEUS NUNES SARAIVA, para lá segue, na tarde do dia 1º de abril, determinando aos Comandantes de todas as unidades subordinadas, que se reunissem no QG da DC, o que se efetua na noite daquele dia, com a presença do Estado-Maior. Na ausência daquele comandante assume, como oficial mais antigo, o Cel RAUL REGO MONTEIRO PORTO, Cmt do 1º RCM, que logo expõe sua posição favorável à Revolução. Sua atitude foi seguida pela grande maioria dos presentes. As Unidades não se deslocariam de seus quartéis. Assim, a Divisão aderiu à Revolução.

A 26 Set 64, o QG da Divisão recebeu a visita do Ministro da Guerra, Gen ARTHUR DA COSTA E SILVA.

A Divisão COBRA

Houve um tempo, quando a nossa atual Brigada era Divisão de Cavalaria, que a mesma ficou marcada pelo cognome de “DIVISÃO COBRA”. Esta denominação foi adotada pela atual Brigada, e cogitou-se criar o distintivo baseado naquele termo popular, conforme o brasão anterior, abaixo mostrado.



Mas como surgiu esta denominação?

Buscando fontes de informações e baseado nos pequenos históricos desta Brigada, durante um certo e longo período, a 1ª Divisão de Cavalaria ficou sendo conhecida entre as outras grandes unidades do III Exército, na época, como “DIVISÃO COBRA”, porém, não se sabe ao certo a origem e o motivo que levaram a Divisão a adotar esse cognome.

São várias as versões em torno da veracidade, não havendo confirmação exata de sua origem. Contam alguns, que já passaram por este velho casarão (sede), que há tempos atrás, quando a DC tomava parte numa formatura, com outras grandes unidades, por ocasião do desfile da tropa, alguém, entre os assistentes, teria comentado sobre a “cobertura” das unidades que compunham a 1ª DC, no desfile. Deslocavam-se serpenteando, sem manterem na “cobertura” um alinhamento perfeito, dando a impressão de uma cobra.

Tal comentário teria sido feito em voz alta, fazendo com que outro assistente assim comentasse:

- “Exatamente. Não vê que é DC: “Divisão Cobra”?”

Não se sabe a veracidade do fato acontecido, nem quando aconteceu tal comentário. Alguns afirmam ter acontecido nas grandes manobras na Região do Saicã, lá por março de 1940.

Uma outra versão a respeito do assunto e com menor índice de comprovação, foi a de que, embora as unidades fossem hipomóveis, a maior parte delas, em algumas ocasiões, deslocavam-se a pé, por falta de cavahada. Daí arrastarem-se como cobras.

Durante um certo tempo, principalmente nas atividades des-

portivas, a Divisão já possuía um estandarte que apresentava uma cobra em ouro sobre fundo azul.

Desde o ano de 1964, o estandarte apresentava: em um fundo branco uma diagonal azul; à esquerda um escudo branco com bordas vermelhas, tendo uma cobra, e a inscrição 1ª DC, em azul; à direita, uma representação das ruínas da igreja de São Miguel.

Surgindo assim em uma forma depreciativa, seus componentes não mediram esforços para que a denominação COBRA fosse interpretada, não sob aquela forma, mas sim dentro do significado popular e atual do termo, onde, principalmente, com a euforia das competições esportivas, torna coesa uma tropa.

Após várias ponderações ocorridas, quando da nova denominação histórica da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, no Comando do Gen ROSALINO HERNANDES CANDIA, foi trocada sua denominação histórica para “BRIGADA JOSÉ LUIZ MENNA BARRETO”, sendo aprovada em Portaria Ministerial de 28 de maio de 1993.

Nos anais do histórico desta casa, que consagrou-se à formação e o comando ímpar de suas OMs subordinadas, há de ficar na lembrança de quem por ali passou, as epopéias da “DIVISÃO COBRA”.

Conforme o historiador civil José Eber Bentim da Silva, a 1ª DC - a Divisão Cobra foi a maior divisão do sul do país e era subordinada diretamente ao III Exército.

A última carga de Cavalaria da 1ª DC

Do histórico da 1ª DC/1ª BdaCMec no site www.1bdacmec.eb.mil.br foi retirado o seguinte trecho de texto:

“...Em 31 de dezembro de 1973, após a execução do que foi considerada a última carga de Cavalaria Hipomóvel da



Última carga da 1ª DC, realizada em 16Mai7

história do Exército Brasileiro, foi extinta a 1ª Divisão de Cavalaria e em 01 de janeiro de 1974 foi criada a 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, que passou a integrar a 3ª Divisão de Exército, cuja sede situa-se em Santa Maria, RS...”

Conforme José Eber Bentim da Silva, membro da AHI-MTB/IHTRGS, a Solenidade Histórica da última carga de cavalaria da 1ª DC foi realizada na Coudelaria do Rincão, São Borja, em 16 Mai 73.

Inicialmente, houve a última passagem de comando hipomóvel da 1ª DC. O Gen Bda Joaquim Antônio da Fontoura Rodrigues passou o comando ao Gen Bda Áttila Viana.

A cerimônia foi presidida pelo Cmt do III Exército, Gen Ex Oscar Luiz da Silva e assistida por autoridades do RS, da Argentina e do Uruguai. Todas as insígnias de comando das unidades integrantes da 1ª DC foram hasteadas.

Após a passagem de comando houve a última carga de cavalaria, comandada pelo Cmt III Ex, acompanhada pelo seu Ch EM, Gen Bda Mário Humberto Carneiro Galvão da Cunha e pelos comandantes substituído e substituto da 1ª DC.

Tomaram parte da última carga os quatro Regimentos Hipo da 1ª DC: 1º RC (Itaquí), 2º RC (São Borja), 3º RC (São Luiz Gonzaga) e 4º RC (Santiago).

Na histórica carga, o Gen Oscar Luiz acidentou-se e saiu ferido, com a rodada de sua montaria, que se chocou com a montaria do Gen Mário Humberto. Ao término da carga o Gen Oscar Luiz foi entrevistado pelo jornal Zero Hora, quando disse para um oficial de cavalaria que aquela não seria a última carga pois “haverá sempre uma cavalaria”.

Nota: José Eber Bentim da Silva é Servidor Civil do Exército. Trabalha no Depósito de Subsistência de Santa Maria, sendo um grande colaborador da AHIMTB/IHTRGS.

TRANSFORMAÇÃO

A transformação da 1ª DC em 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada foi realizada através da Portaria Ministerial nº 023, de 10 Jul 1973 do Ministro de Estado do Exército, publicada no BRE nº 07, de 31 Jul 73.

1ª TAÇA MISSÕES/74

De 07 a 09 Jul 74, foi realizada no quartel do 9º Blog a 1ª Taça Missões/74, com o objetivo de congregar e estreitar os laços entre as unidades das guarnições vizinhas, da Brigada Militar e da 1ª Bda C Mec. Da BMRS participaram o 3º RPR-Mon e o 3º/1º RCM, ambos de Passo Fundo, e o 1º RPRMon (Santa Maria). As equipes campeãs foram as seguintes: Pólo: 1º RCMec (Itaqui); Salto/Oficiais: 2º RCMec (São Borja); Salto/Sargentos: 1º RCMec (Itaqui).

PARTICIPAÇÃO NA MINUSTAH

A 1ª Bda C Mec participou da Minustah (Haiti) no 2º semestre de 2007 com o 7º contingente e no 1º semestre de 2010 com o 12º contingente, sendo que este foi extraordinário, já que foi mobilizado após o terremoto que assolou o país recentemente.

CAPÍTULO TERCEIRO

Os Comandantes da 1ª DC e da 1ª Bda C Mec, suas ações e lições de Comando



Cel Renato da Veiga Abreu

Comandou a 1ª DC de 19 Abr 38 a 24 Abr 39. Nasceu no Rio Grande do Sul em 30Jul1883, filho de Miguel Lino de Moraes Abreu. Praça de 23Abr1899. Coursou a Escola Militar da Praia Vermelha e o Curso de Estado-Maior e Engenharia na Escola de Guerra em São Cristóvão, Aperfeiçoamento e Revisão pelo Regulamento de 1920 e Informações pela Escola de Estado-Maior. Era bacharel em Ciên-

cias Físicas e Matemáticas. Além da 1ª DC, comandou a 2ª DC, o 12º RC Independente, de 11Mar a 27Mar42 (16 dias) em Dom Pedrito, e comandou interinamente a 3ª DC em Bagé, de Mar a Ago42, por curto período. Participou do combate à Intentona Comunista em 1935 e esteve à disposição da Missão Militar Francesa de Jun/Ago de 1921. Reformou-se em 22Fev43 como General de Divisão. Possuía a Medalha Militar com passador de platina, por mais de 40 anos de bons serviços. Pomoções: Alferes-aluno: 23Ago1905; 2º Ten: 27Ago08; 1º Ten: 13Nov12 (estudos); Cap: 21Jul19 (estudos); por merecimento: Major: 18Ago27; Ten Cel: 23Jan30; Cel: 15Ago31; Gen Div R/1: 22Fev43. Cursos: Curso Geral-Regimento de 1898; Curso de Estado-Maior e Engenharia-Regimento de 1898; Curso de Aperfeiçoamento e Revisão-Regimento de 1920; Curso de Informações da Escola de Estado-Maior e Bacharel em Matemática e Ciências Físicas. Serviu na Escola de Artilharia e Engenharia de Abr06 a Abr11 como aluno; no 18º Grupo de Artilharia a Cavallo de Mai11 a Out13 como subalerno; no 11º Regimento de Cavalaria de Out a Dez13 como subalerno; na 3ª Bda Cav de Dez13 a Jul14 como Ajudante de Ordens e Assistente; no QG da 12ª RM de Jul a Dez14 como adido; no 11º RC de Mar15 a Abr16; na 2ª Bda Cav de Set19 a Mar20 como Ch Sec EM; no 13º RCI de Mar23 a Out25 como Cmt de Esqd; no QG da 3ª RM de Out25 a Jan26 (à disposição); no 13º RCI de Jan a Abr26 como Cmt Esqd e no 14º RCI de Out27 a Mar29 como Fisc Adm. Grandes Unidades que comandou: 2ª DC de Jan a Abr38; 1ª DC de Abr38 a Abr39; 3ª DC de Mar a Ago42 (interino) e 1ª DC novamente de Ago42 até reformar-se em Fev43. Não há registro de seu falecimento. As fontes são as Fés de Ofício e o Almanaque de Oficiais de 1943. Não foi localizado o Elogio.



Cel João Batista de Magalhães

Comandou a 1ª Divisão de Cavalaria de 20Jun39 a 20Ago40, cerca de 15 meses. Nasceu em 20Mai1887. Praça de 01Set1905, na Escola de Guerra de Porto Alegre (Casarão da Várzea), onde foi declarado Aspirante de Cavalaria na 1ª turma egressa daquela Escola em 02Jan09. Possuía os cursos de Infantaria, Cavalaria, Engenharia, Esta-

do-Maior e a Superior de Guerra na França. Concluiu a ECEME da época (1924-26) com excepcional brilho, sendo em consequência premiado com viagem à Europa e nomeado instrutor da EEM. Comandou o 5º Regimento de Cavalaria Independente de Quaraí, unidade que carrega a tradição da Cavalaria da Legião de São Paulo, onde Osório iniciou sua carreira militar e teve seu batismo de fogo na Guerra da Independência na Província Cisplatina. Serviu no Estado-Maior da 3ª Região Militar de 1936/37. A seguir, foi nomeado Professor de Tiro de Guerra e de Estado-Maior da Escola de Estado-Maior. Ao servir pela primeira vez no Estado-Maior do Exército foi elogiado pelo seu chefe *“como dos mais completos oficiais de Estado Maior... Deixa precioso acervo de estudos e trabalhos de grande relevância, que bem traduzem o mérito de sua privilegiada inteligência a serviço de uma consciência profissional formada no culto do dever e do amor às responsabilidades que deles decorrem, para com o Exército e a Nação e excepcional realce a sua capacidade de ação de instrutor de escol e oficial de Estado-Maior de excepcional valor...”* Foi com esta bagagem e conceito que exerceu o comando da 1ª Divisão de Cavalaria, com brilho excepcional, revelada famosa na Manobra de Saicã de 1941 que abordamos na **História da 3ª Região Militar 1889-1953**, v. 2 (Obra do Cel Bento). Sua carreira teve o seguinte curso: AspOf em 02Jan09, 2º Ten a 05Jul11, 1º Ten em 07Nov17, Cap a 07Set22, Maj em 30Abr31(antiguidade), TenCel a 30Dez33 (merecimento) e Cel em 03Mai38 (merecimento), sendo transferido para a Reserva com 38 anos de serviço, a pedido, por ter sido preterido, dizendo em sua despedida: *“Reafirmar a minha fé e confiança no Exército, como esteio principal da existência de nossa Pátria, considerando ambos imperecíveis. Ambos sabem ressurgir das cinzas dos incêndios que as vezes os devoram... para conquistarem ordem e progresso...”* Condecorações: Ordem do Mérito Militar e Oficial da Legião de Honra da República Francesa.

J. B. Magalhães foi um pensador militar fecundo, admirado por outro grande pensador militar brasileiro, o Marechal Humberto de Alencar Castello Branco e pelo historiador e pen-

sador militar brasileiro contemporâneo o Cel Amerino Raposo Filho. E os três, fiéis ao sonho do Duque de Caxias, patrono do Exército, manifesto em 1863, ao adaptar as Ordenanças de Portugal, de influência inglesa, ao que ele vivenciara como comandante em quatro campanhas pacificadoras e na Guerra contra Oribe e Rosas (1851-52), às realidades operacionais sul-americanas “*até que o Brasil dispusesse de uma doutrina militar terrestre genuína*”. Sonho manifestado pelo Marechal Floriano Peixoto ao mandar publicar uma História da Guerra do Paraguai “para os alunos de nossas escolas militares se ambientarem com as realidades operacionais sul americanas”. Ao longo de sua carreira, J. B. Magalhães preocupou-se com a formação cultural do oficial do Exército. Com um grupo de jovens oficiais procurou promover o desenvolvimento doutrinário do Exército, aplicando os conhecimentos adquiridos na França e Alemanha. Foi colaborador assíduo da imprensa no Rio de Janeiro e São Paulo e das revistas **A Defesa Nacional** e **Nação Armada**. Ao regressar da França proferiu notáveis conferências. Interpretou sua vida e obra de historiador e pensador militar brasileiro o Cel Amerino Raposo em seu discurso de posse na cadeira Cel João Batista Magalhães da AHIMTB e publicada às p. 105/111 da obra **AHIMTB – Poses de Acadêmicos 1996-1997**, organizada pelo Cel Arivaldo Silveira Fontes, que vale a pena ser conhecida por todos os chefes, planejadores e oficiais de Estado-Maior. Esta cadeira foi ocupada pelo Gen Bda Hans Gerd Haltenburg e atualmente é ocupada pelo Cel Juvêncio Saldanha Lemos, autor entre outras obras, de **Os Mercenários do Imperador** (Cel Bento).

AGRADECIMENTO E LOUVOR – Pelo General Estevão Leitão de Carvalho, Cmt da 3ª RM – Tendo o Cel João Batista Magalhães deixado a 21 do corrente o Comando da 1ª DC, para seguir destino, agradeço a esse distinto oficial superior a coadjuvação que prestou ao meu comando à frente daquela grande unidade, a cujo aperfeiçoamento dedicou os melhores esforços e deu o concurso de seu reconhecido saber profissional e infatigável operosidade. E louvo-o pelo interesse que demonstrou pela tropa de seu comando, orientando avisada-

mente os comandos de corpos, tanto na instrução como na administração, de maneira a erguer, como ergueu, a eficiência da Grande Unidade. No Estado-Maior do Exército, onde vai prestar os seus meritórios serviços, faço votos que alcance igual êxito (Bol 3ª RM nº 203, de 29Ago40).



Gen Renato Paquet

Comandou a 1ª Divisão de Cavalaria de 26 Ago 40 a 24 Jul 41. Nasceu em 09 Fev 85. Coursou Infantaria e Cavalaria pelo Regulamento de 1911, Aperfeiçoamento e Estado-Maior pelo Regulamento de 1920, Engenharia pelo Regulamento de 1918 e Especial de Equitação. Era bacharel em Matemática e Ciências Físicas. Comandou o 1º RCD e o 2º RCD, a 3ª Brigada de Cavalaria, a Escola Militar do Realengo, a 6ª Região Militar e a 1ª Divisão de Cavalaria. Participou das campanhas de 1924, 30 e 32. Como oficial de Estado-Maior chefiou a 3ª Sec/1ª DI, a 3ª Sec da Zona Militar do Leste e o Estado-Maior da mesma, o Estado-Maior do 1º Grupo de Regiões e o do 2º Grupo de Regiões. Sua carreira teve o seguinte curso: Praça na Escola Militar da Praia Vermelha em 10 Abr 1902, Asp Of de Cavalaria pela Escola de Guerra em Porto Alegre a 02 Jan 09, 2º Ten em 08 Mar 11, 1º Ten a 16 Mai 17, Cap em 07 Set 22, no Centenário da Independência. Major (merecimento) a 20 Fev 30, Ten Cel (merecimento) em 16 Set 32, Cel (merecimento) a 07 Set 36 e GenBda em 24 Mai 40. Como Gen Div comandou a 2ª RM (São Paulo), tendo sido Presidente da Comissão de Organização do Círculo Militar de São Paulo e Presidente da Federação Hípica Metropolitana. Foi agraciado como Oficial da Ordem do Mérito Militar e da Legião de Honra da França e a Medalha de Ouro, com passador de platina. É nome de rua em São Paulo e no Rio. Este era o seu currículo quando no comando da 1ª Divisão de Cavalaria e o que foi possível obter (Cel Bento).

AGRADECIMENTO E LOUVOR – Pelo Cmt da 3ª RM - Ao deixar o Exmo. Sr. General Renato Paquet o comando da 1ª

Divisão de Cavalaria, por ter tido outra comissão, é com pesar que o vejo afastar-se daquela Grande Unidade, que muito lhe fica a dever por sua bem orientada assistência profissional, impulsionando-lhe com solicitude a instrução, mantendo-lhe em alto grau a disciplina e zelando pela obediência às boas normas administrativas. Agradeço-lhe a eficaz colaboração que prestou ao meu comando e louvo-o por suas qualidades de chefe laborioso e competente, pelo espírito de camaradagem que soube manter nos corpos da Divisão e a cordialidade que pôs nas suas relações com a tropa e o meio civil. Faço votos para que, no novo cargo que lhe foi confiado, alcance igual êxito, pondo mais uma vez a serviço do Exército suas nobres qualidades de chefe e cavalheiro (Bol 3ª RM nº 164, de 19Jul41).



Gen Mário Xavier

Comandou a 1ª DC de 30 Jul 41 a 14 Abr 42. Sua carreira teve o seguinte curso: Asp Of em 02 Jan 09, 2º Ten a 03 Jun 11, 1º Ten em 24 Out 17, Cap a 07 Set 22, Maj em 25 Jul 29 (merecimento), Ten Cel a 10 Fev 33 (merecimento), Cel em 24 Mai 37 (merecimento) e Gen Bda a 03 Jun 41. É nome de rua em Juiz de Fora e Campo Grande. Foi comandante da Força Pública de São Paulo em 1931. Participou dos acontecimentos preliminares ao golpe de 1937. Foi transferido para a Reserva, contando mais de 45 anos de serviço, por Decreto de 20 Set 43, publicado no DO de 30 Set 43. Elogio não localizado.



Gen Renato da Veiga Abreu

Comandou, desta segunda vez como general, a 1ª DC de Ago 42 a 22 Fev 43. Já foi biografado. Elogio não localizado.



Gen Álcio Souto

Comandou a 1ª Divisão de Cavalaria de 27Mar a 06Nov43. Nasceu em Porto Alegre em 30Jun1896, filho do Cel Ramiro Souto. Praça em Mar1914 na Escola Militar do Realengo. Coursou a Escola de Estado-Maior. Serviu na 3ª Divisão do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro. Em 1920, foi Auxiliar de Instrução da Missão Indígena da Escola Militar. Serviu como capitão de 1920/21 na 3ª Brigada de Artilharia e como assistente. Comandou interinamente o Grupo Escola de Artilharia em 1935/36 e a seguir foi Chefe de Sec do Estado-Maior do Exército. Foi Diretor de Motomecanização quando teve, como Ch Gab o ex-futuro Presidente da República Ernesto Geisel. Integrou a Comissão que reorganizou o Ensino na Escola de Estado-Maior, com o General Paulo Noel da Missão Militar Francesa. Em 1936, foi Adido Militar na Embaixada do Brasil em Buenos Aires e a seguir Adido Militar na Embaixada Brasileira em Montevideú, onde permaneceu até 1938. Foi Observador Militar em 1938 da Conferência de Paz no Chaco. Promovido a coronel, comandou o 5º Regimento de Artilharia Montado em Santa Maria, RS. Em 1940, chefiou seção do EME e em 1941 assumiu o comando da Escola Militar do Realengo. Promovido a General de Brigada em dezembro de 1942 exerceu as seguintes funções: Comandante da 1ª DC (Santiago, RS), Cmt da Artilharia Divisionária da 1ª Região Militar em 1944, Cmt do Núcleo da Divisão Blindada no Movimento que culminou com a deposição do Presidente Getúlio Vargas em 29 Out 44, quando cercou o palácio presidencial exigindo a renúncia de Getúlio Vargas. Passou a ser chefe do Gabinete Militar do novo Presidente eleito, o General Eurico Gaspar Dutra em 31 Jan 46 em substituição ao General Gil Castelo Branco, sendo promovido (em setembro) a General de Divisão, quando assumiu a presidência da Comissão de Planejamento Econômico. Exerceu as altas funções de Secretário-Geral do Conselho de Segurança Nacional e Presidente da Comissão Especial da Faixa de Fronteira. Faleceu no exercício da che-

fia do Gabinete Militar do Presidente Eurico Gaspar Dutra em 13 Set 48, aos 52 anos. Sua carreira teve o seguinte curso: Praça em 26 Mar 14, AspOf Art em 01 Fev 18, 2º Ten em 09 Mai 18, 1º Ten a 13 Jun 19, Cap a 17 Ago 21, Maj em 07 Abr 32, Ten Cel a 30 Ago 34, Cel em 07 Set 38, Gen Bda em 29 Dez 42 e Gen Div em 05 Set 46, tendo falecido no Rio de Janeiro dois anos depois. Foi instrutor de Tática Geral na Escola de Estado-Maior em 1926/30 e 1931/32 e professor estagiário na Escola de Aviação Militar, 1930/31. Teve um filho também militar, o Gen Alvir Souto. É nome de rua em São Paulo e no Rio. Condecorações e Medalhas: Grande Oficial do Mérito Militar, Medalha de Guerra, Medalha de Ouro (tempo de serviço), Medalha de Prata Comemorativa da Representação Argentina ao Brasil, Medalha do Cinquentenário da República, Medalha Centenário do Nascimento de Rio Branco, Medalha Rio Branco, Grã Cruz da Ordem Al Mérito do Chile, Oficial da Legião de Honra da França, Comendador da Ordem Militar de Aviz, Comendador da Ordem Al Mérito do Chile, Medalha da Conferência de Paz do Chaco, Grande Oficial da Ordem Militar Pablo Duarte (Cel Bento). Elogio não localizado.



Gen Aristóteles de Souza Dantas

Comandou a 1ª Divisão de Cavalaria, de 22 Jan a 28 Nov 44, cerca de 10 meses. Nasceu em Salvador-BA, em 09 Jun 1894, filho do Dr. Teodósio de Souza Dantas e D. Rosa de Lima Valverde Dantas. Praça de 13 Mar 12 na Escola de Guerra, já funcionando no Realengo. Concluiu o curso na Escola Militar do Realengo em 15 Abr 15, quando foi declarado Aspirante a Oficial da Arma de Cavalaria, tendo frequentado o Colégio Militar do Rio de Janeiro onde se formou Agrimensor. Participou da coluna Miguel Costa/Prestes. Serviu no 1º RC. Esteve em operação de guerra contra a Revolução de 1932, no comando de Batalhão de Polícia Militar da Paraíba, integrando o Destacamento Cel Eurico Gaspar Dutra que operou no Sul de Minas, de 08 Ago a 10 Out 32. Coursou Infantaria e Cavalaria pelo Regulamento

de 1915, Aperfeiçoamento pelo Regulamento de 1920, Especial de Equitação e Engenharia pelo Regulamento de 1918, Estado-Maior e Superior de Guerra. Foi Instrutor de Cav na Escola Militar do Realengo e na Sociedade Hípica de São Paulo em 1919 e Campeão Nacional de Cavalos D'Armas em 16 Dez 37, como Ten Cel. Comandou o 4º Regimento de Cavalaria Divisionária em Três Corações-MG, de 18 Ago 37 a 16 Fev 38. Comandos e outras funções: comandou a Polícia Militar da Paraíba de 01 Dez 31 a 02 Jul 32, a 1ª Divisão de Cavalaria em Santiago, a Escola Militar de Resende de 1945/46, a Polícia Militar do Distrito Federal de Out 46 a Ago 47. Comandou a 6ª RM em Salvador, seu berço natal, de Set 47 a Dez 48, a 1ª Divisão de Infantaria na Vila Militar de 1949/52, a 1ª RM (Set 52 a Jun 54) e a Zona Militar do Norte (atual CMNE) de Jun 54 a Nov 55. Foi Chefe da Delegação Brasileira e Presidente da Comissão Mista Brasil EUA. Foi Diretor de Ensino do Exército e Comandante do II Exército (atual CMSE). Passou para a Reserva como Marechal, por Dec de 11 Nov 58, publicado no DO da mesma data. Foi agraciado com as seguintes condecorações: nacionais: Grande Oficial do Mérito Militar; e medalhas: Militar de Ouro com passador de prata, Medalha de Guerra, Marechal Hermes de Aplicação e Estudo, em prata com 1 coroa, Pacificador, Centenários de Nascimento de Rio Branco e Ruy Barbosa, Marechal Thaumaturgo, Marechal Caetano de Faria e Maria Quitéria (prata dourada). Estrangeiras: Cavaleiro da Ordem Nacional da Legião de Honra da França e da O. S. Silvestre Papa, pelo Vaticano-Itália e Legião do Mérito dos EEUU. Sua carreira teve o seguinte curso: Asp Of em 05 Abr 15, 2º Ten a 22 Fev 17, 1º Ten em 21 Jun 19, Cap a 12 Jan 30, Maj (merecimento) em 10 Fev 33, Ten Cel (merecimento) a 24 Mai 37, Cel (merecimento) em 25 Ago 40, Gen Bda a 31 Mar 44, Gen Div em 10 Nov 48, Gen Ex em 03 Mai 55 e Marechal R/1 a 13 Nov 58. Passou para a Reserva, a pedido, em Dec de 11 Nov 58, publicado no DO da mesma data. Ao ser promovido a 1º Ten recebeu o seguinte elogio: “Em conjunto julgo-o um brilhante oficial da Arma de Cavalaria, consagrando-se em todos os esportes militares, principalmente, nos eqüestres, para os quais tem pendor.” Como Comandante da Escola Militar de Resende

lutou para a instalação do 1º Ginásio Público de Resende, para criar condições aos alunos pobres desenvolverem sua cultura. Lembrando esta sua ação existe em Resende o Colégio Estadual Marechal Souza Dantas em sua homenagem. A Estrada de Três Rios tem seu nome como homenagem. É nome de Praça em Salvador. É Patrono de Cadeira na AHIMTB. Faleceu em 17 Jul 63 (Cel Bento).

LOUVOR A OFICIAL GENERAL – Pelo Gen Bda Salvador César Obino, Cmt da 3ª RM - Em virtude de recente decreto do Governo da República, acaba de deixar o Comando da 1ª Divisão de Cavalaria o Exmo. Sr. Gen. de Brigada ARISTÓTELES DE SOUZA DANTAS. Vindo a servir na 3ª Região Militar quando ainda Coronel da nobre Arma em que se credenciara como um dos mais brilhantes e prestigiados oficiais, o General SOUZA DANTAS trazia já seu nome consagrado por uma copiosa folha de serviços inestimáveis, prestados durante mais de trinta anos de vida profissional sempre em destaque, desde os primeiros postos do oficialato. E sua ação magnífica no Comando daquela Grande Unidade, a princípio interinamente e, depois, investido das altas prerrogativas e responsabilidades de Oficial General, serviu de nova e excelente oportunidade para realçar-lhe ainda mais os méritos peculiares e as indiscutíveis qualidades de Chefe, no verdadeiro significado militar desta expressão. No exercício do Comando da 1ª D.C., com efeito, evidenciou sempre o General SOUZA DANTAS os elevados predicados que caracterizam e distinguem sua remarcada personalidade, quer dispensando um tratamento cavalheiresco e amigo a todos os seus comandados, quer transmitindo-lhes, em todos os instantes e para todas as tarefas de um labor intenso e construtivo, o entusiasmo ardente e o profundo amor à carreira que continua a animá-lo, quer, enfim, assistindo-os com sua presença honrosa, desvanecedora e agradável, acompanhando-os permanentemente e orientando-os de modo eficaz, graças a seus reconhecidos dotes de espírito e de coração. De sorte que a 1ª Divisão de Cavalaria se tornou, desde logo, sob seu hábil e dinâmico Comando, um bloco homogêneo e coeso pela disciplina sólida de todos os seus elementos, perfeitamente adestrado e comple-

tamente aparelhado, em condições ótimas quanto à instrução e preparação bélica. Além disso, e abarcando na complexidade e amplitude atuais as múltiplas necessidades da tropa sob sua responsabilidade imediata, o General SOUZA DANTAS cuidou também, desvelada e proveitosamente, da vida dessa tropa em todos os demais aspectos, como nas questões de ordem administrativa e nos problemas relativos ao aquartelamento das várias Unidades, revelando em tudo a larga visão de um Chefe experimentado, competente e culto, ao lado de uma atuação incessante e produtiva inspirando grande confiança à tropa. Como Comandante da 1ª Divisão de Cavalaria, portanto, o General ARISTÓTELES DE SOUZA DANTAS prestou ao Comando da 3ª Região Militar um concurso valioso e de mais eficiência, fazendo jus ao mais caloroso louvor. E é com satisfação que torno público esse louvor, muito justamente merecido por todos os motivos mencionados. A 3ª Região Militar vê, entretanto, com imenso pesar o ilustre Chefe e distinto camarada afastar-se de seu convívio e esse sentimento só se atenua em face da certeza de que é unicamente o cumprimento do dever militar que leva o ex-Comandante da 1ª D.C. para o desempenho de comissão mais honrosa e importante. Nesta convicção, pois, apresento ao General SOUZA DANTAS, de par com os sinceros agradecimentos pela sua colaboração profícua, em meu nome e no da 3ª Região, os melhores votos de completo êxito na função de Comandante da Escola Militar de Resende, para a qual já se acha designado e onde, mais uma vez, terá ocasião de desenvolver ao máximo sua excepcional atividade, para maior proveito do Exército (Bol 3ª RM nº 272, de 27Nov44).



Gen Brasileiro Americano Freire

Comandou a 1ª DC de 27Jan45 a 19Fev47. Nasceu em Uruguaiana em 26Set1892. Sentou praça em março de 1911 na Escola de Guerra de Porto Alegre e completou seus estudos na Escola Militar do Realengo, onde foi declarado Asp Of Inf em 02Jan14. Promovido a 2º Ten

Inf em 10Mai16, pela Lei 1.143, de 11Set1861. Courseou Cav e Inf pelo Regulamento de 1965. 1º Ten em Jul14; Cap em 05Mai27; Ten Cel em 07Set37; Cel em 25Ago40; Gen Bda em 24Nov44 e Gen Div em 15Dez48. Courseou a EsAO em 1920 e a ECEME. Comandou, antes da 1ª, a 3ª DC (Bagé) de Nov43 a Jun44. Como Cel comandou o 8º RC (Uruguaiana) de 25Nov40 a 03Jul41. Foi Diretor de Pessoal e Cmt da 7ª RM em Recife de 26Mar49 a 27Out51. Sua família era do RJ. Era filho do oficial de Marinha George Americano Freire e da uruguainense Doralisa Sanches Botafogo. Faleceu, com cerca de 63 anos, em Assunção, Paraguai, a 20Abr53 onde era Embaixador do Brasil desde 06Nov51, conforme publicou o BI nº 99, de 02Mai55 da SGEx. Como major participou do combate à Revolução de 1932 (Jul a Set32). Como tenente instrutor da Missão Indígena na Escola Militar do Realengo em 1922 foi um dos processados no Movimento Tenentista. Serviu no 5º RC (Quaraí) em 1918 e no 8º RC (Uruguaiana) em 1919. O seu avô, Gen Elias Americano Freire, é nome de rua em São Paulo: Rua General Americano Freire, no bairro de Guaianazes. Elogio não encontrado.



Gen Arthur Hascket Hall

Comandou a 1ª DC de 31Mar47 a 04Mar49. Nasceu no Rio de Janeiro em 20Jul1894, filho de Viriato Duarte Hall e de Dona Maria Amália Hall. Casado com Dona Norma Caggiano Hall, de cujo consórcio nasceram os filhos Roberto, Fernando e Edda. Cursos: Infantaria e Cavalaria pelo Regulamento de 1905, Escola Provisória de Cavalaria, Estado-Maior, Cálculo e Mecânica, e Superior de Guerra. Praça de 01Mar11 na Escola Militar do Realengo, Asp Of Cav em 02Jan15, 2º Ten a 03Jan17, 1º Ten em 21Jul19, Cap a 13Out27, Maj em 02Out34, Ten Cel a 25Dez38, Cel em 25Dez41, Gen Bda a 24Jun46, Gen Div em 02Ago52, Gen Ex a 25Dez56 e Mar R/1 em 22Jul60. Quando Cap participou da Revolução de São Paulo no

período de 12Jul/03Out32 contra os rebeldes. Foi Adido Militar no Paraguai de 11Nov37/03Nov39, Cmt do 15º RCI (Castro,PR) de 18Mar40/06Abr41, Cmt do 2º RCD (Pirassununga, SP) de 11Abr42/29Jul43, Cmt da EsPrepSP de 02Ago43/17Jul46, Cmt da 8ª RM (Belém do Pará) de 30Jul/09Dez46, Cmt da 1ª DC, Cmt do Centro de Aperfeiçoamento e Especialização de Realengo de 11Abr49/02Mai50, Cmt da 6ª RM (Salvador) de 04Jun51/27Set52, Assessor Militar na ONU de 15Jan53/23Mar55, Cmt da 7ª RM (Recife) de 17Mai55/Mar56, Diretor Geral de Material Bélico (Rio) de 01Out/10Dez56, Cmt do II Ex (São Paulo) de 20Dez56/06Mar58, Cmt da ESG de 30Mar/23Dez59, Chefe do EMFA de 24Dez59/Mar70, Assessor Militar na ONU de 06Mar/20Jul60. Outras comissões: Professor da Escola Profissional da PMDF de 25Mai/31Jul33, à disposição do Interventor do Estado de São Paulo de 01Ago/31Dez33. Condecorações: Grande Oficial da Ordem do Mérito Militar, Medalha Militar de Ouro com Passador de Platina, Medalha de Guerra, Medalha do Pacificador, Marechal Hermes em prata dourada com uma coroa, do Mérito Santos Dumont (prata) e Ordem Nacional do Mérito do Paraguai. Faleceu no Rio de Janeiro em 1970. Seu elogio não foi encontrado.



Gen Edgardino de Azevedo Pinto

Comandou a 1ª DC de 19Mar49 a 12Fev51. Nasceu em 03Mai1893. Praça de 01Mar11, Asp Of em 02Jan14, 2º Ten a 05Abr16, 1º Ten em 21Jul19, Cap a 19Out26, Maj em 02Out34, Ten Cel a 07Set39, Cel em 15Abr43 e Gen Bda a 15Dez48. Cursos: de Infantaria e Cavalaria pelo Regulamento de 1905, Aperfeiçoamento também pelo Reg. de 1905 e Estado-Maior com Menção Honrosa. Foi Cmt da 10ª RM (Fortaleza). Condecorações: Comendador da Ordem do Mérito Militar, Medalha de Ouro e Medalha de Guerra. Elogio não localizado.



Gen Amaury Krueel

Comandou a 1ª Divisão de Cavalaria de 08Dez53 a 20Ago55, cerca de um ano e oito meses. Nasceu em Santa Maria, RS, em 11Abr1901, filho de José Carlos Krueel. Praça de 19Mar18 na Escola Militar do Realengo, onde foi declarado Aspirante da Oficial da Arma de Cavalaria. Chefiou a 2ª Secção de Informações de Estado-Maior da 1ª DI/FEB na Itália. Kursou Cavalaria pelo Regulamento de 1919, a Escola de Aperfeiçoamento e a Escola de Estado-Maior e Informações na Escola das Armas. Serviu no 7º RCI em Livramento, na Coudelaria de Saicã e no EME como Ajudante de Ordens de seu chefe e onde estagiou. Foi instrutor de Tática da Escola de Cavalaria e da Escola de Estado-Maior. Fez estágio no Exército dos EUA. Chefiou o Estado-Maior da Inspeção da Arma de Cavalaria e foi Adjunto do Adido Militar em Londres. Comandou o 1º RCMec de Santo Ângelo- RS e o 1º RCG (atual Dragões da Independência de Brasília) no Rio de Janeiro. Foi Chefe de Estado-Maior da Zona Militar do Centro (no Rio) e da 2ª Secção do Estado-Maior do Exército. Como oficial-general comandou a Artilharia Divisionária da 1ª DI e a 1ª Divisão de Cavalaria. Chefiou o Estado-Maior da Zona Militar do Sul (atual CMS). Comandou a Infantaria Divisionária da 1ª DI (atual 1ª DE-Divisão Marechal João Batista Mascarenhas de Moraes) e a Divisão Blindada no Rio de Janeiro. Foi Assessor Militar da Missão do Brasil junto a ONU e chefiou o Gabinete Militar da Presidência da República. Foi Ministro da Guerra, Diretor de Material Bélico e Comandante do II Exército (atual CMSE) na Contra Revolução Democrática de março de 1964. Foi Delegado do Executor do Estado de Sítio no Rio Grande do Sul e Chefe de Polícia do Departamento Federal de Segurança Pública e Embaixador do Brasil na Bolívia. Sua carreira teve o seguinte curso: Asp Of em 18Jan21, 2º Ten a 11Mai21, 1º Ten em 07Set22 (no Centenário da Independência), Cap a 17Dez31, Maj em 25Dez38, TenCel a 15Abr44 (posto que exerceu como E-2 da FEB), Cel em 25Mar47, Gen

Bda a 05Mar54, Gen Div em 25Jul60, Gen Ex a 25Nov63, Marechal R/1 em 12Ago66 e Marechal Reformado em 29Mai70. Foi agraciado com as seguintes condecorações: nacionais: Grã Cruz da Ordem do Mérito Militar, Grande Oficial do Mérito Naval e Aeronáutico, e da Ordem do Mérito Jurídico Militar. Medalhas: de Campanha, de Guerra, Cruz de Combate de 2ª Classe, Militar com passador de Platina, Pacificador, Mérito Santos Dumont (prata) e Mérito Tamandaré. Medalhas Estrangeiras: Medalha Cruz do Mérito 3ª Classe da Espanha, Ordem Nacional da Legião de Honra da França, Militar do Exército do Chile 2ª Classe, Abdon Calderon do Equador 2ª classe, Grande Oficial da Ordem do Mérito da Itália e Grande Oficial da Ordem Nacional do Mérito do Paraguai (Cel Bento). Seu elogio não foi localizado.



Gen Estevão Taurino de Rezende Netto

Comandou a 1ª Divisão de Cavalaria de 01Set55 a 11Jun56, cerca de quatro meses. Nasceu em 21Abr1900, em Porto Alegre, filho do Cel Estevão Riopardense de Rezende e de D. Paulina Gomes de Rezende. Praça em 14Mar18, foi declarado Asp Of Cav em 18Jan21, 2º Ten a 11Mai21, 1º Ten em 07Set22, Cap a 15Ago31, Maj em 25Dez38, Ten Cel a 24Jun43, Cel em 25Mar 47, Gen Bda a 07Dez55, Gen Div em 25Nov61 e Marechal Reformado em 18Jul69. Na Revolução de 1924, no Rio Grande do Sul, comandou o Destacamento Cel Estevão de Rezende contra os revoltosos, de 20Jan a 17Jun25. Foi aluno na Escola Militar do Realengo da Missão Indígena (1919/21). Coursou Cavalaria na EMR, a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e a Escola de Estado-Maior do Exército. E no meio civil: Curso de Treinamento de Problemas no Desenvolvimento Econômico na CEPAL (na ONU) e Extensão Universitária sobre Educação, Cultura e Segurança Nacional, na Universidade do Pará, em 1962. Foi Auxiliar de Instrutor de Cavalaria na Escola Militar do Realengo de 03Jun29 a 07Jan31. Comandou o 4º Esqd

do Regimento Osório em Jaguarão e foi Instrutor-Chefe do Curso de Cavalaria do CPOR/PA de 19Jan31 a 06Fev37, por seis anos. A seguir, foi Instrutor-Chefe do Curso de Cavalaria do CPOR/BH de 10Abr37 a 02Mar38. Dirigiu a Coudelaria de Saicã de 21Abr a 22Out41. Comandou o 5º RCI em Itaquí de 12Ago43 a 10Mar44 e a seguir o 1º RCM de 31Mar44 a 24Jan45. De 12Abr49 a 08Fev51 comandou o Regimento Escola de Cavalaria e a seguir chefiou o Estado-Maior da Divisão Blindada, de 12Fev51 a 16Out52. Foi Diretor da Reserva, de 15Jul a 30Ago54 e a seguir Chefe de Divisão da Diretoria da Reserva de 30Ago54 a 12Ago55. Promovido a Gen Bda comandou a 1ª DC em Santiago. Presidiu a Comissão Interministerial encarregada de estudar e propor ao Governo JK a participação do Exército no incremento da produção agrícola (Decreto de 18Jul56), quando criou um projeto de lei para acabar com a fome no Brasil, além de fixar o homem no campo. Foi enviado ao Congresso Nacional no dia 5 de setembro de 1956 por JK e foi considerado *inconstitucional* pela Comissão de Justiça da Câmara. Foi Diretor de Material de Comunicações de 25Set a 02Dez59, de Remonta de 31Dez58 a 17Ago61 e Comandante Militar da Amazônia, em Belém, de 23Ago61 a 23Nov63. A seguir, foi novamente Diretor de Remonta e Veterinária, a partir de Nov63 e, a seguir, comandante da 1ª Região Militar, onde foi Encarregado do Inquérito Policial Militar para apuração de fatos e as devidas responsabilidades nas Leis de crimes militares e crimes contra o Estado e a Ordem Política e Social após o 31Mar64. Promovido a General de Exército, foi transferido para a Reserva neste posto. Foi promovido na inatividade ao posto de Marechal pelo DO de 27Abr64. Foi agraciado com as seguintes condecorações: Grande Oficial do Mérito Militar, Medalha Militar de Ouro com passador de platina, Medalha de Guerra, do Pacificador e Tamandaré. Foi casado com D. Djanira Cidade de Rezende, de cujo consórcio nasceram Ênio, Sérgio, Cláudio e Jandyra (nome ilegível). Seu currículo não refere se suas promoções a oficial superior foram por merecimento (Cel Bento). Elogio não localizado.



Gen Carlos Flores de Paiva Chaves

Comandou a 1ª Divisão de Cavalaria como Coronel de 29Jun56 a 25Ago56 e como GenBda desta data até 19Jan59. Nasceu em Porto Alegre, em 28Out1901, filho de Armando Paiva Chaves. Casou com D. Alda Malan d'Angrone, de cujo consórcio nasceram Carlos Alfredo (29Abr26), Armando Luiz (27Ago27), João Batista (04Jul36), Pedro Paulo (21Fev38) e Francisco José (03Jan40). Sua carreira teve o seguinte curso: Praça em 06Mar19 na Escola Militar do Realengo, Asp Of em 07Jan22, 2º Ten a 30Abr22, 1º Ten em 28Jun23, Cap a 11Nov32; por merecimento: Maj em 03Mai39, Ten Cel a 25Jun44, Cel em 25Dez49, Gen Bda a 25Ago56, Gen Div em 25Jul62, Gen Ex a 25Nov64 e Marechal Reformado em 15Fev65 por Dec. de 15Fev65, publicado no DO 10/65 de 16Fev65. Participou de Operações de Guerra como Observador Militar de Motomecanização do EB junto ao QG da 1ª Divisão Blindada do V Exército Norte Americano na 2ª Guerra Mundial na Itália, tendo antes integrado a 1ª Brigada de Infantaria em operações de guerra em São Paulo, na Revolução de 1924. Coursou Cavalaria, Aperfeiçoamento, Estado-Maior e a Escola de Cavalaria de Saumur na França. Como Tenente serviu no 1º RCD (Rio de Janeiro- RJ), no 13º RCI (Rio Pardo-RS), 9ª RM (Campo Grande-MS), no EME (Rio de Janeiro- RJ) e na Escola Militar do Realengo como Ajudante de Ordens de seu comandante no combate à Revolução de 1924. Foi aluno e auxiliar de instrutor de Tática de Cavalaria na Escola Provisória desta arma no Rio de Janeiro. Foi voluntário para participar da Revolução de 30, tendo partido de avião do Campo dos Afonsos em 26Out30 com destino a Ponta Grossa-PR em missão da Junta Governativa que depôs o Presidente Washington Luiz, como oficial de ligação com o Chefe das Forças Revolucionárias Dr. Getúlio Vargas, regressando no dia 31Out. Iniciou seu curso na ECEME em 16Abr31, tendo que interrompê-lo em 11Jul32 por suspensão de suas aulas. Como Capitão cursou a ECEME, concluindo-a em

18Dez33 com menção “Muito Bem”, sendo classificado em 2º lugar. Estagiou no EME no Rio de Janeiro. Foi Instrutor-Chefe de Exercícios Militares na Escola de Cavalaria, tendo cursado por um ano a Escola de Cavalaria de Saumir de 01Out34 a 31Dez35. Foi estagiário de Cavalaria na EEM e Adjunto de Motorização no EME. Em fase de Motorização, comandou a unidade Escola de Moto mecanização no Rio de Janeiro, sendo considerado o fundador da atual Escola de Material Bélico, e foi instrutor do Centro de Instrução de Moto mecanização e do 1º Esquadrão de Auto-Metralhadoras também no Rio de Janeiro. Pelo seu trabalho na parte de motomecanização é considerado o homem que consolidou os blindados no Brasil. Como Major chefiou o Estado-Maior da 3ª DC em Bagé. Serviu no 1º RCD no Rio de Janeiro, foi Adjunto do Conselho de Segurança Nacional, Observador Militar junto à Embaixada do Brasil no Peru e chefiou o Gabinete da Diretoria de Moto mecanização. Como Ten Cel continuou na chefia do Gabinete da citada Diretoria. Em 18Dez44 apresentou-se em Pistóia na Itália, no QG da 1ª DI Expedicionária como Observador de Motomecanização, junto à 1ª Divisão Blindada do V Exército dos EUA, sendo ferido por estilhaços de granada em 22Abr45, próximo de Campogaliano, obrigando-o a retornar ao Brasil e baixar, em 26Nov45, no Hospital Central do Exército, sendo julgado incapaz temporariamente para o serviço, precisando de 120 dias para tratamento, a contar de 30Nov45. Viajou para os EUA para tratamento de saúde, de lá regressando em 14Mar47, depois de cerca de 15 meses de tratamento. Chegando ao Brasil foi julgado Apto para o serviço, assumindo a Chefia da 1ª Seção do EME. Como Cel comandou no Rio de Janeiro o Grupo de Reconhecimento Mecanizado e, a seguir, a Escola de Motomecanização de onde viajou para assumir, como Coronel, o comando da 1ª DC. Como GenBa continuou no comando da 1ª DC e depois como Diretor de Moto mecanização. Como GenDiv, comandou a 3ª RM em Porto Alegre e, a seguir, a Força de Emergência das Nações Unidas, onde adoeceu gravemente. Foi promovido a GenEx em 25Nov64 e reformado em 15Fev65. Em 13Abr34 foi que iniciou suas

atividades culturais como Redator da **Revista Cavalaria**. Nos esportes, em 15Abr25 foi o 1º lugar em concurso com tiro de revólver. Em 14Fev41, como Major, representou o 1º RCD no Rio de Janeiro nas provas hípicas da PMRJ. Foi agraciado com as seguintes condecorações: Medalhas de Sangue do Brasil, de Guerra e de Campanha, Comendador do Mérito Militar, Medalha Marechal Hermes de Aplicação e Estudo, dou-rada com uma coroa, Medalha de Alta Distinção da Ordem do Mérito Jurídico e Grã-Cruz da Ordem do Rio Branco. Es-trangeiras: Medalha da Ordem Nacional da Legião de Honra da França e Comendador da Ordem Militar de Ayacucho do Peru. A Espada de Oficial-General que pertenceu ao Marechal Carlos Flores de Paiva Chaves está sob a guarda da Escola de Material Bélico e, em cerimônia militar, foi doada pela famí-lia, representada pelos filhos GenEx Armando Luiz Malan de Paiva Chaves e Cel João Baptista Malan de Paiva Chaves. A espada representa, na EsMB, a presença perene do Marechal na Escola que construiu e que elevou aos mais altos padrões de excelência (Cel Bento). Seu elogio não foi localizado.



Gen Mário Ferreira Barbosa Pinto

Comandou a 1ª DC de 26 Mai a 17Jun59 (22 dias). Nasceu em São Luís do Maranhão em 17Abr1904, filho de Arthur Barbosa Pinto e de Joana Adelaide Ferreira Pinto. Praça de 24Mar23; Asp Of Inf a 30Dez25; 2º Ten: 23Jan26; 1º Ten em 26Jan28; Cap a 16Ago33. Por merecimen-to: Major em 09Out42; Ten Cel 25Set46; Cel a 25Jan52; Gen Bda em 25Mar59 e Gen Div a 25Nov63. Participou da Revo-lução de São Paulo, de 10Jul a 03Out32 e da FEB no período 08Jul44 a 11Mar45. Foi estagiário na Escola de Aeronáutica Militar e nos EUA. Comandou o 1º BCC. Foi Diretor do Curso de Especialização de Motomecanização, Instr Ch do Curso de Inf da ECEME, Ch da 1ª Sec do EM/ZMS, Cmt do 6º RI (hoje 6º BIL-Aeromóvel), Diretor de Comunicações e Cmt da 9ª RM (Campo Grande, MS). Possui os seguintes cursos: Inf da Es-

cola Militar do Realengo, The Army Infantry School (Fort Benning, Geórgia, EUA), Escola de Aperfeiçoamento (atual EsAO) e Escola de Estado-Maior (atual ECEME). Condecorações: Cruz de Combate de 2ª classe, Medalha de Campanha (FEB), Ordem do Mérito Militar (grau de Comendador), Medalha Militar de Ouro (passador de Platina), Medalha de Guerra (FEB), Medalha do Pacificador e Estrela de Bronze (EUA). Faleceu a 16Jun64 no Rio de Janeiro. Foi promovido post-mortem a Gen Ex e Marechal a partir da data do falecimento, conforme o BE nº 29/64/DEC e DO de 02Jul64. Elogio não foi localizado.



Gen José Pinheiro de Ulhoa Cintra

Comandou a 1ª DC de 10Out59 a 11Mai61. Nasceu a 17Mar08 no Rio de Janeiro, filho de José Pinheiro de Ulhoa Cintra e de Carmela Leite. Casado com a Sra. Hέλvia Maurício de Abreu Alcoforado. Praça em 31Mar25 na Escola Militar do Realengo, Asp Of Inf em 19Jan29, 2º Ten a 25Jul29, 1º Ten em 19Fev31, Cap a 05Jan33, Maj em 25Dez41 (merecimento), Ten Cel a 25Dez44 (merecimento), Cel em 25Mar51, Gen Bda a 25Jul59, Gen Div em 25Jul64 e Marechal (post-mortem, BE nº 05/66). Cursos: Inf da EMR, Aperfeiçoamento (Escola das Armas), Escola de EM e Superior de Guerra (ESG). Participou da luta contra a Revolução Constitucionalista de São Paulo de 10 a 22Jul32 e da FEB de 15Ago44 a 15Abr45. Foi Adido Militar na Embaixada do Brasil no Peru, Ch 2ª Sec da Secr Geral do Conselho de Segurança Nacional, Superintendente da Cia de Navegação Costeira, de Patrimônio da União e de outras empresas de bens. Foi Ch EM da JID (Washington), Cmt do 6º RI (Caçapava, SP), Ch da Div de Planejamento e Inspeção da Diretoria de Material Bélico, Cmt da 1ª DC, SubDir de Recrutamento (1061/64), Membro da CPO (64/65), Cmt da 1ª DI e Cmt da Vila Militar (1964/65). Condecorações: Cruz de Combate de 2ª Classe, Grande Oficial da Ordem do Mérito Militar, Cruz de Guerra com Palma (França) e Estrela de Bronze (EUA). Medalhas: Marechal Hermes de pra-

ta dourada com uma coroa, de Campanha, de Ouro, de Guerra, do Pacificador e Especial da JID. Falecido em 26Nov65 em São Paulo, teve homenagem póstuma pelo Senado Federal. Seu avô, homônimo, o Cel José Pinheiro Ulhoa Cintra, natural de São João d'El Rey, foi Secretário Militar de Bento Gonçalves da Silva, Líder da Revolução Farroupilha (1835/45).

Referência elogiosa – Pelo Cmt do III Ex – Por decreto de 08 de abril de 1961, afasta-se do III Exército, após mais de um ano e meio de comando efetivo e eficiente da 1ª DC, o Gen JOSÉ PINHEIRO DE ULHOA CINTRA. Na visita que fiz à guarnição de Santiago pude constatar as suas reais qualidades de Chefe e a habilidade com que integrou a sua guarnição à vida da sociedade local. Chefe de grandes qualidades de caráter, de comprovada capacidade profissional e de sólida cultura; dotado de energia serena, de elevado espírito militar e de notável dedicação ao serviço, alia a estas qualidades uma clarividente noção de responsabilidade e de grande capacidade de ação. Suas atitudes firmes e ponderadas, sua direção hábil e criteriosa despertam a confiança não só de seus chefes, como, sobretudo de seus subordinados. Com grande satisfação e prazer louvo o Gen de Bda Ulhoa Cintra por sua destacada ação de comando à testa da 1ª DC agradecendo-lhe a cooperação valiosa que prestou ao III Exército. (Individual).



Gen Oromar Osório

Comandou a 1ª DC de 11Mai61 a 07Dez62. Nasceu em 03Jul1901 no Rio de Janeiro, filho de Antônio José Osório. Casado com a Sra. Iracema Guimarães Osório, de cujo consórcio nasceu José Carlos (25Dez36). Praça de 22Abr19 na Escola Militar do Realengo, Asp Of Cav em 07Jan22, 2º Ten a 30Abr22, 1º Ten em 28Jun23, Cap a 11Nov32, Maj em 24Mai41, Ten Cel a 25Mar45, Cel em 25Jul51, Gen Bda a 25Ago57, Gen Div em 25Mar63 e Gen Div Reformado a 01Jun70. Cursos: EMR (1919/22), Aperfeiçoamento (1930), Estado-Maior (1940/42) e Superior de Guerra (1960). Foi Instr Eq na EMR

(1931/33), tendo sido pioneiro como Instr na EsEqEx. Serviu no Dep de Remonta de Monte Belo (1933/34), na Dir de Remonta (1934), foi Cmt do IV Esqd/4º RCD (Juiz de Fora, 1934/35), Instr Cav da Força Pública SP (1935/38), serviu no 4º RCI (Santo Ângelo, RS, 1938/39), foi Instr Ch Eq da EsEM (Rio, 1939/40), Aluno da EsEM (1940/42), serviu na 2ª DC (Uruguaiana, 1942/44), no EME (Rio, 1944/45), foi Cmt do 6º RC (Alegrete, RS, 1945/46), serviu no EM da 2ª RM (São Paulo, 1946/47), Ch da Cooperação Militar Brasileira no Paraguai. Serviu no EME (Rio, 1951/52), foi SCmt EsAO (Rio, 1952/54), foi Ch 3ª Sec EM da ZML (Rio, 1954/55), Cmt do 1º RCGd (Rio, 1956/57), Cmt da PMDF (Rio, 1957/59), Cmt da AD/5 (Curitiba, 1959/60), Estagiário da ESG (Rio, 1960), Cmt da 1ª DC, Cmt da AD/1ª DI (Rio, 1962/63), Cmt da 1ª DI e da Vila Militar (Rio, 1963/64). Em 1962, como Cmt da 1ª DC, posicionou-se a favor da posse de João Goulart na Presidência da República. Nos esportes, foi representante da Liga dos Esportes do Exército em Concurso Hípico de São Paulo (1925) e membro da Comissão Desportiva de Hipismo e Pólo. Condecorações: Ordem do Mérito Militar (Comendador), Ordem Nacional do Mérito do Paraguai (Comendador), Ordem do Mérito Jurídico Militar (Alta Distinção), Ordem do Mérito Aeronáutico (Grande Oficial) e Ordem do Mérito Naval (Comendador). Medalhas: Militar de Ouro, de Guerra e do Pacificador. Foi transferido para a Reserva por Ato Institucional de 09Abr64, publicado no BE 17/64, e Reformado por Dec. de 25Set64, publicado no DO de 28Set64 e no BE 42/64, tendo sido excluído das ordens do Mérito Naval, do Mérito Aeronáutico e do Mérito Militar. O elogio não pode ser localizado.



Gen Anfrísio da Rocha Lima

Comandou a 1ª DC de 30Jan a 25Jun63 (quatro meses e 26 dias). Nasceu a 16Ago05. Praça de 22Abr24. Gen Bda por Dec. de 25Nov62, publicado no DO de 29Nov62. Foi transferido para a reserva remunerada pelo Ato nº 3, de 11Abr64 (DO de 11Abr64) do Comando Supremo da Re-

volução de 1964 e depois reformado no mesmo posto fazendo jus aos proventos do mesmo posto. Pelo BE 36/64 foi excluído da Ordem do Mérito Militar. Por ocasião dos acontecimentos posteriores ao 31Mar64, o Gen Anfrísio da Rocha Lima era o comandante das tropas do I Ex que se deslocaram no eixo da Via Dutra na direção de São Paulo. Quando as tropas do I Ex se depararam com o bloqueio realizado pelos cadetes da AMAN, comandados pelo Gen Emílio Garrastazú Médici, colocaram-se sob as ordens deste, aderindo assim aos revolucionários.

REFERÊNCIA ELOGIOSA – Pelo Cmt do III Ex – Gen ANFRÍSIO DA ROCHA LIMA – Promovido a General de Brigada recentemente, foi-lhe designado o Comando da 1ª Divisão de Cavalaria, o qual assumiu em 30 de janeiro do corrente ano. Oriundo da Infantaria, empolgado pela Arma, demonstrando conhecer os seus problemas. Tem inspirado seus comandados, dinamizando a instrução, mantendo a 1ª DC no alto conceito em que se firmou de longa data. Agradeço a sua colaboração e louvo-o pelo seu trabalho (Individual-Bol III Ex de 18Jun63).



Gen João de Deus Nunes Saraiva

Comandou a 1ª DC de 17Set63 a 14Abr64. Nasceu no Rio Grande do Sul em 28Set1908, filho de Antônio Alves Saraiva. Casado com a Sra. Cecyra Faillace Saraiva, de cujo consórcio nasceram Carmen Vera, Magda e Beatriz. Praça de 03Mar25, foi Asp Of Cav em 20Jan28, 2º Ten a 09Ago28, 1º Ten em 14Ago30,

Cap a 03Mai37; por merecimento: Maj em 25Dez44, Ten Cel a 25Mar51, Cel em 25Mar55 e Gen Bda a 25Jul63. Cursos: Cavalaria (EMR - Reg 1924), Aperfeiçoamento (Escola das Armas), Estado-Maior e Especial de Equitação (Escola de Cavalaria-35/36). Participou da luta contra a Revolução Constitucionalista de São Paulo de 1932 de 15Ago/03Out32. Foi Ch Dep Equitação da Escola Militar do Realengo, Ch 1ª Sec do Serviço Militar Regional da 3ª RM (Porto Alegre), Cmt do 12º RC (Porto Alegre), Ch EM da 3ª DC (Santa Maria), Cmt da

Escola Preparatória de Porto Alegre (EPPA, 1960) e depois, na transição, Cmt do CMPA, Cmt da 1ª DC e Sub Diretor da Reserva. Nos desportos, fez parte da equipe da EMR que conquistou o 1º lugar no Torneio de Pólo do DF em 1937 e foi Vice-Presidente da Comissão Técnica e do Júri de Apelação do Torneio Especial de Pólo do III Exército. Serviu nas guarnições do Rio (1925/28), Rosário do Sul (1928/29), Bagé (1929/35), Rio (1935/40), Dom Pedrito 1940/42), São Gabriel (1942), Rio (1942/45), Porto Alegre (1945/55), Bagé (1955/60), Porto Alegre (1960/63), Santiago (1963/64) e Rio (1964). Condecorações: Ordem do Mérito Militar (Comendador), Medalha Militar de Ouro e do Pacificador. Foi Reformado no posto de Gen Bda pelo Dec de 07Out64, publicado no DO do dia seguinte e no BE 44/64 com 44 anos de serviço. Não foi encontrado o elogio do Gen Saraiva.



Gen João Augusto Montarroyos

Comandou a 1ª DC de 17Abr64 a 15Dez64. Nasceu a 23Ou1905 no Rio de Janeiro, filho de Eliseu Montarroyos. Casado com a Sra. Neida Cavalcante Mendes, de cujo consórcio nasceram João Augusto, Nilton e Mário. Praça de 01Abr24, foi Asp Of Cav em 07Jan27, 2º Ten a 14Jul27, 1º Ten em 18Jul29, Cap a 25Dez36, Maj em 25Jun44, Ten Cel a 25Mar51, Cel em 25Jun54 (merecimento) e Gen Bda a 25Mar64. Cursos: Cav na EMR, Especial de Equitação na Escola de Cavalaria, Motomecanização, Estado-Maior do Exército (com menção B), Armored Officer na Advanced Armored School (Fort Knox, EUA), Guerra na Selva (CIGS, Manaus) e Superior de Guerra na ESG. Foi o primeiro, e até 2005, o único oficial do EB a possuir os cursos da Escola de Motomecanização, Escola de Equitação e Blindados no EUA. Nos desportos, participou do Campeonato Brasileiro de Adestramento, foi considerado (1958) “Cavaleiro Veterano” pela CDE e foi 1º lugar no Campeonato de Desportos (Competições Hípicas) do I Ex (1964). Durante a carreira, foi Cmt de Esqd no

4º RCD, Cmt do Dst do Dep de Remonta de Campo Grande, Aux Instr Eq do CPOR/RJ, Aux Instr Eq da EMR, AjO do Ch da Missão Militar Francesa, Instr Eq e Cmt do Contingente da Escola de Estado-Maior, AjO do Gen Estevão Leitão de Carvalho, Ch da 2ª Sec do Núcleo da Divisão Blindada, Ch da Div de Mobilização da Dir de Motomecanização, Of de Ligação do EB na Secção Terrestre da Delegação Norte Americana da Comissão Militar Brasil/EUA, Ch EM do Grupamento de Unidades-Escola, Cmt do 11º RC (19Mai58 a 02Jul59), Ch da Sec Planejamento e Cooperação do I Ex, Cmt do 2º BCC, Ch Gab da DAM, Ch EM do Grupamento de Unidades-Escola, Cmt da 1ª DC e Subdiretor da Reserva. Passou para a Reserva como Gen Bda R/1 com proventos de Gen Ex, em 03Nov67. Condecorações nacionais: Ordem do Mérito Militar (Comendador), Medalha Militar de Ouro com Passador de Platina, Medalha de Guerra e Medalha do Pacificador. Estrangeira: Legião do Mérito dos EUA. Não foi localizado o elogio do Gen Montarroyos.



Gen Oscar Luiz da Silva

Comandou a 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada de 04Fev65 a 08Jul66. Nasceu no Recife, PE, em 21 Nov11, filho de Joaquim Olegário da Silva e Angelina Cobbe da Silva. Praça de 17Mar30 na Escola Militar do Realengo, procedente do CMRJ. Declarado Asp Of Cav em 22Dez32, sendo comandante da Escola o então Cel José Pessoa. Sua primeira unidade foi o Regimento Andrade Neves (Rio-1933/36), onde se destacou como equitador nas modalidades Cross Country, Cavalo D'Armas e Percorso de Caça. A seguir, serviu no 11º RCI em Ponta Porã-MS. Cap em 05Mar40, serviu no 5º RCD em Curitiba-PR e a seguir no 7º RCI em Sant'Anna do Livramento,RS, de 23 Mar40 a Jan48. Serviu na Coudelaria Nacional de Saicã de 07Jan42 a 06Mai44 e na 11ª CR de 15Jun44 a 23Fev45. Instrutor da AMAN e, a título precário, instrutor de História Militar da mesma, de 19Mar45 – 01 Mar46. Neste ano ven-

ceu a prova hípica Cidade de Resende em 29Set45. Courseu a ECEME em 1946/48, onde foi promovido a Maj em 25Jun48. Como oficial do QEMA, serviu no EM/7ª RM em Recife de 17Fev49 a 04Fev55, onde foi promovido a Ten Cel (25Jul52). Chefe da Div de Planejamento da DGE (atual DECEX) de 21Fev55 a 11Mai56 no Rio. Serviu no CMRJ como Ch Sec Técnica de Ensino de 12Mar56 a 26Ago58. Foi Comandante do 1º RCM - Santiago-RS de 22Set58 a 24Mar61, onde foi promovido a Cel (25Dez59). Serviu no EME (Rio) de 24Abr61 a 30Mar63, e foi Ch de Gabinete da DPA (Diretoria de Pessoal da Ativa) de 31Mar63 a 02Mar64. Courseu a ESG em 1964. Promovido a Gen Bda em 25Nov64, comandou a 1ª DC em Santiago do Boqueirão-RS. Chefiou o Gabinete do Ministro da Guerra, Gen Ex Ademir de Queiroz, de 16 Jul66 a 17Mar67, o último com título de Ministro da Guerra. Foi sub-chefe do EMFA de 25Abr67 a 03Fev69. Foi Representante das Forças Armadas na Comissão Geral de Investigações de 13Fev69 a 13Set72, no Rio, como Gen Div, desde 25Nov68. Foi Cmt do III Exército e depois transferido para a Reserva Remunerada (Dec. 31Jul76 - DO de 02Ago76). Presidiu o IPM, como Cmt da 1ª DC, da denominada Operação Três Passos, em 1960. Sua atuação, conclusões e ação na vice-presidência da CGI, presidida pelo Ministro Alfredo Buzaid, são abordadas no **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro** FGV-CPDoc (v.4, p. 3171). Ao deixar o comando, foi elogiado pelo Ministro do Exército Gen Silvio Frota nos seguintes termos: *"...O Gen Oscar Luís esteve sempre entre os primeiros que sentiram e compreenderam o perigo que representa para o Brasil a Guerra Revolucionária, como instrumento do imperialismo comunista, estudando meticulosamente este conflito moderno..."* Presidiu Comissão Interministerial que elaborou ante-projeto do Estatuto dos Militares. Compareceu à inauguração do Parque Osório, integrando a comitiva do Ministro do EB, Gen Ex Orlando Geisel, em 10Mar70. Courseu Técnica de Ensino, EsAO e ESG. Condecorações: Grã-Cruz do Mérito Militar, Ordem do Rio Branco e Grande

Oficial do Mérito Aeronáutico e Naval. Medalhas: Mérito Tamandaré, Santos Dumont, Judiciário (alta distinção), Jurídico Militar, Pacificador, Mal Trompowsky, Bento Gonçalves (RS) e Mérito Anita Garibaldi (bronze-SC) e Medalha Militar de 40 anos de bons serviços. Durante toda a sua carreira colheu inúmeros prêmios em provas hípicas. Como Gen Ex, no comando do CMS, comandou a última carga de Cavalaria do EB, tendo seu cavalo rodado, fato fotografado em detalhes e muito comentado nos meios cavalarianos. Casado com D. Marina da Silva, de cujo consórcio nasceram Eneida Maria (1937), Marizia (1938), Estela Maria (1943) e Oscar Luiz Júnior. Faleceu em 08 Abr92, em Brasília. (Cel Bento).

REFERÊNCIA ELOGIOSA – Pelo Gen Orlando Geisel, Cmt do III Ex - Ao deixar o Comando da 1ª Divisão de Cavalaria, após tê-lo exercido durante 1 ano e meio, louvo o Exmo Sr Gen Oscar Luiz da Silva da forma que se segue: Oficial General de invulgar competência e capacidade de trabalho que, se impôs aos seus comandados, camaradas e superiores mercê de sua atuação brilhante à frente da 1ª DC que veio confirmar o conceito de Chefe inteligente, íntegro e capaz. Seus dotes de Comandante se evidenciaram de forma definitiva naquela importante função e sua obra de comando, cobrindo todos os setores, deixa ver a 1ª DC destacada no seio do III Exército como uma de suas mais instruídas e disciplinadas Grandes Unidades. O traço predominante de seu comando foi, sem dúvida, o exemplo de dinamismo, de disciplina e de compreensão do dever militar que transmitiu àquela importante fração de nosso Exército, que hoje vive dias de esplendor, quando se consideram sua eficiência e sua dedicação profissional. Louvo o Exmo Sr Gen Oscar Luiz por suas grandes qualidades de soldado que o consagram como Chefe exemplar e agradeço-lhe a colaboração prestada ao III Exército, desejando-lhe pleno êxito nas importantes funções de Chefe do Gabinete do Ministro da Guerra. (Individual). (Nota s/nº Cmdo – Bol III Ex de 13Jul66).



Gen Ramiro Tavares Gonçalves

Comandou a 1ª DC de 13Set66 a 29Mar67. Nasceu a 27Jun12 no Rio de Janeiro, filho de Porphirio Gonçalves e de Da. Anna Tavares Gonçalves. Casado com a Sra. Iignes Barbosa Monteiro Gonçalves, de cujo consórcio nasceram Ana e Fernando. Praça de 21Mar28 na Escola Militar do Realengo (EMR), foi declarado Asp Of Cav em 22Dez32, 2º Ten a 06Jul33, 1º Ten em 02Ago34, Cap a 25Ago40, Maj em 25Set48, Ten Cel a 25Set52, Cel em 25Abr60, Gen Bda a 25Nov64, Gen Div em 25Mar69 e Gen Ex a 31Jul73. Cursos: EMR, EsEFEx, EsAO, Estado-Maior, Informações, Técnica de Ensino e Superior de Guerra (ESG). Durante a carreira, foi Secr da Embaixada Especial à posse do Pres. do Chile (1939), Cmt Esqd no 4º RCD, Repr. do Brasil na Comissão dos Países Garantes no conflito Peru-Ecuador, Adido Militar, Aeronáutico e Naval na Embaixada do Brasil no Equador, Ch Subsec do EM do Exército, Ch Sec da Diretoria Geral de Ensino, Sub Dir de Ensino na EsIE, Ch Div e de Gabinete do EME, Membro da Comissão Militar Brasileira na Comemoração Nacional da Venezuela (1955), Cmt da EsIE (1960/62), Ch EM da 2ª RM, Ch da 3ª Div do Gab do Min da Guerra (Gen Arthur da Costa e Silva), Secr do Min da Guerra, Cmt da 1ª DC, Cmt da Div Blindada, Repr do EB na Delegação dos festejos do 5º Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral em Portugal, Cmt da 9ª RM, Diretor Geral de Mat Bel, Vice Ch do DMB, Ch do DGP, Representante do EB em visita às instalações militares da Itália e, no meio civil, Diretor do Serviço de Trânsito do antigo Departamento Federal de Segurança Pública (Nov51/Jul52). Nos esportes, foi Organizador das Olimpíadas Militares realizadas em Porto Alegre em 1939, Presidente da Liga Atlético Rio-Grandense, Ch da Delegação Militar Brasileira no 1º Campeonato Esportivo Militar do Paraguai (1959), Organizador do IV Jogos Americanos de São Paulo (1963), Presidente da CDE e Membro do Comitê Olímpico. Condecorações e medalhas nacionais: Militar de Ouro com Passador de Platina,

Ordem do Mérito Militar (Grã-Cruz) e Naval (Grã-Cruz), Ordem do Rio Branco (Grande Oficial), Ordem do Mérito da Justiça Militar (Alta Distinção), de Guerra, Pacificador, Mérito Tamandaré, Santos Dumont, da Inconfidência, da Cruz do Mérito da Cruz Vermelha Brasileira e Marechal Trompovski. Estrangeiras: Medalha do EM Argentino (Ouro), Al Mérito do Chile (Cavaleiro), Ordem Nacional do Mérito do Equador (Oficial), Abdon Calderon do Equador (1ª Classe), Mérito Militar de Portugal (1ª Classe), Ordem Militar de Aviz de Portugal (Grande Oficial), Ordem do Infante Dom Henrique, Ordem nacional do Mérito do Paraguai (Comendador e Grande Oficial) e medalha de Prata de Serviços Distintos de Portugal. Foi transferido para a Reserva por Dec. de 05Mar76, publicado no DO de 09Mar76. Não foi localizado o seu elogio.



Gen Rubem Continentino Dias Ribeiro

Comandou a 1ª DC de 09Mai67 a 03Set68. Nasceu em 25Mar11 no Rio de Janeiro, filho de Francisco Dias Ribeiro e de Da. Isabel Continentino Ribeiro. Casado com a Sra. Ilka Sá Ribeiro, de cujo consórcio nasceu Carlos Roberto (Oficial da Marinha de Guerra), que lhes deu o neto Eduardo, nascido em 04Jan68. Praça de 17Mar30 na EMR, Asp Of Cav em 22Dez32, 2º Ten a 06Jul33, 1º Ten em 02Ago34, Cap a 24Mai41; por merecimento: Maj em 25Mar50, Ten Cel a 25Jul53, Cel em 25Ago60, Gen Bda a 25Mar67 e Gen Div em 25Mar72. Cursos: Cavalaria (Regulamento de 1929), EsAO (Menção MB), Estado-Maior (Menção B) e Equitação (EsEqEx). Foi Aux Instr Equitação na EMR (1937/42), Aux Gab da Diretoria de Remonta e Veterinária (1944/45), AjO do Secr Geral do Min da Guerra (Gen Edgard do Amaral-1946/48), membro da Repr do Brasil no Concurso Hípico de Lima (Peru-1950), Aj de Regimento, Sub Cmt e Fisc Adm do 1º RCGd (Dez48/Ago52), Instr de Equitação da Es Sau do EB (Ago50/30Jun52), Adj da 1ª Sec do EMG da 4ª DC (Fev55/Fev56), Sub Cmt do 1º RCGd (Mai56/Ago60), Ch da 1ª Cir-

cunscrição de Recrutamento (Dez60/Abr61), Cmt e Dir de Ensino da EsEqEx (Abr61/Set63), Ch da 1ª Sec do EM do III Ex (Nov63/Ago65), Ch Gab da Secr do Min da Guerra (Set65/Ago66) e Ch EM da 1ª DC (Set66/Mar67). Como General: Cmt da 1ª DC, Dir de Assistência Social (Set68/Mar72), 2º Sub Ch do DGP (Mai72/Mai73), Vice Ch interino do DGP (Mar/Mai73), cumulativamente com a 2ª Sub Ch, Dir de Ensino Preparatório e Assistencial (DEPA-Mai73). Fez parte das comemorações da inauguração do Parque Osório em 1970 e da Comissão Organizadora Central da VIII Exposição Nacional de Eqüídeos e Concursos Diversos em Campo Grande, MS (1972). Nos esportes, integrou a Delegação Brasileira no Concurso Hípico do Chile em 1942, foi Instr Equitação na Sociedade Hípica Brasileira (1944), integrou a Equipe de Hipismo na XIV Olimpíada de Londres, Inglaterra (1948) e integrou a Delegação Brasileira no Concurso Hípico Internacional do Peru (1950) cuja equipe sagrou-se campeã. Condecorações e medalhas: Ordem do Mérito Militar (Grande Oficial), Medalha Militar de Ouro com Passador de Platina, do Pacificador e de Guerra. Falava Inglês, Espanhol, Italiano e Alemão. Foi transferido para a Reserva por Dec de 28Fev75, publicado no DO de 03Mar75.

LOUVOR DE OFICIAL GENERAL – Pelo Cmt do III Ex – Gen Bda Rubem Continentino Dias Ribeiro – Por motivo de sua recente nomeação para importante nova comissão, deixa o Comando da 1ª Divisão de Cavalaria o Exmo. Sr. Gen Bda Rubem Continentino Dias Ribeiro. Conheço dos bancos escolares este operoso e grande soldado, quando já se revelava um jovem de conduta exemplar e caráter ilibado. Hoje, com o conhecimento de seu passado e de suas realizações em prol do Exército, mormente como Chefe do EM e Cmt da 1ª DC, posso afirmar que este Oficial General tem alto valor e grandes méritos. Dedicado e honesto nos propósitos, disciplinado e disciplinador, leal e digno, revelou sempre as suas elevadas qualidades de Chefia e de Comando. Moralizado, capaz e eficiente, fez-se sempre admirado e respeitado pelos seus subordinados e estimado por seus Chefes. Manteve sempre sua Grande Unidade bem instruída, bem administrada e nas

melhores condições de eficiência operacional. Declaro que foi um prazer tê-lo ao meu Comando e lamento profundamente o afastamento de tão primoroso auxiliar. Desejo-lhe, pois, os melhores bons êxitos nas novas funções, agradeço os seus bons serviços ao nosso caro III Exército e o louvo mui merecidamente. (Individual – Bol Int III Ex nº 173, de 03Set68).



Gen José Fragomeni

Comandou a 1ª DC de 03Set68 a 12Set69. Nasceu em 16Mar14 em São Gabriel, RS, filho de Jerônimo Fragomeni. Casado com a Sra. Eunice Pizarro Fragomeni, de cujo consórcio nasceram Ana Helena, José Carlos, Luiz Francisco Antônio Sérgio, Paulo Roberto e Vera Maria. Praça de 15Mar33, Asp Of Cav em 1935, 2º Ten a 03Jan36, 1º Ten em 24Mai37, Cap a 25Dez44; por merecimento: Maj em 25Jul51, Ten Cel a 25Abr57, Cel em 25Dez63, Gen Bda a 25Mar68, Gen Div em 25Nov73 e Gen Ex a 25Nov77. Cursos: EMR, EsAO, ECEME, ESG/Comando e EM das FA. No exterior: Escola de Cavalaria dos EUA. Foi Instr Ch do CCav da AMAN, Instr da ECEME, Cmt do 12º RC, Ch da MMBIP (Paraguai), Ch da Div Gab do Min do EB, Adj da 3ª Sec do EME, Estagiário da ESG, Cmt do 1º RCGd, Ch EM e Agente Diretor da Div Blindada, Assist do SCh do Exército no EMFA, Ch da 4ª Sec do EMFA, Sub Ch de Gab do Min EB, Cmt da AD/6, Cmt da 1ª DC, Dir de Administração Financeira, Cmt da AMAN, Dir Interino da DFA, Sub Ch do EME, Diretor Geral de Eco e Fin, Cmt da 2ª DE, Cmt da ESG, Cmt do II Ex e Ministro do STM. Foi Membro do Corpo de Conselheiros da ESG. Condecorações e medalhas nacionais: Ordem do Mérito Militar (Grão-Mestre), do Mérito Aeronáutico (Grande Oficial), Medalha de 40 anos (Ouro com Passador de Platina), Pacificador, Mérito Santos Dumont (Prata), Marechal Hermes (Prata dourada com duas coroas), Mérito Tamandaré, Ordem do Rio Branco (Grã-Cruz), Ordem do Mérito Naval (Grande Oficial) e Medalha de Platina (50 anos de bons serviços). Estrangeiras: Mestre de

Equitação, Honorífica da Cavalaria, Mérito Militar (Oficial) e Serviços Distintos, todas do Paraguai; e Medalha do Mérito Militar de 1ª Classe de Portugal.

ELOGIO DE OFICIAL-GENERAL – Pelo Cmt do III Ex - Na oportunidade em que o Exmo Sr Gen Bda José Fragomeni entrega ao seu sucessor o comando da 1ª DC, que durante um ano exerceu com destacada eficiência, tenho a satisfação de elogiá-lo pelos assinalados serviços prestados a frente dessa tradicional Divisão de Cavalaria. Sua reconhecida competência profissional, energia, capacidade de trabalho e valor moral, que tanto o distinguem, aliados à confiança integral que soube inspirar em seus comandados, constituíram fatores de relevo para o elevado conceito alcançado pela 1ª DC no quadro das GU do III Exército. O entusiasmo por sua Arma de origem, a permanente assistência que dedicou à sua tropa e o exemplo de seu trabalho metódico e perseverante, ensejaram, em todas as circunstâncias, vigoroso estímulo aos seus subordinados na superação de inúmeras dificuldades para, num esforço conjunto assegurar um ritmo dinâmico e constante de atividades de instrução, administração e de segurança desenvolvidos em todos os escalões da 1ª DC. Ressalto, com especial referência, a excelente impressão causada por ocasião da visita de Comando, realizada em maio do corrente ano, quando, em sua fluente exposição, demonstrou conhecer, em todos os seus pormenores, as condições e problemas de suas Unidades e todas as peculiaridades da área de sua responsabilidade. Cumpre-me, ainda, destacar os exercícios de diferentes naturezas que fez realizar, sob sua direção pessoal, os quais evidenciaram não somente cuidadosa preparação como, também, o alto nível de instrução da tropa sob seu comando. Ao consignar no presente elogio o alto apreço que cerca o seu nome e o reconhecimento III Exército pelo comando exemplar que acaba de concluir, expresso a certeza de que a nova missão que lhe foi confiada será cumprida com pleno êxito, mercê de seu devotamento às responsabilidades profissionais e das qualidades de chefia, proficiência e integridade moral que o caracterizam. (Individual – Bol III Ex de 12Set69).



Gen Raul Lopes Munhoz

Comandou a 1ª DC de 12Set69 a 03Abr71. Nasceu em 14Mar12 no Paraná, filho de Caetano José Munhoz e de Dona Gertrude Lopes Munhoz. Casado com a Sra. Yeda Bueno Munhoz, de cujo consórcio nasceram Marly, Nely e Sérgio. Praça Asp Of Cav em 25Jan34, 2º Ten a 30Ago34, 1º Ten em 07Set36, Cap a 24Mai42, Maj em 25Dez50; por merecimento: Ten Cel a 25Jul50, Cel em 25Ago61 e Gen Bda a 25Jul69. Cursos: Cavalaria (Reg de 1929), EsAO, Escola de EM, Comando e EM das FA e Superior de Guerra (ambos na ESG), do Centro de Instrução, Motorização e Mecanização, e Material Bélico dos EUA. Foi Ch da Div de Planejamento do Parque Central de Motomecanização (Jan45/Fev47), Instr Aux e Instr do CCav da EsAO (Ago47/Fev50), Adj da 4ª Sec EME (Jan56/Fev60 e de Fev61/Abr64), Ch da 3ª Subsec da 4ª Sec EME e respondeu pela Ch da mesma Secção, Membro do EM do Cmt-em-Chefe do EB (Abr64), Sub Ch do Gab Min da Guerra (Abr64), Ch da 8ª Div do mesmo Gab (Abr/Mai64), Cmt da EsPCEX Campinas-Mai64/Mar65), Cmt do 1º BCC (Abr65/Ago66), Ch Gab respondendo pela DAM (Jan/Jul68), Ch Gab do Dir do DPF (Ago/Dez68), Ch Gab da DPA (Jan/Abr69) e Ch Gab da Dir Geral de Remonta e Veterinária (Abr/Ago69). Como General: Cmt da 1ª DC, Dir da DCA (Abr71) e Presidente da Comissão de Sindicância para exame das atividades do IPASE (1961). Condecorações: Ordem do Mérito Militar (Comendador), Medalha Militar de Ouro com Passador de Platina, Pacificador e Ordem do Mérito Naval (Comendador). Seu elogio não foi localizado.



Gen Geraldo Knaack de Souza

Comandou a 1ª DC de 18Mai71 a 15Ago72. Nasceu no Rio de Janeiro a 24Out15, filho de Seraphim de Souza e de Odette Knaack de Souza. Casado com a Sra. Aurette Bruno Knaack de Souza, de cujo consórcio nasceu Gusta-

vo Adolfo (Oficial da Marinha de Guerra) que lhes deu a neta Lisel Lage. Praça de 27Mar34, Asp Of Cav em 11Jan37, 2º Ten a 15Nov37, 1º Ten em 07Set39, Cap a 25Dez44, Maj em 25Out51, Ten Cel a 25Dez57, Cel em 25Dez63, Gen Bda a 25Mar71 e Gen Div em 31Jul76. Cursos: EMR (1934/36), EsAO, Estado-Maior (1945/47) e Superior da ESG (1959). Serviu no Regimento Andrade Neves (Rio-1937/39), no 8º RCI (Uruguaiana-(Fev39/Abr40), no 5º RCD (Curitiba-Abr40/Set40), no 3º RC (São Luiz Gonzaga, RS-Abr/Jul62), no 7º RC (Livramento, RS-Fev64/Nov65), na 2ª DC (Uruguaiana, RS-Set65/Out65), na Diretoria de Cavalaria como AjO e como Instrutor na Escola de Estado-Maior do Exército. Como Of EM: EME (Rio-Ago/Set54), Comissão Militar Mista Brasil-EUA (Mar/Out61), I Ex (Rio-Out61/Mar62), Gab do Min da Guerra (Ago/Set62), Diretoria Geral de Ensino (Out62/Fev63), 1ª DI (Vila Militar, Rio-Jun63/Jan64), Diretoria de Ensino e Formação (Set68/Abr69) e II Ex (São Paulo-Jan/Abr71). Funções fora do Exército: no Gab Militar da Pres da República (Set42/Fev45), na Secr Geral do CSN (SFICI-Abr56/Mar61), no Corpo Permanente da ESG (Fev66/Set68), na Comissão Geral de IPM (Abr69/Mar70) e foi Representante do EMFA no Conselho Nacional de Transportes. No exterior, fez a Escola de Comando e Estado-Maior dos EUA (Jun52/Jun54). Como Of Gen: Cmt da 1ª DC, 11ª BdaInfBld (Campinas-Ago72/Jan74), EMFA (Brasília-Jan74/Set96), DMov (Set76/Mar79) e no DGP (Mar79). Condecorações e Medalhas nacionais: Ordem do Mérito Militar (Grande Oficial), do Mérito Aeronáutico (Comendador), do Naval (Comendador), do Rio Branco (Comendador), Medalha do Pacificador, Mérito Tamandaré, Mérito Santos Dumont, 40 anos, de Ouro com Passador de Platina e Marechal Hermes (Bronze com uma coroa). Estrangeiras: Ordem Nacional do Mérito Cavaleiro do Paraguai e Cruz das Forças Terrestres Venezuelanas (2ª Classe). Honorífica: Cinquentenário da República. Domina o Espanhol e o Inglês. Conferências e publicações: diversas em Escolas da Marinha e da Aeronáutica, em Estágios da ADESG, e artigos diversos publicados em Revistas Militares como Cultura Militar e A Defesa Nacional.

Conferencista na EG Naval, na ADESG a ECEM da Aeronáutica. É cidadão de Santiago, RS e de Campinas, SP. Praticou Hispismo, futebol (em torneios militares), basquete (torneios regionais), voleibol (torneios regionais) e boliche, quando foi vice-campeão da ECEM/EUA em 1953. Praticou ainda atletismo no Fluminense (Rio-1933). Elogio não encontrado.



Gen Joaquim Antônio da Fontoura Rodrigues

Comandou a 1ª DC de 15Set72 a 16Mai73. Nasceu em 24Ago14, filho de José Apolônio da Fontoura Rodrigues, este, avô do Gen José Apolônio da Fontoura Rodrigues Neto, Cmt da 1ª Bda em 79/80. Casado com a Sra. Dilza Ninô da Fontoura Rodrigues, possuiu os filhos Suely Ninô da F. Rodrigues e Antônio Carlos da F. Rodrigues. Praça em 27Mar34, Asp Of Art em 22Nov37, 2º Ten a 30Dez38, 1º Ten em 25Dez40, Cap (comissionado) em 21Jan44 e efetivo em 25Dez44, Major em 25Jul51. Por merecimento: Ten Cel a 25Abr59, Cel em 25Ago64, Gen Bda a 25Jul72 e Gen Div na reserva remunerada em 05Mar76. Cursos: Artilharia na Es Militar do Realengo, EsAO, Escola de Estado-Maior e ESG/71. Tomou parte, junto à Escola Militar do Realengo, na repressão à Intentona Comunista de 27Nov35 na Escola de Aviação Militar. Participou da FEB na Itália de 22Set44 a 08Mai45 no I/1º Regimento de Obuses AR, como Oficial de Ligação. No 4º RAM, de 1937/43, foi Cmt Bia e Instrutor. No REsArt, de 46/48, foi Cmt Bia. Foi Secr e Instr Ch do NPOR do 4º/I RO 105, Ch da 2ª e 3ª Sec do GUEs de 50/52, SubCmt do REsArt, Instr Ch da SubSec Plj da EsAO de 58/60, Ch da 1ª Sec – Recrutamento/DSM de 60/61, Adj da 1ª Sec/EME de 61/62 (à disposição da Pres. da Rep. como Presidente da Comissão de Sindicância das atividades da Companhia Vale do Rio Doce), Instr Ch do CArt/EsAO de 62/64, Cmt do 1º RO 105 de 64/66, Ch EM do QG/GUEs em 66, Assist. Secr. do Min da Guerra de Jul/Out66, Adj do Adido e Ch da Comissão Militar Brasileira em Washington de Nov66/Nov68, Ch EM do

Comando da ArtCos e AAé da 2ª RM em 69/70, Adj da 4ª Sec do EME de Mai70/Fev71 e Assistente da AD/1 de 01Fev a 26Jul72. Como general, foi Cmt da 1ª DC, Cmt da AD/2 e Cmt da AD/1. Condecorações: Cruz de Combate de 2ª classe, Medalhas: de Campanha, Ordem do Mérito Militar (Comendador), Militar de Ouro (passador de platina), de Guerra, do Pacificador, Mérito Tamandaré, Mérito Santos Dumont, Ordem do Mérito Naval (Comendador) e Ordem do Mérito Aeronáutico (Comendador). No início dos anos 70, o Exército Brasileiro modernizava-se, extinguindo as antigas unidades de Cavalaria hipomóveis e criando as Brigadas de Cavalaria Mecanizada. Em 16 de maio de 1973, o General Joaquim Antônio da Fontoura Rodrigues, desejando passar o Comando da 1ª Divisão de Cavalaria (1ª DC) no dorso do fiel amigo – o cavalo – dirigiu-se ao então 2º Regimento de Cavalaria (2º RC), uma de suas unidades subordinadas, com sede em São Borja - RS, e que, naquela data, ainda era dotada de cavalos. Ali, reuniram-se também o 1º Regimento de Cavalaria (1º RC), de Itaqui; o 3º Regimento de Cavalaria (3º RC), de São Luiz Gonzaga; e o 4º Regimento de Cavalaria (4º RC), de Santiago, além de outras unidades que integravam a 1ª DC. O Comandante do 2º RC, o então Coronel Luiz Armando Franco de **Azambuja**, providenciou para que a cerimônia de passagem de comando tivesse “fecho de ouro”, fazendo realizar, nos arredores do campo de pouso da cidade, aquela que viria a ser a última carga de Cavalaria do Exército Brasileiro, a qual foi comandada pelo General Oscar Luis da Silva, então Comandante do III Ex (hoje CMS). Foi a última carga de Cavalaria do Exército Brasileiro. Seu elogio não foi encontrado nos boletins do III Ex.



Gen Áttila Viana

Comandou a 1ª DC de 16Mai73 a 01Jan74, e a 1ª BdaCMec de 01Jan a 03Jun74, portanto a transição de DC para BdaCMec. Foi o último da DC e o primeiro da BdaCMec. Nasceu a 08Out15, filho de Wenceslau Ferreira Vianna e de Corina de Carvalho Vianna. Casado com

a Sra. Zilda Braga Teixeira Campos Vianna, possuiu uma filha, Márcia Teixeira Campos Vianna. Praça em 12Abr37, Asp Of Cav em 12Dez39, 2º Ten a 25Dez40, 1º Ten em 25Dez42, Cap a 25Jun45, Maj em 25Abr53, Ten Cel a 25Ago60, Cel em 25Ago65, Gen Bda a 31Mar73 e Gen Div em 03Mar77 por ocasião da passagem para a reserva remunerada, conforme o DO de 09Mar77. Foi Instr da ECEME, Instr Ch do CPOR/4ª RM, Chefe da D2, da D3 e da D8/Gab MinEx, Cmt do 1º BCC, Ch da 2ª Sec EM/I Ex, Ch EM da 4ª RM/DI e Ch Gab/DEP e Diretor de Cadastro (hoje Diretoria de Avaliação e Promoções – DAProm) de 01Jul a 24Set74. Como General, foi Cmt da 1ª DC e da 4ª DC. Cursos: Cavalaria da EMR, EsAO, EsEMEx (ECEME), ESG (Curso Superior), Escola de Motomecanização e EsIE, na qual fez estágio de Observador Aéreo para Of EM. Condecorações: Ordem do Mérito Naval, Mérito Militar e do Mérito Aeronáutico (todas no grau de Comendador); Medalhas: Militar (passador de ouro), Mérito Santos Dumont (prata), Honra da Inconfidência, de Guerra e do Pacificador.

ELOGIO – Pelo Cmt da 3ª DE – Por motivo de sua nomeação para a Diretoria de Cadastro e Avaliação, deixa o Comando da 1ª BdaCMec o Gen Bda Áttila Vianna. Nomeado para o Comando da 1ª DC há cerca de uma ano, o Gen Áttila desenvolveu, à frente daquela GU, um trabalho eficiente, proveitoso e dinâmico. Recentemente, com a transformação da 1ª DC em 1ª BdaCMec, pude constatar, com prazer e satisfação, as qualidades de liderança e chefia daquele oficial general. Dedicou-se com todo o empenho, entusiasmo e capacidade para, no menor prazo, atingir os objetivos fixados por este Comando e relacionados com as transformações, modificações e inovações decorrentes da evolução de cavalaria hipomóvel para cavalaria moto-mecanizada. Sempre se antecipando, para evitar surpresas e demoras nas medidas administrativas, sempre presente nas atividades ligadas à formação de pessoal habilitado para as novas unidades surgidas, sempre atuante nas mudanças de qualificação dos quadros e da tropa necessárias às novas funções, demonstrou sua capacidade de comandante, chefe e administrador. Recentemente, a perspectiva de mudança da

1ª Cia Me Mnt para a guarnição de Santiago, possibilitou, mais uma vez, ao Gen Áttila realçar o seu espírito objetivo, a sua inteligência e a sua capacidade em dar soluções compatíveis com o melhor desempenho da Bda no seu conjunto. Manteve, em Santiago e demais cidades de sua área de responsabilidade, um clima de sadia camaradagem entre todos os seus subordinados e de entendimento salutar com as autoridades e com as populações locais. Por tudo isso e, ainda pela sua lealdade, espírito de colaboração e iniciativa, é com satisfação que, ao agradecer ao Gen Áttila a maneira correta e eficiente com que me auxiliou, com o meu elogio apresento-lhe os melhores votos de sucesso e felicidades nas suas novas funções de Diretor de Cadastro e Avaliação (Individual). Transcrito do Bol Int do III Ex nº 104, de 05Jun74.

Comandantes da 1ª Bda C Mec



Gen Áttila Viana

Comandou a 1ª Bda CMec de 01 Jan 74 a 03 Jun 74.

Acima biografado.



Gen Heraldo Tavares Alves

Comandou a 1ª BdaCMec de 03Jun74 a 17Fev76. Nasceu no Rio de Janeiro em 22Nov19, filho de Almiro de Macedo Alves e D. Celina Tavares Alves. Casou com D. Lygia Fernandes Alves de cujo consórcio nasceu Ligia Alves Breglia, bibliotecária, casada com o médico Dr. Pablo Oscar Breglia.

Netos: Penelope e Pablo. Coursou a Escola Militar do Realengo 1939/41, EsAO (1952), ECEME (1957/59), Escola de Moto

mecanização e a Escola Superior de Guerra. Como 1º Tenente, comandou o 3º Esquadrão de Fuzileiros do 8º RC – Regimento Conde de Porto Alegre em Uruguaiana, em 1944, e como Capitão comandou a Cia de Quadros do 1º Batalhão de Carros de Combate no Rio de Janeiro e, a seguir, uma Companhia de Carros Moto mecanizados. Foi chefe em 1949 da 2ª Seção da 2ª Divisão da Diretoria do Pessoal. Como Oficial de Estado-Maior chefiou a 1ª Seção do Serviço Militar Regional da 9ª Região Militar, em Campo Grande- MS. E como Oficial do Gabinete do Ministro da Guerra de 1961/69 foi Adjunto, Chefe da 1ª Divisão em 1965/66 e Chefe da 3ª Divisão de 1968/69. Chefiou o Gabinete da Secretaria Geral do Exército de 1969/72 e do Gabinete do Departamento do Pessoal de 1973/74. Foi instrutor do Curso de Cavalaria da EsAO, de 1953/55, Instrutor Chefe do Curso de Cavalaria do CPORJ, em 1957 e instrutor da ECEME 1961/65. Como Oficial General comandou a 1ª BdaCMec de 03Jun74 a 17Fev76 e estagiou na ESG de 20Fev76 a 20Abr77. Foi Diretor de Inativos e Pensionistas de 27Mai77 a 26Jan78. Comandou a 5ª Brigada de Cavalaria Blindada de 11Jan78 a 31Jan79. Chefiou a Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial (DEPA) de 14Nov79 a 23Abr80. Foi Secretário do Exército de 23Abr80 a 23Ago82. Chefiou o Departamento de Ensino e Pesquisa (atual DECEX) de 28Abr82 a 23Ago83 e comandou o I Exército, atual CML, de 29Ago83 a 16Dez85. Foi transferido para a Reserva por Decreto de 12Nov85 (DO da mesma data). Na Reserva, foi eleito Presidente do Clube Militar para o Biênio 1986/87 tendo presidido as cerimônias do Centenário do Clube Militar. Presidência da qual participamos a seu convite como Diretor Cultural e da Revista do Clube Militar. Foi agraciado com as seguintes condecorações: Grã-Cruz da Ordem do Mérito Militar e do Mérito Judiciário, da Ordem de Rio Branco, Grande Oficial do Mérito Naval e do Mérito Aeronáutico. Medalha Militar de 40 anos de Bons Serviços com passador de Platina, do Pacificador, do Mérito Santos Dumont e Mérito Tamandaré. Sua carreira teve o seguinte curso: Praça em 03Abr38, AspOf a 04Dez41, 2º Ten em 25Ago43, Cap a 25Dez46, Major em 25Mar54, TenCel a 25Ago61, Cel em 25Abr68 (suas promoções a oficial superior foram por mereci-

mento), GenBda a 21Mar74, GenDiv em 25Nov78 e GenEx a 31Mar82. Ingressou na Escola Militar de Realengo proveniente do Colégio Militar do Rio de Janeiro (Cel Bento).

Elogio - Gen Bda Heraldo Tavares Alves - Designado para cursar a Escola Superior de Guerra passa, nesta data, o Comando da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada o Gen Bda Heraldo Tavares Alves. Ao afastar-se de sua primeira comissão de Oficial General deixa, o Gen Heraldo, um saldo altamente positivo de realizações, seja no campo estritamente profissional, seja no da integração com a comunidade civil. Tendo assumido o Comando de sua GU ainda em fase de reorganização e transformação de Divisão de Cavalaria Hipomóvel para Brigada de Cavalaria Mecanizada, conseguiu superar plenamente essa fase, graças a seu grande interesse e zelo, bem como a dedicação com que se entregou a essa árdua tarefa, qualidades que permitiram completa e total integração de auxiliares, formando com eles uma equipe de alta produtividade. No que concerne à instrução dos quadros e da tropa, não foram menores os seus cuidados, acompanhando-a com atenção e excelente rendimento, demonstrando o elevado grau de preparo de todos os participantes. Os problemas de segurança e de disciplina de sua área foram tratados com muito equilíbrio, senso de justiça e espírito militar, qualidades que marcam fundamente sua personalidade de chefe. A perfeita integração com a comunidade civil de Santiago e dos demais municípios de sua área de responsabilidade, permitiu ao Gen Heraldo desfrutar de um clima de exemplar harmonia nas relações Exército-população, o que muito facilitou sua ação de Comando. Durante os 20 meses em que comandou a 1ª Bda C Mec pode, o Gen Heraldo, confirmar as suas qualidades de Chefe sereno, modesto e capaz. Pela sua inteligência, de trato, firmeza de atitudes e lealdade, conquistou o mais alto apreço de seus chefes, pares e subordinados. Ao apresentar a este distinto camarada e amigo as despedidas do III Ex, agradeço-lhe a valiosa colaboração que prestou ao meu Comando e, com o meu elogio, apresento-lhe votos de muitos sucessos no curso da Escola Superior de Guerra e de continuada felicidade junto à sua digníssima família.



Gen Moacyr Pereira

Comandou a 1ª BdaCMec de 26Fev76 a 25Jan78. Nasceu em 23Mar23 no Rio de Janeiro, filho de Artoff Pereira e D. Esther Cavalcante. Casou com D. Amélia Nascimento Pereira, de cujo consórcio nasceram Marco Antonio (bancário), Luiz Moacir (industrial) e Sérgio Murilo (psicólogo). Netos: Adriana e Luciana, filhas de Luiz Moacir, e Márcia, Poena e Maira, filhas de Marco Antonio. O General Moacyr cursou Cavalaria na Escola Militar do Realengo em 1941/43, Motomecanização em 1946, EsAO em 1949, Escola de Estado-Maior do Exército 1953/55 e Escola Superior de Guerra em 1975. Como subalterno foi Secretário do 9º RCI (São Gabriel), Cmt da Cia de Carros de Combate Leves do 1º R C Mec de Santo Ângelo e a seguir S/4 do citado Regimento. Foi Comandante de Subunidade e Oficial de Motores do 15º RCMec. Como Oficial de Estado-Maior chefiou a 1ª Subseção de Planejamento e Cooperação, a 2ª e 3ª secções do Estado Maior do IV Exército (atual CMNE) de 01Set56 a 13Fev57 e foi Adjunto da 4ª Seção do EME de 04Jul a 31Dez62. Comandou o 2º Batalhão de Carros de Combate (o atual 2º RCC) de 26Jul68 a 24Abr70. Foi instrutor na Escola de Moto mecanização de 09Fev52 a 21Jan53 e instrutor da ECEME de 01Fev57 a 23Jun61 e de 04Jan63 a 26Mai64, totalizando quase seis anos. Foi Adido Militar no Uruguai, de 17Set71 a 10Jan74. Como oficial general comandou a 1ª BdaCMec, foi Assessor do Exército e Diretor do Curso Superior de Guerra de 08Fev79 a 30Jan80. Comandou a 5ª Brigada de Cavalaria Blindada de 31Jan79 a 16Jan81 e Diretor do Serviço Militar de 23Jan a 17Ago81. E a seguir comandante da 4ª Divisão de Exército em Belo Horizonte, quando este autor foi seu comandado, como Cmt da 4ª Batalhão de Engenharia de Combate. Foi agraciado com o título honorífico de Oficial de Estado-Maior do Exército do Uruguai. Sua carreira teve o seguinte curso: Praça em 01Abr40 (proveniente do meio civil), AspOf Cav a 01Mar43, 2º Ten em 25Set43, 1º Ten a 25Mar45, Cap em 25Mar48, Major

a 25Jul54, TenCel em 25Ago62, Cel a 25Dez66 (não refere se suas promoções a oficial superior foram por merecimento), GenBda em 31Jul75 e GenDiv a 25Nov80. Serviu no Serviço Nacional de Informações como Adjunto, Chefe da Agência do Rio de Janeiro e Chefe de Gabinete (Cel Bento). O elogio do Gen Moacyr Pereira não foi encontrado.



Gen Demócrito Corrêa Cunha

Comandou a 1ª BdaCMec de 25Jan78 a 11Set79. Nasceu em Jaguarão, RS a 09Abr25, filho de Descartes Cunha e de Hilda de Corrêa Cunha. Praça de 19Mar43, Asp Of Cav/AMAN em 01Ago45, integrando a 1ª turma ali formada. Cursos: Escola Militar do Realengo (1943/45) oriundo do CMRJ, AMAN (1945), Equitação (1951), EsAO (1954), ECEME (1959) e Comando e Estado-Maior das FA/ESG em 1969. Comandou o 13º RC – Regimento Osório, em Jaguarão de 15Out65 a 20Fev68. Foi subalterno no 12º RC (Bagé, 45/47) e no 1º RCG (Rio, 47/49). Como Cap serviu no 13º RC (52/53), o qual viria a comandar. Como Of de EM serviu na 3ª DC, atual 3ª BdaCMec (Bagé), como estagiário no Comando Militar do Planalto/11ª RM (Brasília), no EME (1962/65), no DEP (19070/73), Ch EM da 1ª DC (atual 1ª BdaCMec-Santiago, RS, 73/74), Ch Gab da DCA (74/75), e DMov (75/76), Assist do VCh do DMB (1976) e SubCh do EM IV Ex (atual CMNE, 1976/77). Foi Instr da Escola Militar de Resende (AMAN, 1949/51) e de 07Jul54 a 17Fev56, de onde recordo sua imagem quando cadete de Engenharia. Foi Instr da ECEME em 1961/62. Serviu no Conselho de Segurança Nacional em 1968/69. Foi Estg da ESG em 1969. Foi Adido Militar e Aeronáutico no Chile de 1963/65. Como Gen comandou a 1ª BdaCMec (1978/79), foi Dir de Patrimônio (79/80), SCh EMFA e do EME (1980/82), Dir do Sv Militar (82/83), Cmt da 3ª DE (83/84), VCh do DGP (85/86) e Cmt do CMNE. Em seu comando da 1ª BdaCMec esta passou da subordinação direta ao então III Ex para a 3ª DE. Foi Ch da Delegação Bra-

sileira na Reunião Militar de Informações entre os exércitos do Brasil e Venezuela e participou da Comissão de Acompanhamento em Mai84. Foi Ch da Delegação Brasileira na III Conferência Militar de Informações dos exércitos do Brasil e Colômbia e participou da Comissão de Acompanhamento em Jun45. Condecorações: Grã-Cruz do Rio Branco, Grande Oficial do Mérito Militar, do Mérito Naval e Aeronáutico e do Mérito das FA. Medalhas: 40 anos (ouro com passador de platina), Marechal Hermes (Aplicação e Estudo, bronze com uma coroa), Mérito Santos Dumont (prata), Mérito Tamandaré e do Pacificador. Medalhas estrangeiras: Estrela ao Mérito Militar do Chile, del Mérito Militar Grau de Venera do México, Grande Oficial da Ordem do Mérito Militar do Paraguai. Casou com a Sra. Maria Regina de Mattos Cunha, de cujo consórcio nasceram Ricardo, Roberto, Ronaldo, Beatriz, Elizabeth, Marcos e Márcia, os quais lhe deram os netos Caroline, Alexandre, Ricardo, Ana Cristina, Ana Cláudia, Luiz Paulo, Luiz Roberto, Marcela e Renato. Desportista, praticou hipismo (salto e pólo). Sua carreira teve o seguinte curso: Asp Of Cav em 11Ago45, 2º Ten a 23Nov45, 1º Ten em 25Dez47, Cap a 25Jun51. Por merecimento: Major em 25Abr57, Ten Cel a 25Dez64, Cel em 25Dez69, Gen Bda a 25Nov77, Gen Div em 25Nov82 e Gen Ex a 25Nov86.

Elogio – Pelo Cmt da 3ª DE – Exmo. Sr. Gen Bda Demócrito Corrêa Cunha – Há quase dois anos no Comando da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, o Exmo. Sr. Gen Bda DEMÓCRITO soube imprimir a essa Grande Unidade o espírito da Cavalaria de Osorio, sua arma de origem, conseguindo transmitir à sua tropa aquelas características muito próprias dos homens voltados para a execução de missões audazes e rápidas, em largos espaços, como verdadeiras sentinelas da Pátria, no extremo Sul do nosso território. Oficial General experiente e lúcido, permanentemente preocupado com a importante missão que lhe foi confiada, destacou-se pela ação de Comando firme, mas tolerante; segura, mas flexível; enérgica, mas muito humana. Suas reações, sempre leais e sinceras, proporcionaram ao Comando da Divisão excelentes oportuni-

dades para o diálogo franco e aberto sobre todos os variados assuntos que exigiram decisão oportuna e adequada, durante esse longo período, na busca incessante do maior grau possível de operacionalidade para suas Unidades, a despeito dos múltiplos problemas que, juntos, tivemos de enfrentar. Foi um privilégio ter o Exmo. Sr. Gen DEMÓCRITO como Comandante de uma das Brigadas que integram a Divisão Encouraçada. Ao me despedir desse excelente companheiro e distinto amigo, que se afasta de nosso convívio para assumir outro cargo, apresento ao Exmo. Sr. Gen DEMÓCRITO os nossos agradecimentos pela permanente e espontânea colaboração prestada ao meu Comando e formulo votos de êxito em sua nova missão e de felicidades junto à Exma. família (Individual). Gen Div MÁRIO DE MELLO MATTOS, Comandante da 3ª DE.



Gen José Apolônio da Fontoura Rodrigues Neto

Comandou a 1ª Bda C Mec de 19Set79 a 22Dez80. Nasceu no Rio de Janeiro a 08Abr23, filho de Luiz Gonzaga da Fontoura Rodrigues e de Francisca Bonorino da Fontoura Rodrigues. Realizou os cursos civis de Ginásio e Científico no Instituto Granbery, de Juiz de Fora. Casou com dona Anna Jandyra Alves da Fontoura Rodrigues, de cujo consórcio nasceram os filhos José Luiz, Carlos Joaquim, Carmen Lúcia, Ana Lúcia, Ana Helena e Paulo Roberto, os quais, casados (as), lhe deram as netas Renata, Giuliana, Ana Carolina, Paula, Gabriela, Flávia, Tiago, Manoel, Júlia, Camila, Ana, Pedro e Marina. Praça de 02Abr41, oriundo da Escola Preparatória de Cadetes de São Paulo. Asp Of Cav em 28Dez46 na Escola Militar de Resende (atual AMAN), 2º Ten a 25Jun47, 1º Ten em 25Jun49, Cap a 25Abr52, Maj em 25Abr59. Por merecimento: Ten Cel a 25Dez65, Cel em 25Dez71 e Gen Bda a 31Jul79. Cursos: Escola Militar de Resende (43/46), Escola de Educação Física do Exército (1952), EsAO (1955) e ECEME (60/62). Foi Cmt do 12º RC (66/68), Cmt da EsPCEX (Campinas-72/74),

ChEM 2ª BdaCMec (74/75), ChEM 1ª RM (Rio-77/78), ChEM 5ª BdaCBld (Rio-78/79) e Ch Gab da DEPA (Brasília-1979). Na tropa, foi Cmt Pel Mtr, PelFzo, PelCanAC, Esqd Fzo, Esqd Ptr P e Of Ed Fis no 7º RC (Sant'Ana do Livramento-1947/55), Cmt Esqd Ptr P, S3, S1, S4, Ch Sv Esp e SCmt no 6º RC (Alegrete, RS, 1955/59). Como Of EM foi Adj e Ch da 3ª Sec EM da 2ª DC de 63/64; no Min Guerra foi Of Gab, Adj D1 e Ch Sec Sv Mil e Sec Justiça e Disciplina; na 6ª DI (Porto Alegre) foi Ch da 3ª Sec de 68/71 e no EME foi Adj da 7ª Sec em 1971. Foi Aux Instr do CCav/EsSA (Três Corações, MG) de 50/52. No EMFA, foi Assessor da Div de Assessoramento e Controle (D3), Assist Sec do Min Ch do EMFA, Sec da Comissão Brasileira de Atividades Espaciais (COBAE) e Ch da Div de Assessoramento e Controle (D3), tudo no período de 06Mar75 a 22Set77. Como Of Gen foi Cmt da 1ª BdaCMec (79/80), Ch EM do III Ex (Atual CMS-81/82) e Ch Gab do EME em 1982. Condecorações: Ordem do Mérito Militar (Comendador) e Ordem do Mérito Aeronáutico (Comendador). Medalhas: Militar de Ouro com passador de platina, do Pacificador, do Mérito Rio Branco (grau de Oficial) e Mérito Tamandaré. Faleceu em 28Dez2009 em Porto Alegre.

Elogio - Pelo Cmt da 3ª DE – Gen Bda José Apolônio da Fontoura Rodrigues Neto – Cmt da 1ª BdaCMec – Por ter sido nomeado para as funções de Chefe do Estado-Maior do III Exército, deixa o Comando da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada o Exmo. Sr. Gen Bda JOSÉ APOLÔNIO DA FONTOURA RODRIGUES NETO. Este Comando lamenta ver-se privado da colaboração de tão destacado comandante de Brigada, mas alegra-se em constatar que sua nova e importante missão é o justo reconhecimento do seu valor profissional e moral. Chefe ativo e interessado, orientando e conduzindo com firmeza a atuação das unidades subordinadas, atento aos problemas de instrução e de adestramento, procurando solucionar os problemas administrativos das Unidades, disciplinador, de atitudes democráticas firmes, deixa a Tradicional Brigada Cobra com elevado grau de disciplina e operatividade. Pela sua atuação consciente e segura leva do Comando da 1ª

BdaCMec um precioso acervo de conhecimentos e experiências, o qual lhe será de grande valia na sua nova comissão. Mais do que o amigo e companheiro que se afasta, é o Chefe e Líder a quem o Comandante da 3ª DE – Divisão Encouraçada, agradece pelos serviços prestados, o elogia com íntima satisfação e a quem deseja toda a sorte de êxitos profissionais e de felicidades pessoais, seguro do brilhante prosseguimento na carreira que abraçou (Individual).



Gen Brummel Couto

Comandou a 1ª BdaCMec de 13Fev81 a 18Jan82. Nasceu em Jaú, SP a 09Fev26, filho de Ananias Ferreira Couto e Maria Amélia Pacheco Couto. Casado com Maria José Piaggio Couto, de cujo consórcio nasceram os filhos Brummel Pacheco, Roger e Sandra, esta viúva do então Maj Inf Siguimar Lacerda Ventura. Possui os netos Daniele, Brummel e Luciana. Oriundo da Escola Preparatória de São Paulo, onde sentou praça em 01Abr44. Asp Of Inf na Escola Militar de Resende em 24Dez47, 2º Ten a 25Ago48, 1º Ten em 25Ago50, Cap a 25Dez52, Maj em 25Abr60, Ten Cel a 25Ago66, Cel em 25Ago72 e Gen Bda a 25Nov80. Cursos: Escola Militar de Resende (atual AMAN), Técnico de Motomecanização na EsMM (1950), EsAO (1957), ECEME (1963) e Aperfeiçoamento em Planejamento Governamental pelo CENDEC/EME (1976). No exterior (EUA), fez o International Logistics Management Course. Serviu, no período de Asp a Cap no 3º BCC (Santa Maria), na 5ª Cia Leve de Manutenção (Curitiba), na 4ª Cia Especial de Manutenção (Santa Maria), no REsl (Vila Militar) e no Regimento Sampaio (1º RI-Vila Militar). Foi instrutor da Escola de MM. Comandou a 4ª Cia Esp Mnt (Santa Maria-1952/55), a Guarnição de Goiânia, juntamente com o 10º BC/42º BIMtz (1973/75). Como Of EM, serviu no QG da 3ª DI (Santa Maria), na ECEME (como instrutor), na Comissão Militar Brasileira em Washington, no 10º BC (atual 42º Btl Inf Mtz), na DAM e na DMM como Chefe Gab (Brasília-77/80). No exterior, participou da Comissão Militar Brasileira em Washington. Foi

membro- efetivo da CPO em 1984. Como Of Gen foi Cmt da 1ª BdaCMec e Diretor de Armamento e Munição (1982/85) de onde foi transferido para a reserva pelo Dec. de 14Mar85, publicado no DO nº 50, da mesma data. Condecoração: Ordem do Mérito Militar (Comendador). Medalhas: Militar de Ouro com passador de platina, Pacificador e Mérito Tamandaré. Honorífica: Medalha Anhanguera, do Estado de Goiás.

Elogio – Pelo Cmt da 3ª DE – Gen Bda BRUMMEL COUTO – Desde o início de seu comando, através de uma orientação segura e eficiente no que respeita às atividades de instrução e de adestramento, e pelo estreito acompanhamento e supervisão dessas atividades, manteve o elevado padrão da tradicional Brigada COBRA. Por sua ação de presença e espírito de disciplinador soube desenvolver e manter excelente o nível disciplinar e de coesão da Brigada. No exercício de Grande Comando – “Operação Jacuí”, pelo seu tirocínio profissional e capacidade de Chefia conduziu os encargos de sua Brigada com eficiência, apresentando soluções corretas e objetivas. Atento aos problemas de Segurança Interna, na área sob sua jurisdição, assegurou um clima de tranquilidade e de ordem, ativando o trabalho de informações. O exercício de encerramento do ano de instrução da Brigada, planejado e conduzido sob sua orientação de maneira altamente elogiosa, revelou o alto padrão de operacionalidade alcançado pelas Unidades. Estimulou e manteve ademais, um excelente clima de relacionamento com os militares do país amigo vizinho de sua área de jurisdição, alcançando um clima de excepcional compreensão e cooperação. Ao agradecer a excelente cooperação prestada ao comandante da DE, o elogio com satisfação. (Individual).



Gen Ney Riopardense Rezende

Comandou a 1ª BdaCMec de 27jan82 a 18Abr84. Nasceu em 01Nov24 no Rio de Janeiro, filho de Cyro Riopardense Rezende (Gen Div) e Alba Cintra Rezende. Casado com Ana Marília Menna Barreto Rezende, de cujo consórcio nasceram Pedro Paulo e Maria Cristina, que lhe de-

ram as netas Priscilla e Patrícia. No meio civil fez os seguintes cursos: Colégio Nacional Ibituruna (Rio), Ginásio Sant'anna (Uruguaiana), Instituto Lafayette (Rio) e Colégio Andrews (Rio). Dominava o espanhol, o inglês e o francês. Oriundo do meio civil, sentou praça em 01Abr46 na Escola Militar de Resende. Foi declarado Asp Of Cav em 17Dez48, 2º Ten a 25Jun49, 1º Ten em 25Jun51, Cap a 25Dez53, Maj em 25Ago61, Ten Cel a 25Dez66, Cel em 31Ago73 e Gen Bda a 25Nov81. Cursos militares: Escola Militar de Resende (46/48), EsAO (1958), ECEME (1961/63) e CEMCFA/ESG (1971). Serviu no 8º RC (Uruguaiana), no REsC (Vila Militar), onde foi Cmt de SU e Oficial de EM do Regimento e na EsEFex. Como Of de EM serviu no QG da 2ª DC (Uruguaiana), foi Instr e Sec da Comissão do Conc Adm da ECEME, no EME (Brasília-Adj da 7ª Sec e Ch da 6ª Sec), no Gab Min Ex (Ch da Ass Executiva), foi Ch EM da 1ª DE (Vila Militar), Chefe da Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai e Chefe de Gab da DEPA (Brasília). Foi Representante do Min Ex junto à Comissão Nacional de Planejamento e Normas Estatísticas (CONPLANE) da Fundação IBGE, Representante do EME junto ao EMFA para Estudos de Planejamento e Delegado (junto à Delegação da Argentina) na VIII Conferência dos Exércitos Americanos. Como Of Gen foi Cmt da 1ª BdaCMec e Diretor de Transportes (30Abr84 a 28Abr85) de onde foi transferido para a Reserva Remunerada por Dec de 14Mar85, publicado no DO nº 50, da mesma data. Condecoração nacional: Ordem do Mérito Militar (Comendador). Medalhas: Militar de Ouro com passador de platina, Pacificador e Mérito Tamandaré. Estrangeiras (Paraguai): Ordem do Mérito Militar (Comendador), Honorífica da Cavalaria, Honorífica do Serviço de Material de Guerra e da Escuela de Aplicaciones de Las Fuerzas Armadas. Nas atividades culturais publicou os seguintes livros: História das Fronteiras do Brasil; A Guerra de 1851/52; A independência do Uruguai; Evolução Política, Social e Econômica do Império do Brasil; A Revolução Comunista na Rússia; A Guerra Revolucionária na Indochina; A Guerra Revolucionária na China; A Guerra Revolucionária na Grécia; A Energia Nuclear no Brasil e na América

Latina (todas publicações editadas pela ECEME). Conferência e artigo publicado na revista A Defesa Nacional/74: A Guerra do Yom Kippur. Foi conferencista convidado na EsNI e no Curso de Treinamento para o Sistema de Planejamento do Min do Planejamento e Coordenação Geral. Pertencia à ADESG. Desportista hípico, praticava salto, pólo e adestramento.

Elogio – Pelo Cmt da 3ª DE – Gen Bda Ney Riopardense Rezende – Há dois anos e três meses no Comando da 1ª BdaCMec, deixa o Exmo. Sr. Gen Bda Ney Riopardense Rezende o convívio em nossa “Divisão Encouraçada”, por ter sido designado para novas funções em Brasília, sendo merecedor neste momento dos melhores louvores. Marcou sua ação de Comando pela orientação à instrução e adestramento das unidades subordinadas e pelo acompanhamento constante a todas as suas atividades, visando alcançar elevado nível de Operacionalidade. Chefe sereno e enérgico, esteve sempre atento ao estado moral e disciplinar das unidades, conseguindo manter elevado padrão de disciplina e coesão em suas OM. Concluiu com eficiência o planejamento e a execução dos exercícios da fase de adestramento básico das unidades da Brigada, ressaltando-se, entre outros, o realizado em 1983 no CI Rincão, com a participação de todas as unidades da Brigada. A 1ª BdaCMec, sob seu comando, conquistou em 1983, merecida e brilhantemente, o Troféu Gen José Albano Leal, em 1º lugar na Olimpíadas Divisionárias, mercê de um treinamento intenso e criterioso. O Gen Ney, pela sua maneira afável e cordial, manteve e desenvolveu excelente relacionamento com a comunidade civil dos onze municípios da área sob sua jurisdição, bem como com militares e autoridades civis da vizinha República Argentina. Cooperou com o Comando da 3ª Divisão de Exército no Exercício de Grande Comando do III Ex, 4ª fase, como Dir de Arbitragem, missão esta cumprida com excepcional correção, mercê de um minucioso planejamento e execução, fazendo cumprir com acerto as equações do tempo, constituindo-se em fator decisivo no desenvolvimento da manobra e na apreensão de uma série de ensinamentos. Ao expressar os meus agradecimentos ao pre-

zado companheiro e dileto amigo, Gen Ney, pela inestimável colaboração prestada ao meu Comando, desejo a VExa. votos de muitas felicidades e muito êxito nas novas funções que irá exercer em Brasília, na Diretoria de Transportes onde, tenho a certeza, deixará registrada a marca de seu valor profissional e o exemplo de suas virtudes de cidadão e soldado (Individual-Transcrito do Bol Div nº 076, de 18Abr84).



Gen Edson Alves Mey

Comandou a 1ª BdaCMec de 30Abr84 a 15Jan85. Nasceu no Rio de Janeiro a 20Out29, filho de Clarindo Mey e de Olga Alves Mey. Casado com a Sra. Therezinha da Costa Leite Mey, de cujo consórcio nasceu a filha Cláudia (economista). Praça de 26Fev48 na Escola Militar de Resende (atual AMAN), de onde saiu Asp Of Cav em 14Dez50. 2º Ten em 25Jun51, 1º Ten a 25Mar53, Cap em 25Ago56, Maj a 25Ago65, Ten Cel em 25Abr70, Cel a 25Dez75, Gen Bda em 31Mar84, Gen Div a 31Jul88 e Gen Ex em 31Jul92. Além do curso de formação, possui os cursos da EsAO (1959), ECEME (62/64) e CEMCFA (1970). Foi Asp Of, 2º e 1º Ten no Regimento Escola de Cavalaria (REsC, Rio) de 23Jan51 a 17Set53. Foi Instr no CPOR/RJ de 19Mar53 a 10Out56 e na ECEME em dois períodos: de 06Jun66/30Dez68 e de 05Mar79 a 25Jan82. No posto de Cap, foi AjO do Gen Thales Moutinho da Costa no DGP (Rio) de 15Mar61 a 21Fev62. Como Of de EM serviu no Cmdo da 4ª RM/DE (Juiz de Fora, MG) entre 03Mar65 e 26Mar66, foi Adj Sec/EME (Rio) entre 31Dez68 e 27Fev70, serviu como Adj e Ch Sec EMG do Cmdo do então I Ex (atual CML, Rio) de 05Fev71 a 07Abr72, foi SCmt do CEP (Rio) entre 07Abr72 e 07Fev74, serviu como Adj Sec EMFA (Brasília) de 14Mar74 a 16Jul74 e foi Ch Sec EMG e SCh do EM do Cmdo I Ex entre 28Jan82 e 31Mar84. Foi também membro do EM da Junta Interamericana de Defesa (JID) e da Representação do Brasil na mesma Junta e na OEA (Washington) entre 16Jul74 e 07Nov76. Comandou o 9º RCB (São Gabriel, RS)

de 08Nov76 a 08Fev79. Como Of Gen comandou a 1ª Bda-CMec, foi Ch EM/I Ex (1985), Estagiário da ESG (1986), Ch EM/CMNE (1987/88), SCh EME (88/90), Cmt da 1ª RM (Rio-90/92), Vice Ch do DGP (92/94), Ch DGP (1994), Cmt Militar do Leste (CML-Rio-94/95) e Ministro do STM de 30Mar95 até a sua aposentadoria (a partir de 21Out99) por Dec de 25Out, publicado no DO de 26Out99. Condecorações nacionais: Ordem do Mérito Ministério Público Militar, do Mérito Naval, do Mérito Aeronáutico e do Mérito das FA. Medalhas: 40 anos de bons serviços (ouro com passador de platina), Pacificador, Mérito Militar (Grã Cruz), Mérito Naval (Comendador), Mérito Santos Dumont, Mérito Tamandaré e Mérito Judiciário. Estrangeira: Medalha da JID-Internacional. O Gen Mey possui o curso da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas da Universidade do Estado da Guanabara, concluído em 1970. Pratica esportes equestres: hipismo e pólo.

ELOGIO A OFICIAL-GENERAL - POR ESTE CMDO - Gen Bda EDSON ALVES MEY - Comandante da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – Em virtude de sua nomeação para a Chefia do Estado-Maior do I Exército deixa o Comando da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada o Gen Mey. No espaço de aproximadamente um ano, comandou com destaque sua Grande Unidade, imprimindo atuante e decidida participação na orientação e direção da instrução. Acompanhou com discernimento suas diferentes fases, desde a formação individual do combatente até a realização dos exercícios no terreno quando, pelo emprego da Brigada como um todo, foi possível constatar o elevado índice de adestramento obtido, angariando minha confiança no nível operacional de seus quadros e na qualidade dos reservistas do ano de 1984. Sua experiência, aliada aos conhecimentos profissionais, permitiu obter um elevado rendimento nos trabalhos de seu Estado-Maior, pelo perfeito estabelecimento de critérios nas fases de planejamento, elaboração e execução das tarefas que lhe atribuiu. Junto à comunidade santiaguense, esmerou-se na manutenção da imagem do Exército, adotando medidas que concorreram para o estabelecimento do destacado padrão disciplinar e moral de

seus subordinados. Com as autoridades e a população em geral estabeleceu um relacionamento cordial e atencioso, concorrendo para um salutar ambiente de confiança e convívio mútuo. Pelos motivos acima, o elogio e agradeço a amizade e a leal colaboração que sempre me dispensou, formulando votos de felicidades junto à digníssima família e idêntico sucesso em sua nova comissão. (Individual).



Gen Daniel Lomando Andrade

Comandou a 1ª BdaCMec de 25Abr85 a 27Abr88. Natural de Porto Alegre, nasceu em 09Out28, filho de Manuel Almeida Andrade e de D. Rosália Lomando Andrade. Casou com D. Martha de Moraes Andrade, de cujo consórcio nasceram Manuel José (engenheiro eletrônico), casado com Patrícia Pôvoa Andrade (economista); Martha Andrade Duizith (magistério e pedagogia), casada com André Luiz de Souza Duizith (economista); Daniel (engenheiro civil), casado com Tânia Ramos de Moraes Andrade (psicóloga), Ana Maria (magistério e letras), casada com Glenn Maciel (falecido). Netos: José Luiz, Daniel, André, Renata, Roberta, Paula, Daniela e Matheus. Oriundo da Escola Preparatória de Porto Alegre, cursou a AMAN (1948/51), a EsAO em 1962, a ECEME em 1965/67 e o Centro de Estudos de Pessoal (CEP) em 1971. Serviu na tropa como subalterno de Cavalaria Hipo, Motorizada e Mecanizada e como oficial de EM de OM. Como Oficial de Estado-Maior foi chefe de Seção do EM da 2ª Divisão de Cavalaria em 1968, Cmt e Instr Ch CCav/AMAN (69/70), Chefe de Seção do EM da AMAN (71/72), Instr ECEME (74/75) e Adjunto da AjG/Cmdo da 6ª DI. No Comando do III Exército (atual CMS) foi Adjunto da 2ª Sec, Ch Sec Planejamento e Ch 2ª Sec. Foi Subcomandante da AMAN em 1983/84. Comandou o 12º Regimento de Cavalaria Mecanizada em Porto Alegre (1977/79). Foi Chefe da Agência do SNI em Porto Alegre de Jul80 a Dez82 e SCh Gab EME. Como Of Gen comandou a 1ª BdaCMec em Santiago, de onde foi transferido para a Re-

serva ao final de três anos de comando. Foi agraciado com as seguintes condecorações: Comendador da Ordem do Mérito Militar; Medalhas: Militar de Ouro com passador de platina por mais de 40 anos de bons serviços ao Exército, Pacificador, Mérito Tamandaré, Mérito Aeronáutico e a Cruz de Ferro pela Brigada Militar do Rio Grande do Sul. Honorífica: Medalha Marechal Mascarenhas de Moraes, da FEB. Escreveu na Revista A Defesa Nacional o artigo A Amazônia e as Forças Armadas do Brasil, em 1967. Sua carreira teve o seguinte curso: Praça em 22Fev45, Asp Of Cav a 14Dez51, 2º Ten em 25Jun52, 1º Ten a 25Dez53, Cap em 25Dez56, Maj a 25Ago66, TenCel em 25Ago72, Cel a 25Dez77 e Gen Bda em 31Mar85. Foi transferido para a Reserva em 15Mar88 pelo DO nº 050 da mesma data (Cel Bento).

Elogio – Pelo Cmt da 3ª DE - Gen Bda Daniel Lomando Andrade – Em decorrência de dispositivo legal, deixa nesta data o serviço ativo e o Comando da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, o Exmo. Sr. Gen Bda Daniel Lomando Andrade. Foram 43 anos de intensa e fecunda atividade, ressaltando-se profunda e exclusiva dedicação ao Exército. Dotado de uma personalidade marcante, torna-se, neste momento, o Gen Daniel, alvo dos melhores louvores e agradecimentos pelos inestimáveis serviços que prestou durante a sua brilhante e invejável carreira. Fica do Gen Daniel, como experiente soldado, um trajetória de constantes exemplos de dignidade, amor e devotamento à profissão e a marca indelével de um caráter sem jaça. Sua vida militar é plena de significativas ações que caracterizam o verdadeiro soldado, tornando-se difícil, senão impossível, destacar em cada grau de hierarquia que galgou aquelas de maior relevo. Praça de 22 Fev 45 na Escola Preparatória de Porto Alegre, foi declarado Aspirante a Oficial da Arma de Cavalaria em 14 Dez 51. Classificado no 9º Regimento de Cavalaria - Regimento João Propício, seguiu para São Gabriel – Rio Grande do Sul, seu estado natal. Nesta Unidade, desde logo, foi notado no jovem Oficial qualidade de instrutor, condutor de homens, líder e conduta exemplar. Seu amor e identificação com a Arma de Osório foram notados e bem resu-

midos no elogio consignado pelo seu Comandante, quando da transferência por motivo de promoção.

“2º Ten Daniel Lomando Andrade, oficial jovem, entusiasmado, trabalhador e finamente educado, deixou neste Regimento o alto conceito em que é tido pelos seus superiores e a admiração de seus colegas e subordinados: trabalhador infatigável, ótimo instrutor e, sobretudo muito dedicado à instrução, esteve sempre à testa de seu Pelotão. Bom cavaleiro, a par de suas outras virtudes, pode ser citado como um exemplo a ser seguido como um verdadeiro Tenente de Cavalaria”.

Transferido para o 3º Regimento de Cavalaria Motorizada (São Gabriel, RS), apresentou-se em 23 Abr 53. Serviu nessa Unidade por 01(um) ano, sempre primando pela eficiência, honestidade de propósito e capacidade de trabalho, sendo-lhe conferidos vários louvores, onde se ressalta o espírito militar acentuado, personalidade incomparável, disciplinado, leal, e fazendo da discricção sua norma de conduta. Foi movimentado, por motivo de promoção, em Abr 54, para o 1º Regimento de Reconhecimento Mecanizado (Santo Ângelo, RS), onde prestou excelentes serviços, durante cerca de dois anos. Também nessa nova Unidade, desde o início, as palavras de elogio foram uma constante no seu dia-a-dia, ressaltando suas qualidades de Oficial competente, trabalhador, eficiente e dedicado no cumprimento de seus múltiplos deveres. Em maio de 1956 deixou, por necessidade de serviço, o 1º Regimento de Reconhecimento Mecanizado, para servir no 2º Regimento de Reconhecimento Mecanizado (Porto Alegre, RS) e, novamente, foi alvo de inúmeros elogios e louvores, pelo desempenho nas mais diversas atividades que lhe foram afetas. Nesta Unidade, em 25 Dez 56, foi promovido a Capitão, Chefe da 1ª Secção. Em Dez 58 foi público ter sido transferido por necessidade do serviço para o 3º Regimento de Cavalaria Motorizada (São Gabriel, RS), onde assumiu o Comando do 2º Esquadrão de Fuzileiros. Durante pouco mais de três anos em que serviu nessa Unidade, as referências elogiosas que recebeu sempre enaltecem suas qualidades de Oficial disciplinado, de inteligência viva e brilhante, trabalhador e competente, e de considerável

cultura geral e profissional. Em 1962, cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, sendo elogiado naquele estabelecimento de ensino pela pontualidade e assiduidade revelada no ano letivo, não tendo faltado a nenhum trabalho escolar, mostrando desse modo, mais uma vez, senso de responsabilidade e de compromisso do dever, que sempre lhe foi peculiar. Voltou ao seu 9º Regimento de Cavalaria (São Gabriel, RS), em fevereiro de 1963, agora já mais amadurecido, mas com o mesmo élan e entusiasmo daquele Aspirante de 52. Exerceu com eficiência e dedicação funções no Estado-Maior do Regimento. Logo após, foi transferido para o 3º Regimento de Cavalaria Motorizado (São Gabriel, RS), onde serviu até janeiro de 1965, em razão de ter sido matriculado na Escola de Comando e Estado-Maior, no Rio de Janeiro. Cursou a ECEME nos anos de 1965, 1966 e 1967, com distinção e brilhantismo. Retornou ao Rio Grande do Sul, já como Major, realizando o estágio de Estado-Maior no Quartel-General da 2ª Divisão de Cavalaria (Uruguaiana, RS), evidenciando suas qualidades positivas nas mais variadas atribuições que lhe foram confiadas, com acerto e perspicácia, ratificando o elevado conceito de militar capaz, honesto e leal. Após um ano, foi distinguido com a nomeação para Instrutor Chefe do Curso de Cavalaria da Academia Militar das Agulhas Negras (Resende, RJ). Nesse fundamental Estabelecimento de ensino do nosso Exército veio a exercer várias funções como instrutor, tendo sido merecedor de inúmeras referências elogiosas consignadas por seus superiores. Na busca constante de seu aprimoramento profissional concluiu, em 1971, o Curso de Comunicação Social, no Centro de Estudos de Pessoal. Em 25 de agosto de 1972, foi elevado, merecidamente, ao posto de Tenente Coronel. Quatro anos após ter prestado excelentes serviços à AMAN foi, em dezembro de 1972, distinguido com uma nomeação para instrutor da ECEME. Teve nessa Escola de Altos Estudos Militares, o então Ten Cel Daniel, reconhecida, mais uma vez, sua condição de Oficial de escol, mercê de um desempenho equilibrado, eficiente e digno de exemplo. Após destacada passagem na ECEME foi, durante o biênio 75/76, Oficial de Estado-Maior do Comando

do III Ex, desempenhando de maneira altamente capaz, com eficiência e raro brilhantismo sua missão como Oficial de Informações daquele Grande Comando. No ano seguinte, foi nomeado Comandante do 12º Regimento de Cavalaria Mecanizado, Regimento Marechal José Pessoa, sediado em Porto Alegre, RS, imprimindo à Unidade uma fecunda organização de trabalho e onde veio a ser promovido, por merecimento, ao posto de Coronel em 25 Dez 77. No posto de Coronel, após o período de Comando, assumiu sucessivamente as funções de Chefe da Secção de Planejamento e Cooperação e da 2ª Secção do Comando do III Exército; passou à disposição da Presidência da República para desempenhar funções no Serviço Nacional de Informações, como Chefe da Agência Regional de Porto Alegre; exerceu ainda as funções de Sub Comandante e Subdiretor de Ensino da AMAN e, no Gabinete do Estado-Maior do Exército, foi Assistente Secretário e Chefe de Gabinete, Chefe da 1ª Secção e Sub Chefe de Gabinete. Primou, em todas estas funções, pela abnegação no cumprimento do dever, destacando-se pela energia, compreensão, privilegiada cultura geral e militar, bem como invulgar capacidade profissional. Possuidor de larga experiência, estudioso, competente e capaz, incorpora nítida visão de conjunto dos problemas do Exército. Como reconhecimento de seus comprovados métodos e da vocação militar que tanto o inspirou na honrosa caminhada ao longo da carreira, foi promovido a General de Brigada em 31 de Março de 1985, abrindo-se assim novos e mais amplos campos à sua operosidade, inteligência e dinamismo. Nomeado Comandante da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, com sede em Santiago-RS, voltou-se para o preparo profissional de sua tropa, buscando a maior operacionalidade, sem descuidar do aspecto humano. Bateu-se constante e incansavelmente para solucionar os problemas de suas Unidades por forma que as diretrizes de instrução que estabeleceu tivessem cumprimento integral. Sua frequente presença nas Organizações Militares subordinadas e seu contagiante entusiasmo profissional, foram decisivos para que a 1ª Bda C Mec alcançasse excelente nível de operacionalidade, confirmando toda a sua

lídima vocação militar. Líder nato, constituiu-se um exemplo por suas qualidades como amigo, Chefe e Comandante. Como substituto eventual deste Comando, em várias oportunidades, demonstrou as excelentes características de que é dotado, mantendo os Comandos subordinados coesos e voltados para as atividades profissionais, sem permitir que houvesse perda de continuidade. Essa é a trajetória brilhante desse ilustre militar e excelente companheiro, exemplo digno a ser seguido pelos mais moços. Cavalariano da mais fina estirpe, valorizou e honrou sobremaneira a Arma de Osório, ao manter vivas as tradições da Cavalaria e inculcar nos seus subordinados o apego e o cuidado na conservação dos antigos materiais da Arma, sem deixar de se preocupar com a modernização e evolução dos novos tempos. É com pesar que a Divisão Encouraçada vê ausentar-se tão destacado militar que, por força de dispositivos normais de plano de carreira é, nesta oportunidade, transferido para a Reserva. Ao apresentar ao Gen Daniel as despedidas do Exército, ratificamos a gratidão e as homenagens de sincera admiração pelo muito que deixa na instituição, cabendo com toda justiça, apontá-lo como exemplo, cuja carreira foi um constante modelo de coerência nas atitudes de dignidade, de bom senso e de sinceridade de propósitos, dando-se inteiramente ao Exército e à Pátria, não raro em detrimento da própria família. A nossa força preservará, em registros, os padrões, as realizações e as valiosas conquistas que enriquecem a vida do Gen Daniel ao qual, em nome do Exército e da Nação Brasileira, consigno os maiores agradecimentos. Ao ingressar na reserva e deixar o nosso convívio cotidiano, pode o Gen Daniel fazê-lo com absoluta tranquilidade do dever plenamente cumprido e com a certeza de haver conquistado a amizade de todos aqueles que tiveram a ventura e o privilégio de com ele servir. Finalmente, em nome dos companheiros de todos os níveis e no meu próprio, expresso os mais ardentes votos de sucesso nessa nova quadra de sua vida e também os votos de plena felicidade no recesso do lar ao lado da companheira de todas as horas, sua dileta esposa Dona Martha e de seus demais familiares.



Gen Antônio Araújo de Medeiros

Comandou a 1ª BdaCMec de 27Abr88 a 30Jan90. Nascido em Patos, PB em 16Nov34, filho de Luiz Antônio de Medeiros e D. Izabel Araújo de Medeiros. Casou com Shirley Terezinha Monteiro de Menezes, de cujo consórcio nasceu Luiz Antonio (engenheiro civil), casado com Eliana Francio Medeiros, Clóvis Antônio (engenheiro civil), casado com Thereza Lúcia Banharo de Medeiros, Dorothea Rejane, casada com Paulo Ramos Escobar. Netos: Ana Felice, Laila e Taiara filhos de Clóvis Antônio, e Lana e Camila, filhos de Dorothea Rejane. Coursou Cavalaria na AMAN em 1953/55, EsAO em 1965, ECEME em 1969/71 e Estado-Maior na Espanha em 1975/76. Serviu na tropa no 8º RC – Regimento Conde de Porto Alegre – Uruguaiana, de Jan56 a Mar60; no 5º Esqd C Mec em Curitiba de Mar a Set62; no 5º RC em Quaraí, RS de Set62 a Mar63 como Cmt de Esquadrão; e novamente no 8º RC de Mar63 a Jan65, indo cursar a EsAO, de onde retornou ao 8º RC, de Jul65 a Jan69, quando foi Cmt de Esquadrão e Ch de Secção. Como Oficial de Estado-Maior serviu no CMP em Brasília (DF), de Fev72 a Nov73, como Adjunto da 2ª Seção, na 6ª DE em Porto Alegre, de Mar84 a Nov86 e no EME, em Brasília, de Mar86 a Mar88. Foi Aux Instr na AMAN de Mar60 a Fev62. Na ECEME em três períodos: de Nov73 a Set75, de Ago76 a Jan80 e de Fev82 a Nov84, perfazendo 8 anos descontínuos. Exerceu as seguintes funções fora do Exército: Assessor Especial do Diretor da Escola Nacional de Informações (EsNI), Instrutor de Informações e Chefe do Curso de Operações. Retornou mais tarde, de Mar86 a Mar87, como Chefe do Departamento de Ensino tudo na referida escola. No exterior, de Out75 a Jul76, cursou Estado-Maior em Madri, na Espanha. Como Of Gen comandou a 1ª BdaCMec, estagiou na ESG de 12Jan/20Dez90, foi Diretor de Movimentação a partir de 20Jan91, Chefe do Estado-Maior do COTER de 07Jan/28Set93, Cmt da 5ª RM/5ª DE em Curitiba de 21Out93/09Fev96, Secretário Geral do Exérci-

to de 27Fev96/16Abr97 e Chefe do DEC de 16Abr97 até sua transferência para a Reserva. Foi agraciado com as seguintes condecorações: Grã Cruz da Ordem do Mérito Militar, Grande Oficial do Mérito das Forças Armadas, do Mérito Aeronáutico e Naval e Alta Distinção da Ordem do Mérito Judiciário Militar. Medalhas: Marechal Hermes, com uma coroa, Militar de Ouro por mais de 40 anos de bons serviços ao Exército e a do Pacificador. Sua carreira teve o seguinte curso: Praça em 14Mar51 na Escola Preparatória de Fortaleza (EPF), AspOf Cav a 06Jan56, 2º Ten em 25Ago56, 1º Ten a 25Ago58, Cap em 25Ago62, Maj a 25Dez69, TenCel em 25Ago75, Cel a 31Ago81, GenBda em 31Mar88, GenDiv a 25Nov82 e GenEx em 31Mar97 (Cel Bento).

REFERÊNCIA ELOGIOSA – Pelo Cmt da 3ª DE, Gen Guilherme José da Rocha – Gen Bda ANTÔNIO ARAÚJO DE MEDEIROS – Na oportunidade em que passo o Comando da 3ª Divisão de Exército e que coincide com o término de Comando do Gen Medeiros na 1ª BdaCMec, é com satisfação que elogio esse distinto Oficial-General por seu desempenho nessa nobre missão. Desde o início do seu Comando, a primeira comissão que exercia como Oficial-General, atuou com energia e tenacidade para, em pouco tempo conhecer com perfeição o pessoal e material das Unidades integrantes de sua Brigada. Acompanhou, cerradamente, todos os exercícios e atividades realizadas por suas OM, principalmente os exercícios de campo e as competições de instrução e esportivas. Orientou e conduziu com muita propriedade o trabalho de seu EM, possibilitando assim que fossem coroados de pleno êxito complexos exercícios de adestramento básico e avançado, como foram os casos das operações ENTREVERO e JAGUAR. Acompanhou e apoiou os seus subordinados, interessando-se pelo seu bem-estar e acompanhando-os nas situações difíceis, que exigiram atenção e dedicação especiais. Desenvolveu um excelente trabalho de relacionamento com as autoridades e demais integrantes das comunidades de sua área, o que muito contribuiu para elevar o bom nome do nosso Exército. Manteve também um cerrado relacionamento com

os companheiros da reserva, preservando e ampliando os laços de sadia camaradagem entre militares de várias gerações. Agradeço, pois, ao Gen MEDEIROS a excelente cooperação prestada ao meu comando, louvando-o pelo seu destacado desempenho e formulando votos de muito êxito na Escola Superior de Guerra e de felicidades pessoais junto à digníssima família. (Individual).



Gen Euclimar Lima da Silva

Comandou a 1ª BdaCMec de 30Jan90 a 08Abr92. Nasceu em Natal, RN, a 18Jan35, filho de Euclides Gomes da Silva e de Margarida Sabóia de Lima e Silva. Fez curso secundário no Ginásio Atheneu Norterio-grandense. Casado com a Sra. Argentina Ayres de Araújo da Silva (pedagoga), de cujo consórcio nasceram as filhas Ana Lúcia e Ana Cláudia. Oriundo da Escola Preparatória de Fortaleza, onde sentou praça em 15Out53. Declarado Asp Of Cav/AMAN em 19Dez57, 2º Ten a 25Ago58, 1º Ten em 25Ago60, Cap a 25Dez64, Maj em 30Abr73, Ten Cel a 30Abr789, Cel em 31Dez83 e Gen Bda a 25Nov89. Além do curso de formação na AMAN, fez a EsAO (1966), a ECEME (1970/72) e o CEMCFA/85. Como subalterno e Cap foi Cmt Pel Cav Hipo, Pel Com, Pel CMec e Cmt EsqdCMec. Como Of EM serviu como Adj e Ch 2ª Sec da 7ª RM/DE (Recife, PE), foi Adj da 3ª Sec EME e Ch da 1ª Sec da DProm. Foi Instr do CPDA/BH (Pós-graduação), do CCav/EsAO, da ECEME e Ch SecEns 2 desta Escola. Comandou o 3º RCC (Rio, RJ) de 26Jan83 a 28Jan85. Foi Ch 6ª Sec da Sec Geral do CSN e Ch Gab da Secretaria de Assessoramento da Defesa Nacional da Presidência da República (SADEN/PR). Quando servia na 4ª SCh/EME foi Membro da Comissão Brasileira de Atividades Espaciais (COBAE) e Ch da Comissão de Coordenação da Proteção ao Programa Nuclear Brasileiro (COPRON). Foi SCh da Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai (MMBIP). Domina o espanhol. Como Of Gen comandou a 1ª BdaCMec, Dir do

Centro de Avaliações do Exército (CAEx-1992) e foi Ch EM do CML de onde foi para a reserva pelo DO nº 46, de 09Mar94. O Gen Euclimar foi Secretário de Segurança do Estado Rio de Janeiro em 1995. Condecorações: Ordem do Mérito Militar (Comendador) e do Mérito das Forças Armadas (Oficial). Medalhas: Pacificador, Militar de Ouro e Mérito Santos Dumont (Prata). Estrangeiras: Ordem do Mérito Militar do Paraguai e Hononpeca/cavalaria, também do Paraguai. Honoríficas: Ordem do Mérito de Brasília (Oficial) e Ordem do Rio Branco. Proferiu palestra no Curso de Extensão da ESG sobre América do Sul-Cone Sul, publicada na revista A Defesa Nacional 741, de Jan/Fev89. Praticava Pentatlo Militar e era desportista de atletismo, futebol, basquetebol e hipismo.

Elogio – Pelo Cmt da 3ª DE – General de Brigada Euclimar Lima da Silva – Distinguido pelo Ministro do Exército para singular missão junto ao Comando Militar do Leste, na cidade do Rio de Janeiro, o Gen Da Silva deixa hoje o cargo de Comandante da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada (1ª BdaC-Mec), após mais de 26 meses de efetivo exercício da função. No desempenho desse importante comando – sua primeira comissão como oficial-general –, teve oportunidade de comprovar, em toda a plenitude, suas excelsas virtudes de chefe militar competente e capaz. Tive o privilégio de ter tido o Gen Da Silva sob o meu comando durante todo o tempo de sua permanência como Comandante da 1ª BdaCMec, de 30 de janeiro de 1990 a esta data. Pude, assim, testemunhar o grandioso trabalho que realizou, sem alarde, mas com convicção e inflexível determinação. A sua atuação como Comandante de Grande –Unidade foi assinalada por uma ação de comando a um só tempo firme e serena, por uma capacidade de liderança alicerçada no exemplo e no convencimento e pelo reconhecimento à competência profissional. Suas atividades, sempre claras e leais, se constituíram em fator decisivo no encaminhamento e solução dos mais variados problemas. Conduziu sua Brigada com invulgar eficiência. Orientou com maestria a instrução dos quadros e da tropa e o emprego de suas OM em diferentes exercícios de campanha, dentre os quais há

a destacar, pelo vulto e importância, a denominada Operação Rincão, levada a efeito em outubro de 1991, na área do Campo de Instrução do Rincão. Comandante da Gurnição de Santiago, soube congregiar os subordinados e a família militar, mantendo um excelente relacionamento com a sociedade civil. Fez-se merecedor do reconhecimento e respeito das autoridades santiaguenses. Manteve estreito e amigável clima de entendimento, no nível social e militar, com autoridades congêneres do Exército Argentino, sediadas em localidades fronteiriças à área de jurisdição de sua Brigada, concorrendo de forma marcante para um maior estreitamento dos laços de amizade recíproca entre as forças de terra dos dois países amigos. Devo-lhe o concurso de uma colaboração inteligente e lúcida prestada com acerto e eficácia. Durante as reuniões de comando da 3ª DE a sua participação se destacou pela clareza, inteligência e oportunidade. Ao despedir-me do preclaro amigo Gen da Silva, louvo-o pelos excepcionais serviços prestados como Comandante da 1ª BdaCMec, ao mesmo tempo em que lhe desejo novos e continuados sucessos na futura missão e muita felicidade ao lado dos seus familiares (Individual-Transcrito do Bol nº 041, de 08Abr92).



Gen Rosalino Hernandes Candia

Comandou a 1ª BdaCMec de 24Abr92 a 28Jan94. Nasceu em Uruguaiiana a 04Set1937, filho de Ambrósio Candia e Gricelda Hernandes Candia. É viúvo da Sra. Elvira Carvalho Candia. É oriundo da EsPCEX/Fortaleza, onde sentou praça a 11Abr55. Curso da carreira: Asp Of Cav/ AMAN em 04Dez60, 2º Ten a 25Ago61, 1º Ten em 25Ago63, Cap a 25Dez66, Maj em 25Dez75, Ten Cel a 30Abr81, Cel em 25Dez85 e Gen Bda a 31Mar92. Cursos: além do Curso de Cav da AMAN, EsEqEx (Instrutor-1969), EsAO (1971) e ECE-ME (77/78). Serviu na tropa como Cmt Pel, Cmt SU, S/2 e S/3 de 1961 a 74, principalmente no 6º RCB (Alegrete) e no 8º RCMec (Uruguaiiana). Foi Instrutor da Sec Equitação da AMAN

de 27Fev74 a 18Out77. Como Of EM foi Ch 3ª Sec EM/2ª BdaCMec (Uruguaiana-79/80), Asst Sec do Cmt 2ª BdaCMec Gen Íris Lustosa de Oliveira de 30Out80 a 02Out83, Adj 1ª Sec/Gab/EME (Brasília-83/84), Of Gab Min Ex (84/85), Ch 2ª Sec/DSM (Brasília-1985), Ch EM 2ª BdaCMec (88/91) e Ch da Assessoria 3/DGS (91/92). Comandou o 8º RCMec (Uruguaiana) de 28Jan86 a 28Jan88. Foi transferido para a reserva remunerada pelo DO nº 16, de 24Jan94. Condecorações: Ordem do Mérito Militar e do Mérito Aeronáutico. Medalhas: Militar de Ouro e do Pacificador.

ELOGIO A OFICIAL-GENERAL - Pelo Comandante da 3ª DE - Gen Bda ROSALINO HERNANDES CANDIA - Após trinta e oito anos, de efetivos e assinalados serviços prestados ao Exército, afasta-se nesta data do serviço ativo o Exmo Gen Bda ROSALINO HERNANDES CANDIA, em virtude de sua transferência para a Reserva. O passado militar deixado pelo Gen CANDIA nos diversos setores de atuação, como oficial combatente, de Estado-Maior e Oficial-General, é uma confirmação lisonjeira das virtudes do soldado que se dedicou por inteiro à profissão. Ao longo de sua magnífica carreira, evidenciou-se pelo entusiasmo, disciplina, energia, lealdade e acentuada vocação do cumprimento do dever, qualidades soberbamente confirmadas e realçadas pelo fiel cumprimento a todas as missões que lhe foram impostas, que bem caracterizam sua figura de militar e cidadão. A onze de abril de 1955 ingressou na Escola Preparatória de Fortaleza, sendo transferido em 1956 para a Escola Preparatória de Porto Alegre, de onde seguiu, em 1958, para a Academia Militar das Agulhas Negras, vindo a ser declarado Aspirante a Oficial da Arma de Cavalaria em quatro de dezembro de 1960. Após uma curta passagem no 8º Regimento de Cavalaria, em URUGUAIANA-RS, é transferido inicialmente para PASSO FUNDO-RS, onde vem a servir no 1/20º Regimento de Cavalaria e posteriormente, para ALEGRETE-RS, no 6º Regimento de Cavalaria, onde serviu por cerca de três anos. Os elogios dados ao jovem Tenente atestam sua dedicação, camaradagem, espírito de sacrifício, coragem e grande capacidade de trabalho, evidenciando, ain-

da, o cavaleiro participante que é em inúmeras provas hípicas, nas quais obtém lugares de destaque. Desenhava-se o perfil de um Oficial de Escol. Serve, mais tarde, como Capitão, no 1º Regimento de Cavalaria, em ITAQUÍ-RS, como Comandante do 2º Esquadrão de Fuzileiros e Ch 3ª Seção da Unidade, onde patenteia suas qualidades de Chefe e Planejador. Em 1969, cursa a Escola de Equitação do Exército, obtendo o segundo lugar no Curso de Instrutor, reflexo não apenas de sua inteligência e dedicação, mas também de uma aptidão já demonstrada anteriormente. Após voltar ao 1º Regimento de Cavalaria, é transferido novamente ao 8º Regimento de Cavalaria, onde exerce com brilhantismo e destaque o Comando do Esquadrão de Comando e Serviços da Unidade, representando, ainda, o Regimento em diversas competições hípicas. Frequenta em 1971, a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Uma vez mais ratifica seu valor profissional e intelectual, obtendo o conceito "MUITO BEM". Volta a servir no 8º Regimento de Cavalaria onde, pelos elogios que lhe foram consignados, atesta-se a relevância dos serviços prestados como Chefe da 3ª Seção da Unidade através da orientação e impulsão que deu à instrução, realizando o primeiro exercício de nível Unidade do novo Regimento Mecanizado. Presta, ainda, seus serviços como Instrutor e Instrutor-Chefe da Seção de Equitação na Academia Militar das Agulhas Negras, nos anos de 1974/75/76. Concluído o Curso de Comando e Estado-Maior da Escola de Comando e Estado-Maior, vem, em 1979, estagiar em URUGUAIANA-RS, no Comando da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, onde permanece classificado, prestando sua eficiente colaboração como Chefe de 3ª Seção do Estado-Maior Geral e Assistente-Secretário do Comandante da Brigada até abril de 1983, quando é transferido para o Estado-Maior do Exército, em BRASÍLIA-DF, para ser Assistente-Secretário do Chefe de Gabinete do Estado-Maior do Exército. Nesta fase de sua vida profissional, distinguiu-se como um assessor franco e leal, pautando suas ações com inteligência, discernimento e extrema dedicação. Em janeiro de 1984, é nomeado Oficial de Gabinete do Ministro do Exército, logo em seguida é transferido para a Diretoria

do Serviço Militar, sempre assessorando com muita seriedade e eficiência seus Chefes imediatos, de onde sai, já como Coronel, para comandar em URUGUAIANA-RS o 8º Regimento de Cavalaria Mecanizado. Exerceu seu Comando no decorrer dos anos de 1986 e 1987. Sua atuação no Comando é sempre destacada por seus Chefes, que realçam no mesmo a forma harmoniosa com que desenvolve as atividades de instrução e de administração reconhecendo-lhe, ainda, os atributos de Chefia e Liderança. É a consolidação de um verdadeiro Oficial de Escol da Arma de CAVALARIA. Após o Comando, volta a servir, por mais três anos, no Quartel-General da 2ª BdaC-Mec, agora como Chefe do Estado-Maior. Exerceu este difícil e importante cargo com o mesmo brilhantismo e competência já demonstrados no Comando do 8º R C Mec. Em abril de 1991, apresenta-se no Departamento-Geral de Serviços, novamente sob o Comando de seu antigo Chefe, o Gen Ex ÍRIS LUSTOSA DE OLIVEIRA, onde permaneceu até abril de 1992, quando, num reconhecimento a seus acentuados méritos, se vê galgado ao posto de General-de-Brigada, indo exercer seu primeiro Comando de Oficial-General em SANTIAGO-RS, na 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, "BRIGADA JOSÉ LUIZ MENNA BARRETO. Durante o Comando, autenticando toda a exemplar carreira militar explicitada nesta síntese retrospectiva de dedicação exclusiva, de seriedade e de sucessos profissionais, mais uma vez se destacaram suas qualidades de Chefe, cuja experiência e profundos conhecimentos desaguaram em desempenho e resultados de elevado padrão de eficiência. As vertentes administrativas e operacional mereceram de sua parte particular atenção. Na primeira, alcançou êxitos concretos ao compatibilizar, com equilíbrio e sabedoria, os recursos parcimoniosos que lhe foram colocados à disposição com as múltiplas e variadas necessidades de sua Brigada, alcançando melhoria sensível das condições de seus quartelamentos, armamento e viaturas. Já na atividade-fim, pessoalmente cuidou da instrução e do adestramento de sua tropa, atingindo níveis altamente satisfatórios de operacionalidade. Planejou e executou primorosos exercícios no terreno de nível Grande Unidade.

Sensível à importância vital dos tiros reais de Blindados, foi responsável pela construção de um stand de tiro para as Armas deste tipo de viaturas no Campo de Instrução do Rincão, preenchendo, deste modo, uma sentida lacuna na formação e treinamento de nossos atiradores e guarnições dos Blindados. Concebeu, preparou e executou a competição entre Pelotões de Cavalaria Mecanizados, em montagem abrangente, meticolosa e perfeita, de modo a servir de modelo para competições desta natureza no Exército Brasileiro. Despedindo-me, hoje, de tão digno camarada, não me cabe apenas evidenciar sua atuação como Cmt Bda e sim, em nome da instituição a que pertencemos e à qual se dedicou com rara energia e abnegação, dizer-lhe da admiração que é alvo, não apenas por suas excepcionais qualidades de militar, mas também, e principalmente, pelas de homem digno e exemplar chefe de família que, sem dúvida alguma, é apontado por todos que o conhecem como exemplo a ser seguido. (INDIVIDUAL).



Gen Cláudio Barbosa de Figueiredo

Comandou a 1ª BdaCMec de 26Abr94 a 03Mai95. Nasceu em Porto Alegre em 10Out40, filho de Odilon Lehmann Figueiredo e D. Carmen Barbosa Figueiredo. Casou com D. Sandra Maria Masella de Figueiredo, de cujo consórcio nasceu Andrea (odontóloga), Alexandre e Alessandra. Neto: Lucas Castro Lima de Figueiredo.

Cursos: AMAN (Cav-1960/62), EsAO (1974), ECEME (77/78) e ESG/CAEPE (1992). Serviu na tropa no 12º RC, no 1º Regimento de Cavalaria de Guardas de 1963/68, no Escalão Avançado do 1º RCG em 1968, no 1º RCGd em 69/70 e no 19º RCavEs (1975/77). Foi AJO do Pres. da República e também do Ch do SNI, ambos no período 1968/73. Como Oficial de Estado-Maior serviu de 1978/89 no Comando Militar do Planalto (CMP), foi Secretário do Conselho de Segurança Nacional, Instrutor da ECEME e serviu na 1ª Secção do CMSE. Em 1991 foi novamente instrutor da ECEME e em 1993 Assis-

tente do Comando do CML. Comandou o Centro de Preparação de Oficiais do Rio de Janeiro, de 1989/90. Como Oficial-General comandou a 1ª BdaCMec, chefiou o CIE (11Mar95 a 05Dez98), foi Coordenador da Missão de Observador da Garantia de Protocolo do Rio de Janeiro no Peru e Equador (16Jan/30Jun99) e Cmt da 1ª Região Militar de 06Jan99 a 30Jul02. Chefiou o Departamento de Logística de 21Ago02 a 14Jan03 e o Comando Militar da Amazônia de 30Mar03 a 05Mai06 quando foi transferido para a Reserva. Foi agraciado com as seguintes condecorações: Grã Cruz da Ordem do Mérito Militar, Grande Oficial do Mérito Naval e Aeronáutico e do Mérito da Defesa, Comendador do Mérito das Forças Armadas, Alta Distinção do Mérito Judiciário Militar, Cavaleiro da Ordem do Rio Branco. Medalhas: Militar de Ouro com passador de platina, Pacificador, Mérito Santos Dumont e Tamandaré, Serviço Amazônico (bronze), Comendador do Mérito Policial Militar, Medalha do Mérito do Ex-Combatente do Brasil, Vitória, Mérito Cívico da LDN e Mérito Judiciário do Amazonas (Grande Mérito). Estrangeiras: Grande Estrela do Mérito Militar das FFAA do Equador, Legião do Mérito (EUA), Ordem Nacional do Mérito (Paraguai), Cavaleiro da Ordem do Infante Dom Henrique (Portugal), Ordem Francisco Miranda 3ª classe (Venezuela), Medalha de Honra ao Mérito Inteligência do Exército (Venezuela). Sua carreira teve o seguinte curso: Praça em 16Mar59, Asp Of Cav em 20Dez62, 2º Ten a 25Mar63, 1º Ten em 25Ago65, Cap a 25Dez68; por merecimento: Maj em 31Ago77, Ten Cel em 31Ago82, Cel a 31Ago86, GenBda em 31Mar94, GenDiv a 31Jul98 e GenEx em 31Jul02. É bacharel em Ciências Militares e possui curso de Administração de Empresas (CEUB, Brasília) e Altos Estudos de Política e Estratégia Militar. Foi instrutor da ECEME em 1983/86 e em 1992. Praticava Corrida de fundo, Voleibol, Tênis, Pentatlo Moderno, Hipismo e Natação. (Cel Bento).

Elogio - Pelo Cmdo da 3ª DE – Transcrição - General-de-Brigada CLÁUDIO BARBOSA DE FIGUEIREDO - Deixa hoje o Comando da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada e da Guarnição Federal de SANTIAGO, por motivo de sua nomeação para

o cargo de Chefe do Centro de Inteligência do Exército (CIE), o Gen FIGUEIREDO, após completar 01 (um) ano de relevantes serviços prestados à essa Grande Unidade (GU), onde reafirmou suas excelentes qualidades de Chefe Militar altamente capaz e extremamente dedicado à profissão militar. Com proficiente atuação à frente da tradicional "BRIGADA JOSÉ LUIZ MENNA BARRETO", manteve essa GU subordinada à 3ª Divisão de Exército em elevado índice de operacionalidade, a despeito das dificuldades financeiras enfrentadas, ao longo de todo o seu Comando, plenamente testado nos inúmeros Exercícios de Campanha realizados, entre os quais destacou-se a Operacionalidade "BIG PIG", realizada em 1994. Cabe, ainda, enfatizar a participação eficiente da 1ª Bda C Mec na Operação IBIRAPUITAN - Exercício de PC, quando seu Estado-Maior teve a oportunidade de ser adestrado numa Manobra de Grande Comando. Conhecedor da situação orgânica de suas unidades subordinadas e permanentemente atento à necessidade de proporcionar maior bem estar aos subordinados e melhores condições de funcionamento das organizações militares sob seu comando, o Gen FIGUEIREDO não mediu esforços, nem tempo, na busca da melhoria dos aquartelamentos e da recuperação do material e equipamento existentes. Encarou todos os problemas sempre com a objetividade e o realismo que caracterizam sua firme e forte personalidade de soldado e chefe íntegro, primando sempre pela franqueza e equilíbrio em suas sugestões e decisões. Como Comandante da Guarnição Federal de SANTIAGO soube proporcionar diretamente e através de seus Comandados, uma perfeita integração dos quadros e tropas do Exército com as autoridades civis e militares de outras forças e corporações e com a população de um modo geral, estabelecendo um clima de franca colaboração e respeito mútuo. Entre as inúmeras realizações que promoveu ou conduziu como Cmt da Guarnição Federal de SANTIAGO, cumpre destacar: o Convênio firmado com a Prefeitura Municipal - "Projeto Sentinela da Fronteira", destinado a prestar assistência a menores desassistidos; a participação das atividades sociais e beneficentes da cidade, tendo, por

esse motivo, angariado grande simpatia por parte da comunidade local; como ex-atleta de renome internacional, tornou-se grande incentivador de esportes, tendo comparecido aos principais eventos desportivos seja na cidade de SANTIAGO como nos municípios da área de sua responsabilidade. Como Comandante da 3ª Divisão de Exército acompanhei, assim, com bastante tranquilidade a sua excelente ação de Comando, na certeza de que em qualquer situação, esse digno camarada e amigo de longa data, somente traria propostas de solução, jamais problemas, e de que os quadros e tropas da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada estariam sempre coesas e disciplinadas em torno de seus Chefes e no cumprimento de suas missões. Por estas razões, louvo o Gen FIGUEIREDO pela distinguida ação de Comando e agradeço-lhe a prestimosa colaboração prestada ao meu comando. Faço votos de que em suas novas funções continue a ter o êxito correspondente aos seus méritos pessoais e profissionais, desejando-lhe também muitas felicidades junto à D. SANDRA, sua dedicada esposa e demais familiares (INDIVIDUAL - Transcrito do Bol Div nº 051, de 02 Mai 95).



Gen Marco Antônio Tilscher Saraiva

Comandou a 1ª BdaCMec de 03Mai95 a 28Fev97. Nasceu em Pelotas a 20Out41, filho de Walmirante Rodrigues Saraiva e de Iracema Tilscher Saraiva. Oriundo de Colégio Militar. Casado com a Sra. Sueli Pacheco Saraiva, de cujo consórcio nasceram os filhos Alexandre, Leonardo (Eng Militar) e Cíntia. Sentou praça na AMAN em 17Fev61, de onde saiu promovido a Asp Of Cav em 20Dez63. 2º Ten a 25Ago64, 1º Ten em 25Ago66, Cap a 25Ago69, Maj em 25Dez78, Ten Cel a 31Ago83, Cel em 25Dez87, Gen Bda a 31Mar95 e Gen Div em 31Mar00. Cursos: além da AMAN (1963), EsAO (1974) e ECEME (79/80). Na tropa, serviu no REsC (Rio) como Cmt Pel (64/67), no 1º EsqdCMec (Rio) como Cmt Pel Mec, S/2 e S/3 (1968), no 2º RCC (Pirassununga, SP) como Cmt EsqdCC e S/1

(1973) e no 2º RCGd (Rio) como Cmt Esqd Fzo (1975). Foi Instr do CCav/AMAN (69/72), Instr da EsAO (76/78 e 83/84). Como Of EM foi Adj da 2ª Sec EM/6ª DE (81/82), Ch 2ª Sec/14ª BdIn-fMtz (Florianópolis,SC-85/87), Adj 6ª SCh EME (Brasília-90/91) e, cumulativamente, Ch DPO/Asst 2ª SCh do COTER (Brasília-93/95). Comandou o 4º RCB (São Luís Gonzaga, RS) de 30Jan88 a 23Jan90. Foi Adido do Exército na Itália de Set91 a Set93. Foi Representante do Exército no Conselho de Trânsito de Santa Catarina. Como Of Gen, comandou a 1ª BdaCMec, a EsSA (Três Corações, MG-Mar97/Mar98), foi 1º SCh do COTER (Brasília) e comandou a 2ª DE (São Paulo-04Mai01/25Abr03). Domina o espanhol e o italiano. Praticava hipismo, futebol e vôlei e pratica marcha a pé e ciclismo. Condecorações: Ordem do Mérito Militar (Comendador), do Mérito das FA (Grã-Cruz), do Mérito Tamandaré, do Mérito Naval e do Mérito Aeronáutico (Comendador). Medalhas: Militar de Ouro e do Pacificador. Estrangeira: Ordem ao Mérito da República Italiana (Grau Oficial).

Elogio - Pelo Cmdo da 3ª DE - Distinguido pelo Exmo. Sr. Min Ex com o comando da Escola de Sargentos das Armas, deixa hoje o comando da 1ª BdaCMec, o Gen Saraiva, após quase dois anos de efetivo exercício da função. No desempenho desse importante cargo, sua primeira comissão como Of Gen, teve oportunidade de comprovar, em toda a plenitude, suas excelsas virtudes de chefe militar entusiasmado e capaz, realizando um excelente trabalho, sem alarde, mas com convicção e inflexível determinação. Profundo conhecedor dos aspectos táticos e logísticos de sua arma de origem, a Cavalaria, orientou e conduziu seu Estado-Maior na busca do constante acompanhamento da instrução, de modo a que todas as OM atingissem altos padrões de operacionalidade de maneira homogênea, objetivo que ficou perfeitamente caracterizado quando da realização da Operação ICAMAQUÃ/95, Exercício que consolidou a preparação orgânica da GU naquele ano. Ainda em 1995, o comando da 1ª BdaCMec deslocou-se para Campos Novos/SC, afim de participar da Operação Ibirapuitã-Açú, exercício de Posto de Comando conduzido pelo CMS onde esteve diretamente subordinado ao Exército de Campanha, havendo-se de maneira

brilhante em todas as fases da Operação. Coerente com sua maneira de pensar e mais uma vez buscando atingir padrões únicos em todas as unidades, determinou que a Operação Boina/96, acampamento da fase de Instrução Individual Básica, fosse conduzida de maneira centralizada pela Bda, no Campo de Instrução do Rincão, com excelentes resultados que puderam ser comprovados durante todo o ano, e de maneira bem clara quando da realização do EXERCÍCIO DE GRANDE COMANDO/96 no Campo de Instrução Barão de São Borja. Neste exercício, a 1ª BdaCMec fez às vezes da força oponente, planejando e executando diversos objetivos de adestramento com muita criatividade, de maneira a permitir uma perfeita imitação do combate, base do sucesso da Operação Encouraçada Alfa, conduzida pela 3ª DE. A Defesa Interna mereceu, por parte do Gen Saraiva, uma atenção toda especial, em consonância que está com a realidade atual. Atualizou planos, revisou critérios e preparou a tropa para qualquer eventualidade, em particular suas Forças de Operações Especiais, que realizaram exercícios inéditos nas regiões de Pirapó, São Nicolau e Santo Izidro nos anos 95/96, seguidos de ações cívico-sociais desenvolvidas junto às comunidades mais carentes da região. Afeito às atividades junto à tropa, seja no quartel ou em campanha, não descurou entretanto das questões administrativas. Em que pesem as restrições orçamentárias, empenhou-se pessoalmente na busca de recursos para a execução de obra por ele idealizada, de ampliação das instalações do Comando da 1ª BdaCMec e do 1º PelPE. O resultado de sua persistência, que proporcionou ambientes amplos e funcionais, aliados a muito bom gosto, estará sendo inaugurado ainda nesta data e certamente marcará a passagem do Gen Saraiva pela Brigada JOSÉ LUIZ MENNA BARRETO. Saliente-se também o grande impulso que deu no Programa de Administração pela Qualidade Total, conscientizando seus subordinados para as vantagens da implantação do projeto-piloto. Fruto dessa concepção de trabalho, obteve em suas OM excelente padrão de manutenção do material e uma mudança de mentalidade nos quadros, que se sentiram motivados a desenvolver o espírito criativo. Reconhecidamen-

te, o Gen Saraiva é uma pessoa extremamente humana, preocupada em dar aos seus subordinados um tratamento digno e um ambiente de trabalho onde se observa harmonia e respeito. Enérgico, quando necessário, conduz pelo exemplo e incorpora as características de um verdadeiro líder. Com habilidade, conseguiu dar continuidade ao projeto “Sentinela da Fronteira”, que tem como intuito apoiar menores desassistidos, ensiná-los uma profissão e integrá-los à vida normal da sociedade. Para isso, buscou e obteve o apoio das comunidades, com as quais manteve um posicionamento social que o engrandece, por ter resultado no fortalecimento da integração entre a caserna e o segmento civil, especialmente em Santiago, onde a participação das autoridades e da população geral nos principais eventos, é uma constante. Com a finalidade de destacar os feitos criativos e as ações meritórias nos campos cultural, desportivo e técnico-profissional, criou o Diploma de Mérito da 1ª BdaCMec, que é ofertado aos militares da ativa ou da reserva, civis ou entidades que, de forma desinteressada, tenham prestado apoio às atividades da GU. O reconhecimento do mérito é um incentivo à participação de todos nas atividades da Brigada. O Círculo Militar de Santiago, das mais expressivas entidades sociais, que sedia importantes eventos de repercussão em toda a região, teve neste ilustre oficial-general um Presidente muito ativo, incentivando as promoções e buscando recursos que foram aplicados na reforma do Salão de Festas, que hoje proporciona, não só à família militar mas à sociedade santiaguense um local aprazível para os momentos de lazer e descontração. Nas diversas oportunidades que teve, de sediar as Reuniões de Comando da 3ª DE, a par de suas intervenções sempre oportunas e inteligentes, onde a lealdade sempre falou mais alto, ressalta-se o esforço despreendido em proporcionar as melhores condições para a condução dos trabalhos, a hospitalidade demonstrada durante a estadia das diversas delegações, bem como a lhanza e o cavalheirismo com que todos foram tratados. Este mesmo tratamento foi dispensado ao excelentíssimo Sr. Ministro do Exército e comitiva, quando esta autoridade visitou as unidades diretamente subordinadas

à BdaCMec. A segura orientação transmitida, o detalhado planejamento e a perfeita execução de cada atividade prevista, foram alvo dos mais calorosos elogios, tendo cada um dos visitantes levado da Brigada JOSÉ LUIZ MENNA BARRETO a melhor das impressões. Principal responsável pelo relacionamento harmônico entre os que fazem parte do grupo familiar da área de influência de seu marido, seria uma falha imperdoável esquecer, nesta ocasião, a figura ímpar representada por dona Sueli, partícipe ativa em todos os momentos, emprestando seu toque feminino nas mais variadas atividades, com sua gentileza, hospitalidade e espírito humanitário e que com carinho que a cada um dispensa, cria um ambiente agradável rica em harmonia e amizade. Finalmente, ao apresentar as despedidas da DIVISÃO ENCOURAÇADA ao Gen Saraiva, agradeço de público a valiosa colaboração prestada à 3ª DE e às demonstrações de amizade recebidas ao longo desses dois anos. Desejo que sua passagem pelo hospitaleiro estado mineiro seja pródigo em realizações profissionais e que a Luz Divina esteja sempre a iluminar seus passos, conduzindo-o por caminhos onde a saúde e a felicidade sejam uma constante na companhia daqueles que lhe são caros. (Individual).



Gen Luiz Cesário da Silveira Filho

Comandou a 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, de 30Abr97 a 03Dez98. Nasceu em Jaguarão, RS em 17Jan43, filho de Luiz Cesário (militar do Exército) e de D. Nilza Resem da Silveira. Casou com D. Aladir Ferreira da Silveira, de cujo consórcio nasceram Daniele (publicitária) e Adriane (médica), casadas respectivamente com Marcelo Salem (Of do EB) e Marco Aurélio Guimarães (Of do EB). Neto: Pedro Silveira Salem. Coursou a AMAN (1962/64), a EsAO, a ECEME, a Escola de Guerra Naval e fez Estágio de Blindados em 1973, no Exército Argentino. Serviu na tropa como Cmt de Pel no 13º RC (1965/66) e no 2º BCC (1966/68), foi Cmt de Esquadrão do 17º RC (1974/75) e S/1 do 1º RCC de 1977/78.

Como Oficial de Estado-Maior foi E/4 e Adjunto do E/3 na 3ª Bda C Mec em Bagé (1981/82), S/3 do Corpo de Cadetes da AMAN (1983/84), Adj da 5ª Sec do CML (1985/88), Chefe da 5ª Sec do CML (1988/90), Chefe da DAT da 1ª RM (Jan/Jun1992) e novamente Ch da 5ª Sec do CML (1992/97). Comandou o Esqd de Comando da 5ª BdaCBld de 1968/74. 1º Regimento de Carros de Combate em 1991/92. Como Oficial-General comandou a 1ª BdaCMec (Santiago), chefiou o Centro de Comunicação Social do Exército (Brasília) de 1999/02, comandou a 1ª RM (Rio), de 06Ago02 a 30Jul05, o CMO (Campo Grande) de 25Jul05 a 19Dez06 e o Comando Militar do Leste de 20Dez06 a 11Mar09, quando passou para a Reserva. Foi Instrutor da AMAN em 1983/84. Fez Estágio de Blindados no Ex Argentino em 1973. Atividades culturais: Como Cmt da 1ª Bda C Mec estimulou e prefaciou a História da Brigada, escrita pelo Sgto da Reserva Carlos Fonttes. Foi conferencista convidado da ECEME em 1994/96 e do CEP no mesmo período. Foi Delegado de Honra das delegacias da Academia de História Militar Terrestre do Brasil em Campo Grande e no Rio de Janeiro. Antes de passar para a Reserva, como Cmt do Comando Militar de Leste, lançou no Salão Nobre do Palácio Duque de Caxias a 3ª Edição da História do General Osório e presidiu no âmbito do Exército, em 2008, a Comissão do Exército encarregada das comemorações de Centenário do Patrono da Cavalaria, como oficial mais antigo oriundo da Arma de Cavalaria. Foi agraciado com as seguintes condecorações nacionais: Grã Cruz do Mérito Militar e da Ordem do Rio Branco, Grande Oficial do Mérito Naval e Aeronáutico e da Ordem do Mérito da Defesa do Brasil, Alta Distinção do Mérito Judiciário. Medalhas: Militar de Ouro com passador de platina, Pacificador, Mérito Santos Dumont e Tamandaré, D. João VI e da FEB (Mascarenhas de Moraes), Mérito dos Ex-Combatentes do Brasil, da Vitória, Franklin Dória, Sangue de Heróis, Colar do Mérito Judiciário, da Ordem do Mérito Cívico da LDN, Imperador D. Pedro II, Ten Max Wolff Filho, Jubileu de Ouro da Vitória na 2ª GM, Ordem do Mérito Cartográfico, Oficial do Mérito Cívico, Confratex-FEB, Corpo de Tropa (Bron-

ze), Marechal Zenóbio da Costa, Marechal Machado Lopes, Cinquentenário do Término da 2ª Grande Guerra, General Osório - O Legendário e Medalha do Mérito Policial-Militar. Estrangeiras: pela Polônia: Comemorativa SPK, Pró-Memória, Cruz do Ex-Combatente e Ouro do Exército Polônês. Sua carreira teve o seguinte curso: Praça em 01Mar62 (AMAN), Asp Of Cav a 01Dez64, 2º Ten em 25Ago65, 1º Ten a 25Ago67, Cap em 25Dez70: por merecimento: Maj a 25Dez79, Ten Cel em 31Ago84, Cel a 25Dez88, GenBda em 31Mar97, GenDiv a 31Mar01 e GenEx em 31Jul05. Pratica Jogging e praticou Esgrima e Tênis. É habilitado em Espanhol. Conferências: As FA e a Questão Amazônica (1992), A Evolução da Ciência Política em uma perspectiva comparada nos anos 80 (1992), e A atuação da FAIBRÁS na República Dominicana (1980). Conferencista da ECEME e do CEP. Foi representante do CML no EM Conjunto para a Defesa Civil da Central Nuclear Alm Álvaro Alberto de Angra 1 e do CML junto ao grupo Interinstitucional de Saúde do Estado do RJ. Acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, cadeira General Humberto Peregrino, a ser empossado (Cel Bento). Não foi localizado o elogio do Gen Cesário.



Gen Fernando Sérgio Galvão

Comandou a 1ª BdaCMec de 12Jan99 a 30Ago00. O Gen Fernando é natural do Rio de Janeiro, onde nasceu em 10Jan47, tendo sido declarado Aspirante a Oficial da Arma de Cavalaria em 21Dez68 e promovido a Gen Ex em 31Mar07. Possui os cursos de Instrutor, pela Escola de Equitação do Exército, de Aperfeiçoamento de Oficiais pela EsAO, de Comando e Estado-Maior pela ECEME e de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército (CPEAEx) também pela ECEME. No exterior diplomou-se pelo Curso de Estado-Maior do Instituto Militar de Estudos Superiores do Exército Uruguaio. O Gen Fernando é Bacharel em Administração de Empresas e possui o Curso de Gestão Estratégica da Informa-

ção da Fundação Getúlio Vargas. Como Oficial Superior, serviu no Gabinete Militar da Presidência da República, foi Chefe da 3ª Secção da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, Adjunto da 5ª Subchefia do Estado-Maior do Exército, Comandante do 3º Regimento de Cavalaria de Guardas - Regimento Osório, Adjunto da Secção de Planejamento do Comando Militar do Sul e Chefe de Gabinete do Departamento de Material Bélico. Como General de Brigada foi Comandante da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada e Chefe do Estado-Maior do Comando Militar do Leste. Como General de Divisão foi Diretor de Assistência ao Pessoal e Comandante da 3ª Divisão de Exército – Divisão Encouraçada. Desde abril de 2007, como General de Exército, é o Secretário de Economia e Finanças (SEF).

REFERÊNCIA ELOGIOSA - Pelo Cmt 3ª DE - Gen Bda FERNANDO SÉRGIO GALVÃO. Por haver sido nomeado para ocupar o cargo de Chefe do Estado-Maior do Comando Militar do Leste, o Gen Fernando está entregando hoje o comando da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada. Encerra, assim, um período de 20 meses de profícuo trabalho, durante o qual conduziu, com segurança e zelo, esta tradicional grande unidade do nosso Exército, com relevante papel no quadro da defesa militar do Brasil. Logo ao assumir este seu primeiro cargo como oficial-general, buscou conhecer detalhadamente as peculiaridades, as possibilidades e as servidões de cada uma das unidades sob seu comando. Com base nesse conhecimento, lançou mão de sua larga experiência castrense e da competência profissional para desenvolver adequados planejamentos referentes à instrução militar, à administração e à comunicação social. A partir daí, liderou os comandantes das unidades subordinadas e os oficiais do seu estado-maior de maneira firme, persistindo na manutenção dos objetivos fixados. Inteligente, muito equilibrado e sensato, soube adequar as ações determinadas pelos escalões superiores à disponibilidade de recursos, de modo a otimizar os resultados. Desse modo, conduziu e coordenou o adestramento da tropa de forma a cumprir toda a programação anual. Dedicou especial atenção ao preparo da Brigada JOSÉ LUIZ MENNA BARRE-

TO para a atividade-fim, acompanhando a instrução básica e a de qualificação, promovendo os testes de reação de líderes, participando dos jogos de guerra da 3ª DE e organizando os exercícios de adestramento das suas unidades. Em sintonia constante com a situação existente na área sob a responsabilidade da sua grande-unidade, criou e implantou o Grupo de Operações de Inteligência da Brigada e adestrou sua tropa, mediante a realização de um exercício de defesa integrada, para atender as necessidades da garantia da lei e da ordem. Na área administrativa, incentivou o aprimoramento cultural dos seus subordinados mediante convênio com o SEBRAE, possibilitando-lhes a realização de cursos do programa Brasil Empreendedor. Sua atenção esteve também voltada para a implantação do Programa de Administração pela Qualidade Total no QG e nas organizações militares subordinadas, bem como para a adesão ao Projeto Gaúcho de Qualidade e Produtividade. Foi igualmente cuidadoso com o estado do material bélico, impulsionando sua manutenção, providenciando a recuperação e zelando pela correta utilização. O patrimônio imobiliário da União entregue à sua guarda valorizou-se, mercê do cuidado permanente e das reparações oportunas. Exemplo disso é o seu quartel-general, cujo antigo prédio recebeu melhoramentos, externos e internos que aumentaram sua beleza arquitetônica, funcionalidade e conforto, entre os quais a implantação de um gabinete odontológico, a reforma da cozinha e do auditório, e a ativação de uma rede de computadores. Foi também zeloso com os campos de instrução, preocupando-se com a manutenção das sedes, com a melhoria dos locais de exercícios e com a defesa das terras da União. Entusiasmado pelas atividades esportivas, organizou os jogos desportivos da Brigada e incentivou a formação e o treinamento das equipes da sua Grande Unidade que participaram das competições divisionárias. Ele próprio um exímio cavaleiro, disputou com êxito vários torneios de salto, revigorou a prática do hipismo na guarnição de Santiago e apoiou o estabelecimento de centros hípicas nas demais sedes de suas unidades. Tirocínio, tato, firmeza de atitudes, honestidade e, acima de tudo, o exemplo,

embasaram a ação de comando do General Fernando que, orientando e valorizando o trabalho dos seus subordinados, colheu deles a confiança e a admiração, estreitando a cooperação e aprimorando o espírito de corpo da Brigada JOSÉ LUIZ MENNA BARRETO. Exerceu permanente supervisão em toda a área sob sua responsabilidade, apoiada em frequentes visitas e inspeções. Disciplinado, metódico e ponderado, suas adequadas e oportunas decisões levaram sempre em consideração as normas castrenses e as diretrizes superiores. A iniciativa e a criatividade, no entanto, permitiram-lhe adaptar e inovar, numa saudável busca de novas soluções. Todas as missões que foram atribuídas à sua tropa mereceram acurado estudo e planejamento eficiente, resultando em execução ordenada e tempestiva. Nesse processo, ficaram patenteados o tirocínio, a vivência profissional e a capacidade de comando, que lhe permitiram orientar os esforços coletivos no sentido da superação dos óbices impostos pela escassez de recursos, pela dispersão das guarnições subordinadas e pela diversidade das situações consideradas. Juntamente com as virtudes castrenses, ostenta o Gen Fernando qualidades humanas que lhe permitiram atender, com sucesso, os aspectos sociais do comando, mantendo cordial convívio com a sociedade de Santiago e desenvolvendo relacionamento participativo e proveitoso com as autoridades federais, estaduais e municipais da extensa área de segurança sob sua responsabilidade. Cooperando com as comunidades municipais, manteve ativo o programa de auxílio a menores carentes, batizado de Projeto Sentinela da Fronteira, levando para dentro dos seus quartéis meninos em risco social a fim de proporcionar-lhes educação complementar e sadia formação moral e cívica. Leal, franco, discreto e coerente, tive no General Fernando interlocutor sempre pronto para contribuir com seus pareceres sensatos e opiniões pertinentes na condução dos diversificados trabalhos desenvolvidos no âmbito da Divisão. No momento em que este destacado chefe militar deixa de integrar as forças da Divisão Encouraçada, louvo seu dignificante desempenho à testa da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada e espero que

o seu exemplo perdure no seio da tropa que soube tão bem comandar. Ressaltando o privilégio que foi tê-lo como comandante subordinado, formulo votos de que, no exercício das funções que assumirá no Comando Militar do Leste, continue a colher êxitos como os que aqui obteve. Estendo a D. Judite os meus cumprimentos pela participação, junto a seu marido, nesta etapa bem sucedida de sua carreira e, em nome da família militar da 3ª DE, auguro ao distinto casal muitas felicidades na guarnição do Rio de Janeiro. **Gen Div LUIZ SELDON DA SILVA MUNIZ - Comandante da 3ª DE.**



Gen Orlando de Castro e Silva Campos

Comandou a 1ª BdaCMec de 30Ago00 a 29Mai02. Nasceu em Santo Ângelo, RS, em 03Dez47, filho de Milton Campos (Militar) e de Maria Odette de Castro e Silva Campos. Casado com a Sra. Leni Bittencourt Silva Campos, de cujo consórcio nasceram os filhos Patrícia e Renato. Oriundo do CMRJ, sentou praça na AMAN em 25Fev67, de onde saiu Asp Of Cav em 19Dez70, depois 2º Ten em 25Ago71, 1º Ten a 31Ago73, Cap em 31Ago76, Maj a 31Ago83, Ten Cel em 30Abr88, Cel a 30Abr93 e Gen Bda em 31Jul00. Cursos: de Cav/AMAN, EsMB (1972), EsAO (1979), ECEME (1985), Superior de Inteligência Estratégica/ESG (1996) e Avançado de Inteligência/EsIMEx (2000). No meio civil: Especialização em Pedagogia (Latu Sensu-1997). Na tropa, serviu no 7º RCMec (Livramento-71/72), no 5º EsqdCMec (Castro, PR-73/74), no 6º RCB (Alegrete-77/78) e no 11º EsqdCMec (Pirassununga, SP). Foi Instr na EsSA (75/76) e na AMAN (82/83). Como Of EM serviu como Instr na ECEME (85/88 e 89/93), como Adj na Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai (MM-BIP-88/90) e na EsIMEx (97/00). Comandou o 4º RCB (São Luís Gonzaga, RS) de 22Jan93 a 23Jan96 e a EsIMEx (Brasília) de 05Ago97 a 28Jul00. Como Of Gen comandou a 1ª BdaCMec e foi Diretor do Serviço Militar (Brasília-02/04). É especialista em Gestão de Desempenho. Condecoração: Ordem

do Mérito Militar (Cavaleiro). Medalhas: Militar de Ouro, do Pacificador, Marechal Hermes (uma coroa), Imperador Dom Pedro II do Distrito Federal e da Vitória. Estrangeiras: Ordem do Mérito Militar do Paraguai (Oficial), Medalhas: do Mérito Francisco José de Caldas da Colômbia, Honorífica de Cavalaria do Paraguai e também o Distintivo da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais das FA/Paraguai.



Cel Cav QEMA Paulo Roberto Ribas Flores

Nota dos autores: o Cel Ribas Flores comandou interinamente a 1ª BdaCMec de 29Mai a 22Ago02, depois de ter sido ChEM, motivo pelo qual seu currículo consta no rol dos Cmt.

Ao ser designado para o comando interino da 1ª BdaCMec, o Cel Ribas Flores estava no comando do 9º BLog (Santiago). Comandou a 1ª BdaCMec durante 86 dias, cumulativamente. Nasceu em Passo Fundo, RS a 13Mai51. É casado com a Sra. Kátia Medeiros Flores e possui duas filhas, Daniela e Paula. Foi aluno da EsPCEx (Campinas, SP) em 1970/72, cadete da AMAN em 1973/76, de onde saiu Aspirante a Oficial de Cav. Possui o curso da EsNI (Cat C-1), realizado em 1985, o da EsAO (1986), o da ECEME (1994/95) e o Estágio de Transportes (1996). Outros estágios: Operações de Informações; Operações Aeromóveis; Estágio de Inteligência - Nível 1; Estágio de adaptação a Selva; Estágio de Cmt OM e Estágio de Qualidade Total. Sua carreira teve o seguinte curso: Asp Of em Dez76, 2º Ten em Ago77, 1º Ten em Dez78, Capitão em Dez82; e por merecimento: Major em Abr90, Ten Cel em Ago95 e Cel em Abr00. Serviu na EsPCEx (1970/72), na AMAN (1973/76), no 4º RCB (São Luiz Gonzaga, RS, 1977/80), na EsSA (Três Corações, MG, 1981/82), no 10º Esqd C Mec (Recife, PE, 1983/84), na EsNI (Brasília, DF, 1º sem/1995), no Cmdo do CMNE (Recife, PE, 2º sem 1995), no 1º/21º RCMec/14º R C Mec (São Miguel D'Oeste, SC, 1987/89), no Cmdo CMS (Porto Alegre, RS, 1989/93), na DAS (Brasília, DF, 2º sem 1993), no Cmdo 8ª

RM (Belém, PA: 1996/97), no Cmdo 17ª Bda Inf SI (Porto Velho, RO, 1998/99), no Cmdo 3ª RM (Porto Alegre, RS, 2000), Cmt 9º B Log (2001/02), no Cmdo 1ª BdaCMec (Santiago, RS, Cmt interino, 2002) e no Cmdo 1ª BdaCMec (Ch EM, 2003). Possui as seguintes condecorações: Medalhas de Tempo de Sv: Bronze, Prata e Ouro, Medalha do Pacificador, Medalha do Serviço Amazônico (1 Castanheira) e Distintivo de Cmdo OM Dourado. Passou para a Reserva em 01Jun2003 e hoje é o Chefe do Escritório Regional da POUPEX em Santiago, RS.

REFERÊNCIA ELOGIOSA DE OFICIAL – Pelo Cmt da 3ª DE - Deixa, nesta data o Comando Interino da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, BRIGADA JOSÉ LUIZ MENNA BARRETO, o Cel Cav QEMA PAULO ROBERTO RIBAS FLORES. Na oportunidade, desejo registrar o excelente desempenho desse destacado Oficial durante o período em que exerceu o Comando, cumulativamente com o cargo de Comandante do 9º Batalhão Logístico. As múltiplas responsabilidades decorrentes do exercício desses honrosos cargos não impediram que o Cel RIBAS FLORES cumprisse cabalmente todas as missões recebidas, mercê de sua grande dedicação, reconhecida capacidade de trabalho e comprovada competência profissional. Valendo-se de seu profundo conhecimento da Guarnição de SANTIAGO e das Organizações subordinadas, adquirido ao longo do seu Comando no 9º B Log, estabeleceu objetivos e atribuiu missões no âmbito da Grande Unidade que resultaram na manutenção do excelente nível de Desempenho já atingido por esta tradicional Brigada. Com adequada ação de Comando, orientou judiciosamente as ações do seu Estado-Maior e Organizações Militares subordinadas no sentido de manter em elevado nível o preparo de sua Grande Unidade para o emprego operacional realizando, com singular aproveitamento, os exercícios e atividades previstas para o período, em que pesem as restrições impostas pela atual conjuntura. O Cel RIBAS FLORES, ciente da importância da prática desportiva, na manutenção e fortalecimento do espírito de corpo nas Organizações Militares, realizou, com sucesso, os XXVI jogos Desportivos da Bda, evento esse de grande re-

percussão. Ao mesmo tempo, atualizou e aperfeiçoou as condições de segurança dos Aquartelamentos e implementou, por meio de campanhas bem orientadas, a diminuição expressiva do índice de acidentes de trânsito nas Organizações Militares subordinadas. Pelo seu esforço e pelo trabalho desenvolvido, apresento, em nome da Divisão Encouraçada, os cumprimentos ao Cel RIBAS FLORES, formulando votos de continuado êxito à frente do tradicional e valoroso 9º Batalhão Logístico e, de muita felicidade pessoal junto à sua digníssima família. (INDIVIDUAL).



Gen Newton Álvares Breide

Comandou a 1ª BdaCMec de 22Ago02 a 27Abr05. Nasceu em Bagé, RS, em 14Mar50, filho de João Dormalino Breide e de Zilda Álvares Breide. É casado com a Sra. Luisa Bautista Breide, de cujo consórcio nasceram Cibele Bautista Breide, Tatiana Breide Pessoa Guerra e Maurício Bautista Breide. Praça de 28Fev66 na EsPCEEx (Campinas), realizou o Curso de Cavalaria na AMAN, de onde saiu Aspirante a Oficial em 16Dez72. Foi promovido a 2º Ten em 31Ago73, 1º Ten a 31Ago75, Cap em 31Ago78, Maj a 25Dez85, Ten Cel em 31Ago90, Cel a 31Ago95, Gen Bda em 31Jul02 e Gen Div a 25Nov06. Cursos: Cav/AMAN/72, Instr Ed Fis/EsEFEx em 1977, EsAO em 1982, ECEME em 1987/88 e CPEAEx em 1998. Na tropa, serviu no 3º RCMec (Bagé – 19Fev73/05Fev77), no 5º EsqdCMec (Curitiba – 20Fev78/19Jan79), novamente no 3º RCMec (28Fev79/23Jan82), no 16º RCMec (Baieux, PB – 14Fev82/03Jan84) e comandou o 20º RCB, Campo Grande, MS, de 20Jan96 a 18Jan98. Foi instrutor da EsAO de 03Fev84 a 06Fev87. Demais funções como Of Sup: Adj 3ª Secção e da Secção de Planej e Coop do CMP/11ª RM (08Fev89/04Mar91); Adj Secr Ass Estratégicos da Presid. Rep. (04Mar91/24Fev95); Adj 1ª SCh COTer (01Mar/29Dez95), Analista da 3ª SCh EMEx (04Fev/23Jul99), Assist Dir do Departamento de Mobilização do MD (26Jul99/20Dez00) e Assist

Ch do DEP (05Jan01/31Jul02). Comandou o 20º RCB, Campo Grande, MS, de 20Jan96 a 18Jan98. Como Of Gen comandou a 1ª BdaCMec, foi 4º SCh EM de Defesa/MD em Brasília (28Abr05/10Mai06), 3º SCh do EME (12Mai06/04Abr08) e, atualmente, é o Cmt da 8ª RM/DE (Belém do Pará) desde 05Mai08. Possui, até o presente momento, as seguintes Condecorações: Medalhas: Militar de Ouro com passador de platina, Ordem do Mérito Militar (Grande-Oficial), Ordem do Mérito das Forças Armadas (Comendador), Pacificador, Mérito Santos Dumont, Mérito do Ex-Combatente do Brasil; Mérito Tamandaré, Ordem do Mérito Aeronáutico (Comendador), Mérito Desportivo Militar, Mérito Tiradentes (Polícia Militar-PA), Marechal Osório e Ordem do Mérito Naval (Comendador). Possui também o Distintivo de Comando Dourado e a Comenda como Membro Honorário da Ordem dos Marajós (BINFAE-Belém);

Elogio – Pelo Cmt da 3ª DE - General-de-Brigada NEWTON ÁLVARES BREIDE - Na ocasião em que se afasta do Comando da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – “Brigada José Luiz Menna Barreto”, por ter sido nomeado para importante cargo no Ministério da Defesa, em Brasília-DF, é com grande satisfação que expresso meu reconhecimento ao General BREIDE, pela sua excelente atuação como Comandante dessa renomada e histórica Grande Unidade da 3ª Divisão de Exército-Divisão Encouraçada. Desempenhou suas funções de Comandante com invulgar dedicação, brilhantismo, proficiência e reconhecida capacidade profissional, tornando-se merecedor da presente referência elogiosa que lhe é consignada e que ratifica seu conceito de militar autêntico, profissional devotado e chefe exemplar. Graças ao amplo conhecimento que tem da Instituição, ao brilho de sua inteligência, à diversificada cultura e ao espírito militar ornado por destacadas virtudes, conduziu com segurança, desenvoltura e acerto sua missão à frente da Brigada José Luiz Menna Barreto. Possuidor de grande experiência profissional, mercê dos relevantes cargos que ocupou, comandou pelo exemplo, com equilíbrio e abnegação. Sua constante ação de presença e o acompanhamento das atividades de todas as OM subordinadas muito contribu-

íram para que se forjasse uma Grande Unidade coesa, disciplinada, operacional e inteiramente dedicada aos afazeres profissionais, buscando em um trabalho conjunto, integrar os campos administrativo, logístico e operacional. Sua fineza no trato, sua ponderação e sua excepcional conduta civil e militar fazem-no muito estimado por todos que o cercam e muito influíram para que o entrosamento do Exército com as autoridades civis e militares fosse excelente, valorizando, assim, a presença da Força Terrestre na área. Por meio de visitas e de inspeções às Unidades e Subunidades, transmitiu, pessoalmente, orientações para o correto procedimento nas atividades de serviço, de instrução e da administração, incentivando, sempre, a busca de melhorias nas instalações e otimização de procedimentos. Mercê de uma visão prática e ousada, de um aguçado sentido de análise e síntese e de um pertinente senso de equilíbrio, desenvolveu uma dinâmica e produtiva ação de chefia, adequando o novo à realidade vivida e preservando valores antigos, mas sempre atuais. Caminhou apoiado numa moderna administração. Implementou necessários aperfeiçoamentos. Mostrou agilidade nas respostas, bem como, oportunidade e acerto nas decisões e nos assessoramentos. Entre inúmeros trabalhos desenvolvidos merecem destaque especial os seguintes: na área de inteligência conduziu, nos anos 2003 e 2004, respectivamente, nas Gu de Santiago e São Borja, a realização da 3ª e 5ª Reunião Regional de Intercâmbio Militar, com a participação de Oficiais da ARGENTINA e do BRASIL, contribuindo para o incremento das relações de amizade e de cooperação entre os exércitos dos dois países, mediante a discussão de temas de interesse mútuo bem como estreitou o relacionamento com as autoridades responsáveis pela Garantia da Lei e da Ordem. Nos assuntos relacionados com a Instrução e com as Operações, teve atuação efetiva em todos os exercícios realizados, preocupando-se, com os aspectos relacionados com a operacionalidade de suas OM subordinadas, orientando com propriedade e oportunidade, o incremento das medidas de segurança orgânica no âmbito de toda a GU, resultando em visível elevação do grau de segurança dos

aquartelamentos; deu ênfase à realização de constantes campanhas de segurança no trânsito e prevenção de acidentes dentro e fora das atividades de instrução, concorrendo para a diminuição das estatísticas negativas nessa área; participou ativamente do Exercício de Simulação de Combate – JOGO DE GUERRA – da 3ª DE, realizado no Campo de Instrução de Santa Maria (CISB), em 2002, obtendo expressivos resultados. Cabe destacar ainda, a participação da 1ª Bda C Mec, na Operação Lobo Guará, Exercício de Campanha que contou com a participação de aproximadamente 5.000 militares de diferentes partes do país, no Campo de Instrução Barão de São Borja (CIBSB), no período de 12 a 24 de novembro de 2003. Sob o comando do Gen BREIDE a 1ª Bda C Mec se fez representar de forma marcante e bastante atuante, sendo empregada, como Força de Fixação, na difícil missão de estabelecer uma posição defensiva para barrar o inimigo, junto ao corte do Arroio Saicã – Saicãzinho e Rio Ibicuí da Armada. Na área Administrativa e na Logística, preocupou-se com a revitalização do prédio do Quartel-General, particularmente as instalações do Esquadrão de Comando da Brigada, bem como do Hotel de Trânsito, Círculo Militar (conjunto de piscinas) e PNR da Guarnição de Santiago, além de gerenciar de forma minuciosa os recursos de alimentação e de combustível, a despeito das restrições de toda ordem. Nas atividades de Comunicação Social, apoiou de forma marcante a Prefeitura das Gu de Santiago, e de São Borja, no fornecimento de água, durante a estiagem ocorrida em fevereiro deste ano; realizou convênio entre a 1ª Bda C Mec e a Prefeitura Municipal de Santiago visando à implementação do projeto “Sentinela da Fronteira”, objetivando apoio às crianças carentes e estreitou sobremaneira os laços de amizade com a comunidade local, por intermédio de publicação de artigos em jornais e execução de programas em emissoras de rádio da região. Essa mostra de algumas realizações realizadas com o Comando do Gen BREIDE é suficiente para constatar a sua total dedicação ao trabalho, bem como evidenciar o seu apurado senso de oportunidade e a sua visão prática e prospectiva, relativa

aos aspectos operacionais e administrativos. Ao apresentar as despedidas do Comando da 3ª DE – Divisão Encouraçada a tão distinto companheiro e amigo, bem como à Dona Luísa sua digníssima esposa, que a despeito de suas atividades profissionais, fora da Gu de Santiago, esteve sempre presente, apoiando de forma marcante e indelével a ação de comando do Gen BREIDE, meus agradecimentos pela atenção que sempre dispensaram a mim e a Jeanete, pelo seu excepcional desempenho funcional e pela sua irrestrita cooperação, durante o período em que comandou a 1ª Bda C Mec. Intenso, produtivo e eficaz foi o trabalho desenvolvido. Apreciada a capacidade que demonstrou ao cumprir, com exatidão, as mais sensíveis missões. Assim, peço a Deus que continue a guiá-lo em sua já iluminada trajetória pela carreira, que tanto dignifica. Ao mesmo tempo, formulo votos de muito sucesso em seu novo cargo, e desejando-lhe muitas felicidades em sua vida particular, extensivos a sua digníssima família. (INDIVIDUAL) - Gen Div LUIZ ALBERTO CUREAU, Comandante da 3ª Divisão de Exército – Divisão Encouraçada”.



Gen João Ricardo Maciel M. Evangelho

Comandou a 1ª BdaCMec de 27Abr05 a 25Abr07. Nasceu em Rosário do Sul, RS a 04Set52, filho de Bayard de Magalhães Evangelho e de Ione Maciel Monteiro Evangelho. Praça de 01Mar71 na AMAN, de onde saiu Asp Of Cav em 17Dez74. Cursos: Academia Militar das Agulhas Negras – AMAN (1971/74 - oriundo do Colégio Militar do Rio de Janeiro – CMRJ), Escola de Equitação do Exército – EsEqEx (1977), Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais – EsAO (1984), Escola de Comando e Estado-Maior do Exército – ECEME (1991/92), e Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia Militares/ESG – CAPEM (2000). Sua carreira teve o seguinte curso: Asp Of Cav em 17Dez74, 2º Ten a 31Ago75, 1º Ten em 30Abr77, Cap a 30Abr80. Por merecimento: Major em 25Dez87, Ten Cel a 30Abr93, Cel em 31Ago97, Gen Bda a

31Mar05 e Gen Div em 31Mar09. Comandou o 11º RCMec - Regimento Marechal Dutra, em Ponta Porã/MS de 20Jan97 a 20Fev98. Foi subalterno no 19º RC/2º RCGd (Rio de Janeiro, 75/76) e no 17º RC (Amambai, 78/79). Como Cap serviu no 2º RCGd (80/81) e no 11º RC (Ponta Porã, 85) o qual viria a comandar. Foi Of de EM no Comando Militar do Planalto/11ª RM (Brasília, 1993), na AI/Gab Min Ex (Brasília, 94/96), no CO-TER (98/99), AI/Gab Cmt EX (Brasília, 01/02) e Ch EM/CMP (Brasília, 03/04). Foi Instr da Escola de Equitação do Exército (EsEqEx, 81/82) e da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO, 86/90). Foi Estg da ESG em 2000. Como Gen comandou a 1ª BdaCMec (2005/06) e foi Ch da Assessoria de Planejamento e Gestão do DGP (07/09). Medalhas e Condecorações: Ordem do Mérito Militar (Grau Comendador), Medalha Militar de Ouro (30 anos), Medalha do Pacificador, Distintivo de Comando Dourado, Medalha da Vitória, Medalha da Ordem do Mérito Cívico da Liga de Defesa Nacional (oficial), Medalha da Ordem do Mérito Cívico (oficial) e Medalha Marechal Osório – O Legendário. Casou com a Sra. Kátia Borges Lins Evangelho, de cujo consórcio nasceram João Ricardo, Bernardo e Rodrigo, os quais lhe deram os netos Mariana e Valentina. Desportista, pratica vôlei, futebol e hipismo (salto e pólo).

ELOGIO - Consignação - pelo Cmt da 3ª DE - Por ter sido nomeado para o cargo de Chefe do Gabinete de Planejamento e Gestão do Departamento Geral do Pessoal, o Gen Evangelho entrega, nesta data, o Comando da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada - Brigada José Luiz Menna Barreto, encerrando assim um período de vinte e quatro meses de profícuo trabalho, durante o qual conduziu com segurança e zelo esta tradicional Grande Unidade da Divisão Encouraçada. Logo ao assumir este seu primeiro cargo como Oficial-General, buscou conhecer as peculiaridades, possibilidades e servidões das unidades subordinadas. Valendo-se de sua larga experiência castrense e sólidos conhecimentos profissionais, elaborou adequados planejamentos nas áreas de Instrução, Inteligência, Administração e Comunicação Social, e liderou os oficiais de seu Estado-Maior e os Comandantes de

Unidades de maneira hábil, inteligente, dinâmica e decidida, na busca da conquista dos objetivos fixados. Nos assuntos de instrução, conduziu e coordenou o adestramento da tropa, desenvolvendo um intenso programa para ampliar e aperfeiçoar os conhecimentos sobre o emprego de uma Brigada de Cavalaria. Participou ativamente da Operação Pampa I, Exercício no Terreno realizado em outubro de 2005, quando se deslocou com as unidades orgânicas de sua Grande Unidade para a guarnição de Santa Maria, e da Operação Pampa II, realizada em novembro de 2006, quando a 1a Bda C Mec, atuando enquadrada pela 3a Divisão de Exército, apresentou o Posto de Comando Tático de Brigada, PC móvel, montado em viatura ônibus. Atento às peculiaridades do momento atual, dedicou especial atenção aos aspectos relacionados com a Garantia da Lei e da Ordem, conduzindo em outubro de 2006, a Operação Cavalo de Tróia, onde buscou o adestramento da força Cobra. Realizou a Operação Fronteira Sul, nos meses de agosto e novembro de 2006, com a instalação e operação de PARIFRON, para coibir a ocorrência de ilícitos fronteiriços. Sob seu Comando a Brigada participou, com destaque, dos Exercícios de Simulação de Combate realizados no CAESC II - Santa Maria/RS, denominados respectivamente Operação Sarandi e Operação Antares. Cabe ainda destacar, no tocante aos assuntos de instrução, a participação do Gen Evangelho na VI Reunião Regional de Intercâmbio Militar, realizada em Possadas - República Argentina, em novembro de 2005. Como incentivador do esporte e possuidor de grande espírito competitivo, planejou e orientou a preparação dos atletas e equipes de sua Grande Unidade, levando a mesma a obter o título de campeã dos Jogos Desportivos da Divisão Encouraçada em 2006. Grande incentivador dos esportes eqüestres, reativou a estrutura hípica na guarnição de Santiago, e realizou uma Temporada Comemorativa do Aniversário de sua GU nos anos de 2005 e 2006. Na área de Administração, buscou a excelência implantando a Logística Produtiva Total (LPT) e promovendo a utilização do Protocolo de Correspondência Eletrônica Militar (PEM) no Comando da Brigada. Também a creditar ao

rol de suas realizações foi o cuidado com o patrimônio sob sua responsabilidade, valorizando-o através de recuperações permanentes e oportunas, onde destaco como exemplos as reformas do Depósito de Gêneros, do Cassino de Oficiais, dos PNR de oficiais, subtenentes e sargentos, da Fiscalização Administrativa, do Setor Financeiro e Almoxarifado, melhorando desta forma as condições de trabalho dos militares que ali servem. Versatilidade, dinamismo, inteligência, firmeza de atitudes e liderança embasaram a ação de comando do Gen Evangelho, que valorizou o trabalho de seus subordinados e estreitou de forma marcante os laços de cooperação e amizade com a comunidade santiaguense, preservando e fortalecendo o lema: "Exército Brasileiro! Braço forte, mão amiga." Nos assuntos de Comunicação Social, desenvolveu inúmeras atividades. Apoiou a Creche Vó Aurora, entidade filantrópica que trata de menores carentes. Desenvolveu uma Ação Cívico-Social na localidade de Santo Antônio das Missões, por ocasião da Operação Pampa 2006, prestando assistência médica e odontológica naquela comunidade. Apoiou ainda as Campanhas Assistenciais desenvolvidas pela Prefeitura Municipal de Santiago e colaborou na realização do Torneio Internacional de Futebol Juvenil, em janeiro de 2005 e 2006. No ano de 2007, a sua brigada teve destacada participação na Campanha do Agasalho, levada a efeito pelo Comando Militar do Sul quando, tendo recebido a meta de arrecadar e distribuir 7.500 peças, logrou arrecadar e distribuir, aproximadamente, 49.000 peças. Como comandante da Brigada José Luiz Menna Barreto, o Gen Evangelho demonstrou possuir, em alto grau, as qualidades de organização, método de trabalho, disciplina intelectual, iniciativa e habilidade no relacionamento humano. Ao despedir este excelente Oficial-General, apresento os agradecimentos da Divisão Encouraçada, extensivos a D. Kátia, pelo sucesso alcançado em mais esta etapa da vida do distinto casal, e formulo votos de continuados êxitos no prosseguimento de sua exitosa carreira e de saúde, paz e felicidades, extensivos à digníssima família. (Individual) - Gen Div ADRIANO PEREIRA JÚNIOR, Cmt da 3ª DE.



Gen Edson Leal Pujol

Comandou a 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada de 25Abr07 a 19Mai09. Nasceu em 02Jan55 em Dom Pedrito, RS, filho do Cel Péricles Corrêa Pujol, da Brigada Militar do Rio Grande do Sul (BMRS) e de D. Maria Lina Leal Pujol. É neto do Ten Cel José Manoel Pujol, também da BMRS. É casado com D. Arlene Regina, de cujo consórcio nasceram Leonardo, Diego e Marcelle. Coursou a Academia Militar das Agulhas Negras, a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e o Curso de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército (CPEAEx), estes dois últimos na ECEME, o Curso de Guerra na Selva (CIGS/Manaus), o Básico Páraquedista (CIPqdtGPB/Rio), o de Adaptação e Operações na Caatinga (CIOp na Caatinga do 72º BIMtz/Petrolina, PE), o de Operações de Informações (EsNI/BSB), o de Operações Aeromóveis (CIAvEx/Taubaté, SP), o Básico de Combatente de Montanha, o de Gestão Estratégica das Informações, do Estado-Maior do Exército, o de Segurança das Informações (CASNav/Marinha do Brasil) e o Curso Avançado de Blindados em Fort Knox, nos Estados Unidos. Possui os seguintes cursos civis: MBA Executivo, Administração de Negócios da Fundação Getúlio Vargas/RJ; os Cursos de Planejamento Estratégico, de Elaboração e Gerenciamento de Projetos, de Indicadores de Desempenho e de Análise e Melhoria de Processos, tudo pela Escola Nacional de Administração/ENAP; os Cursos de Planejamento Estratégico e Análise Prospectiva da Brain Storming Consulting, e os de Excelência em Gestão Pública (GESPÚBLICA 1) e o de Auto-Avaliação Continuada em Gestão Pública (GESPÚBLICA 2), do Programa Nacional de Gestão Pública e Desburocratização do Governo Federal. É pós-graduado em nível de Especialização em Gerenciamento de Projetos, pela Fundação Getúlio Vargas/BSB. Como oficial subalterno, serviu no 12º RCMec em Porto Alegre, no 7º RC Mec em Santana do Livramento, no 3º Es-

qdCMec e no Gabinete Militar da Presidência da República (GMPR), em Brasília. Como Oficial de Estado-Maior, serviu no CMA em Manaus, no CMS em Porto Alegre e no CIE em Brasília. Comandou a Escola de Administração do Exército (EsAEx), juntamente com o Colégio Militar de Salvador. É o atual comandante da Academia Militar das Agulhas Negras (Resende, RJ). Foi instrutor na AMAN e na EsAO, foi Observador Militar da ONU, na ONUSAL em El Salvador (América Central) e foi Adido de Defesa, do Exército e Naval junto à Embaixada do Brasil no Suriname. Até o presente momento foi agraciado com as seguintes condecorações nacionais: é tríplice coroadado, por haver sido condecorado três vezes com a Medalha Marechal Hermes da Fonseca de Aplicação e Estudo, por haver sido classificado em 1º lugar no Curso de Cavalaria da AMAN, no da EsAO e na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Medalhas: Ordem do Mérito Militar e do Mérito Aeronáutico no Grau de Comendador, da Ordem do Rio Branco no Grau de Cavaleiro, Medalha Militar com Passador de Ouro (30 anos), Medalha do Pacificador, Medalha do Serviço Amazônico, Medalha Marechal Mascarenhas de Moraes, Medalha Marechal João Propício Menna Barreto, Medalha Marechal Osório – o Legendário, Medalha Marechal Trompowski, Medalha Coronel Átilo Cavalheiro Escobar, no Grau de Grande Cavaleiro Oficial, da Brigada Militar do Rio Grande do Sul; Medalha de Mérito Marechal Castelo Branco, na Categoria Ouro da ACORE; Medalha de Mérito Marechal Osorio, Categoria Ouro da ABORE; Medalha Major PM Manoel dos Santos Portugal – 200 anos da PM/RJ; Medalha do Mérito Farroupilha do Instituto de História e Tradições do RS. Estrangeiras: Medalha do Mérito Francisco José de Caldas (Colômbia), Ordem do Mérito Estrela de Carabobo (Venezuela), Medalha das Forças Armadas (Itália), Medalha Militar para Méritos Especiais (Suriname) e Medalha das Nações Unidas (ONUSAL) da ONU. É detentor do Distintivo de Comando Dourado, de Comando de Unidade. Foi agraciado com o Prêmio “José Antônio Lutzemberger”, da Câmara Municipal de Santiago por Ações em Defesa do Meio Ambiente,

e foi distinguido com o Título de “Personalidade Especial do Ano de 2008”, pelo jornal “A Folha de Santiago”. Recebeu o Título de 3º Presidente de Honra e a Insígnia da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) e é Membro Efetivo e Vice-Presidente de Honra do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS).

Elogio - Pelo Comandante da 3ª DE - Na oportunidade em que o General-de-Brigada EDSON LEAL PUJOL deixa o cargo de Comandante da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, após mais de dois anos de um profícuo comando, cumpre-me realçar e distinguir sua destacada atuação à frente da Brigada José Luiz Menna Barreto. Oficial-general muito competente e dotado de invulgar senso de responsabilidade, comandou sua Grande Unidade essencialmente pelo exemplo, estando sempre à frente de todas as diversificadas atividades desenvolvidas, transmitindo aos seus subordinados os valores basilares que norteiam a conduta da Força Terrestre no cumprimento de suas missões constitucionais. Promoveu, no exercício de suas funções, a liderança, o dinamismo e o espírito gregário, traços característicos de sua personalidade marcante e de seu caráter íntegro e muito bem delineado. Durante seu comando, a instrução militar da tropa atividade-fim da Força Terrestre, mereceu de sua parte especial atenção, seja a formação dos reservistas de 1ª categoria, seja a capacitação técnica e tática do efetivo profissional. Preocupado com a eficácia do comando e controle de suas peças de manobra, implementou novas instruções para exploração das comunicações voltadas para o adestramento. Ponderado e objetivo, manteve suas unidades motivadas e conduziu a instrução de sua Brigada de forma segura e eficaz, tanto nas operações convencionais relacionadas com a missão constitucional de defesa externa, quanto nas atividades complementares. Coordenou o período de instrução individual e o adestramento com equilíbrio e correção, orientando e fazendo-se presente em inspeções e outras ações relacionadas ao preparo da tropa, participando e executando, inclusive, de diversas atividades de instrução realizadas pelo efetivo

profissional. Operacionalmente, destaco a participação da 1ª Bda C Mec na Operação Charrua, exercício de simulação de combate realizado em 2007 e, em 2008, na complexa Operação São Simão, exercício de adestramento de combate convencional que envolveu significativa parcela de tropa da Divisão Encouraçada. Destaco, também, os exercícios de garantia da lei e da ordem e as quatro edições da Operação Fronteira Sul, em 2007 e 2008, conduzidas em um quadro real de operações subsidiárias, com atuações de apoio a órgãos de segurança pública, exercícios de adestramento de frações, assim como ações de apoio cívico-social a populações carentes, atividades que se estenderam ao longo de toda a faixa de fronteira sob a responsabilidade da Brigada. Saliento, ainda, a Operação Lanças Ligeiras, exercício que consistiu no acionamento operacional inopinado de organizações militares, incluindo sua entrada em ordem de marcha. Em todas as oportunidades, a tropa da Brigada José Luiz Menna Barreto mostrou-se harmônica, coesa e disciplinada, sobrepujando as dificuldades e revelando excepcional grau de adestramento. Prático, criativo e dotado de excelente capacidade de trabalho, empenhou o melhor de seus esforços na busca da inovação e da melhoria contínua, norteando o trabalho de sua Brigada nas modernas práticas de excelência na gestão com qualidade. Priorizou a execução da Logística Produtiva Total; conduziu inspeções e certificações logísticas; difundiu as boas práticas de gestão; e incentivou a qualificação técnica de recursos humanos, desenvolvendo um salutar trabalho de conscientização e motivação, contribuindo sobremodo para o fortalecimento de uma construtiva cultura logística na Brigada, alcançando, como resultado, elevado grau de disponibilidade do material de emprego militar. Consciente da relevância da tecnologia da informação como ferramenta a serviço da excelência gerencial, modernizou o parque de máquinas adquirindo novos computadores, aumentou a capacidade do provedor de banda larga e introduziu o correio e protocolos eletrônicos de documentos, agilizando e otimizando a sistemática de despa-

cho interno do Quartel-General. Na área administrativa, visando a proporcionar ao público interno melhores condições de trabalho, implementou obras de manutenção nas instalações, destacando-se a reforma da 2a Seção e dos cassinos de oficiais e sargentos, e a modernização da Seção de Saúde com a instalação de novo gabinete odontológico. Adquiriu para o rancho diversos equipamentos e utensílios que contribuíram sobremodo para o aprimoramento da qualidade das refeições e do serviço nos cassinos. A par disso, conduziu reparações em diversos próprios nacionais residenciais, materializando sua preocupação com o necessário conforto e segurança da família militar, e melhorou a infraestrutura do Centro Hípico do Campo de Instrução Invernada Reiúna. Dotado de excelente condicionamento físico, o Gen LEAL PUJOL dedicou significativa parcela de sua energia ao treinamento físico militar e à prática desportiva, incentivando decididamente sua realização e participando de diversas atividades, invariavelmente destacando-se. Reorganizou os Jogos Desportivos da Brigada, elaborando suas normas gerais de ação, e participou, como cavaleiro, das temporadas das Ligas Hípicas da Fronteira Oeste e do Comando Militar do Sul, conquistando resultados expressivos e servindo de estimulante exemplo às gerações mais novas. Oficial General de fina educação e de fácil trato e relacionamento, promoveu vários encontros e almoços de confraternização com as forças vivas do município, eventos que contaram com a participação de autoridades, representantes de entidades de classe e personalidades amigas. Preocupado em manter a sociedade, fardada ou não, permanentemente informada acerca das atividades da Brigada e do Exército, buscou isso na coluna A Caserna, publicada pelo Jornal Expresso Ilustrado, e no programa semanal Conheça o seu Exército, veiculado pela Rádio Iguazu FM, que são exemplos marcantes, dentre outros, de seu zelo e respeito pela informação responsável. Estudioso dos assuntos relacionados à Bacia Amazônica, ministrou esclarecedoras palestras sobre aquela imensa e rica região brasileira em estabelecimentos de ensino e

instituições formadoras de opinião, com excelente receptividade e grande alcance social. Engajou suas organizações militares subordinadas em atividades de cunho cívico-social, destacando-se as Campanhas do Quilo e do Agasalho, assim como o Programa Soldado Cidadão, com a formação, nos dois últimos anos, de mais de duzentos alunos em diversas especialidades profissionalizantes. Em atividades relacionadas à preservação do meio ambiente, obteve destaque nas diversas campanhas de plantio de espécies vegetais, alcançando a marca de mais de dezessete mil árvores plantadas. Em inequívoca demonstração de apreço pelo trabalho realizado pela Brigada em prol da natureza e do meio ambiente, particularmente pela contribuição prestada à preservação de nascentes e rios do município, a comunidade santiaguense homenageou o Gen LEAL PUJOL concedendo-lhe o honroso Prêmio José Antônio Lutzenberguer. Inteligente, bem informado, sempre atento acerca dos assuntos pertinentes ao País, ao Exército e à sua Grande Unidade, sereno e firme em seus pontos de vista, evidenciou, em todas as oportunidades, profundo conhecimento de suas funções. Feliz é a Instituição que tem o privilégio de contar com profissionais da competência e nobreza de propósitos do Gen LEAL PUJOL. Aos seus atributos de ofício somam-se inúmeras qualidades pessoais, dentre as quais destaco a humildade, discrição, espírito de camaradagem e sociabilidade. Tais predicados, dentre outros, garantiram o desenvolvimento ao seu redor de excelente ambiente de trabalho. Nos dois anos aqui passados, ratificou seu invulgar talento para coordenar, dirigir e conduzir os esforços de seus subordinados, atribuindo-lhes responsabilidade e proporcionando-lhes apoio e incentivo, fazendo de sua palavra amiga a orientação precisa e segura, granjeando-lhes, com justiça, não apenas a amizade e o respeito, mas, principalmente, a admiração. Finalizando, agradeço ao velho e dileto amigo pela decidida cooperação e apoio prestados à Divisão Encouraçada e a minha pessoa. Cumprimento-o pela forma irrepreensível com que se houve na difícil, porém gratificante missão de comandar a Brigada

José Luiz Menna Barreto e desejo-lhe sorte, felicidade e muito sucesso na nova e muito especial missão que já se iniciou, no honroso Comando da Academia Militar das Agulhas Negras, votos extensivos à sua esposa REGINA e seus filhos. (INDIVIDUAL).

**Posse como 3º Presidente de Honra da AHIMTB
Resende, RJ**

A AHIMTB hoje acolhe como seu 3º Presidente de Honra o atual comandante da AMAN Gen Bda Edson Leal Pujol, que vem do comando da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada - Brigada João Luiz Menna Barreto, história que a ACANDHIS e o IHTRGS estão ultimando. O Gen Pujol nasceu em 2 de janeiro de 1955 em Dom Pedrito, RS, filho do Tenente-Coronel da Brigada Militar do Rio Grande do Sul Péricles Corrêa Pujol e de D. Maria Lina Leal Pujol. Esta, irmã de nosso apreciado amigo e contemporâneo como cadete da Arma de Engenharia aqui na AMAN em 1954, Bento Severo Leal e, a seguir, nosso companheiro e amigo no 3º Batalhão de Engenharia de Combate em Cachoeira do Sul e depois no 1º Batalhão Ferroviário em Bento Gonçalves, RS. Para nos distinguirem por possuímos o mesmo nome, ele como Bento em seu nome e eu como Bento no sobrenome, ele passou a ser Bentinho, por ser mais moço e eu fiquei como Bento.

Sendo esta sessão da Academia de História Militar Terrestre do Brasil de posse do Gen Pujol como seu 3º Presidente de Honra, recorreremos ao conceito que dele fazem dois acadêmicos da AHIMTB que com o General Pujol conviveram e aos quais recorreremos:

Do Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, 2º Vice-Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e seu Delegado em Porto Alegre, no Casarão da Várzea, vice-presidente do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e nosso parceiro desde 2000 no desenvolvimento do Projeto História do Exército na Região Sul:

“O Gen Pujol, atual Cmt da AMAN, é muito conceituado e benquisto pelos da sua turma e por todos que com ele serviram ou foram colegas de curso. Muito educado, lhano no

trato, extremamente disciplinado, prestigia os seus superiores, com os quais mantém um excelente relacionamento. É ex-aluno do Casarão da Várzea, no qual hoje estuda a sua filha Marcelle. É desportista, valoriza o tradicionalismo gaúcho e prestigia as atividades ligadas à cultura. É sobrinho do Cel Bento Severo Leal (Engenharia, 1956)”.

Do Cel Reinaldo Goulart Correia, Delegado da AHIMTB em São Borja, Delegacia Gen Emílio Fernandes de Souza Docca e ocupante da cadeira Especial Dr. Getúlio Dornelles Vargas, que resgatou um compromisso da Revolução de 30, por ele liderada, de construir esta Academia Militar das Agulhas Negras, conforme placa na entrada da AMAN e a quem coube entregar o Estandarte do CC.

“O Gen Pujol é meu amigo desde a AMAN. Cursamos juntos a EsAO e a ECEME. É um dos poucos “tríplice coroados” do Exército, o que, por si só, demonstra sua elevada capacidade intelectual e seu apego ao estudo. Faz uma bela carreira, tendo sido instrutor e participado de missões no exterior. Sempre foi uma pessoa muito simples e, por isso, tornou-se querido e admirado por todos. É um soldado competente, objetivo, dedicado, vibrador e profissional. Comandou, simultaneamente, a Escola de Administração do Exército (EsAEx) e o Colégio Militar de Salvador. Ao ser promovido a General exercia as funções de Subchefe do Centro de Inteligência do Exército (CIE). Gaúcho de Dom Pedrito, conhece bem a história do Rio Grande do Sul. Apesar de ele próprio não se considerar um tradicionalista, pode-se afirmar que é um entusiasta do tradicionalismo e, mesmo não tendo uma cultura campeira, tem apoiado o culto às tradições, visando preservá-las”.

O prestígio que o General Pujol empresta às atividades ligadas à cultura o mesmo demonstrou na sua visita atenta, em companhia do acadêmico Ten Cel Cláudio Weirich, às instalações da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, ao lado da Casa do Laranjeira, seguramente como chefe estudioso e consciente da importância do Objetivo Estratégico nº1 do Exército, para cuja conquista a AHIMTB, há 13

anos se empenha para a sua conquista. Ou seja:

“Preservar, pesquisar, cultivar e divulgar a História, as Tradições e os Valores morais, culturais e históricos do Exército.

Objetivo este que a AHIMTB estendeu às demais Forças Terrestres: Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica e Polícias Militares e, dentre estas, a Brigada Militar do Rio Grande do Sul onde serviram o seu pai Cel Péricles Correa Pujol, seu avô Ten Cel José Manoel Pujol e creio que o seu tio Ten Cel Ziul Correia Pujol.

Seja bem-vindo à 3ª Presidência da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, na certeza de que a apoiará e a incentivará moralmente, como todos os seus antecessores o fizeram, de maneira marcante os generais Mauro Moreira Cupertino, Domingos Campos Curado, Claudimar Magalhães Nunes e Marco Antônio de Farias.



Gen José Eustáquio Nogueira Guimarães

Comanda a 1ª BdaCMec desde 19 Mai 09. Nasceu em Belo Horizonte a 07 Mai 57, filho de Lázaro Rodrigues Guimarães e de Maria Eneida Nogueira Guimarães. Casado com a Sra. Rosalina Pereira Falcone. Possui os filhos Dafne e Ícaro. O casal possui ainda a enteada Cora Louise Vander Willigem, filha de Rosalina. Oriundo do meio militar. Praça em 28 Fev 72 na Escola Preparatória de Campinas. Asp Of Cav na AMAN em 1978, 2º Ten a 31 Ago 79, 1º Ten em 25 Dez 80, Cap a 25 Dez 84, Maj em 31 Ago 91, Ten Cel a 31 Ago 96, Cel em 25 Dez 01 e Gen Bda a 31 Mar 09. Cursos: AMAN/1978, Básico Páraquedista (1978), Instr de Ed Fis na EsEFEx (atual CCFEx-1985), EsAO (1988), Análise de Sistemas (1993), ECEME (1995/96), Técnico de Blindados (CIB-2000) e CPE-AEx (2004). Na tropa serviu no 1º RCC (Rio-79/81), no 11º EsqdCMec (1989) e no 1º RCGd (Brasília-92/93). Foi Instr na AMAN (1982/84) e na EsEFEx (1986/87). Serviu no DGP/Bra-

sília (1993/95). Foi Cmt do 1º RCC (Rio). Como Of EM serviu na EsAO como Instr Ch CCav (1997/99), foi Ch EM da 5ª BdaCBId (Rio) e Instr da ECEME (1994/05). Serviu na MMBIP (Paraguai-1990/91), no Gab Seg Institucional da Presidência da República (2005/06) e no COTer (2006/09). Participou da Missão no Haiti (1º sem/2007). Como Of Gen, sua primeira comissão é o comando da 1ª BdaCMec. Medalhas: Ordem do Mérito Naval (Comendador), Ordem do Mérito Militar (Comendador), Militar de Ouro, Pacificador e General Osório. Estrangeiras: do Paraguai: Ordem do Mérito Militar Oficial, Medalha do Colégio Militar Marechal Francisco Solano López, Honorífica de Educação Física, da Federação Desportiva e da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais das FA. Da ONU: Medalha das Nações Unidas/MINUSTAH.

Os Chefes de Estado-Maior da 1ª DC e da 1ª BdaCMec

- Da 1ª DC -

Maj Francisco Becker Reifschneider 02Ago38 a 24Abr39;
Ten Cel João Teodoreto Barbosa 20Jun39 a 20Ago40;
Ten Cel Nestor Souto de Oliveira 26Ago40 a 24Jul41;
1º Ten Leonel Joaquim Serra 30Jul41 a 14Abr42;
Maj Salm de Miranda..... 27Mar a 06Nov43;
Maj Salm de Miranda..... 22Jan a 28Nov44;
Ten Cel Onésimo Becker de Araújo..... 27Jan45 a 19Fev47;
Maj Jaime Prestes Pacheco 31Mar47 a 04Mar49;
Ten Cel Aguinaldo Dias Uruguay..... 19Mar49 a 12Fev51;
Cel Djalma Bayma..... 08Dez54 a 20Ago55;
Cel Augusto Cesar de C. N. de Aragão 01Set55 a 11Jun56;
Ten Cel Moacyr Gaya 29Jun56 a 19Jan59;
Maj Oscar Antônio Couto de Souza 26Mai a 17Jun59;
Maj Hamilton Soares Berford 10Out59 a 11Mai61;
Ten Cel José Lemos de Avellar 11Mai61 a 07Dez62;
Maj Domingos Fragomeni 30Jan a 25Jun63;

Maj Domingos Fragomeni 17Set63 a 14Abr64;
 Maj Alceste Menezes Petterle 17Abr a 15Dez64;
 Cel Mário Humberto G. C. da Cunha 04Fev65 a 09Jul66;
 Cel Rubens Continentino D. Ribeiro..... 13Set66 a 29Mar67;
 Cel Salomão Naslauski 09Mai67 a 03Set68;
 Ten Cel Gilson Castro Corrêa de Sá 03Set68 a 12Set69;
 Ten Cel Gilson Castro Corrêa de Sá 12Set69 a 03 Abr71;
 Ten Cel Carlos Mariano Brider 18Mai71 a 15Ago72;
 Ten Cel João Franco Pontes Filho 15Set72 a 16Mai73;
 Ten Cel Lannes Corrêa Cunha 16Mai a 31Dez73.

- Da 1ª Bda C Mec -

Cel Cav Demócrito Corrêa Cunha..... 25Jul73 a 20Jun74;
 Cel Cav Evilácio Pereira..... 20Jun74 a 09Jul75;
 Ten Cel Art Enir dos Santos Araújo 12Jul76 a 17Fev78;
 Cel Cav Evilácio Pereira..... 17Fev78 a 27Dez79;
 Cel Cav Jaime Irajá Pereira..... 20Abr81 a 21Jan82;
 Cel Cav Hugo José da Silva..... 07Fev83 a 16Abr84;
 Cel Cav Marcos Antônio Telles F. Neto ... 07Jun84 a 12Jan87;
 Ten Cel Cav Hélio Contardo Filho 11Dez87 a 20Jan89;
 Cel Cav Sérgio Augusto da S. Zílio 10Mar89 a 30Jan90;
 Ten Cel Art Francisco Assis F. Filho 30Jan90 a 30Mar92;
 Ten Cel Inf Osvaldo B. Menna Barreto 31Mar92 a 03Jan94;
 Cel Cav Evandro Ubiratan R. da Silveira ... 26Mai94 a 19Jul95;
 Ten Cel Cav José Airton S. Mendonça 19Jul95 a 04Jan96;
 Ten Cel Cav Júlio C. M. de Vasconcellos 05Jan96 a 05Jan97;
 Ten Cel Com Carlos Roberto de S. C..... 06Jan97 a 05Jan98;
 Ten Cel Art Júlio César M. Jaskulski 06Jan98 a 06Jan99;
 Ten Cel Inf Ilton Roberto B. de Oliveira ... 07Jan99 a 13Dez00;
 Cel Cav Waldir José Rabuske 09Fev01 a 28Mai02;
 Cel Cav Paulo Roberto Ribas Flores..... 03Fev a 31Mai03;
 Cel Cav Sérgio Renato Brasil Uberti 25Fev a 31Out04;
 Cel Com Carlos Roberto de S. Costa..... 12Fev05 a 02Fev06;
 Ten Cel Cav Jorge H. Luz Fontes..... 03Fev06 a 04Dez07;
 Cel Art Jorge Luiz Titonelli Pinto 28Fev a 31Out08;
 Ten Cel Cav Paulo Sérgio Felipe Alves 09Fev09 (atual).
 Obs.: nos períodos vagos, a chefia do EM foi de interinos.

Integrantes do Comando da 1ª BdaCMec (em 02Set09)

Comandante: Gen Bda José Eustáquio Nogueira Guimarães e Ch EM: Ten Cel Cav Paulo Sérgio Felipe Alves.

Ajudante de Ordens: 2º Ten Mário César Stangerlin Rebelo; Auxiliares: 3º Sgt Getúlio César Abreu de Jesus e Sd Márcio Vinícius Amaral Monteiro.

1ª Seção EM: Maj Ronaldo Fidélis Machado, ST Jocelino Angonese, 1º Sgt Sílvio Medeiros Pessota, 1º Sgt Marcelo da Rocha Dias e Sd Juares Viero Nicola.

2ª Seção EM: Maj Marcelo de Britto Mariath, ST João Oscar Jaroszewski, 1º Sgt Arizoli Müller de Lima, 3º Sgt Adelar Prates Alexandre e 2º Sgt Marcos Élder da Rosa.

3ª Seção EM: Ten Cel Francisco Wellington de Lima, Cap Anderson Codevila da Silva, 2º Sgt Luciano Lamberti Trombini, 1º Sgt Clairto Coelho da Luz, 2º Sgt Carlos Renato Baldiati Chechi, Cb Androvani Luis Nicola Manzoni e Sd André Luiz Ramão.

4ª Seção EM: Ten Cel Carlos Rocha Thomaz, 1º Sgt Geraldo Dilamar das Chagas Vieira, 1º Sgt Dilson Rogério Veiga Ayton, 2º Sgt Gustavo Barcelos Cogo e Sd Édipo Zambeli.

5ª Seção EM: Maj Marcelo de Britto Mariath, ST Edilson Jacob Vier, 3º Sgt Marcelo Marcos Langoni dos Santos, 3º Sgt Leonardo Vier, 3º Sgt Maria Helena Machado Cardoso e Sd Hélio Mário Bauce Lopes.

Ajudância Geral: Cel José Luiz Dalosto, ST José Renato Perazolo Erbes, ST Aceves Aguilar Fonseca da Silva, ST Renato Genro Vielmo, Cb Magno Medeiros Nunes e Cb Paulo Ricardo da Rosa Britto.

Seção de Inativos e Pensionistas (SIP): 1º Ten Nadir Pilon Righes, 1º Sgt Marcelo Terra, 2º Sgt Edson Freitas Reis e Cb Luiz Carlos dos Santos.

Posto de Identificação/11: Cel José Luiz Dalosto e 1º Sgt Paulo Renato Ramos Renato.

Secção Mobilizadora: 2º Ten Mário Cesar Stangerlin Rebelo, 3º Sgt Cláudio Antônio Gomes Lacerda, 2º Sgt Paulo César Sudati Faturi e Cb João Carlos Pereira da Rosa.

Fiscalização Administrativa: Maj Maurício Peres de Oliveira, 1º Sgt Antônio Roberto da Silva, 2º Sgt Sandro Renato Anibele, 2º Sgt João Pedro Marcon Bertazo, 1º Sgt Dilamar Oliveira da Silveira, 2º Sgt Claudimar Afonso Ribeiro e Cb Jonatan Alves Justino.

Almoxarifado: Ten Cel Bruno Silva Torres, 1º Ten Paulo Renato Maronez Kucera, 1º Sgt Sérgio Pitterini Lorenzoni, 1º Sgt Paulo Roberto Machado Soares, Cb João Daniel Alves Pompeo, Sd Nardel Sturza Giacomelli e Sd Jocemar de Souza Silva.

Aprovisionamento: 2º Ten Sidnei Ouriques Lopes, 1º Sgt Eurico dos Santos Maciel, 3º Sgt Marcos Vinícius Müller, 3º Sgt Leonardo Morais Fernandes e Cb José Edson Dalomo Roos.

Tesouraria: Maj Waldir Ximenes Fratucci, 1º Sgt Sandro Laelso Rosa dos Santos e 2º Sgt Marcos Valandro Crestani Lavarda.

Secção de Saúde: 1º Ten Andréa Christiene Marquesine de Andradre, Asp Rafael Cáceres Castelan, 3º Sgt André Gonçalo da Rocha Valentim e Sd Ritiano Martins Tadielo.

Secção de Informática: Cel José Luiz Dalosto, 1º Sgt Everaldo Maroneze Andrade e 2º Sgt Fabrício Patrício Farias.

Secção de Pagamento de Pessoal (SPP): 1º Ten Nadir Pilon Righes, 2º Sgt Juliano Furquim Alexandre, 2º Sgt Callegaro Fabiano Ceolin e Sd Luiz Fernando Sarturi Furlan.

Secção de Aquisições, Licitações e Contratos (SALC): 1º Ten Paulo Renato Maronez Kucera, 2º Sgt Paulo Augusto Sores Cogo, 2º Sgt Tito Alexandre Robalo Dri, 2º Sgt Lincon Rodrigo Frassoni de Andrade e Sd Carlos Eduardo da Cruz Oliveira.

Centro de Comunicações: Maj Marcelo de Britto Mariah, St Dilamar Menezes Efiel, 1º Sgt Leonardo da Silva Fiorim, 3º Sgt Batista Fontela Fernandes e 3º Sgt Aléssio Braz da Silva.

CAPÍTULO QUARTO

Unidades da 1ª Bda C Mec

1º Regimento de Cavalaria Mecanizado - “REGIMENTO SÁ BRITO” - Itaqui-RS



Esta histórica Unidade da arma de Cavalaria, tem sua origem por volta de 1770, conforme as Normas para a Preservação das Tradições das Organizações Militares do Exército Brasileiro (Port Min nº 745, de 16 de julho de 1987), editadas em 1987, pelo Centro de Documentação do Exército. É a unidade mais antiga da 1ª Bda C Mec. Possui origem genealógica no ESQUADRÃO DE VOLUNTÁRIOS DO RIO GRANDE.

Ivo Caggiani - benemérito historiador santanense, em sua obra “Sant’ana do Livramento - 150 anos de história”, 3º vol,

nos traça dados históricos do 4º Regimento de Cavalaria Ligeira (ascendente do atual 1º RCMec - quando acantonado naquela cidade), citando à pág. 30, da obra acima referenciada, o seguinte:

“...Essa nova unidade foi formada com o antigo Esquadrão de Cavalaria de Voluntários do Rio Grande de São Pedro... havia sido organizado em 1770, pelo Governador da Capitania, como Companhia de Aventureiros Paulistas, escolhidos e comandados pelo destemido Capitão RAFAEL PINTO BANDEIRA, na luta pela restauração do Rio Grande contra a dominação espanhola de 1763 a 1777. Em 1776, o Esquadrão de Voluntários foi transformado em Legião de Tropas Ligeiras, sob o Comando do Coronel RAFAEL PINTO BANDEIRA, elevado a esse posto por seus feitos de guerra...”

Em 1824, transforma-se no 4º REGIMENTO DE CAVALARIA DE LINHA, sediado na cidade do Rio Grande, passando, em 1831, a denominar-se 4º CORPO DE CAVALARIA, com sede na mesma cidade sendo, em 1839, extinto e reorganizado em 1846. Leva-se a crer, como poderemos ver a seguir, que a unidade tenha aderido à Revolução Farroupilha.

Durante todo esse período, poucos subsídios históricos a Unidade possui, constando somente sua criação em 25 de junho de 1846, em sua reorganização como 4º CORPO DE CAVALARIA LIGEIRA, sediado na cidade de Jaguarão-RS.

No período que antecedeu à sua reorganização, de 1811 a 1812, participou como CAVALARIA DA LEGIÃO DE TROPAS LIGEIRAS, da Expedição Pacificadora do Uruguai, que reuniu várias Unidades ao Comando do Ten Gen Dom Diogo de Souza - Conde do Rio Pardo, primeiro Governador do Rio Grande do Sul e Primeiro Comandante da 3ª RM.

Sobre esse acontecido, que teve a participação ativa de nossas unidades da época, o historiador militar Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO, sobre a “História da 3ª Região Militar”, Vol 1 - Pg 143, nos disserta o seguinte:

“...Com o movimento de Independência da Espanha das províncias que constituem o Vice-Reino do Prata, o Governador Xavier Élio, de Montevideú, manteve-se fiel à Espanha.

Montevidéu foi cercada por forças de Buenos Aires e de Orientais (uruguaios), de Artigas. Portugal organizou o Exército de observação na capitania do Rio Grande do Sul, no território da 3ª RM, ao Comando de Dom Diogo de Souza. A finalidade era prevenir na novel capitania os reflexos das lutas que incendiavam o Rio da Prata”.

Mais tarde, Montevidéu foi cercada pelo argentino Rondeau e tropas orientais, quando então, solicitada ajuda, o nosso Exército de Observação, agora transformado em Exército de Pacificação da Banda Oriental, invade esta capital. Como pronunciara nosso historiador acima referenciado, “... **FOI ASSIM QUE A 3ª RM TEVE SEU BATISMO DE FOGO E SANGUE COM O CONCURSO DA INFANTARIA, CAVALARIA ...”**

Por volta de 1816 a 1820, ainda com a denominação de CAVALARIA DA LEGIÃO DE TROPAS LIGEIRAS, vem a participar da Guerra contra Artigas.

Na campanha de 1825/28, Guerra da Cisplatina, contra os argentinos e uruguaios, a unidade tomou parte, quando esteve acampada na região de Sant’Ana do Livramento, onde as forças brasileiras se reuniram no “Acampamento da Imperial Carolina”, integrando a 1ª Divisão e participando da célebre “Batalha do Passo do Rosário” (20 Fev 1827), sob o Comando do Ten Cel Sebastião Barreto Pereira Pinto. (Relatos extraídos da obra de Ivo Caggiani).

Por volta de 1835, estoura a Revolução Farroupilha. Podemos notar que a Unidade, em 1839, foi extinta, reorganizando-se em 1846 na cidade de Jaguarão. Novamente buscamos subsídios na obra de Ivo Caggiani, que nos relata, em seu livro “Sant’Ana do Livramento -150 anos de história”, 3º vol., à pg. 31, o seguinte:

“De um texto transcrito de Alfredo Varela que diz: A força que existia na província, no momento de estalar a Revolução era esta: em São Borja estacionava o 8º Btl de Inf, muito desfalcado de gente; no Rio Pardo, o Corpo de Artilharia com umas oitenta praças; em Bagé, o 2º Regimento de Cavalaria com pouco mais de 100; em São Gabriel, o 3º, com um pouco mais do que o anterior; em Jaguarão, o 4º, sobre cujo pessoal

nos faltam dados, certo sendo entretanto, esse era muito diminuto” (Revoluções Cisplatinas - 2º Vol - Pág. 694). Escreve o Gen Tasso Fragoso que o espírito de rebelião provavelmente já se havia infiltrado entre os militares. A revolução surgia como um protesto do patrimônio local e, por isto, mobilizava facilmente os seus adeptos, que formavam grupos irregulares, porém vibrantes de fé nos chefes que os guiavam, muitos deles destemidos e experimentados combatentes das guerras do prata.

A Regência do Império, por Decreto de março de 1836, mandou dissolver os Corpos do Exército de 1ª linha que haviam aderido aos revolucionários riograndenses. O 4º Corpo de Cavalaria Ligeira foi extinto pelo Decreto nº 30, de 28 de fevereiro de 1839.

Na realidade essa Unidade já se achava dissolvida....”

Pelo ano de 1846, conforme registros existentes na atual OM, consta sua criação, efetuada em 25 de junho desse ano, na cidade de Jaguarão-RS, com a denominação de 4º REGIMENTO DE CAVALARIA LIGEIRA.

No período compreendido de 1851 a 1852, vem a participar da chamada Campanha contra Oribe e Rosas, fazendo parte do Exército organizado por Caxias. Conforme Ordem do Dia nº 15, de 28 de agosto de 1851, tendo como Comandante o Cel FRANCISCO DE PAULA MACEDO RANGEL, integrara a 5ª Brigada, que estava ao Comando do Cel JOÃO PROPÍCIO MENNA BARRETO.

A Ordem do Dia nº 26, de 17Nov51, publicou ter sido tornada sem efeito a ordem do dia anteriormente citada, dando nova composição à Unidade, que passou a integrar a 3ª Brigada, sob o Comando do mesmo Cel JOÃO PROPÍCIO MENNA BARRETO. (para pesquisa, consultar a obra História Militar do Brasil – 2º Vol, Apêndices e Anexos do Cap Genserico de Vasconcelos - Editado pela Biblioteca Militar em 1942 - Pg 508/616).

Nova movimentação leva o 4ª REGIMENTO DE CAVALARIA LIGEIRA (Jaguarão - RS), em 1864, a participar da Campanha da Banda Oriental, contra o caudilho uruguaio Athaná-

sio Cruz Aguirre, sob o Comando do Cel graduado AUGUSTO FREDERICO PACHECO, integrando a 1ª Brigada de Cavalaria, comandada pelo Cel CÂNDIDO JOSÉ SANCHES DA SILVA BRANDÃO, o qual integrava o Exército do Sul, este sob o Comando do Gen JOÃO PROPÍCIO MENNA BARRETO, participando brilhantemente do cerco de Paysandu e Montevidéu.

Em 30 de agosto de 1865, vem acantonar às margens do arroio GUALEGUAY-CHICO, de onde parte para a então Vila de Uruguaiana, a fim de reforçar as tropas que sitiavam os paraguaios naquela praça. É a Guerra do Paraguai - um dos mais sangrentos episódios acontecidos no sul do continente sul-americano. E no memorável episódio da Rendição dos Paraguaios em Uruguaiana (18 Set 1865), a Unidade contribuiu para a rendição do Cmt paraguaio, Ten Cel ANTÔNIO DE LA CRUZ ESTIGARRÍBIA.

O Decreto nº 3.555, de 09 de dezembro de 1865, concedeu à unidade a nova denominação de 4º CORPO DE CAÇADORES A CAVALO, fazendo parte do 3º Corpo de Exército, sob o comando do Gen MANOEL LUÍS OSÓRIO que, após a retomada de Uruguaiana, segue para os campos de batalha do Paraguai, transpondo o rio Uruguai na altura da cidade de Itaquí.

A ordem do Dia nº 128, de 14 de fevereiro de 1866, publicou o efetivo da Unidade, dentre os quais faziam parte os seguinte oficiais: Coronel Comandante AUGUSTO FREDERICO PACHECO, Major Fiscal FRANCISCO DE PAULA CAMARGO - Capitães: FRANCISCO JOSÉ ANTÔNIO JACQUES, MANOEL ALVES FRAZÃO DE LIMA, LUIZ JOAQUIM DE SÁ BRITO (futuro Patrono da Unidade), WENCESLAU DE OLIVEIRA, JOÃO CÂNDIDO GOULART e Tenente ANGELINO DE CARVALHO.

A Unidade do 4º CORPO DE CAÇADORES A CAVALO (4º CCC), durante a Guerra do Paraguai, teve em suas fileiras figuras notáveis de grandes chefes que se destacaram através da história, tanto como oficiais subalternos como comandantes. Conforme Ivo Caggiani, ainda de sua obra "Sant'Ana do Livramento - 150 anos de história", nos relata terem servido nessa Unidade, durante a Guerra do Paraguai, os Alferes PEDRO FÉLIX DE MEDEIROS MALLET e ANTÔNIO JÚLIO

DE MEDEIROS MALLET, que se achavam adidos ao Estado-Maior da Brigada de Artilharia. Ambos filhos do ilustre patrono da arma de Artilharia, Brigadeiro EMÍLIO LUÍS MALLET.

Caggiani, ainda em sua obra brilhante, nos narra que, em 18 de fevereiro de 1867, foi promovido ao posto de Coronel, por merecimento, e classificado na Unidade, o Ten Cel JOSÉ ANTÔNIO CORRÊA DA CÂMARA, futuro Visconde de Pelotas, que não chegou a exercer as funções, por ter sido designado para as funções de Chefe do Estado-Maior do Exército em Operações.

No início de 1867, foi nomeado para Cmt da Unidade o Major ISIDORO FERNANDES DE OLIVEIRA, tomando parte no combate de 31 de julho, em TUY-U-CUÉ, e deixando o Comando da OM em 24 de agosto, por ter sido nomeado para as funções de Fiscal do 6º Corpo Provisório de Cavalaria da Guarda Nacional.

Nesse conflito, envolvendo os países do Prata, a Unidade participou de vários combates de ampla envergadura histórica, como em PAISSANDÚ, PARÉ-CUE (Out 1868), TATAIBÁ (Out 1867), Fortificações do ESTABELECIMENTO (19Fev1868), LOMAS VALENTINAS (Dez1868), ITÁ-IBATÉ (Dez1868) e ANGUSTURA (Dez 1868). (Transcrito do NE nº 7924, de 06Fev1990). Já no seu estandarte histórico aparecem os combates de HUMAITÁ, AVAY, GRAN-CHACO e TUY-U-CUÉ.

Durante a campanha da Guerra do Paraguai, o Regimento portou-se denodadamente, ao lado das forças da Tríplice Aliança, quando foram cumpridas todas as missões a si atribuídas, embora a custo de muito derramamento de sangue. Entre os combates efetuados, citamos:

- 31Jul1867 - participa do combate de TUYU-CUÉ; 21Out1867: combate de TATAYIBÁ, integrando a 7ª Brigada, ao Comando do Cel SEZEFREDO DE MESQUITA, subordinada à 6ª Divisão, esta no Comando do Cel da Guarda Nacional ANTÔNIO FERNANDES LEAL; 26Dez1867: toma parte destacada no combate de POTRERO OVELLA, sob o Comando do Maj LUIZ JOAQUIM DE SÁ BRITTO, integrando a 2ª Divisão de Cavalaria, ao Comando do bravo vanguardeiro AN-

DRADE NEVES. (Para um estudo mais sucinto desse combate, a obra de Paranhos Antunes, intitulada “Andrade Neves, o Vanguardeiro”, editado pela Biblioteca Militar em 1943, transcreve a parte dada pelo bravo Barão do Triunfo). Dez 1867: na organização e distribuição do Exército, no acampamento de TUYU-CUÊ, aparece como unidade integrante dos seguintes comandos:

- 8ª Brigada, Cmt Cel TRISTÃO DE ARAÚJO NÓBREGA;

- 6ª Divisão de Cavalaria, Cmt Cel Antônio Fernandes Lima; e

- 3º Corpo de Exército e Vanguarda, Cmt Ten Gen Barão do Herval – Osório;

- 19 Fev 1868 - participa com destaque do ataque e conquista das fortificações do ESTABELECIMENTO, como unidade da 2ª Divisão de Cavalaria de ANDRADE NEVES, integrando com meio esquadrão a 1ª Brigada de Infantaria e, com o restante do 4º CCC, a 8ª Brigada de Cavalaria. Nesse combate teve elevadas perdas, recebendo seu intrépido Comandante, Ten Cel LUIZ JOAQUIM DE SÁ BRITTO, um ferimento. (Consultar narração de Andrade Neves, em sua Parte de Combate - Obra anteriormente referenciada).

- 17 a 20Set1868: - participa do movimento da vanguarda para o norte do Paraguai, integrando a 4ª Brigada de Cavalaria da 2ª Divisão de Cavalaria (Andrade Neves, sob o comando do Ten Cel LUIZ JOAQUIM DE SÁ BRITTO.

- 11Dez1868: participa da grande batalha de AVAY, ocasião em que o Ten Cel LUIZ JOAQUIM DE SÁ BRITTO à testa do 4º CCC, tomba morto (Ordem do dia nº 3, do Comando em Chefe das forças Brasileiras, QG em Luque, 21 Abr 1869).

- 21Dez1868: - participa das operações contra a posição de PIQUISIRI e do combate de LOMAS VALENTINAS, sob o Comando do Cap FRANCISCO MOREIRA.

- 1869: fica guarnecendo a linha de comunicações para Assunção, provavelmente conservando-se naquela cidade.

- 13Dez1869: declarado extinto, sendo as suas praças de linha e as da Guarda Nacional repartidas pelos Regimentos e Corpos de Cavalaria.

Com o fim da Guerra do Paraguai, o Regimento retorna à sua terra, e a 12Ago 1870, pelo Dec nº 4.572, dessa data, passa a denominar-se novamente 4º REGIMENTO DE CAVALARIA LIGEIRA, com sede em Livramento, RS. Ao chegar à cidade, estava assim constituído o Regimento: Comandante: Cel MANUEL PEDRO DRAGO, Sub Cmt: Ten Cel ISIDORO FERNANDES DE OLIVEIRA, Fiscal: Maj VENCESLAU JOSÉ DE OLIVEIRA, Capitães CARLOS MACHADO BITENCOURT (Futuro Patrono do Serviço de Intendência do Exército Brasileiro), MANOEL ALVES FRASÃO DE LIMA, PEDRO ANTÔNIO DIAS, GERMANO JÚLIO DA SILVA, JOÃO CÂNDIDO DUARTE, PEDRO FÉLIX DE MEDEIROS MALLET (que tinha como subalterno seu irmão, o Tenente ANTÔNIO JÚLIO DE MEDEIROS MALLET) e JACINTO FERREIRA DA SILVA.

Interessante assertiva histórica nos apresenta a obra de IVO CAGGIANI, (Santana do Livramento - 150 anos de história) que, na página 35, nos expõe ter servido na OM, entre 1872 a 1874, o príncipe D. LUIZ FELIPE MARIA DE BOURBON (Conde D'Eu). Na referida obra, Caggiani historia com maiores detalhes a vida desse membro da Família Imperial, com o capítulo que leva o título de "UM PRINCIPE NO 4º REGIMENTO DE CAVALARIA".

No resumo histórico do 1º REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO, de 13 de agosto de 1979, assinado pelo Ten Cel LUIZ CARLOS BORGES DA COSTA, Cmt da OM, consta que a 1º de dezembro de 1889, pelo Dec nº 56, da mesma data, o Regimento passou a denominar-se 4º REGIMENTO DE CAVALARIA, tendo sua sede sucessivamente em Livramento, RS, São Nicolau, RS e Porto Alegre, RS. Já na publicação das "Normas para a Preservação das Tradições das Organizações Militares do Exército Brasileiro", (Port Mim nº 745, de 16 de Jul de 1987), editada pelo CDocEx, consta que em 1889 encontrava-se realmente na cidade de Livramento, RS, como 4º REGIMENTO DE CAVALARIA, porém, pelo ano de 1915, ficou sem efetivo, sendo reorganizado em 1917, com parada em Porto Alegre, RS. A obra de Caggiani acima documentada, nos traz o seguinte:

“...De acordo com o trabalho do Coronel Jonatas do Rego Monteiro, “O Exército Brasileiro” (Biblioteca do Exército, Rio, 1939), O 4º REGIMENTO DE CAVALARIA LIGEIRA continua organizado com a mesma composição pelo decreto nº 10.015, de 18 de agosto de 1888. E tomou a denominação de 4º REGIMENTO DE CAVALARIA (perdendo o complemento de LIGEIRA), continuando estacionado em Sant’Ana do Livramento, pelos Decretos nº 56, de 1º de dezembro de 1889 e nº 1682, de 28 de fevereiro de 1894. Em 1897, foi transferida sua guarnição para a cidade de Bagé, deixando Sant’Ana do Livramento, onde tantos anos estivera aquartelado. Para seu lugar veio o 5º Regimento de Cavalaria, procedente da mesma cidade de Bagé...” (Descendente do atual 4º RCB - São Luiz -RS).

Em data de 11 de novembro de 1919, pelo Dec nº 13.916, a Unidade passou a denominar-se 1º REGIMENTO DA CAVALARIA INDEPENDENTE, permanecendo sem efetivo em Santo Ângelo, RS e depois na cidade de Santiago, RS, vindo a ser reorganizado na cidade de Dom Pedrito, RS, em 24 de maio de 1926, constituindo-a dois esquadrões. Nessa transformação, o Regimento é comandado pelo Cap HIPÓLITO PAES DE CAMPOS. Em 5 de setembro de 1926, chega à cidade de Santiago, para fazer parte da 1ª Divisão de Cavalaria, sob o comando do Cap HIPÓLITO PAES DE CAMPOS.

Por ocasião da Revolução de 1930 - rebelião que conturbou o país, transformando-se numa revolta da pequena burguesia contra o domínio oligárquico, assumiu o comando nessa ocasião o 1º Ten MÁRIO GOULART. Nessa data, o Regimento desloca-se via férrea, para São Paulo, onde chega a 02 de novembro de 1930, a fim de combater os revoltosos, regressando à sua OM em 10Dez1930.

Em 10Abr1943, por ordem da 1ª Divisão de Cavalaria, segue o 2º Esquadrão de Fuzileiros, ao comando do Cap OLY SIMÕES LUND, para a cidade de Itaqui, RS, em caráter definitivo. Em 21Ago1944, instalava-se naquela cidade o próprio 1º REGIMENTO DE CAVALARIA INDEPENDENTE, com a chegada do comando da Unidade.

Em 1946, conforme Dec. nº 21.134-A, de 15 de maio, passou a denominar-se de 1º REGIMENTO DE CAVALARIA, com sede definitiva na cidade de ITAQUÍ-RS.

Em 1961, foi agraciado com a ORDEM DO MÉRITO MILITAR, concedida pelo Presidente da República à Unidade, conforme Decreto de 17 de setembro de 1961, sendo o estandarte do antigo 4º Regimento de Cavalaria condecorado em Brasília, DF, em 25 de agosto de 1961.

Em 10 de outubro de 1973, pela Port Min Res nº 23, foi transformado em 1º REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO, a partir de 1º de janeiro de 1974. O NE nº 3993, de 03Jan74 registra o recebimento dos seus primeiros carros de combate. Sua denominação histórica de “REGIMENTO SÁ BRITO”, veio a ser aprovada pela Port Min nº 1273, de 16 de maio de 1979 e seu Estandarte e Distintivo histórico aprovados em 19 de agosto de 1979, pela Port nº 16 e 17 da SGEx. Em 1979 o Regimento comemorou o seu 133º aniversário com cerimônia em praça pública de Itaquí.

Em 1994, novamente o Regimento foi condecorado. Conforme o NE nº 8.847, de 10Ago94, o Presidente da República resolveu conceder a Ordem do Mérito Militar ao 1º Regimento de Cavalaria Mecanizado. Em 25 de agosto daquele ano, no quartel do 18º RI Mtz (Porto Alegre - RS), o Gen Ex DÉLIO DE ASSIS MONTEIRO, Cmt Militar do Sul, condecorou o Estandarte da unidade, que no momento estava sendo conduzido pelo Asp Of Cav RAFAEL CUNHA DE ALMEIDA, Porta-Bandeira, acompanhado pelo Cel Cav RUBEM DE SÁ PADILHA, Cmt da Unidade.

O 1º REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO - “REGIMENTO SÁ BRITO”, tem sua sede na cidade de ITAQUÍ-RS. Unidade histórica, conforme constam os seus registros, conserva ainda nos seus muros seculares e no seu pequeno museu, toda uma gama de objetos e registros de acontecimentos que abrilhantaram as páginas da nossa epopéia castrense. Temos a certeza que num futuro remoto, haveremos de historiar com maior particularidade a trilha gloriosa dessa Unidade da Arma de Cavalaria.

DISTINTIVO DA OM

Aprovado de conformidade com a Port Min nº 295-GB de 20 de agosto de 1968, modificada pela Port Min nº 830, de 14 de Junho de 1974, com a seguinte descrição heráldica:

“Escudo francês. Chefe de goles carregado com o distintivo da Arma de Cavalaria, de prata. Campo de blau, tendo na campanha diminuta, a parte superior da torre de um castelo medieval, de goles, com cinco meriões, sustendo, pela central, uma manopla de prata empunhando um ramo de louro, de ouro.”

ESTANDARTE - DISTINTIVO DA OM

Aprovado pela portaria nº 46 - SGEx, de 19 de junho de 1979, com a seguinte descrição heráldica:

“Campo de branco. Nos cantões destro e sinistro do chefe, respectivamente, em faixas encimadas de goles, as inscrições HUMAYTA, AVAY, GRAN-CHCO e, TUYU-CUÊ. No centro, encimado pela inscrição de goles, em arco, REGIMENTO SÁ BRITTO, o distintivo da Unidade. No cantão destro da ponta, as inscrições em faixas encimadas. LOMAS VALENTINAS; e, no cantão sinistro da ponta, a inscrição em faixa ESTABELECIMENTO, tudo de goles.”

SITE DO 1º RCMec

www.1rcmec.eb.mil.br

MUSEU E SALÃO DE HONRA

Em 20 e 21 de maio de 1998, o 1º RCMec concluiu os trabalhos de organização e instalação do seu Museu e Salão de Honra, para os quais contou com a orientação do historiador José Eber Bentim da Silva, servidor civil do EB.



PATRONO DA OM

A Port Min nº 1273, de 16 de maio de 1979, veio a conceder ao 1º REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO, a denominação histórica de “REGIMENTO SÁ BRITTO”, como justa homenagem ao Ten Cel LUIZ JOAQUIM DE SÁ BRITTO - vulto de brilhante destaque na Guerra do Paraguai, o qual teve a Uni-

dade sob seu comando naquele conflito.

Transcrevemos a seguir, a cronologia histórica deste Patrono, que consta nos arquivos do Regimento:

1831 - Nasceu na cidade do Rio Pardo, RS, filho de Luiz de Sá Britto.

1844 - 18Nov - praça voluntária no 2º Regimento de Cavalaria Ligeira;

1845 - 1º de julho - Promovido a cabo e em 1º de setembro, à Furriel;

1846 - 1º de janeiro: Promovido a 2º Sargento;

1847 - 1º de janeiro: Promovido a 1º Sargento;

1849 - 27 de agosto: Promovido a Alferes;

1851 - Participa da Campanha Oriental (Uruguai), que teve início em 04 de setembro. A 16 de dezembro: segue para Buenos Aires;

1852 - 03 de fevereiro: como Alferes, integra o 2º Regimento de Cavalaria Ligeira, comandada por Osorio e participa da decisiva Batalha de Morón (Monte Caseros), nas proximidades de Buenos Aires; em 03 de março é promovido a Tenente e elogiado por sua participação na Batalha de Morón, nos seguintes termos:

O Sr Alferes Luiz Joaquim de Sá Britto, do 2º Regimento de Cavalaria Ligeira, Comandante do Piquete de vinte homens do mesmo Regimento, que nas marchas fizera a vanguarda da Divisão, pelo valor com que, à testa de tão diminuta força, carregou sobre o inimigo, em número consideravelmente maior, pô-lo em debandada e fez-lhe mais de quarenta prisioneiros”, (Ordem do Dia nº 40, do Quartel General do Comando em Chefe, na Capital de Buenos Aires, 5 de fevereiro de 1852).

Em 02 de abril: confirmado no posto de Tenente (Ordem do Dia nº 48). Condecorado com a medalha das campanhas do Uruguai e Paraguai. Em 18 de agosto: passa a comandar o Piquete do General Caxias, Comandante em Chefe do Exército.

1853 - 6 de abril: frequenta o Curso de sua arma na Escola Militar de Porto Alegre, RS.

1854 - 2 de janeiro: examinado e plenamente aprovado em manobras de regimento, esquadrão, manejo de espada, lança, escrituração e economia de campanha. Em 31 de dezembro: aprovado plenamente no curso de sua arma.

1855 - 14 de abril: promovido a Capitão. Em 1º de outubro contrai matrimônio com Francisca Marcolina de Azevedo de Souza, que passa a se assinar Francisca de Azevedo Sá Britto.

1856 - 5 de setembro: examinado e plenamente aprovado nas matérias que constituem o objeto de exame relativo ao seu posto.

1857 - 19 de janeiro: examinado e plenamente aprovado nas matérias do 2º ano; em 30 de janeiro: nomeado Instrutor da arma de cavalaria, na Escola Militar de Porto Alegre.

1864/1865 - Faz a Campanha do Uruguai como Major em Comissão e Comandante interino do 2º Regimento de Cavalaria Ligeira, marchando a seguir para a campanha do Paraguai.

1866 - 21 de novembro: nomeado Cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz.

1867 - 23 de maio: nomeado Comandante do 8º Corpo Provisório de Cavalaria da Guarda Nacional (Ordem do Dia nº 78, do Cmt em Chefe das Forças Brasileiras em operações contra o Governo Paraguaio). Em 1º de junho: promovido a Major por merecimento, e transferido para o 2º Corpo de Caçadores a Cavalos. A 20 de agosto: nomeado Comandante do 4º Corpo de Caçadores a Cavalos (Ordem do Dia nº 19, de 24 agosto 1867).

1868 - 18 de janeiro: promovido a Tenente-Coronel por serviços relevantes. Em 19 de fevereiro: no Comando do 4º Corpo de Caçadores a Cavalos, participa do combate de ESTABELECIMENTO, onde foi ferido, sendo citado por sua intrepidez, em parte de combate de Caxias. Em 11 de dezembro - morre em combate à testa do 4º Corpo de Caçadores à Cavalos, na Batalha de AVAY, trespassado por tiros inimigos, legando uma lição sublime de heroísmo e valor. (Parte de combate do Barão do Triunfo e do Cel Caetano Gonçalves da Silva).

Comandantes do Regimento Sá Britto

Ten Cel Dagoberto Gonçalves..... 17 Ago 44 a 22 Mar 45;
Ten Cel Francisco B. Reifschneider ... 22 Mar 45 à 24 Mar 48;
Ten Cel Mario de Almeida Brandão 29 Jul 48 a 24 Jan 49;
Ten Cel Eurico Ribeiro Torgo..... 06 Mai 49 a 19 Mai 50;
Ten Cel Antônio Gonzaga Freire 14 Abr 51 a 17 Jul 52;
Ten Cel Gastão Ananias da S.Filho.... 16 Ago 52 a 21 Ago 54;
Ten Cel Rafael Zippin 11 Out 54 a 12 Ago 58;
Ten Cel Antônio Jorge Correa 12 Ago 58 a 19 Ago 60;
Ten Cel Euvaldo Nova da Costa..... 02 Ago 60 a 19 Mar 63;
Ten Cel Caetano Pinto Rocha 20 Mar 63 a 16 Jan 65;
Ten Cel Rondon de O. Guimarães 23 Jul 65 a 01 Fev 68;
Cel Guido Alfredo Heisler 09 Mar 68 a 13 Mar 70;
Ten Cel Francisco R. Fernandez Jr 04 Jul 70 a 17 Ago 72;
Cel Cícero Rosa Prestes 09 Mar a 31 Dez 73;
Cel Cícero Rosa Prestes 01 Jan 74 a 12 Jan 76;
Ten Cel Arnaldo Serafim..... 12 Jan 76 a 20 Jan 78;
Ten Cel Luiz Carlos B. da Costa..... 20 Jan 78 a 30 Jan 80;
Ten Cel José Francisco M. Crossetti 30 Jan 80 a 30Jan 82;
Ten Cel Mozart Ernesto Dornelles..... 30 Jan 82 a 31 Jan 84;
Cel Edson Rodrigues dos Santos..... 31 Jan 84 a 31 Jan 86;
Cel José Carlos Silveira Arraes 31 Jan 86 a 02 Fev 88;
Cel Carlos da Rocha Torres 02 Fev 88 a 26 Jan 90;
Cel Marcelo de Oliveira Dantas..... 26 Jan 90 a 06 Mar 92;
Cel Paulo Sérgio da Silva Maia 06 Mai 92 a 27 Jan 94;
Cel Rubem de Sá Padilha 27 Jan 94 a 31 Out 95;
Ten Cel Roberto Márcio Moraes..... 31 Out 95 a 16 Jan 98;
Ten Cel Haroldo de Souza Affonso..... 16 Jan 98 a 25 Jan 00;
Cel Bayardo Vellozo Jacobina 25 Jan 00 a 24 Jan 03;
Ten Cel Edison Mezzomo 24 Jan 03 a 21 Jan 05;
Cel Ernesto Jorge Alvorcem Neto 22 Jan 05 a 19 Jan 07;
Cel José Maurício Parreira Coelho..... 19 Jan 07 a 09 Jan 09;
Ten Cel Adalberto de Oliveira Franco..... 09 Jan 09 (atual).

2º Regimento de Cavalaria Mecanizado

- São Borja - RS



Os fatos históricos de uma unidade militar nos trazem sempre os relatos dos episódios passados que marcaram a epopéia de sua vida castrense e vêm enriquecer a história militar do nosso Exército.

Local sagrado onde repousam os restos mortais do Brigadeiro João Manoel Menna Barreto, bravo comandante do 1º Batalhão de Voluntários da Pátria, patrono do 2º Regimento de Cavalaria Mecanizado.

Em destaque, no centro da fotografia, estão a lança e a espada que pertenceram ao Brigadeiro João Manoel Menna Barreto, bravamente empunhadas por ele nos diversos combates em que tomou parte.

Neste caminho constante de episódios vamos encontrar o glorioso “Regimento João Manoel”, a escrever em suas páginas de pura história militar, uma trilha que nos dignifica, “...entre o fumo das batalhas, surges como um vendaval...” a ditar o grito de “cargas”.

A nova reestruturação do nosso Exército, pelo Decreto de nº 10.015, de 18 de agosto de 1888, assinado pela Princesa Isabel, então Regente do Império, deu nova dimensão à Força Terrestre, fazendo referência particular à Arma de Cavalaria (Ordem do Dia de 1888, à Pg. 524), criando o 6º REGIMENTO DE CAVALARIA LIGEIRA. Este Decreto vale como o embrião do Regimento.

Um ano após, a 15 de agosto de 1889, organizava-se então o 6º REGIMENTO DE CAVALARIA, na cidade de Jaguarão, RS, sob o Comando do Major JOSÉ JOAQUIM DE AGUIAR CORRÊA, ficando essa unidade constituída por praças oriundas do 2º e 4º Regimentos de Cavalaria Ligeira e contando, no dia de sua organização, com o efetivo de 197 homens: 07 oficiais, 13 sargentos, 17 cabos e 160 anspeçadas e soldados.

Na data de 13 de abril de 1891, o Regimento aquartela na então Vila de Santa Vitória do Palmar, RS, vindo, em 23 de novembro daquele ano, rebelar-se contra o governo imposto por Deodoro da Fonseca, passando a integrar as forças que se prepararam para operar o restabelecimento da constituição da República.

Sofrendo pressões de vários setores da Nação, e principalmente do Exército, o Mal Deodoro da Fonseca entrega o governo ao Mal Floriano Peixoto, ficando suspenso o movimento de tropas para o Rio de Janeiro.

Ocorre nova reorganização do Exército e, em 30 de dezembro de 1891, a Unidade recebe ordem para retirar-se em direção à cidade de Bagé, RS, sendo substituído na vigilância da fronteira, onde se encontrava, por um destacamento, constituído de elementos do 2º Regimento de Cavalaria e do 3º Regimento de Infantaria. Na data de 7 de janeiro de 1892, a Unidade já se encontrava aquartelada em Bagé, RS. Entre 12 e 27 de janeiro de 1892, a Unidade transfere-se para a cidade de Dom Pedrito, RS.

A agitada situação política do país faz com que o Regimento se desloque, a 2 de abril de 1892, para a cidade de Santana do Livramento, RS, de onde retorna para a cidade de Dom Pedrito em 22 de novembro de 1892, para atuar na

chamada “Revolução Federalista”, que estourou no País, em 5 de fevereiro de 1893. O historiador militar Cláudio Moreira Bento diz que “... é uma revolução de Bárbaros, Maldita, e da Degola, caracterizada por violência requintada...”.

Vamos encontrar o Regimento, ainda com a denominação de 6º Regimento de Cavalaria, guarnecendo a cidade de Dom Pedrito, onde veio a ter o seu batismo de fogo quando as forças de GUMERSINDO SARAIVA, tendo sob seu comando 400 homens, cruzam a fronteira com o Uruguai, em direção à Santana do Livramento, RS. Juntam-se àquele caudilho vários outros revolucionários, que vem somar com seus homens um total de 3.000 combatentes.

Nas mediações do arroio Salsinho, ocorrem as primeiras refregas com Menna Barreto que, vendo a superioridade numérica do inimigo, retirou-se do local.

Uma das colunas, ao Comando de JOÃO NUNES DA SILVA TAVARES, atacou no dia 22 de fevereiro de 1893, a pequena guarnição de Dom Pedrito, RS, onde vamos encontrar a nossa Unidade guarnecendo aquela praça.

Sobre esse episódio, nos fala o saudoso historiador militar, Maj SEJANES DORNELES, em sua obra “GUMERSINDO SARAIVA - O Guerrilheiro dos Pampas”, à Pág. 126, que diz o seguinte:

“... A cidade está defendida pelo 6º Regimento de Cavalaria, Comando do Ten Cel ALFREDO BARBOSA, que resiste à tomada, combatendo uma meia hora. Às 11 horas da manhã, levanta a bandeira branca. Os revolucionários mandam um parlamentar, irmão de JUVÊNCIO AZAMBUJA. Este avança a cavalo para saber das intenções dos sitiados e é recebido à bala e abatido com cavalo e tudo. Joca Tavares condena a covardia e manda atacar a praça. Gumercindo Saraiva vai pelo Passo Real, Domingos Ferreira pelo lado do rio Santa Maria, Arruda e Tomaz Mércio, atacam pelo lado do cemitério. O Cel Torquato Severo arremete furiosamente pelo centro e leva os governistas a se entrincheirarem no próprio quartel e nos muros dos fundos das casas. Com o 6º Regimento encurralado, Joca Tavares manda retirar. Parece que a intenção era não

deixar que houvesse um saque na cidade, para não comprometer, de saída, o bom nome da Revolução.

Retirando-se da cidade, os revolucionários foram acampar nos matos do rio Santa Maria. Ao amanhecer do dia 23, voltaram a assediar a cidade. Ao ver voltar os revolucionários os sitiados pediram parlamento e entregaram-se, pedindo garantias de vida...”

Do resultado desse combate, em Dom Pedrito, o 6º RC teve como baixa, extraviados, 01 oficial e 162 praças. Os revolucionários arrecadaram 50 carabinas Winchester, 25 fuzis “Minies”, espadas, revólveres, 4 mil tiros e uma excelente cavalaria. Após a rendição da praça de Dom Pedrito, Joca Tavares ordenou a marcha para a cidade de Livramento.

Como opinião, fazendo uma análise tática da situação o Regimento, no momento do ataque das Forças Revolucionárias, como prova a citação anterior de Sejanos Dorneles, havia de fato levantado “Bandeira branca”, atitude coerente do comando, em vista da superioridade numérica do inimigo, procurando talvez evitar, assim, maior derramamento de sangue. Sua tropa, possivelmente tenha desobedecido à ordem, ou por algum outro motivo, abateu o parlamentar das forças atacantes e o inevitável aconteceu, conforme história Sejanos Dorneles.

Entre outras valiosas fontes de informações a respeito do envolvimento da Unidade na Revolução de 1893, podemos indicar ainda:

- FLORES, Moacyr e FLORES, Hilda Agnes Hübner. **RIO GRANDE DO SUL - Aspectos da Revolução de 1893**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1993

- Bento, Cláudio Moreira. **HISTÓRIA DA 3ª REGIÃO MILITAR** - Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Pallotti, 1994-1º/2º Vol

- CAGGIANI, Ivo - **SANTANA DO LIVRAMENTO - 150 anos de história**. 3º Vol - Edição do Museu Folha Popular/1986;

- FIGUEIREDO, Osório Santana. **AS REVOLUÇÕES DA REPÚBLICA**, 1889-1932. Santa Maria: Editora Pallotti/1995.

Em outubro de 1893, desloca-se o Regimento, em marcha

forçada, para o Vale do JOSAFÁ, exigindo na ação enormes esforços e sacrifícios de seus oficiais e praças.

A Ordem do Dia nº 2, do Comando da 1ª Bda Cav, de 15Jan1894, fez referência elogiosa à Unidade, pela participação heróica na resistência da cidade de Bagé, *“brilhante feito de armas, do qual se patenteia o valor e a hombridade do soldado brasileiro”*.

Com o desenrolar das operações, em fins de 1894, o Regimento passa a integrar a “Divisão de proteção à estrada de Ferro Norte”. Toma parte nos combates de 13 de outubro de 1894, inicialmente formando a reserva e garantindo a artilharia e a munição e, mais tarde, impedindo que o inimigo contornasse o rio Camaquã e viesse cortar a retaguarda da Divisão.

Após a Revolução Federalista, já em 1897, encontra-se o Regimento sediado na cidade de São Borja, integrando a 1ª Brigada de Cavalaria, instalando-se no chamado “Quartel Velho”, que existiu no Bairro do Passo, ficando naquele local por cerca de 20 anos, até se transferir para o seu atual aquartelamento da Av. Júlio Tróis. (O encarte especial do jornal Folha de São Borja, em sua edição nº 06, de 01Jun1989, nos traz referências sobre o Quartel Velho).

A vinda do Regimento para esta cidade, teve por missão, na época, integrar a Linha Divisionária do Comando da Fronteira das Missões, tendo chegado à cidade de São Borja em 22Abr1897.

Na Revolta do Contestado, em 1914, vamos encontrar a participação de um contingente de 44 homens, ao Comando do então Major JOSÉ LEOVIGILDO ALVES PAIVA. (Biografia: São Luiz - Sua história e sua gente - 1687 a 1987 - Série Missões: - Vol. V - de Pedro Marques dos Santos - Editora Pallotti).

Esta revolução, que teve como palco mais frequente os sertões do planalto catarinense, ocorreu entre 1912 e 1916, decorrente de uma longa questão de limites entre os estados do Paraná e Santa Catarina. A adesão de líderes religiosos fanáticos fortaleceu o movimento, contribuindo mais ainda para acirrar as manifestações de violência na região, sendo neces-

sária a intervenção do Governo Federal. Essa área estava subordinada à 11ª Região Militar, comandada pelo uruguaiano Gen FERNANDO SETEMBRINO DE CARVALHO, sendo que a operação militar ficou cognominada de “A Grande Expedição”.

Em virtude das instruções baixadas com o decreto nº 3.916, de 11 de dezembro de 1919, o Regimento passou, a 1º de janeiro de 1920, a denominar-se 2º REGIMENTO DE CAVALARIA INDEPENDENTE.

O levante de 1924, dentro do movimento chamado de “Tenentismo”, teve início em nosso estado a 28 de outubro de 1924. O Regimento aderiu ao movimento, sublevando-se com outras unidades do estado, formando a coluna gaúcha, que marchou ao encontro dos paulistas. Foi a chamada “Guerra de Movimentos” - no pitoresco dizer dos estrategistas.

Esse movimento teve ampla repercussão no Rio Grande do Sul, como podemos ver pelo texto da obra de Osório Santana Figueiredo, à Pág. 169 de seu livro “As Revoluções da República – 1889/1932”:

“... A onda de rebeldia que grassava no Brasil na década de 1920 alcançou o RS, um estado de tradições belicosas. Uma rede de conspiração, inspirada pelo chamado “Tenentismo”, porque de fato foi dos tenentes que partiu essa insurreição, saltava das casernas, lançando seus tentáculos pelas principais regiões do país, onde houvera um grau melhor de politização.

A legendária “Coluna Prestes”, nasceu no Rio Grande, liderada por oficiais do Exército e chegou ao âmago da gauchada, como sempre, disposta às cavalgadas pelas coxilhas heróicas, sob a clarinada das cargas de lanças e entreveros de armas brancas... A 28 de outubro de 1924, rebenta o movimento revolucionário, partindo da zona missioneira, com elementos do 1º Btl Ferroviário (Stº Ângelo), onde servia Prestes; 5º RCI de Uruguaiana, 2º RCI de São Borja...”

O 2º RCL ficou desorganizado, somente sendo reestruturado em 1925, com elementos que não aderiram à revolução, pois na noite de 28 de outubro de 1924, rebelaram-se no Re-

gimento oficiais, sargentos e praças contra o governo, ficando a unidade descaracterizada.

Em 25 de janeiro de 1925, o Cap LEOPOLDO DE ALMADA RODRIGUES é designado para comandar um destacamento organizado com elementos da unidade que não aderiram aos revoltosos.

Em recentes pesquisas feitas pelo autor sobre a atual 2ª BdaCMec (Uruguaiana), fez-se excelente apanhado do registro histórico dessa unidade, quando os próprios comandantes executavam, em manuscrito de próprio punho o seguinte: "... na manhã do dia 30Out1924, às 06:30 Hs, o Cmt da 2º DC recebeu telegrama da 1ª Bda Cav, de haver se revoltado o 2º RCI (São Borja) e posteriormente pelo chefe da estação da Viação Férrea de que se revoltara também o 5º RCI (Uruguaiana), que embarcado em trem vinha em marcha para atacar Alegrete..."

Os relatos acima acham-se, para fins de pesquisas mais aprofundadas, transcritas no Registro Histórico da 2ª Bda C Mec, atualmente em Uruguaiana.

Fatos interessantes, sobre a atuação do Regimento, no episódio acima, estão transcritos numa entrevista realizada com o revolucionário Luiz Carlos Prestes, na Zero Hora do dia 03Jan1988, em que o mesmo narra o "Começo de sua derrota".

Na obra de Juarez Távora, "MEMÓRIAS - Uma vida e muitas lutas", nº 1 - Da planície à borda do altiplano - editado pela BIBLIEx/1974, à pág. 158, nos relata, esse General, episódios da participação do Regimento no movimento de 1924. Em 26 de abril de 1925, o Regimento é reorganizado, tendo em vista estar sem órgão de comando e administração, em virtude da revolta havida neste quartel.

No ano de 1927, dá-se a última mudança de sede do Regimento do antigo quartel para o atual, na Av. Júlio Tróis, efetuando-se essa mudança em 26 de julho.

Na Revolução de 1930, a 03 de outubro, em consequência do movimento revolucionário, grande parte do efetivo do Regimento emigrou para a Argentina, sendo reorganizado

novamente em 07 de outubro.

A data de 09 de julho de 1932 marca o início de mais um movimento revolucionário, e o Regimento é novamente mobilizado para defender a legalidade ameaçada. Desloca-se então, a 28Ago32, por ordem do Comandante da 1ª DC, para a região do Rincão, onde acantonou, fazendo daí diversas marchas em perseguição às forças revolucionárias. Regressa a São Borja em 10 de setembro de 1932.

Por decreto Presidencial nº 1591, de 29 de abril de 1937, o 2º REGIMENTO DE CAVALARIA INDEPENDENTE passou a denominar-se “REGIMENTO JOÃO MANOEL”, justa homenagem com que a Pátria agradecida reverencia a memória do extraordinário chefe militar do passado, JOÃO MANOEL MENNA BARRETO, Comandante do 1º Batalhão de Voluntários da Pátria que, a 10 de junho de 1865, ocorreu em defesa da então Vila de São Borja, por ocasião da invasão paraguaia.

O Boletim do Exército nº 20, de 1º de agosto de 1938, publicou o modelo aprovado para o estandarte do Regimento sendo, a 15 de novembro de 1939, entregue solenemente o novo estandarte, ofertado pela sociedade de São Borja.

Em 10 de junho de 1943, é inaugurado no pátio do Regimento, um monumento em homenagem aos mortos, feridos e condecorados no brilhante feito de armas, de 10 de junho de 1865, resistência de São Borja, sendo realizado, este evento, no Comando do Cel CIRO RIOPARDENSE DE RESENDE:

Em 1946, o Regimento passa a ser apenas 2º REGIMENTO DE CAVALARIA - “REGIMENTO JOÃO MANOEL”.

Em 1945, na 2ª Guerra Mundial, o Brasil está em guerra contra as potências do Eixo. O conflito caminha para o seu desfecho final. Na data de 02Jan1945 segue para o Centro de Reacompanhamento de Pessoal da FEB um destacamento composto por um oficial, um sargento e 64 praças. Mais uma vez, cavalarianos do Regimento estão em armas para a defesa da Pátria e da democracia. Nos combates travados na Itália, perde a vida o soldado MANCIAS ALVES.

No conturbado ano de 1961, a situação política no País não é das melhores, e o clima de tensão acentua-se quando

chegam ao Regimento notícias sobre a renúncia do Presidente da República. Tal fato deu motivo à rigorosa prontidão em nossas guarnições.

A 5 de setembro, o Regimento recebeu ordem de marcha, deslocando-se na mesma data por via férrea, com destino a Ponta Grossa, PR, com seu Estado-Maior e o Esquadrão de Comando e Serviços. Na mesma data, seguem outras composições, com o restante da Unidade.

Ao chegar em P. Alegre, recebe ordem de cessar o movimento e retornar à São Borja, devendo permanecer embarcado na Estação Ferroviária local.

Em 09 de setembro aquartela o Regimento, continuando em prontidão até 22 de setembro de 1961.

A Portaria Ministerial nº 023 de Jul73 concedeu ao regimento a denominação de 2º REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADA, dando adeus assim ao velho companheiro, o cavalo, para modernizar-se com carros de combate. A 14Nov75, o Regimento recebe seus primeiros carros de combate “CASCAVEL”.

A 09Dez75, dá-se a transladação, para o monumento dos heróis da defesa de São Borja, existente no Pátio da Unidade, dos restos mortais de seu patrono.

E assim, nas palavras de um comandante da OM:

“... ao estudar a história, não devemos guardar datas, nomes e fatos apenas por mera curiosidade, mas sim, para que deles nos venham ensinamentos; aqueles ensinamentos que nos serão alento e coragem no futuro.

Sentimos que este regimento é um ser vivo, que sente, que vibra e sofre. Que possui uma alma imortal. É o descendente do 6º RCL. É o cavalariano pioneiro, defensor altivo destas fronteiras. É o cavalariano idealista que sonhou com a liberdade, com a justiça e com a verdade e por elas lutou no Rio Grande do Sul, no Paraná e na Itália, longe de sua Unidade ou de sua terra, mas trazendo sempre as duas em seu coração de soldado de Cavalaria.

É o mesmo cavalariano que aqui está, destacado no esporte, nos exercícios militares, no preparo e no ardor, pronto

para tudo o que lhe for pedido em nome do seu Regimento e de sua Pátria.

Este é o Regimento João Manoel e esta é a sua história de glórias, de lutas e de sacrifícios.”

ESTANDARTE HISTÓRICO DO REGIMENTO JOÃO MANOEL

O Exmo. Sr. Ministro da Guerra declara, para os fins convenientes, que aprova o modelo, que a este acompanha, do estandarte mandado adotar para o “Regimento João Manoel”, pelo art. 2º, do decreto nº 1.591, de 29 de abril de 1937 (aviso 605, de 5-8-938). A bandeira delineada para o Regimento João Manoel, contém no seu traçado, símbolos, cores e dísticos, o indispensável para fixar na memória da tropa o grande vulto patricio que soube dar, à Pátria e ao Exército, os mais belos exemplos de patriotismo e bravura militar. Aos imperativos históricos se associam os interesses estéticos, e ambos se subordinam no maior interesse da concepção, qual seja o de impressionar, pelo desenho e pelas cores, o soldado, exaltando-lhe a imaginação no conhecimento dos vultos, fatos e relíquias da história pátria. A bandeira se apresenta com as cores heráldicas do Exército. Campo azul com bordadura de vermelho. Duas grandes lanças, de branco, com bandeirolas da mesma cor, representando a arma do Regimento. Se estendem ao longo das diagonais. No centro, sobre o cruzamento das lanças, um losango de amarelo debruado de vermelho, ostenta, ao alto, em letras verdes, dispostas em arco, o título do Regimento. Sobre os dois eixos do losango, em grande destaque, como que dominando as atenções gerais, a cruz da Ordem Militar de Aviz. Esta cruz, de grandes tradições na história militar, tem, na bandeira um duplo objetivo: o de representar o galardão que só era concedido ao mérito militar, e que JOÃO MANOEL o possuía em todos os graus, e de lembrar a cruz de madeira que a piedade cristã brasileira ergueu em São Borja, e que hoje perpetua o lugar onde se feriu a batalha de 10 de junho de 1865. Esta data se marca na bandeira em letras bordadas a ouro, acima do vértice superior do losango. Duas pontas de fita de cor branca se desenvolvem,

para a direita e para a esquerda, sobre os extremos inferiores das lanças, para assinalarem os nomes em vermelho, de SÃO BORJA e PERIBEBUÍ. Estes os maiores títulos das glórias de JOÃO MANOEL: São Borja, o triunfo do valor militar; Peribebuí: a imortalidade na voz da história. Franja de ouro em volta da bandeira. O laço militar com a designação de ordem na organização do Exército – 2º RC em letras de ouro.

(o presente memorial acha-se publicado no boletim do exército (D.P.A) nº 20, de 10 de agosto de 1938, bem como o estandarte).

ORIGEM NUMEROLÓGICA DA OM

6º Regimento de Cavalaria Ligeira
Jaguarão-RS ---- 1888

6º Regimento de Cavalaria
Jaguarão-RS ---- 1889

Santa Vitória do Palmar – RS 1890
Bagé-RS ---- 1891

Dom Pedrito-RS ---- 1892
São Borja-RS ---- 1897

2º Regimento de Cavalaria Independente
São Borja-RS ---- 1919

2º Regimento de Cavalaria
São Borja-RS ---- 1946

2º Regimento de Cavalaria Mecanizado
São Borja-RS ---- 1976

Transcrito das “Normas Para Preservação das Tradições das Organizações Militares do Exército Brasileiro” - Port Min nº 745, de 16 de julho de 1987 - Editado pelo Centro de Documentação do Exército (CDoc).



Patrono da OM BRIGADEIRO JOÃO MANUEL MENNA BARRETO

Filho legitimado de João de Deus Barreto Pereira Pinto e da Sra. Manoela Joaquina de Almeida. João de Deus quando casou, em segundas núpcias, com a Sra. Rita Bernarda Cortes de Figueiredo Menna adotou o sobrenome Menna, passando a ser o General João de Deus Menna Barreto, 1º Visconde de

São Gabriel.

João Manuel era irmão, por parte de pai, do Marechal Gaspar Francisco Menna Barreto, de João Menna Barreto I, de Sebastião Menna Barreto, de Luiz José Menna Barreto, do Coronel José Luiz Menna Barreto (pai do Patrono da 1ª BdaCMec), de Francisco Menna Barreto, de Mafalda Sinforsosa Menna Barreto, de Maria Púlcra de Figueiredo Menna Barreto, de Antônio Menna Barreto, de Rita Menna Barreto, de João Menna Barreto II, de Propício Menna Barreto, do Marechal Gen João Propício Menna Barreto (2º Visconde de São Gabriel), de Francisco de Paula Menna Barreto, do Capitão João Batista Menna Barreto e do Capitão Luís Francisco Menna Barreto.

O Brigadeiro JOÃO MANUEL MENNA BARRETO, nasceu em Porto Alegre a 25 de janeiro de 1824 e faleceu na tomada de PERIBEBUÍ, a 12 de agosto de 1869. João Manuel foi considerado o 18º e último filho de João de Deus. Não era Menna, embora tenha recebido esse sobrenome.

Sentou praça em 1º de julho de 1839, durante a Guerra dos Farrapos, quando teve seu batismo de fogo. Foi promovido a Alferes em 27 de maio de 1842; a Tenente, em 30 de setembro de 1846; a Capitão, em 27 de agosto de 1849; a Major, em 14 de abril de 1855, por merecimento; a Tenente-Coronel em 2 de dezembro de 1859, por merecimento; a Coronel, em 18 de junho de 1867, também por merecimento.

Participou da Guerra contra Oribe e Rosas. Comandou

na corte do Rio de Janeiro o 1º Regimento de Cavalaria, que constituía a guarda de sua Majestade, o Imperador.

Participou de toda a Campanha da Guerra do Paraguai, desde a resistência e evacuação de São Borja, razão pela qual é Patrono do 2º RCMec. No Paraguai, foi o Comandante do 1º Batalhão de Voluntários da Pátria. (Dados bibliográficos a respeito desse batalhão, na obra do Gen Paulo de Queiroz Duarte - “Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai” - O Comando de Osório - Vol 2 - Tomo I - BIBLIEx/1982).

A 18 de setembro de 1865, assistiu à retomada de Uruguiana. Foi transferido para o comando de uma brigada estacionada em São Gabriel. Distinguiu-se extraordinariamente, em 1868, nas batalhas do AVAÍ e LOMAS VALENTINAS. Depois, assumiu o comando da 1ª Brigada de Cavalaria, combatendo em Humaitá, Tuiu-Cué, Potrero Ovella, Taí, Laureles, Tebiquarí, Vileta, Piquicirí, Capiatá, Aragoá, Luque, Itangoá, Pirajú, Sanga Branca e Sapucaí. No Paraguai, recebeu a medalha do mérito militar. Era admirado por pares e subordinados e tinha absoluta confiança do Marquês de Caxias. Era conhecido como o “General Atleta”.

Em Peribebugui, foi mortalmente ferido ao saltar, montado, uma trincheira inimiga. Seus restos mortais estão no 2º RCMec.

Deixou os seguintes filhos: Gen João Manuel Menna Barreto Filho, Alice Menna Barreto, Maria Balbina, Adelaide e o Gen João Carlos Menna Barreto.

Fontes: MENNA BARRETO, Osvaldo Bittencourt. **Família Menna Barreto-200 anos**. Santa Maria: Pallotti, 2003, 2 v. e FONTTES, Carlos. **Brigada José Luiz Menna Barreto**. Santiago: Expressão.

COMANDANTES DO REGIMENTO JOÃO MANUEL

Maj José Joaquim de A. Corrêa15Ago1889 a 25Mar1890;
Ten Cel João Batista de Miranda.....25Mai1890 a 21Abr91;
Ten Cel Antônio Virgílio de Carvalho12Jun91 a 05Mai92;
Ten Cel Francisco de Paula Maranhão ... 15Mar95 a 04Mai96;
Ten Cel Antônio Carlos F. Leão 22Out02 a 25Fev03;
Ten Cel João Manoel Menna B. Filho.....29Mai03 a 15Abr06;

Ten Cel Fredolin José da Costa 15Abr06 a 27Jan09;
 Ten Cel Jovenal de Souza 28Jan09 a 31Dez12;
 Ten Cel Manoel Virgílio de A. Coelho 02Fev a 23Set20;
 Ten Cel Luiz Pereira Pinto 07Jul20 a 06Jun21;
 Ten Cel Antônio Pimenta da Cunha 07Jul21 a 24Mar23;
 Ten Cel Armando Gusmão 01Dez28 a 19Mai29;
 Ten Cel João Theodoro P. de Mello 15Jun29 a 16Jan30;
 Ten Cel Abel Henrique de Medeiros 07Ago a 07Out30;
 Cel José Gay 02Abr a 11Mai32;
 Ten Cel Luiz Gaudie Ley 14Nov a 28Nov32;
 Ten Cel Nilo Ribeiro de Oliveira Val. 28Dez34 a 07Mar35;
 Ten Cel Arnaldo Bitencourt 07Mar38 a 01Abr40;
 Cel Ciro Riopardense de Resende 15Ago41 a 04Mar43;
 Cel Elautério Ferlich 04Mar43 a 15Abr44;
 Cel Valério Gomes de Lacerda 15Abr44 a 29Out46;
 Ten Cel Jaul Pires de Castro 15Fev50 a 28Jan52;
 Cel Adailton Sampaio Pirassununga 21Dez54 a 09Jan56.
 Cel Serafim Dornelles Vargas 24Abr56 a 15Jun61;
 Cel Lauro Stein Stoll 24Out63 a 12Mai64;
 Cel Antônio Esteves Coutinho 30Mai64 a 20Out66;
 Cel Hélio Corrêa de Mello 10Jul67 a 17Mar69;
 Ten Cel Aroldo Peçanha 22Mar69 a 02Jul71;
 Cel Luiz Armando Franco de Azambuja ... 23Jul71 a 04Dez73;
 Ten Cel Danton Renato Dias 05Dez73 a 10Jan76;
 Ten Cel Antônio Fraga Esteves 10Jan76 a 16Jan78;
 Ten Cel Francisco Pereira de Holleben ... 17Jan78 a 30Jan80;
 Ten Cel Pedro Paulo C. Estigarríbia 30Jan80 a 30Jan82;
 Ten Cel Flávio Acauan Souto 30Jan82 a 30Jan84;
 Cel José Antônio Silva Martins 31Jan84 a 31Jan86;
 Cel Décio Pennafirme Teixeira 31Jan86 a 01Fev88;
 Cel Sérgio Roberto Dentino Morgado 01Fev88 a 24Jan90;
 Cel Paulo Roberto da Silva Gomes 24Jan90 a 23Jan92;
 Ten Cel José Carlos R. de S. Santos 23Jan92 a 26Jan94;
 Cel Celso Bueno da Fonseca 26Jan94 a 27Jan96;
 Cel Júlio César Cosmelli Cintra 27Jan96 a 16Jan98;
 Cel José Ailton Suertegaray Mendonça ... 16Jan98 a 25Jan00;
 Cel Reinaldo Goulart Correia 25Jan00 a 31Jan02;

Ten Cel Augusto César de Brito Naylor31Jan02 a 28Jan04;
Cel Fernando Garrone Palma Veloso.....28Jan04 a 26Jan06;
Ten Cel Paulo Sérgio Felipe Alves26Jan06 a 09Jan09;
Ten Cel Ary de Albuquerque Gusmão Filho.... 09Jan09 (atual).

**Relação nominal dos integrantes da OM
que participaram da FEB**

- Contingente embarcado em 19Dez44 -

2º Ten Rodolfo Gartner Dann; 3º Sgt Ivami Pitaluga Hoffmann; 3º Sgt Leonardo Aranda da Silva; 3º Sgt Guerino Colnagui; Cabo Diareu Alvear de Almeida; Cabo Delfino Romero Pedroso; Cabo Viterbo Pereira dos Santos; Cabo Noel Fioravante; Cabo Hugo Jobim Duarte; Cabo Adão Sepúlveda de Moura; Cabo Darci de Castro Bettim; Cabo Jacob Copeaux Ximenez; Sd Verano Jornada; Sd Otacílio Soares; Sd Serafim Betim dos Santos; Sd Policarpo Fontela Machado; Sd Eleutério do Nascimento; Sd Marciano Fontoura da Silva; Sd Gentil Soares Pereira; Sd Anônio Neves Arce; Sd Gentil Ferreira Saldanha.

- Contingente embarcado em 26Dez44 -

1º Sgt Rosalino Mazuco; Sd Manuel Gaspar Teixeira Álvares; Sd Otávio Maciel de Moura; Sd Romano Nardélo; Sd Alício dos Santos; Sd Fortunato Paraíba; Sd Honório Gomes Proença; Sd Antônio Estacheliski; Sd Pedro Rodrigues de Almeida; Sd Jacinto Zelioto; Sd João de Lourenço Filho; Sd Rubens da Rosa; Sd Serafino Fabro; Sd Luiz Ferreira do Amaral; Sd Viriato José do Rosário; Sd Adão de Paula Alves; Sd Armalindo José Pastori; Sd Paulo George; Sd Euclides Cornélio; Sd Avelino Denardi; Sd Ezequiel Ruivo Escobar; Sd Fiorentino Vandrúsculo; Sd Osvaldo Patrício Kerch; Sd Argemiro Serisola; Sd José Mortovani; Sd Sílvio Zago; Sd Antônio Lazaro; Sd Aristóteles Freitas de Oliveira; Sd Oracílio Fontela; Sd Lauro Velasque de Moura; Sd Hélio da Silva Silveira; Sd Luiz Martins; Sd Vasco Fernandes; Sd Larico do Nascimento; Sd Ildefonso de Souza; Sd Caetano Silva; Sd Quirino Mendes dos Santos; Sd Arnaldo Kassafuz; Sd Brasil Nunes Trindade; Sd Afonso Berle; Sd Valdemar Braga de Melo; Sd Oto Schmith;

Sd Sílvio Araújo dos Santos; Sd Aparício Braga de Melo; Sd Abílio Antunes da Rosa; Sd Estanislau Barenoski; Sd Bernardino José do Nascimento; Sd Ladislau Ubisnik; Sd Germano Grans; Sd Gomercindo Henrique de Oliveira; Sd Venâncio Nunes; Sd Elpídio Trindade Fontela; Sd Tranquilo Morreto; Sd Eudorico dos Santos Moreira; Sd Januário Cassafuz; Sd Rosalino Betim dos Santos; Sd José Maciel; Sd Bertoldo João Alsrecht; Sd Antônio Fagundes de Paz; Sd Celestino Soares; Sd Marçal Ferreira Sorges; Sd Antônio Delfes Teixeira; Sd Florentino Guimarães Vieira; Sd Pedro Comes da Silva; Sd Ramão Batista de Melo.

4º Regimento de Cavalaria Blindado **- São Luiz Gonzaga -**



O 4º Regimento de Cavalaria Blindado (4º RCB) - Regimento Dragões do Rio Grande, teve sua origem nos Corpos do Exército Português, a 03 de maio de 1737, quando foi denominado "DRAGÕES DO RIO GRANDE DE SÃO PEDRO".

Conforme o Histórico da OM:

“O Regimento foi organizado a 3 de maio de 1737,

junto ao Canal do Rio grande, por determinação do Brigadeiro SILVA PAES, em decorrência da necessidade de guarnecer as fronteiras portuguesas contra a expansão dos domínios espanhóis na região. O costume lusitano de designar seus regimentos pelo nome do lugar onde estavam sediados, deu-lhe a denominação de "Dragões do Rio Grande de São Pedro".

Na época, as unidades militares eram chamadas "DRAGÕES" e completadas com o nome da localidade.

Esta unidade surgiu com a necessidade do Brigadeiro JOSÉ DA SILVA PAIS ter de desalojar os espanhóis que estacionavam em Montevidéu. Viajando para a atual cidade do Rio Grande, Silva Pais fundou o Forte Jesus Maria José, e a três de outubro daquele ano criava o Regimento, ao comando do capitão FRANCISCO PINTO BANDEIRA. Quando o Brigadeiro Silva Pais recolheu-se ao Rio de Janeiro assumiu, em 11 de dezembro, o capitão de Dragões, THOMAZ LUIZ OSÓRIO, irmão do tenente José Luiz Osório, que seria o bisavô do Patrono da nossa Cavalaria. (Outros dados bibliográficos, vamos encontrar na obra de Cláudio Moreira Bento – "História da 3ª RM - Vol 1, Pg 80/97, que retrata os "Dragões").

Por volta de 1752, na Campanha das Demarcações, os jesuítas (discípulos de Inácio de Loyola), rebelados contra o tratado de limites entre a coroa de sua Majestade Católica e a Coroa Portuguesa, lançaram os Guaranis e Caibatés contra a Comissão de Demarcações, sendo então o regimento transferido para a cidade do Rio Pardo, onde recebeu a denominação de "DRAGÕES DO RIO PARDO". Nessa cidade, foi então construído o Forte de mesmo nome: "JESUS MARIA JOSÉ".

A 10Fev1754, o Regimento derrota cerca de dois mil índios, na passagem de VACACAÍ, ao Comando de THOMAZ LUIZ OSÓRIO, agora no posto de Coronel.

Nas incursões que o Regimento realizava, próximo a São Gabriel, é ferido o Comandante dos Dragões. Em 10 de fevereiro de 1756 são derrotados, perto de Bagé, os índios TAPES, das Missões de São Miguel, ficando assim aberto o caminho à Comissão de Demarcação.

Nessa época, a situação das colônias do Novo Mundo nada mais era do que um espelho da política européia. Com o início das hostilidades entre Espanha e Portugal, reacendem-se as lutas no território sulino. Dom Pedro Ceballos, Governador de Buenos Aires, força a capitulação da Colônia do Sacramento em 1762 e no dia 12Mai1763, a do Presídio de Rio Grande. Seu lugar-tenente nas Missões, Capitão Dom Antônio Cattani, à frente de tropas correntinas e de dois mil índios, é surpreendido e derrotado pelo Capitão FRANCISCO PINTO BANDEIRA, Comandante do Esquadrão de Dragões que o Coronel Osório havia deixado em Rio Pardo. Em 1763, entendiam-se as metrópoles, pondo fim à guerra nas colônias.

Na Guerra da Cisplatina, vamos encontrar o Regimento com brilhante atuação na Região das Missões e no Estado Oriental do Uruguai. A 1º de dezembro de 1824, foi denominado 5º REGIMENTO DE CAVALARIA.

Em 19 de abril de 1825, a Província Cisplatina (Uruguai) rebela-se contra o Brasil, tendo sido incorporada por Portugal em 1816. Lavalleja, líder revolucionário, desembarca na Cisplatina e encontramos um Esquadrão, do 5º Regimento de Cavalaria, reforçando a Brigada de Bento Manuel Ribeiro, que marchava sobre Montevideú, a fim de apoiar o Gen Lécor e debelar a revolta oriental. A 4 de setembro daquele ano, nossas forças derrotaram Rivera em Águila (Arbolito).

Em 20 de novembro de 1826, o Regimento recebeu em suas fileiras, como 1º Cadete, JOSÉ JOAQUIM DE ANDRADE NEVES, depois Barão do Triunfo, até 10 de dezembro de 1827, quando então deixa o Exército, para voltar mais tarde como grande Comandante da arma de Cavalaria.

Em fevereiro de 1827, o Regimento estava incorporado à 4ª Brigada de Cavalaria, ao comando do Cel THOMAZ DA SILVA, pertencente à 2ª Divisão, sob o comando do Brigadeiro CRISÓSTOMO CALLADO, nas proximidades de Bagé. Desloca-se na vanguarda do Exército, a 2ª Divisão, na direção de São Gabriel para Rosário, ao encontro do Exército Platino. No Passo do Rosário, o 1º Corpo Platino (Lavalleja),

defronta-se com a Divisão Callado. Teve esta seu flanco esquerdo desguarnecido pela retirada da 3ª Brigada de Cavalaria, mandada reforçar pelos mercenários alemães que constituíam a infantaria da 1ª Divisão, sendo que Callado sofre o impacto total da Cavalaria de Lavalleja.

A esse tempo, a 1ª Divisão, sob o comando do General BROWN, havia fracassado completamente no seu movimento ofensivo, recuando precipitadamente, sendo salva, apenas, pelo valor dos oficiais e praças do 13º, 18º Batalhões de Infantaria e pelo 5º REGIMENTO DE CAVALARIA, unidades remanescentes da Divisão Callado. Retirando-se o General mercenário, sua infantaria concentra-se contra o que resta da Divisão Callado. Nas primeiras cargas, porém, o inimigo sente quebrar-lhe o ânimo, já que contava facilmente vencer. Mal começa a surgir a clareira nas hostes adversárias, o 5º REGIMENTO DE CAVALARIA inicia a perseguição. Recebida a ordem de retirada, inicia a Divisão o seu movimento, coberta pelo 5º Regimento de Cavalaria, que fecha a sua retaguarda. (Transcrição de uma monografia da OM). Esta foi a ação efetuada pelo Regimento na Batalha do Passo do Rosário.

Após a Independência do Uruguai, o Regimento voltou a Rio Pardo, ali permanecendo até 20 de setembro de 1835.

A unidade, de retorno a Rio Pardo, estava sob o Comando do Ten Cel FELIPE NÉRI DE OLIVEIRA, tendo como imediato, o Major JOSÉ PLÁCIDO DE CASTRO (Avô do Libertador do Acre, de igual nome). Como medida de economia, a Regência Trina reduziu os efetivos militares, logo após a abdicação de Dom Pedro I, e pelo Decreto de 04 de maio de 1831, que reorganizou o Exército, o 5º Regimento de Cavalaria Ligeira passou a ser o 2º Corpo de Cavalaria, com parada na povoação de Bagé, retornando a ser o 5º novamente somente em 30 de novembro de 1852.

Podemos notar que entre esse período aconteceu, no Rio Grande do Sul, a revolução Farroupilha, e a Unidade, estando na cidade do Rio Pardo, deslocou-se para São Gabriel, a fim de retomar esta localidade que estava em poder dos farroupos, sendo dissolvida em 21 de março de 1836. O decreto

nº 1074, de 30 de novembro de 1852, reorganizou a OM no acampamento do Trilha, próximo a São Gabriel, ao Comando de Menna Barreto.

À margem histórica dos acontecimentos da Unidade, durante esse período, extraímos, da obra de Pedro Marques dos Santos, intitulado “SÃO LUIZ - SUA HISTÓRIA E SUA GENTE - 1687 a 1987 - Série Missões – Vol. V - Editora Pallotti/1989, os seguintes dados importantes, que dizem respeito às transformações do Regimento:

“...Por decreto nº 1074, de 30 de novembro de 1852, foi reorganizado no acampamento do Trilha, cidade de São Gabriel, com a mesma denominação e numeração. Removido para Bagé, em 09 de fevereiro de 1859, onde foi sediado. A 9 de dezembro de 1865, por Decreto nº 3555, passou a 5º Corpo de Caçadores a Cavalos. Voltou a 5º Regimento de Cavalaria, por decreto nº 4752, de 12 de agosto de 1870. Esteve em Jaguarão de 30 de abril de 1872 a 02 de abril de 1878, retornando a Bagé. Desta cidade foi para Sant’ana do Livramento, partindo daí para São Luiz, onde chegou em 8 de junho de 1905, sob o comando do Cel JOÃO INÁCIO ALVES TEIXEIRA”.

Podemos notar acima que o Regimento teve várias mudanças de sede, devido à necessidade de se aumentar a vigilância nas fronteiras naquela época.

Entre Dez1856 a Dez1857, esteve acampado também no Passo do Batista, na fronteira do Quaraí, com postos destacados. Ainda em missão de vigilância, esteve na costa do Ibicuí, no Paraí Grande e em Bagé, como acima foi exposto. Em 1864, parte de Bagé, transpondo a fronteira, para fazer novamente a campanha do Estado Oriental, a 01 de dezembro. Nesse ano, novamente a agitação tomou conta do vizinho Uruguai, causando sérios problemas aos brasileiros, principalmente nas regiões de fronteira. A Argentina rompe as relações com o Uruguai. O Regimento, fazendo parte do Exército de Menna Barreto, na Divisão do General Osório, parte para a tomada de PAYSANDÚ, que após longa resistência, vem a capitular a 01Jan1865. Durante este tempo, a

unidade permaneceu como reserva.

Após a tomada de PAYSANDÚ o Regimento seguiu para Montevidéu, transpondo o Rio Negro e chegando a Salto a 22 de junho. A passagem para Concórdia, na Argentina, efetuou-se a 11 de junho, vindo a Unidade, que fazia a vanguarda do Exército de Osório, acampar em GUALEGAICITO, onde é ultrapassada pela Divisão Oriental do Gen Venâncio Flores.

Podemos notar que nesta data a crise entre os países do Prata se agravou, com as decisões e atitudes do Paraguai, que já mostrava suas intenções contra os países que formariam a Tríplice Aliança.

Em 7 de setembro de 1865, o Regimento recebe ordens de marchar na esteira das forças de Flores para a cidade de Uruguaiana, sendo assim incorporado ao Exército do Conde de Porto Alegre, e assistido à rendição do Ten Cel Antônio de La Cruz Estigarríbia do Exército Paraguaio, que já estava sitiado naquela vila.

Após a rendição dos paraguaios em Uruguaiana (18Set1865), o Regimento marcha para São Borja, a 3 de fevereiro de 1866 transpõe o Rio Uruguai, marchando com o grosso do Exército na direção de São Thomaz, fronteiro a Itapuã, no rio Paraná. Ali, recebe o Regimento nova denominação, passando a ser 5º CORPO DE CAÇADORES A CAVALO, em face do decreto de 09Dez1866.

Em 18 de julho, o Regimento toma parte na Batalha de BOQUERÓN, regressando após a ITAPIRÚ. A 1º de setembro de 1866, marcha o Regimento, como integrante do 2º CORPO DE EXÉRCITO, do forte Itapirú para a foz do Paraguai, transportada no vapor Marcílio Dias, para atacar o Forte CURUZÚ. Desembarcando frente à lagoa Pires, prossegue margeando o Paraguai. Ao alvorecer de 3 de setembro partiu para o assalto às posições organizadas do inimigo, que entrou em fuga, deixando mortos e feridos, além de doze canhões e três bandeiras. Em vista desse sucesso, resolve o Gen Mitre, pessoalmente, conduzir o ataque a CURUPAITI. Na manhã de 22 de setembro, o Almirante TAMANDARÉ inicia o ataque com a Esquadra Imperial se-

guido, às nove horas, pela Artilharia de terra. Ao meio-dia, lança-se o ataque das colunas. A primeira trincheira é abordada e transposta pelos aliados. Buscando os caminhos mais favoráveis, aproxima-se de uma linha de abatizes, que apresenta dificuldades consideráveis. O terreno é semeado de obstáculos e batido pelo fogo do inimigo. O fogo é terrível e o malogro completo. Este quadro faz Mitre dar a ordem de retirada e o 5º Corpo de Caçadores a Cavalos retrai para o Forte de CURUZÚ.

A 22 de março, novamente o Regimento é lançado na direção do Forte Curupaití, o qual ocupa sem resistência dos paraguaios, que haviam se retirado para Humaitá, tomando parte, a 5 de agosto de 1868, do cerco dessa localidade.

Durante a travessia do Charco e manobras do Piquicirí, até a rendição de Angustura, o Regimento permaneceu guardando as bases da operação. Desloca-se, após, para Assunção e em seguida para Luques, de onde foi mandado reforçar a vanguarda comandada por VASCO ALVES.

A 18Jan1869, Caxias passou o comando do Exército ao General GUILHERME DE SOUZA. Vasco Alves lança um esquadrão do Regimento à Patinan-Cuê o qual, desbaratando as resistências encontradas, volta com valiosas informações.

A 16 de abril, assume o Comando do Exército o Conde D'Eu. Por sua ordem, parte o Regimento na direção de Patinan-Cuê, tendo à frente o esquadrão composto de atiradores e lanceiros. No flanco direito, vinte atiradores e vinte lanceiros cobrem o esquadrão. Essa flanco-guarda, todavia não pôde prosseguir, dadas as dificuldades do terreno, quando o esquadrão viu-se cercado, inesperadamente. Diante do inimigo superior, não conseguiu transpor a ponte de Patinan-Cuê e viu-se obrigado a forçar sua direita, pois o inimigo já fechava a retaguarda. Finalmente, em 22 de maio, consegue o 5º cumprir parte de sua missão.

A 12Dez1869, o 5º Corpo de Caçadores a Cavalos recebeu ordens de recolher-se para Rosário. Daí para Assunção, onde embarca para Porto Alegre, chegando a 11Fev1870 e a 1º de junho em Bagé. Em face do Decreto de 12 de agosto de 1870, rece-

be a denominação de 5º REGIMENTO DE CAVALARIA LIGEIRA.

Após a Guerra do Paraguai, nosso Regimento permaneceu em missão de vigilância na fronteira. (Estes relatos foram extraídos dos assentamentos históricos do atual 4º RCB.)

A 1º de outubro de 1881, assentou praça voluntariamente no 5º REGIMENTO DE CAVALARIA, JOSÉ LEOGIVILDO ALVES PAIVA, futuro general de inigualáveis serviços prestados ao Exército e particularmente ao Regimento.

Para um estudo mais profundo a respeito da figura de LEOGIVILDO, na obra de Pedro Marques dos Santos - "SÃO LUIZ - SUA HISTÓRIA E SUA GENTE" - 1687 a 1987 - Série Missões – Vol V, nos disserta, aquele autor, bibliografia completa sobre esse General.

A brilhante fé de ofício do Gen Leovigildo tem passagens de muita importância junto ao Regimento.

A 5 de fevereiro de 1893 o Regimento, mais uma vez, vem tomar parte ativamente contra forças maragatas, do Gen JOÃO NUNES DA SILVA TAVARES - Barão de Itaquí que, apoiando a causa revolucionária, ataca a cidade de Dom Pedrito, cerca Sant'Ana do Livramento e, ao dirigir-se para Alegrete, é abatido às margens do rio INHANDUÍ. (3 de maio 1893 - relatos na íntegra na obra do historiador OSÓRIO SANTANA FIGUEIREDO, em "AS REVOLUÇÕES DA REPÚBLICA" 1889 a 1932 - Editora Pallotti/1995).

As forças revolucionárias, retrocedendo por Dom Pedrito, na direção de Bagé, vêm a chocar-se com as forças do Gen CARLOS TELLES, no Passo do UPAMAROTI, em 12 de maio de 1893, quando então, nessa refrega, o Regimento toma parte. Batidos mais uma vez, os Maragatos retiram-se para a linha divisória e a transpõem em Aceguá.

Após o combate de UPAMAROTI o Regimento, a 12Out93, regressa à cidade de Bagé, a fim de se incorporar à Divisão do Cel JOÃO CÉSAR SAMPAIO.

Relatos com maior detalhes, podemos encontrar na obra do historiador Moacyr Flores e Hilda Agnes Hübner Flores, "RIO GRANDE DO SUL - ASPECTOS DA REVOLUÇÃO DE 1893 - Martins Livreiro/1993, à pg. 53.

A 02Jan1894, o Regimento perseguiu as tropas do Gen Tavares, que invadira novamente o Rio Grande do Sul, pela cidade de Quaraí. Vamos encontrar a Unidade, em 9 de fevereiro, marchando do Alegrete para São Gabriel, fustigando a retaguarda da coluna federalista. Em 27 de março, combate em TORRINHAS. Em 9 de abril, acampa em Pelotas, de onde marcha para levantar o cerco da cidade do Rio Grande, executado pelo Almirante CUSTÓDIO JOSÉ DE MELLO, toma parte no assalto à cidade do Rio Grande, que se achava sitiada pelos revolucionários, avançando com o esquadrão de atiradores e perseguindo os rebeldes em fuga.

Em 7 de junho, na vila da ENCRUZILHADA, como vanguarda da Divisão SAMPAIO, descobre uma coluna revolucionária e combate até PEQUERECÍ, levando por diante a tropa rebelde, perseguindo-a até o dia seguinte. A 24 de novembro, acha-se em Sant'Ana do Livramento. Nessa situação mantém diversos postos e percorre a linha divisória. Parte então o Cel JOÃO CÉSAR SAMPAIO, em 27 de Fevereiro de 1895, na direção de CACEQUÍ, escoltado pela ala direita do Regimento, comandada pelo Capitão JOÃO BATISTA DE ÁVILA. Na região de Tarumã é acometido pelo destacamento do Almirante SALDANHA DA GAMA, que entrou por Quaraí e pelo General Tavares que vinha de Dom Pedrito. Nesse combate perde a vida o Comandante do Regimento, Capitão JOÃO BATISTA DE ÁVILA, em defesa do Coronel SAMPAIO o qual, ferido à espada na mão esquerda, tendo perdido a sua montaria, passou-se para outro animal e, em pêlo, abrindo alas no entrevero, consegue prosseguir para CACEQUÍ, escoltado por um punhado de bravos do 5º REGIMENTO DE CAVALARIA. A 24 de junho de 1895, ataca a posição do CAMPO OSÓRIO, onde vem a falecer o Almirante SALDANHA DA GAMA. Sua morte abala profundamente o país, contribuindo também para a suspensão das hostilidades, a 10 de julho de 1895.

Finalmente, na data de 08Jun05, o Regimento foi transferido para sua atual sede, em São Luiz Gonzaga, ficando acantonado nas instalações do Colégio dos Jesuítas, até ocupar,

definitivamente, em 08 de julho de 1924, as atuais instalações.

A 11 de outubro de 1914, na guerra do Contestado, segue para o Paraná um contingente de 600 homens, a fim de operar contra bandoleiros que depredavam aquele Estado. Graças à essa ação o contingente consegue debelar aquela rebelião, que ameaçava alastrar-se pelo Estado.

Do citado Colégio dos Jesuítas: a obra referenciada anteriormente, de Pedro Marques dos Santos, nos traz, na capa, a foto da época desse colégio e dados biográficos a respeito da Unidade, quando chegou em São Luiz.

Era o antigo Colégio constituído de um quadrilátero fechado, de cem metros de frente, por oitenta de lado. Na parte frontal do edifício, encimada por um sobrado, ficou o gabinete do comando, do Ten Cel JOÃO INÁCIO ALVES TEIXEIRA, ficando abaixo o xadrez e o Corpo da Guarda. O Estado-Maior, Casa de Ordens, Secretaria e Almoxarifado eram localizados na parte frontal. Os segundo e terceiro esquadrões eram alojados nas partes laterais; o primeiro e o quarto, nas partes de trás, que fechavam o quadrilátero.

Pelo Dec 13.916, de 11 de dezembro de 1919, veio a trocar o nome do Regimento, passando para 3º REGIMENTO DE CAVALARIA INDEPENDENTE, a tão tradicional numeração de 5º, o "Fiel 5º de Cavalaria" - como a ele se referia o Brigadeiro CALLADO, na Batalha do Passo do Rosário. Em 24 de maio de 1924, era entregue ao regimento o seu atual aquartelamento, mandado construir pelo então Ministro da Guerra, PANDIÁ CALÓGERAS.

A 28 de outubro de 1924, rebentava novo movimento revolucionário partindo, desta vez, da zona missioneira, com elementos de várias Unidades que aderiram à revolução. Entre elas, o 3º REGIMENTO DE CAVALARIA INDEPENDENTE. Concentrado em São Luiz Gonzaga, de 29 de outubro a 24 de dezembro, teve de abandonar a cidade, em vista das forças federais e estaduais que se acercavam. Com a retirada da coluna PRESTES, o Coronel FRODOARDO DA CUNHA MARTINS, Comandante das forças legais, que entrara na cidade, manda organizar um contingente, sob o comando do

1º Ten FRANCISCO BECKER REIFSCHNEIDER, composto de 167 praças que não haviam aderido à revolução, a fim de guardar os bens da Fazenda Nacional que ficaram.

A 1º de julho de 1925, o Tenente Coronel JOSÉ AYRES DE CERQUEIRA reorganiza o Regimento, com os elementos remanescentes e mais os “sorteados” da classe de 1903.

No movimento de 1930, com o assassinato de João Pessoa, que foi a centelha que deflagrou a Revolução, sendo ele candidato à Vice-Presidência da República, vamos encontrar o Regimento, nessa data, como Cmt, o Major RÔMULO PACHECO D’ÁVILA, sendo substituído pelo Capitão Médico, Dr. FRANCISCO LEITE VELLOSO, que o prendeu sob palavra.

Em 18 de outubro, o Regimento partiu para São Paulo, agora sob o Comando do Cap PEDRO AUGUSTO DE BARROS BITENCOURT.

Em 09 de julho de 1932, início da Revolução Constitucionalista, estava o estado de São Paulo contra o governo de Getúlio Vargas. A 26, o Regimento chega em TUPANCIRETÃ, a fim de ajudar a sufocar os rebeldes que apoiavam o movimento de São Paulo, seguindo para aquele Estado apenas um Pelotão.

Em face do Decreto Res nº21.134 A, de 15 de maio de 1946, tomou a denominação de 3º REGIMENTO DE CAVALARIA.

Por Decreto de 1º de dezembro de 1954, passou a Unidade a denominar-se Regimento “DRAGÕES DO RIO GRANDE”, sendo-lhe, a 3 de maio de 1956, ofertado, pelo povo da cidade, o Estandarte. A 7 de dezembro de 1961, foi a ele outorgado o DIPLOMA DA ORDEM DO MÉRITO MILITAR. Por Decreto de 10 de janeiro de 1974, passou a denominar-se 4º REGIMENTO DE CAVALARIA BLINDADO, de conformidade com a Port Min Res nº 23 de 10 de Jul 73, reiniciando suas atividades a 1º de janeiro de 1974, como “4º RCB - REGIMENTO DRAGÕES DO RIO GRANDE”, com seu passado tão histórico, onde fica a guarnecer os rincões da cidade de São Luiz Gonzaga, e permanece nos muros seculares desta Unidade o espírito vivo das mais legítimas e autênticas tradições da Cavalaria Brasileira.

COMANDANTES DO REGIMENTO **DRAGÕES DO RIO GRANDE**

Da obra do historiador PEDRO MARQUES DOS SANTOS, com o título “São Luiz - SUA HISTÓRIA E SUA GENTE” 1687 a 1987, série Missões, vol. V, editado pela Editora Pallotti /1987, dos arquivos e da Galeria de Comandantes da unidade extraímos a seguinte relação:

Ten Manoel Luis Osório.....	1835;
TC João Manoel Menna Barreto	1859;
TC José Leovigildo Alves Paiva	1915;
TC Otacílio Prates da Cunha.....	15Jun22 a 23Nov23;
TC Marcioliono Gonçalves Barroso.....	24Nov23 a 26Out27;
TC José Pessoa C. de Albuquerque	27Out27 a 28Set28;
TC Francisco Gil Castelo Branco	29Set28 a 27Fev30;
TC Pedro Aurélio de Góes Monteiro.....	28Fev30 a 04Fev31;
TC Isauro Regueira	05Fev31 a 13Set32;
TC José Bonifácio de Souza Pinto	14Set32 a 03Ago39;
TC Jaime Armindo de Carvalho.....	04Ago39 a 13Nov40;
TC Goriolano Ribeiro Outra.....	14Nov40 a 18Jan43;
TC Arthur Carnaúba	19Jan a 08Ago43;
TC Oswaldo Antônio Borba	09Ago43 a 01Jan45;
TC Floriano Peixoto Keller.....	02Jan45 a 19Jul47;
TC Osmário de Faria Monteiro	20Jul47 a 15Jun50;
TC Francisco de P. Edge de Mendonça ...	16Jun50 a 12Out54;
TC João Batista Mendes Filho	13Out54 a 02Set57;
TC Moacir Avelar Aquistapace	03Set57 a 30Ago61;
TC Moacir Ribeiro Coelho	31Ago61 a 24Abr62;
TC Geraldo Knaack de Souza.....	25Abr62 a 09Jun63;
TC Francisco Janone Neto.....	10Jun63 a 09Dez64;
TC Delmar Jaime de Carvalho	10Dez64 a 29Jul66;
TC Alberto Carlos Furtado Mazon.....	30Jul66 a 21Jan69;
TC Jorge Duarte Escostegui	22Jan69 a 16Mar71;
TC Gilson Castro Corrêa de Sá.....	17Mar71 a 08Jul73;
TC Oswaldo Uchôa Resende.....	09Jul73 a 17Set74;
Cel Ivanoé de Simone	18Set74 a 14Jan77;
Cel Estanislau Kostka Majerkowski.....	15Jan77 a 11Jan79;

TC Luiz de Góes Nogueira Filho12Jun79 a 27Jan82;
 TC Amilton Ribeiro S. de Menezes.....28Jan82 a 27Jan84;
 TC Paulo Alberto Buchele Lino.....28Jan84 a 28Jan86;
 Cel Edison Araújo Rodrigues.....29Jan86 a 29Jan88;
 Cel Marco Antônio Tilscher Saraiva.....30Jan88 a 23Jan90;
 Cel Evandro Ubiratan Resem da Silveira.24Jan90 a 28Jan93;
 Cel Orlando de Castro e Silva Campos...28Jan93 a 26Jan96;
 Cel José Marcos Falcão de Souza.....26Jan96 a 20Jan98;
 Cel Williams José Soares.....20Jan98 a 23Jan01;
 Cel Ronaldo Paz do Nascimento.....23Jan01 a 15Jan03;
 Cel André Tiago Salgado Crispim.....15Jan03 a 26Jan05;
 Cel Mário Luiz de Oliveira26Jan05 a 31Jan07;
 Cel Alexandre Guimarães Reis31Jan07 a 13Jan09;
 Cel Celso Henrique Lima Rentroia.....13Jan09 (atual);

19º Grupo de Artilharia de Campanha



Uruguaiana, na fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, foi a origem do atual 19º GRUPO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA “GRUPO BARÃO DE BATOVY”. No Decreto nº 6971, de junho 1908, no dia 21 daquele mês, era criada a Unidade do 1º GRUPO DE AR-

TILHARIA A CAVALO, organizado em 1911, naquela cidade sendo, mais tarde, transformado no 16º GRUPO DE ARTILHARIA A CAVALO, em Dez de 1919, tendo como parada a cidade de Itaqui, RS.

Em 1926, passou a ser constituído pela 1ª Bateria do 1º GRUPO DE ARTILHARIA A CAVALO. Em 1934, voltou novamente a ser o 1º GRUPO DE ARTILHARIA A CAVALO, quando, pelo Decreto Reservado nº 984, de 23 de dezembro de 1938, é criado o 1º GRUPO DO 1º REGIMENTO DE ARTILHARIA DE DIVISÃO DE CAVALARIA, com sede na cidade de SANTIAGO-RS, ficando sem efetivo, tendo sido organizado somente em 1942, pelo Aviso nº 2.744, de 21 de outubro daquele ano, quando publicou seu 1º boletim interno, em 05.Jan.1943, situando-se na Rua Venâncio Aires, esquina Benjamin Constant, sob o Comando do Major OSCAR GOMES DO AMARAL, o qual permaneceu na OM até 24.Abr.1944.

O seu Boletim Interno, do dia 6 de maio de 1943, publicou a apresentação do primeiro sorteado para prestar o serviço militar, da classe de 1921, sendo oriundo do município de Dom Pedrito, RS. Era o soldado ALFREDO PAULO NACKE, que tomou a numeração 170.

A 12 de abril de 1943, o Grupo transferiu sua sede para o “BATLHÃO VELHO”, na região da Vila Nova, antiga sede do quartel do então 1º Batalhão Ferroviário, que participou dos trabalhos da construção da ferrovia Jaguari-Santiago-São Luiz Gonzaga.

O Boletim Interno nº 094, de 24 de abril de 1944, publicou sua primeira passagem de Comando. Assumiu o então Cap HENRIQUE MARCOS RABELLO DE MELLO. Em fins de setembro de 1945, a Unidade transfere-se, em caráter permanente, para as instalações que hoje ocupa. Em 16 de maio de 1946, passou a denominar-se de 2º GRUPO DE ARTILHARIA A CAVALO 75, constituído de uma bateria de Comando e Serviços, duas Baterias de Tiro e uma Bateria de Quadros, de acordo com o Dec Lei nº 21.134-A, de 15 de maio de 1946, sob o Comando do Ten Cel OSCAR GOMES DO AMARAL. Pela Portaria nº 231, de 17 de dezembro de 1956, a Unidade passou a denominar-se 2º GRUPO DE ARTILHARIA 75 A CAVALO, sob o Comando do Ten Cel ODÍLIO DE MAGALHÃES, caracterizando a diferenciação dos Grupos 75 mm já motorizados.

Em 02 Set 61, em face da situação política no País, a Unidade

deslocou-se via férrea, com destino à região de Castro e Ponta Grossa. Bivacou, no dia 3, na cidade de Marcelino Ramos, regressando a seu aquartelamento, em 09 do corrente.

Conforme Decreto nº 65.825, de 08 de dezembro de 1969, a Unidade passou a ser 19º GRUPO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA. Comandava a OM, nessa época, o Ten Cel JOSÉ LUIZ DE MELLO CAMPOS.

O ano de 1996 marcou uma grande etapa histórica na Unidade quando o Decreto nº 665, de 25 de outubro de 1996 (BE nº 43/96), publicou a denominação histórica da OM de “GRUPO BARÃO DE BATOVY”, uma justa homenagem ao Marechal de Exército MANOEL DE ALMEIDA GAMA LOBO COELHO D’EÇA - Barão de Batovy. Foi-lhe concedido também, o Estandarte-histórico.

O BARÃO DE BATOVY

Manoel de Almeida da Gama Lobo Coelho D’Eça
Patrono do 19º Grupo de Artilharia de Campanha
(1828 -1894)

Nasceu em 15 de abril de 1828, na cidade de Desterro, hoje Florianópolis, Província de Santa Catarina. Filho do Coronel Joaquim de Almeida Gama Lobo D’Eça e de Dona Maria Isabel da Gama Lobo Coelho D’Eça. Casado com uma distintíssima senhora de Bagé, Dona Ana Luiza da Gama D’Eça, falecida em São Gabriel, em 9 de dezembro de 1901, teve um filho varão, o advogado Alfredo de Almeida da Gama Lobo D’Eça, que foi assassinado sobre o cadáver do seu ilustre pai, na Fortaleza de Anhato-Mirim, Santa Catarina.

Descendendo, Manoel, de tradicional família de militares, também seguiu esta carreira, onde se destacou como soldado e como patriota.

Assentou praça como voluntário no 2º Batalhão de Infantaria, sendo reconhecido Cadete de 1ª Classe a 8 de maio de 1846 e promovido ao Posto de Alferes-Aluno a 7 de setembro de 1847.

Desde cedo, participou das lutas do Sul, primeiro contra Rosas, depois na Campanha do Uruguai e, em seguida, contra Solano Lopes. Neste contexto, participou da Campanha de 1851-52 e da Guerra da Tríplice Aliança, contribuindo assim, decisivamente, para a fixação das fronteiras brasileiras neste extremo sul do país. Em 2 de agosto de 1851, já confirmado no posto de Alferes, passou a per-

tencer ao 1º Regimento de Artilharia a Cavalos.

Foi Promovido, a 30Abr1852, ao posto de 1º Tenente, e a Capitão a 02Dez1856. Nomeado Major em Comissão, assistiu à rendição dos paraguaios na cidade de Uruguaiana, em 18 de setembro de 1865.

Em 22 de janeiro de 1866, foi promovido a Major (efetivo) e, por decreto de 8 de janeiro de 1868, a Tenente-Coronel, ambas as promoções por merecimento. Em 20 de fevereiro de 1869, foi promovido a Coronel por atos de bravura.

Promovido a Brigadeiro a 9 de agosto de 1879 foi nomeado, a 16 deste mês, Comandante da Fronteira de Santana do Livramento e Guarnição de São Gabriel, na Província do Rio Grande do Sul.

Em 13 de janeiro de 1883, foi nomeado Presidente da Província de Mato Grosso, e a Comandante das Armas dessa província, a 19 do referido mês.

Alcançou o posto de Marechal a 3 de março de 1892.

Foi agraciado com as seguintes condecorações: Grã-Cruz da Imperial Ordem de São Bento de Aviz; Oficial da Imperial Ordem do Cruzeiro; Comendador da Imperial Ordem da Rosa; Medalha da Campanha do Uruguai 1851-52; Medalha da Rendição em Uruguaiana; Medalha da Batalha de Jataí; Medalha do Mérito Militar e Medalha Geral da Campanha do Paraguai, com passador de ouro nº 5, concedida aos poucos militares que participaram daquela guerra, sem qualquer interrupção, durante os cinco anos de duração da mesma.

Por decreto de 8 de abril de 1879, foi-lhe concedido o título de Barão e, por decreto de 28 de agosto de 1889, Barão com Grandeza (de Batovy).

Quando da Revolução Federalista de 1893-95, triste luta fratricida, que no dizer de Glauco Carneiro *“Foi a guerra maldita, que muitos consideram, até a simples menção, desaconselhável para as atuais gerações”*, o Barão de Batovy, já velho, é afastado da política, tachado de “perigoso monarquista”. Foi sumariamente fuzilado na Fortaleza de Anható-Mirim, em Santa Catarina, no dia 25 Abr 1894.

É Patrono do 19º Grupo de Artilharia de Campanha pelo Decreto nº 665, de 25 de outubro de 1996 (BE 43/96, de 25/Out/96) (Extraído da Revista do 19º GAC /97).

CANÇÃO DO 19º GAC

Letra: Cel Cav Rubem de Sá Padilha

Arranjo: St Mus João Batista Soares Sobrinho

Berço nobre de altivos soldados
imbatível trincheira de obuseiros
O teu nome nasceu emoldurado
Na coragem sem fim dos artilheiros

Se não fosse o canhão da Artilharia
Não chegava a vanguarda nossa fé
Que se eleva no mastro da ousadia
Com apoio dos fogos de Mallet

A potência do fogo em largo espaço
Deixa um rastro de luz que nos comove
O Brasil mostra a força do seu braço
Quando ruga o canhão do dezenove

De Santa Bárbara tornei-me um ser amado
Defendendo o Brasil com valentia
Meu caminho no fogo foi traçado
Conduzindo a missão da Artilharia

Meu Quartel lembra a história do Rio Grande
Quando a peça de fogo brada forte
E o gigante que existe em mim se expande
Desafiando de frente a própria morte.

GENEALOGIA DO 19º GAC

- 1) 16º Grupo de Artilharia a Cavallo, Uruguaiana, RS, criado em 1908 e organizado em 1911;
- 2) 1º Grupo de Artilharia a Cavallo, Itaqui-RS/1919, Itaqui-RS/1926;
- 3) 1ª/1º Grupo de Artilharia a Cavallo, Itaqui, RS/1934;
- 4) 1ª/1º Regimento de Artilharia de Divisão de Cavalaria, San-

tiago, RS, criado em 1938, organizado em 1942;
 5) 2º Grupo de Artilharia a Cavalo, Santiago, RS/1946;
 6) 2º Grupo de Artilharia a Cavalo, Santiago, RS/1946;
 7) 2º Grupo de Artilharia 75 a Cavalo, Santiago, RS/1955;
 8) 19º Grupo de Artilharia de Campanha, Santiago, RS/1969.
 Obs: A Denominação História e o Estandarte Histórico do Grupo Barão de Batovy foram-lhe concedidos pela Portaria nº 665, de 25 de outubro de 1996.

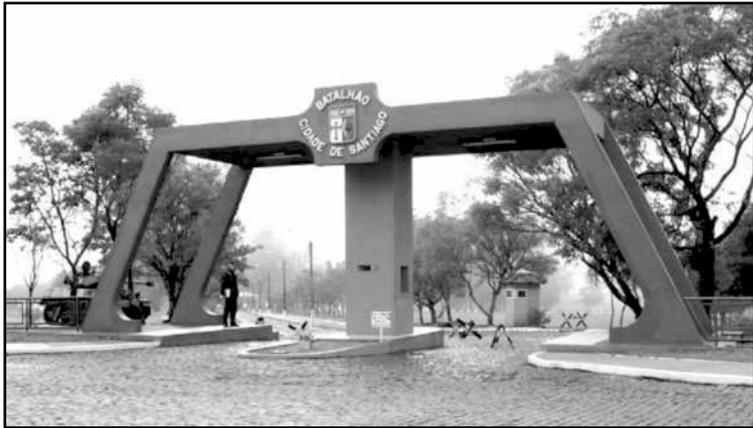
COMANDANTES DO GRUPO BARÃO DE BATOVY

Maj Oscar Gomes do Amaral	08Dez42 a 24Abr44;
Maj Henrique Marcos Rabelo de Mello ...	24Abr44 a 31Out46;
Ten Cel Oscar Gomes do Amaral	11Fev47 a 07Fev49;
Ten Cel Agostinho Pereira Alves Filho....	10Dez49 a 24Fev51;
Ten Cel José Anchieta Paz.....	11Jan52 a 26Fev53;
Ten Cel Josué Favalli	13Ago53 a 25Fev54;
Cel Lindolpho Ferraz Filho	13Jun55 a 29Fev56;
Ten Cel Moacyr Gaya.....	19Fev a 25 Out 57;
Ten Cel Odílio de Magalhães	02Dez57 a 21Ago60;
Ten Cel Celso dos Santos Meyer	23Fev62 a 02Mai63;
Ten Cel Geraldo de Mendonça Motta.....	19Mai64 a 13Jul66;
Ten Cel Newton Virgílio de Carvalho.....	03Out66 a 21Jan69;
Cel José Luiz de Mello Campos.....	13Mar69 a 15Mar71;
Cel Iônio Portella Ferreira Alves.....	03Abr a 13Jul71;
Cel José de Escobar Beviláqua.....	14Dez71 a 28Fev74;
Ten Cel Willy Seixas.....	10Set74 a 21Mai75;
Cel Paulo Lafayette Bezerra.....	05Jul75 a 18Jan78;
Cel Roberto de Souza Parentoni.....	18Jan78 a 31Jan80;
Cel Francisco de Oliveira	31Jan80 a 02Fev82;
Cel Agnelo Costa Cruz	02Fev82 a 02Fev84;
Cel Eduardo Monnerat S. de Pontes.....	02Fev84 a 04Fev86;
Cel Itacir Fortes Avena	04Fev86 a 23Fev88;
Cel Luiz Fernando Lara	23Fev88 a 29Jan90;
Cel Vilson Kuyven	29Jan90 a 31Jan92;
Cel Luiz Lima da Costa	31Jan92 a 25Jan94;
Cel João Leri de Araújo Soares.....	25Jan94 a 25Jan96;
Cel Francisco Assis Farias Filho	25Jan96 a 25Jan98;

Cel José Eugênio Kopp Jantsch..... 26Jan98 a 24Jan00;
Cel Antônio Fernando Rosa Dini 24Jan00 a 23Jan02;
Ten Cel Sebastião Vitalino da Silva..... 23Jan02 a 21Jan04;
Cel Amauri Fernandes Júnior 21Jan04 a 03Fev06;
Ten Cel Elson Soares Teixeira..... 03Fev06 a 09Jan08;
Ten Cel Jacintho Maia Neto..... 09Jan08 a 07Jan10;
Ten Cel Robson dos Santos Carvalho..... 07Jan10 (atual).
(extraído do site do 19º GAC: www.19gac.eb.mil.br)

9º Batalhão Logístico

“BATALHÃO CIDADE DE SANTIAGO”



O atual 9º BATALHÃO LOGÍSTICO - “BATALHÃO CIDADE DE SANTIAGO”, teve sua origem na transformação do 4º Regimento de Cavalaria (1948, Santiago-RS) e da 1ª Companhia Média de Manutenção (1944, Santo Ângelo-RS), de conformidade com sua organização inicial, pela Port Min Res nº 023, de 10 de julho de 1973, tendo sua instalação na cidade de Santiago-RS, pela Port Min nº 029, de 16 de maio de 1974, permanecendo naquela guarnição, ocupando as instalações da antiga 1ª Cia Média de Manutenção, sendo-lhe concedida, nesta data, sua autonomia

administrativa.

O histórico desta Unidade de apoio logístico, está íntimamente ligada à história do atual 1º RC Mec, por ser também, aquela OM de cavalaria, oriunda do 4º Regimento de Cavalaria, até o ano de 1948.

Conforme a cronologia histórica da Unidade, a mesma participou dos seguintes movimentos:

1811 - Fez parte do Exército Pacificador da Banda Oriental do Uruguai, como Legião de Cavaleiros Voluntários;

1825 – Participa do Combate de Sarandi, na Campanha Cisplatina;

1835 – Participa da Revolução Farroupilha;

1893/95 – Participa da Revolução Federalista

1930 - Participou da Revolução de 1930 no Destacamento de Amaral Peixoto.

1961 – Participa da Campanha da Legalidade.

Sua denominação histórica de “BATALHÃO CIDADE DE SANTIAGO”, uma justa homenagem a esta cidade, veio a ser concedida em 22 de novembro de 1997.

A Portaria nº 887, de 03 de novembro de 1997, concedeu-lhe o Estandarte histórico.

CANÇÃO DA UNIDADE

(Aprovada pela Port nº 002/SGEX, de 12Jan93.

Letra/Música do Cel Cav Rubem de Sá Padilha

Arranjo do ST João Batista Soares Sobrinho

Apoiando, na guerra, sem temores
Da morte que nos ronda amiúde;
Irmanados na tradição das três cores:
O rubro-sangue da cruz da saúde,
Amarelo-ouro do acanto,
O cinza-aço dos canhões cruzados,
Cantando, sempre, este nosso canto
De soldados pela pátria inspirados.

Estrilho:

Avante, combatente logístico,
Empunha firme a bandeira Tricolor,
Carrega n'alma toda esta emoção,
De pertencer ao nono batalhão! urrah!
Elite que se inspira no dístico:
"Pronto servir, seja onde for e com ardor",
Procura nela toda tua emulação
Leva contigo toda esta vibração!

No barulho de nossas oficinas
No surdo roncar de nossos motores,
Arrostamos o inverno nas colinas
Ou no verão, um sol de mil fulgores,
E um silêncio sublime operando,
Estradas destes pampas percorrendo,
Dentro da noite sempre trabalhando,
Transportando, suprimdo ou socorrendo.

Estrilho:

Batalhão, sempre pronto, lá na frente,
Lutando ao lado da cavalaria,
Esperança és daquela brava gente
E a certeza de um novo dia.
Se na vitória tu és esquecido,
E no revés, porém, sempre lembrado,
O que importa é o dever cumprido,
Verdadeira consciência do soldado.

(Repetir assoviando)

COMANDANTES DO BATALHÃO CIDADE DE SANTIAGO

Ten Cel Cav Álvaro Maciel G. Pinto01Jan74 a 18Jul75;
Cel Cav Jairo Goes Lobo Viana 18Jul75 a 23Jan78;
Ten Cel Afonso de Moura Fé23Jan78 a 31Jan80;
Cel Art João Buvalovas Júnior..... 31Jan80 a 02Fev82;
Cel Art José Bernardino S. da Costa 02Fev82 a 02Fev84;

Gel Art Márcio Augusto L. Cunha 02Fev84 a 05Fev86;
 Cel Art Carlos Humberto F. Souto 05Fev86 a 05Fev88;
 Cel Cav Humberto de Sá Padilha..... 05Fev88 a 30Jan91;
 Cel Cav Antônio Pereira de J. Sobrinho...30Jan91 a 29Jan93;
 Cel Art Francisco Assis Farias Filho29Jan93 a 27Jan95;
 Cel Cav Alexandre de Mello Vaz27Jan95 a 28Jan97;
 Ten Cel MBFábio José Almeida.....28Jan97 a 18Jan99;
 Ten Cel Art Jorge Luiz Titonelli Pinto18Jan99 a 25Jan01;
 Cel Cav Paulo Roberto Ribas Flores.....25Jan01 a 29Jan03;
 Cel Inf Luiz Quintino M. de Figueiredo29Jan03 a 27Jan05;
 Cel Eng Guilherme José do N. Filho27Jan05 a 19Jan07;
 Cel Com Jorge Luiz da Silva19Jan07 a 07Jan09;
 Ten Cel Art Washington Brandão V. Júnior..... 07Jan09 (atual).

11ª Companhia de Comunicações Mecanizada – Santiago



Em pleno desenrolar da 2ª Grande Guerra, a 6 de outubro de 1942, por Decreto Lei nº 4.793, nasce a 1ª COMPANHIA MONTADA DE TRANSMISSÕES, que instalar-se-ia na área da 3ª Região Militar, na então cidade de Santiago do Boqueirão, no estado do RS.

Formada com efetivos do Rio de Janeiro, embarcou com

seu material no dia 16 de janeiro de 1943, na estação Alfredo Maia, da estrada de Ferro Central do Brasil, ao comando do então Capitão EBENEZER CABRAL DE MELLO, deixando a sua sede provisória na cidade do Rio de Janeiro.

Após uma viagem que durou sete dias, deu-se a chegada da Companhia à Santiago, no dia 23 de janeiro. Acampada, e ocupando várias instalações cedidas da cidade, alojou seu pessoal e guardou seu material.

No dia 11 Abr 1944, após construídos sete pavilhões no terreno doado pela Prefeitura à Companhia, ocupou o aquartelamento, que até os dias de hoje a abriga.

Teve ainda outra designação, antes da atual quando, a 1º de julho de 1946, passou a chamar-se 11ª COMPANHIA DE TRANSMISSÕES, quando então, em 03 de fevereiro de 1953, foi designada 11ª COMPANHIA DE COMUNICAÇÕES.

Durante todo o seu convívio dentro da comunidade de Santiago, colaborou com o desenvolvimento da cidade, mantendo estreitos laços de amizade e cooperação, confundindo-se mesmo com seu cotidiano numa perfeita integração civil e militar. Como uma das suas inúmeras contribuições no desenvolvimento da região, deve-se citar a construção da linha telefônica de São Pedro do Sul a Santiago, concluída em 1958, após quase um ano de trabalhos exaustivos.

Em sua existência, a Companhia passou por momentos de rara emoção, como a despedida que proporcionou em 26 de janeiro de 1945, quando partiram para os campos da Itália, junto com a FEB, os pracinhas desta OM:

- 2º Sargento HOLIDINO ANTÔNIO BABY;
- Cabo JORGE GROTA CARRETERO;
- Soldado JUVÊNCIO COSTA; e
- Soldado FRANCELINO DOS SANTOS.

Como Unidade de apoio de comunicações, integrante da 1ª Divisão de Cavalaria, participou ativamente, em prol da sua Grande Unidade, tanto em grandes manobras, como as do 3º Exército, em novembro de 1967, na Região da Coudelaria de Saicã e a Divisionária em Tenente Portela e Três Passos, nos idos de outubro de 1970, como em cumprimento de outras

missões tal qual a ocorrida em setembro de 1961, quando recebeu ordens de deslocar-se para a área de CASTRO - Ponta Grossa, cumprindo ordens superiores.

A curta história da 11ª COMPANHIA DE COMUNICAÇÕES mostra o valor dos seus sucessivos integrantes, que elevaram no passado e comprovam no presente o lema maior da Arma de Comunicações, o de “SEMPRE SERVIR”.

Através da Portaria nº 503, de 08Jul2005, o Cmt do EB resolveu alterar a denominação da 11ª Cia Com para 11ª Companhia de Comunicações Mecanizada, conforme publicado no Boletim do Exército nº 28, de 15Jul05.

COMANDANTES DA 11ª CIA COM MEC

Cap Eng Ebenezer Cabral de Mello	11Nov a 05Ago44;
Cap Eng Alberto Garcez Duarte	23Nov a 44Abr46;
Cap Eng Odilon dos Santos Wallbach	14Abr a 22Fev49;
Cap Eng Elói Franco	07Ago a 12Set51;
Cap Eng Breno de Castro	15Mai a 22Set53;
Cap Eng Jefferson Bastos	23Dez54 a 07Fev56;
Cap Eng Jorge de Campos Chaves	12Mai56 a 30Set57;
Cap Eng Pedro Valdir de Alcântara	10Jan58 a 23 Jan60;
Cap Eng Jairo Antônio Machado	23Jan60 a 27Fev64;
Cap Eng Airton de Mattos	27Fev a 09Set64;
Cap Com Max Braschke	12Fev65 a 27Mai66;
Cap Inf Paulo Schwingel	23Jun66 a 10Abr67;
Cap Com Tibúrcio Geraldo A. Ribeiro	24Out67 a 04Mar69;
Cap Com Jair dos Santos Nogueira	04Mar69 a 07Fev70;
Cap Com Gilson Fernandes	11Jun70 a 05Mar74;
Cap Com Celso José Santos da Cunha	05Mar74 a 07Jan76;
Cap Com Jair dos Santos Nogueira	30Jan77 a 01Mar79;
Cap Com Henrique Mühlbauer	22Mar79 a 22Jan81;
Maj Com Plinto Oliveira da Rosa	23Fev81 a 25Jan84;
Maj Com Otto Hallwass	25Jan84 a 28Jan86;
Maj Com Luiz Carlos Ramirez	28Jan86 a 28Jan88;
Maj Com Fernando B. de Lima Peres	28Jan88 a 29Jan 91;
Maj Com Antônio Carlos Izolan	30Jan91 a 29Jan93;
Maj Com Sérgio Luiz Réchia	30Jan93 a 30Jan96;

Maj Com Francisco A. do A. Brathwaite ... 31Jan96 a 19Jan98;
Cap Com Gilmar José de Melo Barros..... 20Jan98 a 25Jan01;
Cap Com Marcelo de Britto Mariath 25Jan01 a 29Jan03;
Maj Com Marcus Vinícius B. Medeiros..... 30Jan03 a 25Jan05;
Maj Com Ronaldo Fidélis Machado..... 26Jan05 a 11Jan07;
Maj Com Luciano Barros de Andrade..... 11Jan07 a 07Jan09;
Cap Com Marcelo Ferraz dos Reis 07Jan09 (atual);

1ª Companhia de Engenharia de Combate Mecanizada



A 1ª COMPANHIA DE ENGENHARIA DE COMBATE MECANIZADA foi criada pela Port Min nº 083-Res, de 19 de dezembro de 1985, na cidade de São Borja, RS, vindo a ocupar as instalações do antigo aquartelamento do 26º Grupo de Artilharia de Campanha, que foram construídas em 1944.

Em 19 de dezembro de 1997, a Companhia recebeu o Estandarte histórico e a denominação de “COMPANHIA SOUZA DOCCA”, concedido pela Port Min nº 749, de 22 de setembro de 1997.

Durante todo esse período desempenhou, de forma brilhante, todas as missões a ela atribuídas. Atualmente, possui materiais modernos e viaturas em excelentes condições de uso, o que possibilita a esta OM continuar cumprindo com as suas tarefas, recebidas do escalão superior.

PATRONO DA 1ª CIA ENG CMB MEC

JOSÉ FERNANDES DE SOUZA DOCCA, o Patrono da 1ª Companhia de Engenharia de Combate Mecanizado, teve como berço São Borja, quando em 1812, nasceu naquela cidade. Seus pais foram José Cardoso de Souza e Gertrudes Francisca Fernandes Lima. Sua carreira militar teve início na Guarda Nacional da Província do RGS, quando veio a ter, ainda como Alferes, o cognome altissonante que lhe acompanharia para sempre, pelo fato brilhante que se passou quando aprisionou uma pequena embarcação denominada “DOCCA”, e ficou sendo conhecido por essa antonomásia, a qual adotou mais tarde como sobrenome.

Essa alcunha se tornou tão conhecida que, pela campanha de 1851/52, já aparecia nas Ordens do Dia tendo, em 1844, no combate dos Espinheiros, durante a Revolução Farroupilha, se destacado, o que prova a parte de combate do Gen João Propício Menna Barreto à Caxias, onde o mesmo participa, das várias táticas, a atuação da vanguarda, que era *“comandada pelo valoroso Tenente Docca”*, e encerra ainda, enaltecendo sua *“...brava atuação. O valente Tenente José Fernandes de Souza, que seguiu na frente com aqueles bravos, todos do 4º Corpo, não trepidou de carregar sobre aqueles inimigos”*.

A 28 de dezembro de 1842, foi promovido ao primeiro posto, sendo designado para o 4º Corpo de Cavalaria, conforme a Ordem do Dia nº 13, de 3 de Janeiro de 1841. Sua ascensão ao posto de Capitão, a teve como justa recompensa, pela brilhante atuação no combate dos Espi-

nilhos, próximo ao arroio Guapitangui onde, no comando de uma vanguarda do destacamento do Cel João Propício Menna Barreto, combateu a vanguarda do chefe farraço Jacinto Gomes da Luz que, devido a fortes cargas, comandadas por Souza Docca, essa força foi forçada a ingressar no Uruguai, deixando vários mortos, armamento e cavalos. Sua ação foi de grande destaque, sendo em consequência, promovido ao posto de capitão em Dez de 1844. Em sua ordem do Dia nº 173, assim Caxias se expressou, sobre a atuação do nosso biografado: *“Era o testemunho dos sentimentos da justiça com que avalia e reputa seu mérito sobressalente”*.

Após a pacificação da Revolução Farroupilha continuou Souza Docca no 4º Corpo de Cavalaria sendo, até 1848, destacado na fronteira do Quaraí.

Em 1864, tendo sido mobilizado para a Guarda Nacional de São Borja, é designado para a fiscalização do 22º Corpo Provisório de Cavalaria, agora já no posto de Major.

Quando irrompeu a Guerra do Paraguai, em 1865, as ações paraguaias tiveram, como primeiro palco da invasão do RS, a cidade de São Borja, na época apenas uma vila, muito mal guarnecida que, mesmo assim, soube fazer frente a tão grande Exército invasor, o qual estava sob o comando do Ten Cel Antônio de La Cruz Estigarribia. Nesse primeiro confronto, Souza Docca teve atuação na Companhia do 22º Corpo Provisório, comandada pelo Major Rodrigues Ramos. Porém, perante o efetivo de 3.000 paraguaios que cruzavam o velho rio Uruguai, não era possível fazer frente mas, mesmo assim, houve forte engajamento de lances heróicos pelos flancos do inimigo. Teve Souza Docca destacada atuação nessa refrega, sendo citado várias vezes pelo seu comandante, o que prova a atuação daquele memorável dia 1º, que ficou célebre com suas temerárias cargas, onde podemos citar as palavras de Euduro Berlink: *“Flanqueava o Batalhão o bravo Major Docca, à frente de 32 destemidos*

lanceiros. O bravo Docca carregou sobre a ala direita do inimigo e o Batalhão sobre o centro, recebendo, em distância de 140 braças, uma descarga de artilharia e o fogo de uma linha de perto de 6.000 homens". Notamos aí o aumento de soldados paraguaios que aos poucos vadeavam o Rio Uruguai.

Após retirar as famílias de São Borja, sendo impossível fazer frente ao inimigo tão numeroso, vamos encontrar Souza Docca atuando bravamente no combate do Butuí, a 26 de junho de 1865 onde, batendo-se valentemente com o seu 22º Corpo Provisório da Guarda Nacional, consegue pôr a correr para os banhados grande número de paraguaios. Com a 1º Brigada Ligeira flanqueou o inimigo até a Vila de Uruguaiana quando, a 18 de setembro presenciou, finalmente, a rendição de Estigarríbia naquela praça. Após a retomada da vila de Uruguaiana foi designado para São Borja, ao comando do Barão de Porto Alegre, com a missão de cobrir nossa fronteira, prestar socorro às forças aliadas e atrair a atenção das forças paraguaias pelo lado de Itapuã.

Em 14 de março de 1867, foi promovido a Tenente-Coronel, sendo designado para o 25º Corpo de Cavalaria, quando transpõe o rio Uruguai rumo ao teatro de guerra. Tomou parte nos combates de Pare-Cuê (3/10/1867) e Tatajibá (21/10/1867). No início desse ano foi transferido para o 20º Corpo Provisório de Cavalaria, onde permaneceu até o fim da guerra. A 15 de julho, vem a tomar parte do assalto do Passo Benitez, sendo elogiado em Ordem do Dia nº 237, de Caxias. Participou do ataque de Humaitá (16Jul), do assalto ao reduto do Passo Real, no Tibiquirí (16 Jul), da Batalha de Itororó e da Batalha do Avaí, comandando a 8º Brigada de Cavalaria.

No ataque à posição de Piquicirí (21/12/1869) vem a ser ferido, continuando a combater, no entretanto, até a tomada daquelas posições. Ainda em dezembro, a 27, toma parte no ataque às posições de Itá-Ibaté. Por Decreto de 20 de fevereiro de 1869, foi-lhe concedida a Me-

dalha do Mérito Militar, vindo a ser promovido ao posto de Coronel pela Ordem do Dia nº 34.

Terminada a Guerra do Paraguai, após haver participado de quase todos os combates, em junho de 1870 retorna Souza Docca, e acampa na cidade de São Borja até 23Ago, quando então o glorioso 20º Corpo de Cavalaria foi dissolvido.

Pelo Decreto de 22 de Junho de 1870, pelos relevantes serviços prestados, foram-lhe concedidas as honras de Coronel do Exército. Cessando as atividades militares, vem o nosso biografado a se dedicar aos labores de sua estância no Camaquã, no município de São Borja.

Era então o Cel José Fernandes de Souza Docca, Comendador Imperial da Ordem da Rosa, Oficial da Ordem do Cruzeiro, condecorado com a Medalha de Prata da Campanha do Estado Oriental do Uruguai, com a Medalha de Ouro comemorativa à Retomada de Uruguiana e Medalha do Mérito Militar.

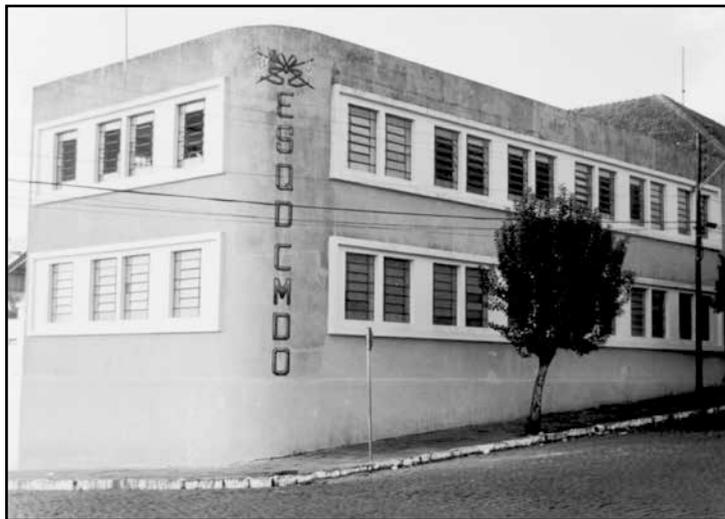
Nosso ilustre patrono vem a falecer a 12Out1893, sendo sepultado em terras de sua propriedade, no pequeno cemitério próximo ao porto da barca, em Camaquã.

Eis Souza Docca - o Patrono da 1ª Cia Eng Cmb Mec.

COMANDANTES DA COMPANHIA SOUZA DOCCA

Maj Irineu Pasini 01Jan87 a 30Abr89;
Maj Nestor Carmelo Ranieri 30Abr89 a 29Jan91;
Maj Mário Shioso Ossugui 29Jan91 a 28Jan93;
Maj José Florindo Donadello 28Jan93 a 26Jan95;
Cap Paulo César Santos Campos 26Jan95 a 30Jan97;
Maj Adalberto Costa da Silva 30Jan97 a 19Jan00;
Maj Jorge Henrique Couto Souto Maior ... 19Jan00 a 16Jan03;
Maj Ivan Mendes de Freitas Júnior 17Jan03 a 20Jan05;
Maj Luiz Cláudio Patrício de Lima 20Jan05 a 18Jan07;
Maj Gláucio Érico de Almeida Silva 19Jan07 a 08Jan09;
Maj Cícero Ubiratan de Oliveira Santos 09Jan09 (atual).

Esquadrão de Comando da 1ª Bda C Mec



A origem do Esqd Cmdo/1ª Bda C Mec nos faz retornar até a longínqua data de 21 Fev 1922 quando, na cidade de São Borja-RS, com a criação da 1ª Divisão de Cavalaria, foi formado um efetivo de apoio, com a denominação de Escolta de Ordenanças tendo por missão principal apoiar o Comando Divisionário.

Sua história na Terra dos Poetas começa no ano de 1926, quando da instalação da 1ª Divisão de Cavalaria na cidade de Santiago, primeiramente no aquartelamento do 1º RCI, depois em prédio alugado, até que em 25 Ago 1935 se instala no atual prédio do Quartel General.

Ao longo de sua história recebeu as denominações de Núcleo Efetivo do QG/1ª DC, Efetivo Orgânico do QG/1ª DC, Contingente do QG/1ª DC, Companhia do QG/1ª DC, Esquadrão do QG/1ª DC, até que em 10Jul1973, através da Port Min nº 023-Res, era extinta a 1ª Divisão de Cavalaria e criada a 1ª BdaCMec, e em conseqüência, extinto o Esqd do QG/1ª DC e criado o Esqd Cmdo/1ª BdaC Mec.

Face a todas as modernizações ocorridas desde sua criação, o Esqrd Cmdo acha-se hoje subdividido em Secção de Comando, Pelotão de Comando, Pelotão de Administração, Pelotão de Segurança, Pelotão de Manutenção e Efetivo Extra-QO (Fanfarra, Rede de Comando de Área, Estação Rádio RS/33, Seção de Informática, Seção de Serviços Gerais, Posto de Identificação, Grupo de Operações, Hotel de Trânsito e Campo de Instrução) e mantém a missão de apoiar em pessoal e material o Cmdo/1ª Bda C Mec e prover sua segurança, desincumbindo-se das missões recebidas e permanecendo em condições de bem cumprir qualquer determinação do Escalão Superior, única razão da satisfação profissional de seus integrantes.

Ao longo de sua história, teve muitos de seus integrantes tomando parte em acontecimentos de vulto nacional e internacional, como na Revolução Constitucionalista de 1932, na Força Expedicionária Brasileira (FEB), nos movimentos revolucionários de 1961 e 1964 e nas missões de paz em Angola (COBRAVEM) e no Haiti (MINUSTAH).

Apesar de possuir instalações e efetivo reduzido, frente às demais Unidades da 1ª Bda C Mec, o Esqrd Cmdo acha-se integrado à Comunidade Santiaguense, constituindo-se num baluarte em defesa da ordem interna, motivo pelo qual os seus integrantes têm cumprido de forma eficaz e integral às diversas missões a si atribuídas.

COMANDANTES DO ESQUADRÃO DE COMANDO DA 1ª BDA C MEC

Cap Francisco de Mello N. Netto..... 14Fev74 a 16Jan75;
Cap Paulo Robeto da Silva Gomes..... 24Abr75 a 14Jan76;
Cap Selmo Crivochein..... 14Jan76 a 19Jan79;
Cap Gilberto Colpo Durgante 10Abr79 a 13Jan82;
Cap Selmo Crivochein..... 01Mar82 a 19Set83;

Cap Adélio Damião Missaggia.....17Out83 a 26Jan87;
 Cap Ignácio Dorval Mello Lopes..... 16Fev87 a 14Jan91;
 Maj Carlos Roberto C. de Oliveira.....04Abr91 a 29Jan93;
 Maj Ângelo Bello Butrus29Jan93 a 30Jan95;
 Cap Paulo Sérgio Felipe Alves30Jan95 a 19Jan98;
 Cap César Lucius Mattos Bessa19Jan98 a 26Jan01;
 Maj José Leocádio da Silva Júnior.....26Jan01 a 22Jan04;
 Maj Ricardo de Castro Troviso22Jan04 a 13Jan06;
 Maj Saul Marques Machado Júnior13Jan06 a 07Jan08;
 Maj Emerson Soares Pereira07Jan08 a 04Dez10;
 Cap Evaldo Fortunato Campos04Dez 10 (atual).

CANÇÃO DO ESQD C CMDO DA 1ª BDA C MEC

Letra do Cabo João batista dos Santos

Música do 3º Sgt Mus Mário Jorge da Silva

Somos nobres companheiros do Esquadrão
 Nossa história remonta a idos tempos
 De um passado repleto d'emoção
 Na memória dos soldados denodados
 Que no núcleo do Quartel General,
 Apoiaram a 1ª Divisão

Esquadrão de Comando
 Avante a cumprir tua missão

Estrilho Com pujança, apoiando o Comando da Brigada
 Na defesa eterna desta chão!

Trabalhem e marchemos sempre firmes
 Nunca esmorecendo nossa confiança
 Na missão buscaremos a vitória,
 Apoiando com pessoal e material,
 Na ordem preservando a segurança
 No caminho de triunfo e de glória!

Estrilho

1º Pelotão de Polícia do Exército



Com a extinção da 1ª Divisão de Cavalaria e criação da 1ª Bda C Mec, em 09 Out 1974, houve a transformação do 1º Pelotão do 1º Esquadrão de Veterinária em 1º Pelotão de Polícia do Exército, através da Port Min nº 064-Res, o qual teve sua organização concretizada em 1º de Janeiro de 1975, recebendo sua primeira incorporação de conscritos.

A finalidade do 1º Pel PE é manter a disciplina, fazer cumprir as ordens e regulamentos militares, prevenir o crime, efetuar investigações, segurança ostensiva e/ou velada de autoridades, na área sob jurisdição da 1ª Bda C Mec. O Pel PE também é apto a custodiar e administrar presos militares, controlar trânsito, prender desertores e prisioneiros foragidos, promover segurança das instalações e combater como Infantaria, quando a situação assim o exigir. Para isso, seu efetivo recebe instrução especial que compreende desde a ginástica comum à defesa pessoal, e instruções técnicas de Investigação Criminal e Policiamento de Trânsito e Pessoal. Está instalado no mesmo aquartelamento da 1ª Bda C Mec.

COMANDANTES DO 1º PEL PE

2º Ten Carlos Alberto A. Trindade.....	01Abr76 a 29Jan81;
2º Ten Edson Dorini.....	30Jan81 a 01Jul82;
2º Ten Gilmar Rosso.....	01Jul82 a 08Fev83;
1º Ten Júlio da Rosa Bittencourt	08Fev83 a 14Jan91;
1º Ten Paulo Ricardo de Mattos	14Mai91 a 28Jan94;
1º Ten Edson Luiz Michelin	30Jan94 a 31Mai97;
1º Ten José Henrique Weber.....	31Mai97 a 04Mar98;
2º Ten Luciano de Oliveira.....	04Mar98 a 27Fev04;
2º Ten Felipe de Mello Disconsi	23Jun04 (atual).

Obs: nos períodos vagos o Pel PE foi comandado interinamente.



DADOS DA AHIMTB E INTRGS E DOS AUTORES

Academia de História Militar Terrestre do Brasil

Foi fundada em Resende em 01 Mar 1996, data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. A Academia de História Militar Terrestre do Brasil destina-se a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil, Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares (Polícias e Bombeiros militares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento). A novel entidade, com sede e foro em Resende, mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres assinalados, por vezes também ilustres chefes militares, como os marechais José Bernardino Bormann, José Pessoa, Leitão de Carvalho, Mascarenhas de Moraes, Castelo Branco e generais Tasso Fragozo, Alfredo Souto Malan e Aurélio de Lyra Tavares. Foram

consagrados em vida como patronos de cadeiras, em razão de notáveis serviços prestados à História Militar Terrestre do Brasil, os generais A. de Lyra Tavares (falecido), Jonas de Moraes Correia (falecido), Francisco de Paula Azevedo Pondé (falecido), Severino Sombra, o Almirante Hélio Leôncio Martins e os coronéis Francisco Ruas Santos, Jarbas Passarinho e Hélio Moro Mariante, este da Brigada Militar/RGS. Figuram como patronos os civis Barão do Rio Branco, Dr. Eugênio Vilhena de Moraes, Gustavo Barroso, Pedro Calmon e José Antônio Gonsalves de Melo, pelas contribuições assinaladas à História Militar Terrestre do Brasil. A Academia, uma ONG, tem como 1º presidente de Honra o Comandante do Exército, 2º Presidente de Honra o Chefe do Departamento de Ensino e Pesquisa; 3º Presidente de Honra o Cmt da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e 4º o Cel Antônio Esteves, Presidente das Faculdades Dom Bosco. Entre os fatores da escolha de Resende, ressalta ser a AMAN a maior consumidora de assuntos de História Militar, que ministra curricularmente a seus cadetes nos 2º, 3º e 4º anos, através de sua cadeira de História Militar, o único núcleo contínuo e dinâmico de estudo e ensino de História Militar no Brasil.

A primeira posse como acadêmico foi a do Gen Carlos de Meira Mattos, na cadeira marechal J. B. Mascarenhas de Moraes. Aos dois muito se deve pela preservação da Memória da Força Expedicionária Brasileira. A segunda posse como acadêmico foi a do Gen Plínio Pitaluga e logo na 1ª oportunidade o Gen Ex Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira, distinguindo assim chefes que combateram na FEB. A Academia participou de 23-25Set1997 de Seminário Comemorativo da Guerra de Canudos na Câmara Federal e em 25Set, na Globo News, sobre o mesmo tema, defendendo a participação das Forças Terrestres no Trágico Episódio que, via de regra, vinha sendo deturpada, quando em realidade a responsabilidade moral e política foi da Sociedade Civil da época que ordenou a destruição de Canudos. A Academia possui como órgão de divulgação o jornal O GUARARAPES, já no seu nº 60 (1º trim/2009) que é dirigido a especialistas no assunto e a autoridades com

responsabilidade de Estado pelo desenvolvimento deste assunto de importância estratégica por gerador da perspectiva e identidade históricas das Forças Terrestres do Brasil e, principalmente pelo desenvolvimento de suas doutrinas militares. Divulgação que potencializa através de seu site www.ahimtb.org.br, o pioneiro entre as entidades do gênero no Brasil, onde implantou vários livros e artigos, tais como As batalhas dos Guararapes, relacionado com o Dia do Exército, e Caxias e a Unidade Nacional, relacionado com o Dia do Soldado. E irá procurar, de futuro, explorar mais este meio de comunicação.

A Academia desenvolve seu trabalho em duas dimensões: a 1ª, a clássica, como instrumento de aprendizagem em Arte Militar, com vistas ao melhor desempenho constitucional das Forças Terrestres, com apoio em suas experiências passadas, etc. A 2ª, com vistas a isolar os mecanismos geradores de confrontos bélicos externos e internos para que, colocados à disposição das lideranças civis estas evitem futuros confrontos bélicos com todo o seu rosário de graves consequências para a Sociedade Civil Brasileira.

A Academia dá especial atenção à Juventude masculina e feminina que estuda nos sistemas de ensino das Forças Terrestres Brasileiras, com vistas a promover encontro dela com as velhas gerações e com as atuais, de historiadores militares terrestres e soldados terrestres e, além disso, tentar despertar no turbilhão da hora presente, no insondável 3º milênio, novas gerações de historiadores militares terrestres, especialidade hoje em vias de extinção por falta de apoio e, sobretudo, estímulo editorial. Constatar é obra de simples raciocínio e verificação! É assunto que merece, salvo melhor juízo, séria reflexão de parte de lideranças das Forças Terrestres com responsabilidade funcional de desenvolver a identidade e perspectiva históricas das mesmas e, além disso, as suas doutrinas militares expressivamente nacionalizadas, calcadas na criatividade de seus quadros e em suas experiências históricas bem sucedidas, o que se impõe a uma grande nação, potência, ou grande potência do 3º Milênio. No desempenho de sua proposta ela vem realizando sessões solenes junto à

juventude militar terrestre brasileira, a par de posses de novos acadêmicos do Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Polícias e Bombeiros Militares, que vem mobilizando e integrando em sua cruzada cultural e centralizando subsídios em seu Centro de Informações de História Militar Terrestre do Brasil em Resende, junto à AMAN.

Outra finalidade da Academia é enfatizar para os jovens com os quais contata, a importância da História do Brasil e a de sua subdivisão: A História Militar Terrestre do Brasil. A primeira como a mãe da identidade e perspectiva históricas do Brasil e a segunda como mãe da identidade e perspectivas históricas das forças terrestres brasileiras no contexto das do Brasil, como em todas as grandes nações, potências e grandes potências mundiais. Isto por ser subsidiária de soluções táticas, logísticas e estratégicas militares que nos últimos 500 anos foram responsáveis, em grande parte, pelo delineamento, conquista, definição e manutenção de um Brasil de dimensões continentais. Soluções capazes de contribuir para o desenvolvimento da doutrina militar terrestre brasileira, com progressivos índices de nacionalização, como a sonharam o Duque de Caxias e os marechais Floriano Peixoto e Humberto Castello Branco, etc.

Complementarmente procura a Academia apontar aos jovens, seu público alvo, os homens e instituições que lutam patrioticamente, a maioria das vezes sem nenhum apoio, para manter acesas e vivas as chamas dos estudos de História do Brasil e seus desdobramentos com o apoio na análise racional e não passional de fontes históricas, íntegras, autênticas e fidedignas, que com grandes esforços garimpam, ao invés das manipulações históricas predominantes entre nós, fruto das mais variadas paixões, fantasias e interesses, o que Rui Barbosa já denunciava em seu tempo. Confirmar é obra de simples verificação e raciocínio. E se os jovens disto se convencerem e exercerem o seu espírito crítico será meia batalha ganha.

A Academia vem atuando em escala nacional com representantes em todo o Brasil em suas várias categorias de só-

cios e já possui em Brasília, junto ao Colégio Militar, funcionando a sua Delegacia Marechal José Pessoa. Instalou no Colégio Militar de Porto Alegre a Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara. Em Fortaleza, a Delegacia Cel José Aurélio Câmara e no Rio de Janeiro, no IME, a Delegacia Marechal João Baptista de Matos. A Delegacia General Luiz Carlos Pereira Tourinho, no CM de Curitiba e, na Polícia Militar de São Paulo, a Delegacia Cel PM Pedro Dias Campos. Em Caxias do Sul a Delegacia Gen Morivalde Calvet Fagundes, em Pelotas a Delegacia Fernando Luis Osório, em São Paulo a Delegacia General Bertoldo Klinger, em Campinas, a Delegacia Marechal Mário Travassos e em Minas Gerais, a Delegacia General Antônio de Souza Júnior. Em outros locais estabelece sócios correspondentes. Comemorou condignamente o Bicentenário de seu patrono em 2003, o Duque de Caxias, conforme registrou em seu O Guararapes 39, onde se destaca a edição do livro **Caxias e a Unidade Nacional**.

Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS) 1986-2003

Em 10 Set 1986, sesquicentenário do combate do Seival, que criou condições para a Proclamação da República Rio-grandense (1836-45) no Campo do Menezes, foi fundado, em cerimônia concorridíssima na Escola Técnica Federal de Pelotas, o **Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS)**.

Instituição destinada a memorar fastos sesquicentenários da Revolução Farroupilha (1835-45). A referida fundação está toda documentada em volume especial encadernado, guardado pela Presidência à rua Florença, 266, Jardim das Rosas, Itatiaia-Rio de Janeiro, CEP 27.580-000, e-mail bentocm@resenet.com.br.

Volume sob o título **IHTRGS-Histórico, Organização e Fundação-1986**, com índice, tendo 311 páginas, sendo que às págs. 220/223 constam os nomes dos membros de diversas categorias diplomados na sua Fundação, como também

dados dos sócios fundadores, com os respectivos votos para a eleição da Diretoria. Votos que foram apurados por comissão integrada pelos presidentes do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB) e Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB). Os Estatutos foram registrados no Tabelionato de Canguçu pelo seu titular, José Moreira Bento e escritã Carla Bento Bosenbecker. Guarda o Presidente, no endereço citado, toda a documentação produzida nos diversos encontros. Com o 2º Presidente do IHTRGS, Osório Santa Figueiredo, em seu endereço: Caixa Postal 91, São Gabriel, RS, CEP 97.300-000, que atuou como secretário e coordenador, todas as atas dos diversos encontros.

Como sócios efetivos fundadores figuraram: o Cel BMRS Alberto R. Rodrigues, o Major Ex Ângelo Pires Moreira (coordenador), Arnaldo Luiz Cassol, Clayr L. Rochefort, Cel Ex Cláudio Moreira Bento (presidente), Corálio Cabeda, Fernando O'Donell, Gastão Abbot (falecido), Cel BMRS Hélio Moro Mariante (vice-presidente), Ivo Caggiani (falecido), Gen Jonas Correia Neto, Cel BMRS José Luiz Silveira (falecido), Júlio Petersen (falecido) Manoel A. Rodrigues (falecido), Mário Gardelin, Mário Matos, Marlene Barbosa Coelho (falecida) Gen Morivalde Calvet Fagundes (falecido), Mozart Pereira Soares, Osório Santana Figueiredo (secretário), Péricles Azambuja, Sejanos Dorneles (falecido) e Telmo Lauro Müller.

Dentre as múltiplas realizações do IHTRGS, registradas em seus Anais, mencione-se encontros anuais, com vistas a integrar historiadores, tradicionalistas e folcloristas, isolados no movimento cultural gaúcho, estreitar laços de amizade e culturais entre eles e deslocamentos do IHTRGS até os locais cenários de fastos históricos, para comemorá-los.

Assim, em Pelotas ocorreu o encontro de fundação na **Escola Técnica Federal**, coordenado por Ângelo Pires Moreira e com apoio do **Diário Popular**, através de Clayr Lobo Rochefort, que dedicou edição especial ao combate do Seival, elaborada pelo presidente do IHTRGS.

Em 08 Abr 1987 ocorreu o Encontro de Caçapava do Sul, no **Clube União Caçapavano**, sob a coordenação de Arnaldo

Luiz Cassol, onde foi empossado sócio efetivo Humberto Fossa (já falecido), de Encruzilhada do Sul.

Em 13Set1987 ocorreu mais um encontro em Pelotas, na sede da **União Gaúcha Simões Lopes Neto**, mais uma vez sob a coordenação de Ângelo Pires Moreira. Encontro que se estendeu a Porto Alegre, no CPOR/PA, com conferência do presidente sobre os **Sítios farrapos de Porto Alegre**, sob a coordenação do sócio Jonas Corrêa Neto, na época comandante da 6ª DE.

Em 30Abr1988 ocorreu o encontro de Rio Pardo, comemorativo do sesquicentenário da maior vitória farrapa – o combate do Rio Pardo – quando foi lançada pelo presidente plaqueta alusiva. Encontro ocorrido no **Clube Literário Recreativo de Rio Pardo**.

Em 10Set1988 ocorreu o encontro de Canguçu, na **Casa de Cultura**, tendo como tema o combate de Cerro Alegre de 20Set1932, quando foi lançada plaqueta alusiva de José Luiz Silveira e Osório Santana Figueiredo, preparatória à fundação, três dias após, da **Academia Canguçuense de História**. Encontro coordenado por Marlene Barbosa Coelho, onde foi efetivado o tradicionalista Armando Ecíquo Perez, que representara o Instituto no sesquicentenário de instalação da República Rio-Grandense em Piratini, em 06Nov1986 e que mereceu do **Diário Popular** memorização condigna do fato histórico, através de artigo do presidente.

Em 10Jul1989 ocorreu o encontro de São Borja, no **Teatro do Regimento João Manoel**, tendo como tema central a comemoração da resistência à invasão paraguaia em 1865. Coordenaram o evento os sócios efetivos então empossados Sérgio Roberto Dentino Morgado e Aparício Silva Rillo (falecido). Houve visita do presidente às ruínas de São Miguel.

Em 15Set1990 e 28 Set 1991 ocorreram os encontros de São Gabriel, na **Associação Alcides Maya**, sob a coordenação do sócio Osório Santana Figueiredo, um dos esteios do IHTRGS, e com apoio cultural e logístico do Dr. Milton Teixeira, quando foi efetivado o poeta gaúcho Caio Prates da Silveira e muito evocada a obra de Alcides Maya.

Em 14Set1992 ocorreu o encontro de Lavras do Sul, no **Plenarinho da Casa de Cultura** José Néri da Silveira, sob a coordenação do sócio Edilberto Teixeira.

Em 25Set1993 ocorreu o encontro de Santana do Livramento, de caráter internacional, marcadamente histórico e tradicionalista, na **Associação Comercial e Industrial**, sob a coordenação do historiador santanense Ivo Leites Caggiani, ocasião em que foi lançada a obra **O Exército Farrapo e seus chefes**, da lavra do presidente. Foram diplomados como efetivos os historiadores Raul Pont, Miguel Jaques Trindade e Blau Souza.

Em 07Abr1995 ocorreu o encontro do Rio de Janeiro, na sede do **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, sob a coordenação do sócio então empossado Manoel Pessoa Mello Farias, coordenador do Núcleo Rio de Janeiro do IHTRGS, que reunia diversos e ilustres gaúchos e gaúchas residindo no Rio de Janeiro e também sócios da quase sesquicentenária **Sociedade Sul-Riograndense**, lá existente. Na oportunidade foram diplomados sócios efetivos Manoel Pessoa Mello Farias, Edson Otto, Daoiz de La Roche, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca e Ciro Dutra Ferreira. Categoria na qual já haviam sido empossados, quando da fundação do Núcleo do IHTRGS na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, os sócios P. J. Mallet Joubim e Hélio Almeida Brum.

Dia 10 Set 96, o IHTRGS fez mais um encontro no Rio de Janeiro, na sede do **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, em parceria com a **Sociedade Sul Rio Grandense**, e seu **CTG Desgarrados do Pago** e mais o **Galpão da Saúde da Academia Militar das Agulhas Negras**, para memorar o seu 10º aniversário e suas realizações em prol da História, Folclore e Tradições do Rio Grande do Sul. E o fez com a satisfação de já haver superado o tempo de duração da **República Rio-Grandense**, cujos fastos se propôs prioritariamente memorar e divulgar, o que tem consciência de haver bem cumprido.

Em 27Mai99 foi feito um memorável encontro no Salão Brasil do Colégio Militar de Porto Alegre, onde foi reverenciada

a memória dos seguintes sócios falecidos, evocados pelos novos sócios: Arthur Ferreira Filho, de São José do Norte; Apárício Silva Rillo, de Porto Alegre (samborjense de coração); Raul Pont, de Uruguaiana; Miguel Jacques Trindade, de Alegrete; Edilberto Teixeira, de Lavras do Sul; Arnaldo Cassol, de Caçapava do Sul; Humberto Castro Fossa, de Encruzilhada do Sul; Sejanos Dornelles, de Santa Vitória do Palmar; Manoel Pessoa Mello Faria, de Pelotas (viveu no Rio); Hélio de Almeida Brum, de Dom Pedrito (viveu no Rio) e Marlene Barbosa Coelho, de Canguçu. Foram eleitos os seguintes sócios efetivos: Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Ivo Benfatto, Major Flávio Mabilde (falecido), Cap BMRS Aroldo Medina, José Conrado de Souza, Cel Leonardo R. de Araújo e Ten Cel Cláudio Belém de Oliveira.

Em 24Jul99, na cidade de Alegrete, em encontro presidido pelo 2º presidente, Osório Santana Figueiredo, foram eleitos sócios efetivos: Hugo Ramires e Maria Fraga Dornelles. Sócios colaboradores: Sérgio Alves Levy, César Pires Machado, João Francisco de Andrade e Marione Jacques. Sócio correspondente: Daniel Fanti.

Em 15Abr2000, na reunião de Rosário do Sul, presidida por Osório Santana Figueiredo foram entregues diplomas de colaboradoras às professoras Mara Regina Miranda de Souza, Secretária Municipal de Educação e a Maria Almir Souto Nascimento.

Nestes 24 anos de resistência cultural, alguns dos soldados do **IHTRGS** faleceram, outros foram atingidos por problemas de idade e outras limitações, para presença mais efetiva em suas atividades. A renovação de novos nomes foi pouca, de igual forma que nas demais entidades brasileiras do gênero, parecendo que as novas gerações são avessas a estudos históricos ou pelo menos à produção e à divulgação históricas, o que nos parece lamentável. E no caso do Rio Grande do Sul, como ficará a sua perspectiva e a identidade históricas na cabeça das novas gerações gaúchas? Só Deus sabe!

Aqui, por oportuno, registre-se o apoio que o IHTRGS teve de parte do jornal **Diário Popular** de Pelotas, de **A Pla-**

téia de Santana, dos mensários **Ombro a Ombro** e **Letras em Marcha** e de **O Tradição**, que era editado pelo sócio efetivo Edson Otto que o tornou órgão de divulgação oficial do **IHTRGS**, do **MTG** e da **CBTG**.

Em **História** ou **Estória**, publicado em **Tradição**, em maio de 96 (ano da consciência tradicionalista) o Presidente do IHTRGS abordou a conjuntura crítica da historiografia brasileira, assunto estratégico nacional, para o qual os governos em todos os níveis e a Mídia, salvo raras e honrosas exceções, não tem dado a menor atenção. Em vista desta postura, de quem teria obrigação social e cívica de estimular estudos de História, qual o jovem que se animará a dedicar-se a este assunto? E quem no futuro escreverá **HISTÓRIA** e não **ESTÓRIA** do Rio Grande do Sul, como bússola para a construção segura do futuro do Rio Grande do Sul e de seus filhos e como mãe legítima das **TRADIÇÕES GAÚCHAS**? Eis a pergunta que o IHTRGS deixará no ar no seu 19º ano de atividades. Preza a Deus que os estudos de História do Rio Grande do Sul sejam retomados com vigor, para que produzam perspectiva e identidade históricas seguras. E estas, mais consensos sobre soluções a implementar! E que não se repita o que ocorria em 1904, segundo J. Simões Lopes Neto em sua histórica conferência na Biblioteca Pública de Pelotas sobre Educação Cívica e sobre o ensino de História do Brasil:

“Esse estudo não é somente descurado, mas ele não existe e nunca existiu. E a sua consequência é a preferida ignorância em que vivemos da nossa história e estudando histórias alheias.

Todo o ensino tem um fim, o da História do Brasil é dar-nos o conhecimento da noção exata da solidariedade nacional, da disciplina cívica, da liberdade obediente e com ela o amor ao Brasil”.

Mas o que se tem assistido nos programas como A Ferro e Fogo, levado ao ar pela RBS, são versões desanimadoras, como manipulações da História do Rio Grande do Sul que ao invés de usarem a História como “a mestra das mestras, a mestra da vida” a fazem de “Maestra da calúnia e da menti-

ra”, segundo definiu o falecido historiador Luis Flodoardo Silva Pinto, membro do IHTRGS. E mais, não dão oportunidade ao contraditório, somente a monólogos. É fundamental uma mudança neste sentido para caracterizar de fato a Liberdade de Imprensa, como uma rua de duas mãos que contemple o Direito de resposta e o Contraditório. Do contrário teremos a Liberdade de Empresa, um abuso conjunto do Poder Político, ou a opressão social e do Poder Econômico ou ainda a exploração social, que não podem prosperar num regime democrático, que não violente direitos das minorias, e que devem ser incluídas progressivamente e fraternalmente na Sociedade Brasileira.

Nos anos de 2005, 2006, 2007 e 2008 diversos novos membros foram admitidos no IHTRGS. Foram os seguintes: Dr. Aécio César Beltrão (Médico), Dr. César Pires Machado (Agrônomo), Cel Mauro da Costa Rodrigues, Cel Edmir Mármora Júnior, Cel Ernani Medaglia Muniz Tavares, Dr. Florisbal de Souza Del’Olmo (Dentista), Dr. Frederico Euclides Aranha (Advogado), Cel Geraldo Lauro Marques, Dr. Jorge Babot Miranda (Economista), Cel Juvêncio Saldanha Lemos, Bacharel em História Srta. Katy de Siqueira, Dr. Agamenon Vladimir Silva, Cel Hiram Reis e Silva, Cel Ruy Collares Machado, Cap Andrei Clauhs, Sr. José Ernesto Wunderlich, Sra. Adir Fanfa Onofrio, Sr. Ciro Oscar de Borba Saraiva, Dr. Sandro Dorival Marques Pires, Dr. Talai Djalma Selistre, Dr. Miguel Frederico do Espírito Santo, Ten Nestor Magalhães, Jornalista José Antônio Severo, Sub Ten Evilácio Saldanha, Sr. Ênio Kersting Corrêa e Dr. Eduardo Marengo.

Currículo cultural sinfético do Cel Cláudio Moreira Bento



Natural de Canguçu, RS, onde nasceu em 19Out1931. Filho de Conrado Ernani Bento e Cacilda Moreira Bento. Esta, descendente dos primeiros povoadores de Canguçu, das famílias Mattos, Borba, e Gomes. Iniciou sua carreira como soldado na 3ª Cia Com em Pelotas-RS. Asp de Eng em

15Fev55 da Turma Aspirante Mega. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá, MG, 1981-82 e dirigiu o Arquivo Histórico do Exército, 1985-90, tendo, como oficial de Estado-Maior servido no Comando Militar do Nordeste, Estado-Maior do Exército, Departamento de Engenharia e Comunicações, Comando Militar do Sudeste, Academia Militar das Agulhas Negras e 1ª Região Militar.

Historiador Militar consagrado, com mais de 80 títulos publicados e mais de 1.000 artigos em periódicos civis e militares do Brasil e Estados Unidos, sobre História Militar e, em especial, a do Exército. Seu artigo Participação das Forças Armadas do Brasil na 2ª Guerra, publicado em inglês na **Military Review**, do Exército dos EUA está acessível na Internet. Integra as principais instituições nacionais de História: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro/1978 (sócio emérito); Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (membro benemérito); Academia Brasileira de História (patrono: Gen Tasso Fragoso) e as academias de História de Portugal, Real de Espanha e da Argentina, o Instituto Histórico e Geográfico do Uruguai, o Instituto Bolivariano do Rio de Janeiro e o Marechal Ramon Castilha Brasil-Peru. Fundou em 1986 e preside o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e fundou as academias Canguçuense, Piratiniense, Resendense e Itatiaense de História. Das duas últimas é Presidente Emérito e da 1ª Presidente. Idealizou a de Itajubá-MG, da qual é Presidente de Honra. Presidiu a fundação da Academia Barramansense de História da qual é acadêmico na cadeira Mal Floriano Peixoto. Pertence aos institutos históricos do RS, SC, PR, SP, MG, MT, RJ, PB, RN, CE e das cidades de São Luiz Gonzaga, São Leopoldo, Pelotas, Sorocaba-SP e Petrópolis. É correspondente das academias de Letras do Rio Grande do Sul e Paraíba e da Academia Petropolitana de Poesia Raul Leoni.

Fundou em 01Mar1996, em Resende – A Cidade dos Cadetes, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), com o apoio cultural da Associação Educacional Dom Bosco. Academia que tem como patrono O Duque de Caxias e entre seus patronos de cadeiras dois ex-comandantes da AMAN, os marechais José Pessoa e Mascarenhas de Moraes e os civis Pedro Calmon, Barão do Rio Branco e Vilhena de Moraes, biógrafo

do Duque de Caxias e Gustavo Barroso.

Foi instrutor de História Militar na AMAN/1978-80 onde, com apoio do Estado –Maior do Exército (EME) editou o manual **Como Estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro** que, desde 1978, vem sendo adotado na AMAN e ECEME, particularmente no tocante à metodologia de pesquisa histórica. Coordenou então a edição dos livros textos **História da Doutrina Militar** e **História Militar do Brasil**, com apoio em recursos do EME e desde então livros textos na Academia Militar das Agulhas Negras (há 20 anos).

Coordenou o projeto, a construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, inaugurado em 19Abr71, ocasião em que foram lançadas suas obras **A Grande Festa dos Lanceiros** (relacionando o Parque Histórico Mal Osório, inaugurado, e o Parque Guararapes) e **As batalhas dos Guararapes-descrição e análise militar**, sobre a qual se manifestaram, elogiosamente, por escrito, Pedro Calmon, Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, José Américo de Almeida, Mauro Mota, Nilo Pereira, Leduar Assis Rocha, etc. e os historiadores militares generais Aurélio Lyra Tavares, Antônio Souza Júnior, Carlos de Meira Mattos, Coronel Ruas Santos, entre outros. Trabalho no qual foram baseados a Maquete e mapas explicativos das batalhas, constantes de Sala sob o Mirante dos Guararapes, inaugurada em 20 de abril de 1998, pelo Exmo. Sr. Ministro do Exército Zenildo de Lucena, conforme consta dos referidos mapas e foi anunciado pelo mestre de cerimônias na inauguração do Mirante. Participou em 14-15 abril do 1º Simpósio Guararapes, onde abordou, na SUDENE, o tema **As Batalhas dos Guararapes** e foi distinguido pelo Comando Militar do Nordeste para ali hastear a bandeira nacional em homenagem ao seu pioneirismo, há 29 anos, na idéia do 1º Parque Histórico Nacional, hoje concretizado, e lançamento de seu livro sobre as batalhas, o qual ajudou a que a data da 1ª batalha dos Guararapes, em 19Abril1648, fosse considerada, por decreto presidencial, o Dia do Exército, que ali despertou seu espírito, junto com o de nação brasileira.

Foi coordenador científico, em 1971, do Projeto Rondon dos Guararapes, que contou com a participação de cinco cadetes da AMAN, inclusive o hoje comandante da 1ª Região Militar, Gen Div

Armando, alunos e alunas universitárias de Ciências Humanas vindos de diversos locais do Brasil, para pesquisarem a Insurreição Pernambucana, com vistas à construção do Parque Histórico Nacional dos Guararapes citado, do que resultou o livro por eles escrito **O Projeto Rondon nos Guararapes**, que foi editado pela SUDENE, com apoio de seu Superintendente, o então Gen Bda Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira. Os estudantes retornaram na inauguração do Parque, em 19 de abril de 1971, trazendo as bandeiras de seus estados, que hastearam no Morro do Telégrafo, a do Brasil e a de Portugal, hasteadas respectivamente por um cadete da AMAN e um cadete de Engenharia de Portugal. Experiência que inspirou a criação, pelo Cel Bento, da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, voltada para a juventude militar atualmente frequentando as escolas do Exército e as das Forças Auxiliares.

Foi adjunto da Presidência da Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército, que editou a **História do Exército Brasileiro** em 3 volumes, cabendo-lhe, como historiador convidado, abordar as guerras holandesas. História ora reeditada com apoio da Odebrecht e relançada no Forte do Brum em 20 de abril de 1998, em cerimônia presidida pelo Exmo Sr Ministro do Exército Zenildo de Lucena, com a denominação de **O Exército Brasileiro na História do Brasil**, com novas ilustrações e coordenada pela DAC/BIBLIEx. Presidiu Comissão que editou Revista do Exército comemorativa do bicentenário do Forte de Coimbra, que resultou na escolha do Forte de Copacabana como Museu do Exército e sua consequente criação no final dos anos 80, além de haver cooperado no texto relativo ao Salão Império do Museu; Comissão de História Militar de **A Defesa Nacional**, na administração, da BIBLIEx, do Cel Aldílio S. Xavier. Revista de que foi conselheiro editorial por longo tempo.

Possui sete prêmios em concursos literários no Brasil e Estados Unidos onde se destacam: pela BIBLIEx, 1º lugar com o **Exército e a Abolição**, **O Exército na Proclamação da República** e **O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul**, 1º lugar em Concurso Nacional. Primeiro lugar pela **Military Review** com a pesquisa **O Exército no desenvolvimento – o caso brasileiro**, 2º prêmio com **O Gaúcho fundador da Imprensa Brasileira**,

pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul e Associação Rio Grandense de Imprensa e 2º lugar em concurso nacional com a obra **Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul**, comemorativo ao Biênio da Colonização e Imigração para o Rio Grande do Sul em 1975-76. Foram destaque especial em 1989 e 1990 pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (ABERJ) suas obras **Quartéis Gerais das Forças Armadas do Brasil** e **A Guarnição Militar do Rio de Janeiro na Proclamação da República**, editadas pela FHE-POUPEX, e premiado com a Monografia **A Produção de Estimadas**, em concurso Argus promovido pela EsNI em 1976. As duas obras, antepenúltima e penúltima, mais seus álbuns **Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas** (FHE-POUPEX) e **A História do Brasil através de seus fortes** decoram paredes de comandos e tropas espalhados por todo o Brasil.

Sua bibliografia consta do Dicionário de historiadores brasileiros v.1 do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Dicionário Biobibliográfico Gaúcho (Martins Livreiro) e do site www.ahimtb.org.br.

Produziu, e foram lançadas em 1995 no Rio Grande do Sul as seguintes obras suas, dentro do Projeto O Exército na Região Sul: **História da 3ª Região Militar 1809-1995 e Antecedentes**, em 3 volumes, que traduzem a História Militar do Exército no Rio Grande do Sul e que foi completada com **Comando Militar do Sul – 4 décadas de História /1953-95 e Antecedentes**.

Já lançou a **História da 8ª Bda Inf Mtz**, a da **6ª DE**, a da **3ª Bda C Mec**, a da **6ª Bda Inf Bld** e a da **Artilharia Divisionária da 6ª DE (AD/6)**, além dos livros **Caxias e a Unidade Nacional, 2002-175 anos da Batalha do Passo do Rosário**, **História Militar Terrestre da Amazônia**, **As Batalhas dos Guararapes – Análise e Descrição Militar** (2ª edição), **História da 2ª Bda CMec** (Uruguaiana), **Osório – o maior líder popular**, **História da 3ª DE** e o **Casarão da Várzea** (Mar09). Lançou também, em 2003, a plaqueta **A Educação Cívico-Militar na visão do Capitão da Guarda Nacional João Simões Lopes Neto**. Coordenou o 13º Simpósio de História do Vale do Paraíba, com o tema pioneiro **A Presença Militar no Vale do Paraíba**, realizado de 3/5Jul1996 na Fundação Educacional D. Bosco, na Academia

Militar das Agulhas Negras em Resende e no Centro Sargento Max Wolf em Itatiaia e que contou com a presença de ilustres historiadores militares e civis.

O Cel Bento se dedica à História Militar Terrestre do Brasil dentro do seguinte contexto, definido pelo Marechal Ferdinand Foch, o comandante da vitória Aliada na 1ª Guerra Mundial:

“Para alimentar o cérebro (comando) de um Exército na paz, para melhor prepará-lo para a eventualidade indesejável de uma guerra, não existe livro mais fecundo em lições e meditações do que o da HISTÓRIA MILITAR”. Isto por considerar também a História Militar como o Laboratório de Táticas e Estratégias e, por via de consequência, contribuir para o desenvolvimento doutrinário militar dos Exércitos.

Foi lançada pela Biblioteca do Exército sua obra **A Guerra da Restauração do Rio Grande do Sul aos espanhóis/1774-76**, baseada no Diário de Campanha inédito em português do Tem Gen Henrique Böhn, que comandou o Exército do Sul /1774-77, que reconquistou o Rio Grande do Sul aos espanhóis e que liberou as terras de Pelotas e Canguçu para povoamento por Portugal.

Possui as seguintes condecorações: Comendador do Mérito Militar, Medalha Militar de Ouro com passador de platina por mais de 40 anos de bons serviços ao Exército, Pacificador, Oficial da Ordem do Mérito das Forças Armadas, Ordem do Mérito Tamandaré pela Marinha, Medalha de Honra da Inconfidência, Medalha Santos Dumont, Marechal Mascarenhas de Moraes, Mérito Cívico pela Liga de Defesa Nacional, Comenda Conde de Resende e J.Simões Lopes Neto pelas Câmaras de Resende e Pelotas, respectivamente.

Historiador Emérito pela 8ª BdaInfMtz em Pelotas, cuja denominação histórica Mar Manoel Marques de Souza I, pesquisou e instruiu processo de concessão.

Teve transcrito nos Anais da Assembléia Legislativa de Goiás seu artigo, em 1972, do Correio Braziliense – **Um filho de Goyáz, herói da Integridade e da Independência do Brasil** (Mal Xavier Curado), bem como na Câmara Federal, trabalho seu sobre o centenário de morte do Duque de Caxias, em 1980, por proposta do deputado federal pernambucano Dr. Lucena. E

na Câmara de Recife trabalho alusivo ao centenário do Patrono da Artilharia, Mal Mallet, no Comando das Armas de Pernambuco e nas câmaras de Resende e de Diamantina, respectivamente, seu discurso sobre o Conde de Resende no aniversário da cidade em 1992 e outro sobre **O diamantinense**, que foi o cérebro da Revolução Farroupilha na Assembléia Legislativa de Minas Gerais. Por indicação do Sr. Ministro do Exército e apoio logístico de sua assessoria parlamentar, participou de Simpósio na Câmara Federal, comemorativo do Centenário de Canudos, tendo ali defendido a Força Terrestre de manipulações que a apresentavam ao Povo, injustamente, como a responsável pela Tragédia de Canudos, em realidade uma responsabilidade da Sociedade Civil da época, ou de todos os avós e bisavós dos brasileiros. Idêntica postura transmitiu em entrevista pela Globo News em que as falsas e manipuladas acusações vieram à tona e foram rebatidas sem contestação. Idêntica postura em reportagem de O Globo e oferecida a outras publicações brasileiras.

Assinou o Livro de Honra do Corpo de Cadetes em 1955, p.42, 18ª linha, por haver realizado seu curso de oficial sem nenhuma punição. Em 1993/94 foi o Diretor Cultural da SORAA-MAN (Sociedade Resendense de Amigos da AMAN) quando publicou a plaqueta 1994-Jubileu de Ouro da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Sociedade constituída de civis e militares destinada a estreitar os laços de amizade entre as comunidades resendense e a acadêmica.

Foi o Diretor Cultural e da Revista do Clube Militar no centenário do Clube, tendo colaborado e coordenado e Revista do Clube Comemorativa e enriquecido o seu museu com quadros históricos que promoveu e fez as legendas. Integrou a Comissão do Exército no Centenário da República e da Bandeira, tendo colaborado e coordenado **O Caderno da Comissão do Exército Comemorativa dos centenários da República e da Bandeira**, publicado em parceria pela BIBLIEX e pelo SENAI, este presidido então pelo Cel Arivaldo Silveira Fontes que também editou livro do Cel Bento **O Exército na Proclamação da República/1889**, que fora premiado pela BIBLIEx, lançado na ECEME e distribuído amplamente na AMAN.

Publicou com apoio da Odebrecht: **A Participação da Ma-**

rinha Mercante e das FFAA do Brasil na 2ª Guerra Mundial, comemorativo aos 50 anos do Dia da Vitória e distribuído amplamente na AMAN. A pedido do então Cel Sérgio Westphalen Echegoyen, comandante das CIAS SUL (Cruz Alta-RS), elaborou pesquisa sobre os 68 sargentos heróis da FEB, para emular os alunos daquela Escola de Sargentos. Trabalho que difundiu em palestra na Escola de Sargentos das Armas, a convite de seu comandante e das unidades às quais pertenceram os bravos heróis e que participaram da 2ª Guerra Mundial.

Possui várias distinções civis onde se destacam a de cidadão itajubense por unanimidade pela Câmara de Vereadores em 1982, a de Comendador da Ordem J. Simões Lopes Neto pela Câmara de Pelotas, a de Irmão da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, brasão de Canguçu, em reconhecimento “AO FILHO ILUSTRE, PELA RECONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA COMUNITÁRIA” (Set 91). Orador oficial na Câmara de Resende no aniversário da cidade, quando resgatou a memória do Conde de Resende, em cujo estudo esta se apoiou para criar a Comenda Conde de Resende. Câmara que acaba de aprovar, por unanimidade, Moção Congratulatória por sua atuação, de 1991 a 97, para o resgate e divulgação da História de Resende e Itatiaia. Foi orador, em 13 de abril, na cerimônia de inauguração, no Batalhão Escola de Engenharia em Santa Cruz-RJ, do Memorial ao Patroño da Arma de Engenharia, o Tem Cel Vilagran Cabrita. Integra a Confraria dos Cidadãos de Resende, voltada para o culto da cidadania, na função de Tribuno.

Pois desde 1991 tem escrito sobre a História de Resende onde se destacam seus livros **A Saga da Santa Casa de Misericórdia de Resende:1994** – Jubileu de Ouro da AMAN em Resende (já citado); “**Os puris primitivos habitantes do Vale do Paraíba: “Lenda resendense do Timburibá’; História Militar do Vale do Paraíba e,”Resendenses na Guarda de Honra de D. Pedro na proclamação da Independência em 7 setembro de 1822”**. Foi distinguido pela Câmara de Resende com Voto de louvor pela brilhante participação da AHIMTB nos 200 anos de Resende em 2001.

Conferencista Emérito da ECEME, EsAO, EsIE e Instituto Militar de Engenharia onde, em 15Abr98, pronunciou para os cor-

pos docente e discente palestra de duas horas sobre **As Guerras Holandesas**, em comemoração aos 350 anos da 1ª batalha dos Guararapes e 4º ano do Dia do Exército. Tem pronunciado palestras na AMAN e em especial sobre a História da mesma aos novos cadetes, logo que nela ingressam. De igual modo tem atendido alunos da ECEME e em especial seus ex-alunos da AMAN, para ajudá-los com fontes históricas na elaboração de suas monografias, gravando para os mesmos seu pensamento e interpretações, o mesmo acontecendo em relação a pesquisas históricas de cadetes e da própria AMAN no seu arquivo pessoal sobre a história da mesma e antecessoras. Como diretor do Arquivo Histórico do Exército/1985-91, promoveu sessões comemorativas de centenários de generais brasileiros, resgatando expressivamente suas memórias e suas preciosas lições.

Vem acompanhando e divulgando na mídia civil e castrense fatos expressivos recentes ocorridos na AMAN, relacionados com o culto das tradições da mesma. Estudou de 1938-44 no Colégio N. S. Aparecida de Canguçu; de 1945-50 no Ginásio Gonzaga de Pelotas, tendo se bacharelado no Curso Ginásial, com destaque, em 15Dez1948. Concluiu o Científico, com destaque, em Porto Alegre, na Escola Preparatória de Cadetes no Casarão da Várzea. Como aspirante, 2º Ten, 1º Ten e capitão serviu em São Leopoldo/ 1955-57, em Bento Gonçalves (2 vezes, 1957-59 e 1961-66) e em Cachoeira do Sul/1959-61. Como presidente do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul presidiu encontros da entidade em Pelotas, Porto Alegre, Caçapava do Sul, São Gabriel, São Borja, Santana e Lavras.

Possui alentada produção histórica sobre a Zona Sul do Rio Grande do Sul na antiga Coluna Querência do Diário Popular de Pelotas, bem como no jornal Tradição de Porto Alegre, órgão de divulgação do MTG, no qual é considerado autoridade tradicionalista.

Passou sua vida nos seguintes locais: Canguçu-RS/1931-44; Pelotas/1945-50; Porto Alegre/1951-52; Resende-RJ/1953-54; São Leopoldo/1955-57; Bento Gonçalves e Veranópolis, destacado no vale dos rios da Prata e das Antas/1957-59; Cachoeira do Sul/1959-61; Bento Gonçalves/1962-66 (sendo que no 2º semestre de 1964 na Vila Militar-Rio de Janeiro); Rio de Janeiro/

1967-69 (na Praia Vermelha); Recife/1970-71; Brasília/1972-75; São Paulo/1976-77; Resende/1978-80; Itajubá-MG/1981-82; Rio de Janeiro/1983-85, no EM 1ª RM e de 1985-91 no Arquivo Histórico do Exército, quando passou para a Reserva, passando a residir em Resende, onde construíra casa de campo em 1980 e para onde se fixou em definitivo em 1991, à sombra de sua mãe profissional, a AMAN.

Residiu destacado quando no 1º Btl Ferroviário, sucessivamente em Jabuticabal, junto a ponte ferroviária sobre o Rio das Antas (Bento Gonçalves); Rio da Prata (em Veranópolis junto a Gruta do Paco); no KM 2, na altura do Passo do Governo (Bento Gonçalves) e na Linha Marechal Hermes (Virolanda) em Veranópolis e próximo de Muçum-RS. Tudo na construção do Tronco Ferroviário Sul, considerado serviço de natureza nacional relevante, conforme registram suas alterações. Foi pioneiro em 1963, como capitão, na perfuração do maior túnel ferroviário da América do Sul, o Túnel 19 Boca Norte, no qual revolucionou o rendimento de perfuração de no máximo 8 metros por semana para até 21 metros, tendo em consequência sido distinguido pelo seu comandante de Batalhão, Cel Dirceu de Araújo Nogueira, com a caminhonete Aero Willys que até então usara, até adquirir outra, para cumprir promessa feita junto ao então coronel Rodrigo Otávio Jordão Ramos, atual denominação histórica do 2º GEC em Manaus.

Revisou, com o concurso da AMAN, ampliou e condensou, num só volume, os originais de projetada reedição de As Batalhas dos Guararapes, análise e descrição militar, com apresentação de S.Exa. o Gen Ex Zenildo de Lucena e por sua Exa. instruída a BIBLIEx a publicá-lo. Obra em implantação em disquete no Web do CComSEx, para apoiar estudos e pesquisas que se estenderam até 19Fev de 1999, 350 anos da 2ª Batalha dos Guararapes.

Produziu para o Sistema de Ensino a Distância para preparação para a ECEME os trabalhos Lutas internas no período monárquico, Ação pacificadora do Duque de Caxias e Conflitos externos e lutas internas na consolidação da República/1889-97.

Produziu, há cerca de 8 anos, para a FHE-POUPEX, pesquisa original sobre Os patronos nas Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica) ilustradas pelo pintor Newton Coutinho e que

se destinariam a distribuição no seio da juventude militar brasileira, estudando em escolas das FFAA e potencialmente futuros associados à FHE-POUPEX. Lamenta o autor a falta de recursos para dar prosseguimento ao projeto que cobriria lacunas biográficas referentes a personalidades exemplares para a juventude militar, tão carente de obras sintéticas e ilustradas do gênero.

É também autor da obra inédita Moedas de Honra, que consolida a bibliografia sobre Ordens de Cavalaria vindas de Portugal até as honoríficas atuais, a nível federal, e condecorações militares. Obra inicialmente encomendada pelo GBOEx, na antepenúltima administração e não honrada pela penúltima, em relação à atual, que nem sequer indenizou o sofrido investimento intelectual e financeiro do autor. É obra essencial para o conhecimento do assunto pelos recipiendários. É importante disciplina auxiliar da História Militar e Civil do Brasil e está sendo implantada na Internet no Site da AHIMTB: www.ahimtb.org.br, que a cada dia que passa vem sendo enriquecida com livros e artigos sobre História Militar Terrestre do Brasil. Em 1972 foi autor do parecer solicitado ao EME pelo Ministério dos Transportes sobre o verdadeiro local da descoberta do Brasil, se em Porto Seguro ou Cabrália, opinando sobre a descoberta em Cabrália, do que resultou a decisão governamental de estender a rodovia federal até lá, conforme consta da obra: MAIA, Rocha. **Do Monte Pascal a Cabrália**. Rio de Janeiro, MT, 1993, p.25-26.

Sua projeção atual na historiografia nacional e internacional resultou de seu desejo de escrever a História de Canguçu, sobre a qual produziu os seguintes trabalhos, entre outros:

- **Canguçu, reencontro com a História, 1983, História da Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu/1783-89 e Município de Canguçu - formação histórica: 200 anos da Igreja N.S da Conceição de Canguçu**. Apresentação do livro de Ilka Neves Primeiros povoadores e batismos de Canguçu 1800-13. Colaborações na antologia anual do CIPEL: Canguçu na Revolução federalista; Guerra à gaúcha; As Pedras das Mentiras; A Educação em Canguçu – evolução; Canguçu, aspectos da Comunicação Social, até o advento da radiodifusão e apreciável volume de artigos em O Diário Popular de Pelotas e no O Liberal, de Canguçu.

Possui as principais fontes da História de Canguçu reunidas no Arquivo Conrado Ernani Bento, seu pai, iniciador da preservação das referidas fontes históricas. Arquivo que será colocado à disposição da pesquisa na sala da Casa da Cultura destinada à Academia Canguçuense de História.

Acaba de ser agraciado pela Câmara de Vereadores de Resende com a Comenda Conde de Resende. Está produzindo para o Jornal da SASDE (2ª DE-SP), Passagens da História Militar de São Paulo.

É colaborador da Revista Eletrônica da AHIMTB no site www.militar.com.br

Endereço: Rua Florença, 266, Jardim das Rosas, Itatiaia-RJ, 27.580-000; E-mail: bento1931@gmail.com; Site: www.ahimtb.org.br; Fone: 24-3354-2988.

Currículo sintético do Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis



Cel Inf EM R/1 nasceu em Dom Pedrito-RS, em 02Jun49, filho de Paulo Giorgis e de D. Ester Caminha Giorgis. Sentou praça em 03 de março de 1969 no CPOR/PA, onde fez o Curso de Infantaria. Trabalhou, como civil, no Montepio da Família Militar. Como AspOf R/2, realizou Estágio de Instrução no 2º BCCL em Santo Ângelo, RS (1970). Aprovado no Concurso de Admissão, cursou a Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, na Cidade dos Cadetes, onde foi declarado Asp Of Inf em 1974. Cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais em 1984 e a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército em 1993/94, onde liderou, como animador cultural e tradicionalista, diversas promoções. Foi instrutor de Geografia e de História Militar na AMAN em 1991-92, tendo chefiado esta última cadeira em 1992. Comandou a Companhia de Comando e Serviços do Comando Militar do Sul em Porto Alegre de Jun 87 a Dez 89 e o 10º Batalhão Logístico em Alegrete/RS em 1996/97, cida-

de que, por sua destacada atuação profissional conferiu-lhe o título de Cidadão Alegretense. Foi estagiário de Estado-Maior na 5a Bda C Bld. Chefiou o Escalão Logístico da 3a Região Militar, sua última função no Serviço Ativo. Na Reserva, procura dar continuidade e divulgação às suas pesquisas sobre Tradicionalismo e História Militar Terrestre do Brasil. Ocupava a cadeira nº 4 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, cujo patrono é o historiador militar terrestre brasileiro Gen Antônio da Rocha Almeida, mas foi promovido a Acadêmico Emérito em 2008.

É o 1º vice-presidente do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e o redator do seu informativo O Gaúcho. Atualmente realiza curso de graduação em História na PUCRS. É o delegado no Rio Grande do Sul da Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara da AHIMTB. Esta delegacia é homenagem ao biógrafo do Marechal Câmara. Coube ao Cel Caminha, em acurada pesquisa resgatar a vida e obra do General Rinaldo. Em 2001, a AHIMTB e o IHTRGS lançaram plaqueta de autoria do Cel Caminha focalizando a legislação que tem regulado o Ensino do Exército, no Rio Grande do Sul, desde a criação, em 20 de setembro de 1851, no 6º aniversário da Revolução Farroupilha, da Escola Militar da Província do Rio Grande do Sul, que funcionou, entre outros locais, na Praia de Belas e que se constituiu no primeiro estabelecimento de ensino superior do Rio Grande do Sul. Trabalho em que o autor levanta fontes diversas produzidas por diversos autores para alavancar-se a História do Casarão da Várzea, atual local de funcionamento do Colégio Militar de Porto Alegre, onde foi professor de 2002 a 2009.

Alguns trabalhos publicados: A Intentona Comunista em poucas palavras (1999); O Tratado de Madri-1750 (2000); Algo sobre a viagem (2000 - resumo da viagem de Cabral ao Brasil); 1808 – A família real descobre o Brasil (2000); Cronografia da Legislação Oficial Original do Colégio Militar de Porto Alegre (plaqueta-2001); Plácido de Castro (2001); Memorial da Antiga área do 18ºBIMtz no Partenon (2001); Sesquicentário da Batalha de Monte Caseros (2002). Livro: Brasil – Linha do Tempo (2008).

Currículo sintético do ST Carlos Fontes



Escritor e artista plástico - Delegado da Academia de História Militar Terrestre do Brasil – Delegacia “Gen Setembrino de Carvalho” em Uruguaiana, RS.

Nascido em Uruguaiana, RS, a 24 de junho de 1947, Militar reformado do Exército, escritor e artista plástico. Correspondente de jornais e revistas, foi Diretor do Jornal “Centaurus”, correspondente do jornal do MTG “Tradição” e free-lancer da “Zero Hora”, na coluna “Regionalismo” (1990/91) e diversos outros jornais da cidade e do estado. Possui matérias publicadas nas revistas do Exército e Marinha. Delegado regional da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, “Delegacia Gen Setembrino de Carvalho – Uruguaiana”.

Participou de documentários históricos realizados pela RBS/TV e televisão da Argentina.

Palestrante em várias entidades (CTG, Escolas, Faculdade, Exército e associações, no Brasil e exterior).

Como artista plástico, já realizou mais de duzentas exposições coletivas e individuais no Brasil e exterior, possuindo medalhas de ouro em pinturas, recebidas em Campo Grande (MS) e São Paulo, menção honrosa em pinturas na Argentina e vários cursos técnicos e de aperfeiçoamento. Curador do 1º Salão Interestadual de Artes Nativas (Uruguaiana) em 1992; Coordenador cultural da Semana Farroupilha/2004;

Como militar, é detentor da medalha de prata “Menção honrosa” pelo Comando da 1ª Bda C Mec (Santiago) e diplomas de “Amigo” de várias Unidades do Exército, Marinha e Brigada Militar do Estado.

Foi mentor dos projetos: em 1992, no quartel do 5º Regimento de Cavalaria Mecanizado (Quaraí), do monumento a um expedicionário da FEB; em 2002, no quartel da Brigada Militar do Estado, em Uruguaiana, do monumento em homenagem aos Brigadianos que pereceram em ação e em Out 2008, do projeto elaborado, junto ao Comando da 2ª Brigada de Cava-



**General José Luiz Menna Barreto,
Patrono da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada,
em pintura a óleo de Carlos Fonttes.**



**Foto do Quartel General da 1ª Brigada de
Cavalaria Mecanizada em Santiago-RS**

laria Mecanizada (Uruguaiana) e da Liga de Defesa Nacional, para a implantação de um marco na região da Barra do Quaraí, em homenagem ao Marechal Manoel Luis Osório, que em 1831, comandou, naquela localidade, um Destacamento de Fronteira.

Recebeu em 2008, pelo Rotary Clube de Uruguaiana “Cruzeiro do Sul”, o troféu “destaque em Artes”.

Como escritor, além de publicações esparsas, tem as seguintes obras literárias:

- 1- URUGUAIANA - ATALAIA NA HISTÓRIA;
- 2- REGIMENTO CONDE DE PORTO ALEGRE – EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO 8º RC MEC – Uruguaiana;
- 3- RETOMADA DE URUGUAIANA NA GUERRA DO PARAGUAI;
- 4- BRIGADA JOSÉ LUIZ MENNA BARRETO – HISTÓRICO DA 1ª Bda C Mec – Santiago;
- 5- URUGUAIANA AQUI TE CANTO - NOTAS À MARGEM DE SUA HISTÓRIA;
- 6- REGIMENTO DRAGÕES DO RIO GRANDE – EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO 4º RCB – São Luiz Gonzaga;
- 7- A RETOMADA;
- 8- AS ESTÂNCIAS CONTAM A HISTÓRIA – URUGUAIANA – (Parceria com o escritor Ricardo Pereira Duarte);
- 9- AS ESTÂNCIAS CONTAM A HISTÓRIA – BAGÉ (Parceria com a escritora Yara Maria Botelho Vieira);
- 10- URUGUAIANA NA LINGUAGEM PLÁSTICA E HISTÓRICA (Parceria com o escritor Daniel Fanti);
- 11- HISTÓRICO DO “HOSPITAL DE GUARNIÇÃO DE URUGUAIANA”.

Bibliografia

FONTTES, Carlos. Brigada José Luiz Menna Barreto. Santiago: Expressão;

BENTO, Cláudio Moreira. História da 3ª RM. Porto Alegre: Pallotti, 3 v, 1999.

MENNA BARRETO, Osvaldo Bittencourt. Família Menna Barreto – 200 anos. Santa Maria; Pallotti, 2003, 2 v.